



**A influência da motivação nas aprendizagens
em crianças na Educação Pré-Escolar e no 1.º
Ciclo do Ensino Básico**

**Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre
em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Joana Alves Ferreira

Orientadora:

Marta Nunes da Silva Minaúla Tagarro

2021, junho

“Professor não é o que ensina, mas o que desperta no aluno vontade de aprender.”

Jean Piaget

Agradecimentos

Um percurso de cinco anos, feito de muito esforço, dedicação, alegrias, tristezas, risos, choros, muitas noites sem dormir para entregar trabalhos ou de diretas a estudar para as frequências, culminam num último esforço para a entrega e defesa deste relatório que tantas dores de cabeça, tantos dias de devoção e entrega me levou, mas que no fim é com muito orgulho e emoção que o termino.

Independentemente do resultado final, este esforço não foi só meu por isso a “vitória” também não será só minha. Todas estas conquistas durante o meu percurso académico só foram possíveis porque tenho do meu lado as melhores pessoas deste mundo a ampararem-me, a ajudarem-me e a acreditarem em cada passo que dava que eu era capaz, muitas vezes quando eu própria duvidava. Primeiramente e com as lágrimas a caírem-me do rosto, um obrigado gigante à minha família, mas principalmente aos meus pais que tantos esforços fizeram durante toda a minha vida, para que eu conseguisse chegar a onde estou hoje. Acreditaram nos meus sonhos e deram-me asas para voar para uma outra cidade bem longe de casa e do conforto dos seus braços, para que eu pudesse atingir os meus objetivos e metas. Nunca vou conseguir expressar o quão grata sou por tê-los na minha vida e por me ajudarem todos os dias a ser uma pessoa melhor, por isso só me resta dizer que vos amo e que esta vitória é vossa também. Ao meu irmão e à minha cunhada, que para além de todo o apoio, contribuíram ao longo destes anos com formações e workshops de modo a que a minha “bagagem” enquanto futura profissional se tornasse ainda mais rica. Às minhas sobrinhas, Maria e Sofia que todos os dias me lembravam o porquê de eu gostar e querer exercer esta profissão, pelos seus sorrisos e traquinices que me ajudavam a espairar e a desanuviar quando as coisas não estavam a correr da melhor forma.

Ao meu namorado/noivo que foi o que me puxou para cima quando eu só pensava em desistir e que me lembrava da força e determinação de que sou feita. Ele que teve uma paciência enorme durante todo este processo, por todas as vezes que deixamos de fazer coisas nossas, para eu fazer o relatório ou por todas as vezes que quando íamos de férias ou passear para algum sitio, eu levava o computador atrás para trabalhar, porque todos os minutos contam. Por todo o amor, todos os mimos e surpresas que me trouxeste para me motivar, por toda a compreensão e carinho, por todas as idas a santarém de surpresa para me pões um sorriso nos lábios, obrigada. Esta vitória também é para ti, porque a partir daqui a nossa história a dois vai começar e eu mal posso esperar.

À minha segunda família de santarém, que fizeram com que eu gostasse de viver na residência e tivesse a melhor experiência da minha vida, ao partilhar “casa” com 13 outras pessoas, todas diferentes e cada uma mais maluca que outra, sim vocês mesmo: Verónica Alcobia, Ângela Silva, Rita Palhares, Patrícia Domingos, Diana Martins, Ana Barradas, Maria Silva, Norberto Miranda, Tatiana Mancini, Diana Pereira, Silvia Mira, Hélder Tavares e Beatriz Palha. Independente do rumo que as nossas vidas tomarem, serão sempre aqueles com quem eu vivi as maiores e melhores aventuras durante estes 5 anos. Foi graças a vocês que tornaram isto tão mais fácil e mais mágico.

Às minhas amigas Sara Guedes, Mafalda D’Oliveira, Márcia Pereira e Patrícia Botas pela amizade desde o primeiro dia de praxe, até aos dias de hoje e por todos os momentos que passaram comigo nesta verdadeira aventura das nossas vidas.

À minha orientadora que me ajudou durante todo este processo e que foi incansável tentando me ajudar em todas as dúvidas e obstáculos que iam aparecendo, reunindo muitas vezes fora do tempo de expediente para que tudo ficasse perfeito. A todas as professoras cooperantes e crianças com quem eu tive a oportunidade de aprender durante esta minha jornada, que tão bem me ensinaram como ser um profissional de excelência e que ajudaram a construir a minha identidade enquanto futura professora. A todas as educadoras, professoras e crianças que estiveram envolvidas na recolha de dados para este relatório final.

E por fim, mas não menos importante a uma estrelinha em particular que está lá em cima a olhar por mim e de certeza a encher-se de orgulho do ser humano que ela ajudou a criar, esta é para ti avó.

A todos o meu profundo obrigado por acompanharem de perto todas as minhas conquistas e me apoiarem nas derrotas, sem nunca me deixarem desistir. Obrigada por tudo e que nas próximas vitórias estejam a aplaudir de pé, na primeira fila, como sempre o fizeram.

Resumo

O presente relatório final de estágio foi elaborado com objetivo na obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), é um relatório de carácter informativo e investigativo, na medida em que apresenta primeiramente as práticas realizadas no âmbito da unidade curricular de Práticas de Ensino Supervisionadas (PES), em quatro contextos: creche, jardim de infância, 2.º ano do 1.º CEB e 3.º ano do 1.º CEB. A segunda parte assenta na investigação realizada tendo como tema “A influência da motivação nas aprendizagens em crianças na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico”, sendo que a mesma é de carácter misto, pois apresenta metodologias qualitativas e quantitativas, possuindo como instrumentos de recolha de dados, entrevistas semi estruturadas a três educadoras de infância e a duas docentes, inquéritos realizados às crianças mais velhas de jardim de infância e a crianças de 3º e 4º ano de escolaridade.

Os resultados obtidos com esta investigação demonstram que crianças motivadas revelam aprendizagens mais significativas, que os interesses potenciam a motivação, que é importante os docentes encontrarem estratégias e que utilizem recursos que sejam do interesse e do gosto do seu grupo de crianças, para que as mesmas consigam focar a sua atenção e que posteriormente realizem as tarefas com gosto e vontade em aprender. Apresenta os fatores que influenciam a motivação, segundo a perspectiva das educadoras e docentes, reflete sobre o papel dos docentes na promoção da motivação nas crianças e sobre a forma como ambiente e a organização da sala promovem a motivação.

Palavras-chave: Motivação, interesses, motivação intrínseca, motivação extrínseca, aprendizagens, ensino-aprendizagem.

Abstract

The final internship report was prepared with the purpose of obtaining a Master's Degree in Pre-School Education and Elementary School Education. It is a report of informative and investigative nature that presents primarily practices carried out within the scope of the Supervised Teaching Practices within the curriculum in four contexts: Nursery, Kindergarten, 2nd year of 1st CEB, and 3rd year of 1st CEB. The second part is

based on research focused on the theme of “ The influence motivation has on the teachings of children in Pre-School and Elementary School” with the understanding that it is of mixed nature as it presents qualitative and quantitative methodologies which includes as instruments of data collection: semi-structured interviews with three Kindergarten educators and two Elementary School teachers, and surveys collected from older kindergarten children and children in the 3rd and 4th grade.

The results obtained in the research and investigation demonstrate that motivated children reveal more significant learning, that the interests enhance motivation, that it is important for teachers to identify strategies, and that they utilize resources that are of interest to its group of children, so that they can focus their attention to subsequently carry out the tasks with pleasure and willingness to learn. To present the factors that influence motivation, from the perspective of the educators and teachers, reflects on the role of the teachers in promoting motivation in the children as well as on the environment and on the organization of the classroom to promote motivation.

Key - words: Motivation, interests, intrinsic motivation, extrinsic motivation, learning, teaching-learning.

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo	iii
Abstract	iii
Índice.....	v
Índice de Figuras	viii
Índice de Tabelas	xviii
Índice de Gráficos.....	xix
Índice de Anexos	xx
Índice de Abreviaturas	xxi
Introdução.....	1
Capítulo I: Práticas de Ensino Supervisionado	2
1.1 – Contextos de estágio e práticas de ensino na Educação Pré-Escolar.....	2
1.1.1 – Prática de Ensino em Contexto de Creche	2
1.1.1.1 – Caracterização da Instituição.....	2
1.1.1.2 - Caracterização da Sala.....	3
1.1.1.3 - Caracterização do Grupo.....	4
1.1.1.4 – Prática Pedagógica.....	5
1.1. 2 - Prática de ensino em contexto de Jardim de infância	7
1.1.2.1 – Caracterização da Instituição.....	7
1.1.2.2 – Caracterização da Sala.....	8
1.1.2.3 - Caracterização do Grupo.....	9
1.1.2.4 – Prática Pedagógica.....	11
.....	13
.....	13

1.2 – Contextos de Estágio e Práticas de Ensino no 1.ºCiclo do Ensino Básico	13
1.2.1 – Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º e 2.º anos.....	13
1.2.1.1 - Caracterização da Instituição.....	13
1.2.1.2 – Caracterização da Sala.....	14
1.2.1.3 - Caracterização do Grupo.....	16
1.2.1.4 – Prática Pedagógica.....	17
1.2.2 – Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico – 3.º e 4.º anos	19
1.2.2.1 – Caracterização da Instituição.....	19
1.2.2.2 – Caracterização da Sala.....	19
1.2.2.3 - Caracterização do Grupo.....	20
1.2.2.4 – Prática Pedagógica.....	22
1.3. Balanço Geral de todos os Estágios	24
Capítulo II: Investigação	28
2. Percurso Investigativo: Problema, questões e objetivos da investigação.....	28
3. Revisão de Literatura.....	29
3.1 Definição de Motivação.....	29
3.1.1 Motivação Intrínseca	33
3.1.2 Motivação Extrínseca.....	35
3.2 Ensino-aprendizagem da Motivação.....	37
4. Metodologia da investigação	39
4.1 Tipo de Investigação.....	39
4.2 Instrumentos de recolha de dados.....	40
4.3 Participantes da Investigação	42
4.4 Procedimento de recolha e tratamento de dados.....	42
4.5 Análise e discussão de resultados	44
4.5.1 Resultados nas categorias das entrevistas	45
4.5.2 Análise e discussão de resultados das questões de investigação	48

Considerações finais.....	58
Referências Bibliográficas	60
Anexos	65

Índice de anexos

Anexo A - Planificações das atividades realizadas em contexto de estágio	65
Anexo B - Guião das entrevistas a educadoras e professoras	79
Anexo C - Transcrições das educadoras de infância	82
Anexo D - Transcrições das entrevistas a professoras	125
Anexo E - Quadro de análise das entrevistas das educadoras de infância.....	149
Anexo F - Quadro de análise das entrevistas a professoras.....	187
Anexo G - Modelo de Inquérito realizado às crianças de JI	213
Anexo H - Modelo de Inquérito realizado a crianças de 1.º CEB	218
Anexo I - Respostas das crianças de JI aos inquéritos realizados	223
Anexo J - Respostas das crianças de 1.º CEB aos inquéritos realizados.....	235
Anexo K - Desenhos A, realizados pelas crianças de JI.....	247
Anexo L - Desenhos A, realizado pelas crianças de 1.º CEB	260
Anexo M - Desenhos B, realizados pelas crianças de JI	270
Anexo N - Desenhos B, realizados pelas crianças de 1.ºCEB.....	282

Índice de figuras

Figura 1– Criança a realizar a atividade “A caminho do menino Jesus”	7
Figura 2– Criança a realizar a atividade “À procura dos animais”	7
Figura 3 – Criança a realizar a atividade “Faz o teu monstro das cores”	13
Figura 4 – Criança a realizar a atividade “Gincana da brincadeira”	13
Figura 5 - Planta da sala da turma do 2º ano.....	15
Figura 6 – Exemplo de uma das perguntas do quis.....	19
Figura 7 – Realização da atividade “O que é para ti o Natal?”	19
Figura 8 – Realização da atividade “Medir massas de uma forma deliciosa”	24
Figura 9 - Bolo de caneca realizado pelas crianças.....	24
Figura 10 – Desenho da criança DC5, “Sinto-me muito muito feliz”	247
Figura 11 – Desenho da criança DD5, “Eu sinto-me feliz”	247
Figura 12 – Desenho da criança DD6, “Eu sinto-me feliz e contente”	247
Figura 13 – Desenho da criança FG5, “Eu sinto-me muito feliz”	248
Figura 14 – Desenho da criança FM5, “Eu sinto-me contente”	248
Figura 15 – Desenho da criança IS5, “Eu sinto-me muito muito feliz”	248
Figura 16 – Desenho da criança LF6, “Eu sinto-me muito feliz”	249
Figura 17 – Desenho da criança ML5, “Eu sinto-me bem e feliz”	249
Figura 18 – Desenho da criança MM5, “Eu sinto-me bem e feliz”	249
Figura 19 – Desenho da criança MV5, “Sinto-me feliz”	250
Figura 20 – Desenho da criança PS5, “Feliz e contente é como eu me sinto”	250
Figura 21 – Desenho da criança PS5, “Sinto-me muito, muito feliz”	250
Figura 22 – Desenho da criança RN6, “Eu sou feliz”	251
Figura 23 – Desenho da criança RV6, “Sinto-me feliz”	251
Figura 24 – Desenho da criança SB5, “Sinto-me feliz”	251

Figura 25 – Desenho da criança SC5, “Eu sinto-me bem e feliz”	252
Figura 26 – Desenho da criança SF5, “Eu sinto-me muito feliz”	252
Figura 27 – Desenho da criança GB5, “Eu quando vou para a escola sinto-me feliz e bem”	252
Figura 28 – Desenho da criança MC5, “Quando eu venho para a escola eu venho com a minha irmã e o meu pai e venho muito contente”	253
Figura 29 – Desenho da criança EV4, “Venho triste para a escola porque queria ficar em casa com os meus pais”	253
Figura 30 – Desenho da criança GB5, “Eu venho feliz para a escola porque venho com os meus pais e porque venho brincar com os amigos”	253
Figura 31 – Desenho da criança VG4, “Eu venho feliz para a escola porque eu gosto da escola”	254
Figura 32 – Desenho da criança MC5, “Quando eu venho para a escola eu venho feliz porque venho brincar com os brinquedos”	254
Figura 33 – Desenho da criança FD5, “Quando venho para a escola venho triste porque gostava de ficar em casa com o pai”	254
Figura 34 – Desenho da criança JR3, “Eu gosto de aprender o corpo humano”	255
Figura 35 – Desenho da criança JR5, “Eu gosto de aprender o corpo humano”	255
Figura 36 – Desenho da criança GL6, “Quando eu venho para a escola eu venho feliz porque eu gosto da escola, dos amigos e da educadora”	255
Figura 37 – Desenho da criança MG5, “Eu quando venho para escola venho muito feliz”	256
Figura 38 – Desenho da criança AN6, “Quando venho para a escola às vezes venho feliz e outras vezes venho triste porque a avó às vezes ralha comigo”	256
Figura 39 – Desenho da criança AR4, “Eu quando vou para a escola sinto-me mais ou menos porque quero vir brincar com os meus amigos, mas queria ficar com os pais a dormir na cama deles”	256
Figura 40 – Desenho da criança MF4, “Quando venho para a escola sinto-me feliz porque venho brincar com os meus amigos”	257

Figura 41 – Desenho da criança SF4, “Eu gosto de vir para a escola porque aqui não estou sozinho”	257
Figura 42 – Desenho da criança DP6, “eu quando venho para a escola sinto-me assustado e triste porque gritam comigo quando eu me porto mal”	257
Figura 43 – Desenho da criança CA5, “Eu gosto de vir para a escola quando os meus amigos não me batem”	258
Figura 44 – Desenho da criança JJ4, “Quando eu venho para cá sinto me feliz e contente porque vou brincar ao que eu quiser e aprender coisas fixes”	258
Figura 45 – Desenho da criança DG4, “Eu sinto me bem quando venho para a escola”	258
Figura 46 – Desenho da criança NS5, “Quando venho para a escola sinto sono porque a mãe acorda-me e eu quero dormir”	259
Figura 47 – Desenho da criança LF10, “Eu ia contente para as aulas. Sempre alegre, gostava de ir para a escola e eu gostava muito da professora, quando esperava por nós e dava abraçinhos”	260
Figura 48 – Desenho da criança JC8, “Eu quando vou para a escola vou contente porque vou a passear e a brincar com a minha irmã até chegar a escola”	260
Figura 49 – Desenho da criança AF8 , “Eu gosto de ir para a escola porque me sinto bem lá”	260
Figura 50 – Desenho da criança CC10, “Venho contente”	261
Figura 51 – Desenho da criança DH9, “Venho contente”	261
Figura 52 – Desenho da criança CC9, “Eu quando vou para a escola sinto me feliz porque venho ter com os meus amigos e com a minha professora”	261
Figura 53 – Desenho da criança DM8, “Venho Feliz”	262
Figura 54 – Desenho da criança DN11, “Finalmente”	262
Figura 55 – Desenho da criança EC8, “Venho Feliz”	262
Figura 56 – Desenho da criança EO10, “Venho com sono”	262
Figura 57 – Desenho da criança FA8, “Venho feliz”	263
Figura 58 – Desenho da criança FP8, “Venho feliz”	263

Figura 59 – Desenho da criança RS8, “Eu quando venho para a escola venho feliz, menos quando a minha mãe ralha comigo por estar atrasado”	263
Figura 60 – Desenho da criança PO8, “Eu quando venho para a escola sinto-me bem porque é um sitio que eu gosto de estar, porque aprendo, tenho os meus amigos e brincamos a muitas coisas”	264
Figura 61 – Desenho da criança GA9, “Venho feliz a escola”	264
Figura 62 – Desenho da criança ÍF8, “Eu quando venho para a escola fico contente por ver os meus amigos, mas fico triste por deixar a minha mãe”	264
Figura 63 – Desenho da criança BG8, “Neste desenho, desenhei eu muito feliz, porque quando vou para a escola vou ter aulas, aprender coisas novas, ver os meus amigos e a professora”	265
Figura 64 – Desenho da criança LC8, “Venho muito contente”	265
Figura 65 – Desenho da criança LF10, “Eu venho alegre”	265
Figura 66 – Desenho da criança MC8, “Eu venho contente”	265
Figura 67 – Desenho da criança AS9, “Sinto-me com muito sono quando vou para a escola”	266
Figura 68 – Desenho da criança LG9, “Venho contente”	266
Figura 69 – Desenho da criança ME8, “Venho feliz”	266
Figura 70 – Desenho da criança SM9, “Venho feliz”	266
Figura 71 – Desenho da criança FR9, “Eu quando venho para a escola venho com muito sono e gostava de ficar na cama a dormir”	267
Figura 72 – Desenho da criança VA9, “Eu venho contente para a escola porque vou brincar muito e aprender muito”	267
Figura 73 – Desenho da criança MF9, “Eu quando venho para a escola venho mais ou menos porque às vezes os amigos não me deixam brincar com eles”	267
Figura 74 – Desenho da criança SP9, “Venho alegre”	268
Figura 75 – Desenho da criança VR8, “Venho feliz para a escola”	268
Figura 76 – Desenho da criança LD10, “Venho muito feliz para a escola”	268
Figura 77 – Desenho da criança LC8, “Venho com muito sono”	269

Figura 78 – Desenho da criança IF8, “Venho feliz”	269
Figura 79 – Desenho da criança DD6, “O que mais gosto de aprender na sala é estudar”	270
Figura 80 – Desenho da criança DG5, “O que mais gosto de aprender na sala é desenhar”	270
Figura 81 – Desenho da criança FG5, “O que mais gosto de aprender na sala é brincar”	270
Figura 82 – Desenho da criança FM5, “O que mais gosto de aprender na sala é fazer desenhos”	271
Figura 83 – Desenho da criança IS5, “O que mais gosto de aprender na sala é fazer os trabalhos”	271
Figura 84 – Desenho da criança LF6, “O que mais gosto de aprender na sala é de brincar com os legos”	271
Figura 85 – Desenho da criança MF6, “O que mais gosto de aprender na sala é de brincar na rua”	272
Figura 86 – Desenho da criança ML5, “O que mais gosto de aprender na sala é de aprender as letras”	272
Figura 87 – Desenho da criança MM5, “O que mais gosto de aprender na sala é de brincar com os legos”	272
Figura 88 – Desenho da criança MV5, “O que mais gosto de aprender na sala é dos trabalhos”	273
Figura 89 – Desenho da criança PS5, “O que mais gosto de aprender na sala é de fazer trabalhos novos”	273
Figura 90 – Desenho da criança PS5, “O que mais gosto de aprender na sala é de fazer letras”	273
Figura 91 – Desenho da criança RN6, “O que mais gosto de aprender na sala é desenhar e as letras”	274
Figura 92 – Desenho da criança RV6, “O que mais gosto de aprender na sala é de aprender histórias dançadas”	274

Figura 93 – Desenho da criança SB5, “O que mais gosto de aprender na sala é de aprender a cortar papel”.....	274
Figura 94 – Desenho da criança SC5, “O que mais gosto de aprender na sala é de brincar na rua”.....	275
Figura 95 – Desenho da criança SF5, “O que mais gosto de aprender na sala é de desenhar”.....	275
Figura 96 – Desenho da criança MC5, “Eu gosto de ler livros na biblioteca, de desenhar, de brincar com os legos e de pintar com tintas no painel. Não consigo escolher só um porque gosto de todos”.....	275
Figura 97 – Desenho da criança EV4, “Eu na sala gosto muito de desenhar e aprender coisas novas”.....	276
Figura 98 – Desenho da criança GB5, “Eu gosto muito de quando desenhamos lá fora no recreio”.....	276
Figura 99 – Desenho da criança VG4, “Eu gosto de ver filmes na sala”.....	276
Figura 100 – Desenho da criança MC5, “Eu gosto de brincar nas áreas todas com as minhas amigas, mas às vezes não posso estar sempre na mesma área...”.....	277
Figura 101 – Desenho da criança FD5, “Eu gosto muito de fazer plasticina”.....	277
Figura 102 – Desenho da criança JR3, “Eu gosto de aprender o corpo humano”.....	277
Figura 103 – Desenho da criança MP5, “Eu gosto muito dos legos e de montar”.....	278
Figura 104 – Desenho da criança GL6, “O que mais gosto de fazer na sala é pintar no quadro”.....	278
Figura 105 – Desenho da criança MG5, “Eu gosto de brincar aos fantasmas com os meus amigos e gosto de aprender a pintar”.....	278
Figura 106 – Desenho da criança AN6, “Eu gosto de aprender a escrever dentro da sala”.....	279
Figura 107 – Desenho da criança DC5 , “O que mais gosto de fazer na minha sala é quando vamos lá para fora para o jardim e para a casinha”.....	279
Figura 108 – Desenho da criança DD5 , “Gosto de Brincar com o C. no cantinho da garagem e fazermos corridas com os carros”.....	279

Figura 109 – Desenho da criança AR4, “Gosto de brincar com plasticina com a L e a R porque fazemos animais e comidas”	280
Figura 110 – Desenho da criança SF4 , “eu gosto quando fazemos teatro na rua”	280
Figura 111 – Desenho da criança GB5, “eu gosto de brincar às famílias na casinha” ...	280
Figura 112 – Desenho da criança DP6 , “eu gosto de brincar na casinha”	281
Figura 113 – Desenho da criança LF10 , “eu gosto de brincar aprender nas aulas o estudo do meio”	282
Figura 114 – Desenho da criança JC8 , “O que mais gosto de fazer na sala de aula é de ler”	282
Figura 115 – Desenho da criança CC10 , “Gosto muito de aprender todas as disciplinas”	282
Figura 116 – Desenho da criança DH9, “O que eu mais gosto de aprender na sala é matemática porque tem muitos números”	283
Figura 117 – Desenho da criança DM8, “O que eu mais gosto de aprender na sala é aguarelas”	283
Figura 118 – Desenho da criança DN11, “O que eu mais gosto de aprender na sala é matemática”	283
Figura 119 – Desenho da criança EC8, “O que eu mais gosto de aprender na sala é matemática”	284
Figura 120 – Desenho da criança E010, “O que eu mais gosto é quando vamos lá para fora jogar futebol”	284
Figura 121 – Desenho da criança FA8, “O que eu mais gosto de aprender em sala é fazer aguarelas”	284
Figura 122 – Desenho da criança FP8, “O que eu mais gosto de aprender em sala é de brincar”	284
Figura 123 – Desenho da criança CC9, “O que eu mais gosto de fazer é quando vamos jogar futebol lá para o recreio”	285
Figura 124 – Desenho da criança FA8, “Eu gosto de aprender matemática. Matemática é a minha disciplina favorita”	285

Figura 125 – Desenho da criança FS8, “O que eu gosto de aprender em sala é de fazer aguarelas”	285
Figura 126 – Desenho da criança GA9, “O que eu mais gosto de aprender em sala de aula é de escrever”	286
Figura 127 – Desenho da criança IF8, “O que eu mais gosto de aprender em sala de aula é de desenhar”	286
Figura 128 – Desenho da criança IF8, “O que mais gosto de aprender na sala de aula é estudo do meio”	286
Figura 129 – Desenho da criança RS8, “Eu gosto de aprender tudo”	286
Figura 130 – Desenho da criança LC8, “O que mais gosto de aprender na sala de aula é matemática”	287
Figura 131 – Desenho da criança LC8, “O que mais gosto de aprender na sala de aula é pintar”	287
Figura 132 – Desenho da criança LF10, “O que mais gosto de aprender na sala de aula é pintar”	287
Figura 133 – Desenho da criança LG9, “O que mais gosto de aprender na sala de aula é desenhar”	287
Figura 134 – Desenho da criança PO8, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer pinturas e artes”	288
Figura 135 – Desenho da criança MC8, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer aguarelas e ginástica”	288
Figura 136 – Desenho da criança ME8, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer plasticina”	288
Figura 137 – Desenho da criança SM9, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer é de estudar”	288
Figura 138 – Desenho da criança BG8, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer contas de multiplicação em matemática”	289
Figura 139 – Desenho da criança AS9, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é a disciplina de matemática”	289

Figura 140 – Desenho da criança FR9, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer contas no quadro com a ajuda da professora”	289
Figura 141 – Desenho da criança SP9, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é de fazer slime”	290
Figura 142 – Desenho da criança VA9, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é de fazer a tabuada”	290
Figura 143 – Desenho da criança MF9, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é as contas de matemática porque eu sei muito bem”	290

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Planificação da atividade "A caminho do menino Jesus"	65
Tabela 2 - Planificação da atividade "À procura dos animais"	66
Tabela 3 - Planificação da atividade "Faz o teu monstro das cores"	67
Tabela 4 - Planificação da atividade "Gincana da Brincadeira"	70
Tabela 5 - Planificação da atividade "Quiz sobre regras de segurança"	73
Tabela 6 - Planificação da atividade "O que é para ti o Natal?"	75
Tabela 7 - Planificação da atividade "Medir massas de uma forma deliciosa" .	77
Tabela 8 - Planificação da atividade "Jogo do Bingo da matemática"	78
Tabela 9 - Guião da entrevista a educadoras e professoras.....	79
Tabela 10 - Quadro facilitador para análise de dados das entrevistas a educadoras.....	150
Tabela 11 - Quadro facilitador para análise de dados das entrevistas a professoras.....	188
Tabela 12 - Diz-me como é a tua educadora e o que mais gostas de fazer com ela na sala.....	224
Tabela 13 - O que gostavas de fazer de diferente na tua sala.....	231
Tabela 14 - Diz-me como é a tua educadora e o que mais gostas de fazer com ela na sala.....	236
Tabela 15 - Nas linhas abaixo propõe o que mais gostavas de fazer nas tuas aulas e que não fazes	243

Índice de gráficos

Gráfico 1 - És um menino ou uma menina?	223
Gráfico 2 - Idades das crianças inquiridas	223
Gráfico 3 - Quando estás dentro da sala quais as áreas que mais gostas de brincar?	226
Gráfico 4 - Costumas falar sobre o teu dia com os teus familiares?	228
Gráfico 5 - A tua família ajuda-te a fazer alguma atividade que a tua educadora manda fazer em casa?	228
Gráfico 6 - A tua educadora costuma arranjar novas formas de te explicar algo quando não percebes alguma coisa?	229
Gráfico 7 - Quando não percebe alguma atividade/jogo que a tua educadora faz, deixa de gostar dessa atividade/jogo?	230
Gráfico 8 - A tua educadora leva para a sala, jogo e atividades para vocês aprenderem?	230
Gráfico 9 - Gostas mais de brincar e aprender quando está muito barulho na sala ou quando está tudo calmo?.....	233
Gráfico 10 - Quando a tua educadora fala sobre um assunto importante e que tu estás a gostar de ouvir, tu prestas atenção?	233
Gráfico 11 - Quando é um assunto que não te interessa, prestas atenção da mesma forma ou nem ligas e comesças a falar com os teus colegas?	234
Gráfico 12 - És um menino ou uma menina?	235
Gráfico 13 - Idades das crianças inquiridas	235
Gráfico 14 - O/A teu professor/a ajuda-te quando tens alguma dúvida e esforça-se para te explicar quando não percebes?	238
Gráfico 15 - Quais as disciplinas que mais gostas de estudar?	239
Gráfico 16 - A tua família ajuda-te a fazer os trabalhos de casa?	240
Gráfico 17 - Costumas falar sobre o teu dia com os teus familiares?	240
Gráfico 18 - A tua Professora leva para a sala de aula, jogos e atividades para vocês aprenderem?	241
Gráfico 19 - A tua professora costuma arranjar novas formas de te explicar a matéria quando tu não entendes?	241
Gráfico 20 - Quando não percebes alguma matéria, deixas de gostar dessa disciplina?	242
Gráfico 21 - Quando a vossa professora fala sobre um assunto importante e que tu estás a gostar de ouvir, tu prestas atenção?	245

Gráfico 23 - Gostas mais de trabalhar quando está muito barulho na sala ou quando está tudo calmo?	246
Gráfico 22 - E quando é um assunto que não te interessa, prestas atenção da mesma forma ou nem ligas e comesças a falar com os teus colegas?	245

Índice de abreviaturas

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

NEE – Necessidades Educativas Especiais

UC – Unidade Curricular

JI – Jardim de Infância

PAA – Plano Anual de Atividades

MEM – Movimento da Escola Moderna

CEB – Ciclo do Ensino Básico

PES – Prática de Ensino Supervisionada

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

Introdução

O presente Relatório Final de Estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, mais precisamente na unidade curricular (UC) de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada e a elaboração do mesmo tem como principal objetivo a obtenção do grau de mestre. Todo o trabalho desenvolvido neste documento tem a finalidade de apresentar não só o meu percurso académico, bem como todas as dúvidas e questões que foram surgindo ao longo do mesmo e que aqui estão representadas.

No que diz respeito à estrutura e organização deste relatório, este apresenta-se dividido em duas partes, a primeira parte é destinada ao trabalho nos quatro estágios desenvolvidos durante os dois anos de mestrado, sendo que o primeiro estágio apresentado é o estágio em creche, seguido do estágio em jardim de infância (JI) e por fim os dois estágios em 1.º ciclo do ensino básico (primeiramente numa sala de 2º ano e o último numa sala de 3º ano). A primeira parte contempla ainda as caracterizações das instituições, das salas, dos grupos onde ocorreram os estágios e ainda uma breve descrição da prática pedagógica em cada um dos contextos. Por fim, este capítulo termina com um balanço global de todos os estágios, destacando pontos positivos e negativos em cada um e realizando uma reflexão sobre os projetos realizados e as atividades aplicadas.

A segunda parte deste relatório é composto pelo processo investigativo o qual pretende dar resposta à questão inicial e tema deste relatório, sobre como a motivação e os interesses influenciam as aprendizagens em crianças na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este capítulo inicia com uma justificação do tema escolhido, apresenta o problema, as questões e os objetivos que se pretende com toda a investigação em curso. Dispõe de uma revisão de literatura, fundamentada com leituras de diversos autores e onde são abordados todos os temas abordados no estudo, sustentando assim toda a investigação realizada. Apresenta também toda a metodologia utilizada, explicando o tipo de investigação, quais os instrumentos de recolha de dados usada, a amostra de participantes neste estudo, o procedimento de recolha de dados e por fim a análise e discussão desses mesmos dados recolhidos.

Em seguida, é feita uma reflexão final de todo o percurso realizado no mestrado frequentado, relacionando esse mesmo percurso com as informações retiradas da investigação e com a contribuição da mesma para o futuro, enquanto profissional na área da educação.

Para finalizar, este relatório conta ainda com as referências bibliográficas e os anexos utilizados durante toda a elaboração.

Capítulo I: Práticas de Ensino Supervisionado

Neste capítulo, encontram-se as experiências vividas ao longo destes dois anos de mestrado, nos quatro estágios que realizados no âmbito das unidades curriculares de Prática de Ensino Supervisionado. O capítulo I encontra-se dividido pela prática de ensino em contexto de creche e pela prática de ensino em contexto de jardim de infância. Em cada contexto salienta-se ainda a caracterização de cada instituição, a caracterização do grupo e a prática pedagógica realizada em cada estágio.

1.1 – Contextos de estágio e práticas de ensino na Educação Pré-Escolar

1.1.1 – Prática de ensino em contexto de Creche

1.1.1.1 – Caracterização da Instituição

O primeiro estágio foi realizado numa instituição particular de solidariedade social (IPSS) que tinha como principal finalidade a transmissão de valores como a solidariedade, o respeito e justiça entre os indivíduos. Sem qualquer tipo de fins lucrativos esta IPSS era da responsabilidade da Diocese de Santarém, que tinha como objetivo desenvolver atividades de ação social e educacional, através de respostas sociais.

Esta instituição recebia diariamente cerca de 650 utentes, sendo que 440 eram crianças e 210 eram idosos. Apoiava 1200 famílias e dava emprego a cerca de 180 funcionários.

A instituição era constituída por várias unidades, sendo que a unidade onde foi realizado o estágio estava em funcionamento desde setembro de 1985 e albergava as valências de creche e jardim-de-infância, com crianças dos 5 meses aos 6 anos de idade. que possuía um período de funcionamento das 8h às 18:30h. O horário da creche era flexível sendo que o seu período de funcionamento era das 8h às 18:30h e mediante a justificação por parte dos encarregados de educação era possível a instituição abrir às 7:30h e encerrar às 19h. Os encarregados de educação que entregassem os seus filhos depois das 10h, e/ou viessem buscar os mesmos antes das 16h, teriam de comunicar previamente à educadora da sala, sendo que de acordo com a permanência das crianças na creche, esta não podia ser superior a 10 horas diárias.

O projeto educativo da instituição: “Educar para saber sorrir” e tinha como princípios ajudar as crianças a refletir sobre a diversidade de valores, fomentar nestas atitudes de respeito por si próprias e pelos outros, bem como atitudes de cooperação, partilha e de valorização pelo meio ambiente. Este projeto englobava as atividades

comuns da creche, como por exemplo, as datas festivas, as atividades comuns de pré-escolar, as atividades de apoio à família, o horário de funcionamento da instituição e as atividades de coordenação e por fim a avaliação do plano de atividades, que era realizado após o término de cada período.

O corpo docente desta instituição era constituído por sete educadoras, sendo uma delas era a coordenadora da unidade e existindo uma educadora por sala, tanto na valência creche como no jardim-de-infância. Relativamente ao corpo não docente, existiam dez auxiliares da ação educativa, estando distribuídas uma por cada sala, com exceção a sala do berçário e a sala de um ano que tinham duas auxiliares. Existiam ainda seis auxiliares da ação social, que realizavam o trabalho de cozinha, limpeza e lavanderia.

1.1.1.2 - Caracterização da Sala

A sala onde se realizou este estágio em contexto de creche era a sala do bibe laranja e era composta por um espaço amplo onde as crianças podiam brincar livremente, um fraldário onde se realizava a higiene das crianças e uma sala de arrumações onde se guardavam os brinquedos, as camas onde cada criança dormia na hora da sesta à tarde e um armário que continha a roupa de cama de cada criança.

Relativamente ao interior da sala, esta era bastante ampla e provida de luz natural que entrava pelas grandes janelas que a compunha. Era uma sala com alguns armários para arrumações e as paredes eram decoradas com trabalhos realizados pelas mesmas e por atividades elaboradas pelas educadoras para as crianças. A parte ampla da sala era dividida em quatro espaços: a zona do tapete (onde eram realizadas maior parte das atividades e onde no período da manhã era distribuído o pão ou a bolacha quando as crianças chegavam à instituição); a zona da prateleira onde as crianças arrumavam os seus brinquedos e os livros que utilizavam nas suas rotinas; a zona do tapete mais pequeno onde as crianças esperavam pela colocação ou recolha das camas na altura da sesta; por fim existia ainda a zona da casinha onde as crianças brincavam ao faz-de-conta, dentro da mesma.

O fraldário que fazia parte da sala, continha uma bancada com um muda fraldas, uma banheira para dar banho às crianças caso fosse necessário, uma prateleira dividida em catorze compartimentos onde a educadora e a auxiliar colocavam as fraldas, cremes e toalhas referentes a cada criança. Ao lado da prateleira existia um compartimento, onde havia uma sanita pequena onde as crianças iriam usá-la futuramente, quando estivessem a fazer a transição do bacio para a sanita, ao lado desta havia ainda dois

lavatórios para as crianças lavarem as mãos autonomamente. No fraldário existia também um cabide onde eram colocadas as mochilas.

Por fim, dentro da sala havia ainda uma arrecadação onde se guardava todo o material, desde brinquedos maiores, os documentos e portfólios das crianças, as camas onde as crianças dormiam a sesta e um armário que estava dividido em compartimentos identificados com os nomes de cada criança, onde se encontrava os lençóis e mantas de cada uma.

No geral, esta sala apresentava boas condições, adequadas às necessidades de cada criança, uma vez que tinha muito espaço para as crianças brincarem e explorarem livremente.

1.1.1.3 - Caracterização do grupo

O grupo era constituído por catorze crianças, sendo que nove eram do sexo masculino e cinco eram do sexo feminino. As suas idades estavam compreendidas entre um ano e os dois anos de idade.

Este grupo era heterogéneo, interessado e participativo nas atividades e brincadeiras livres. Eram crianças, sorridentes e muito bem-dispostas, exceto quando eram contrariadas ou quando ouviam a palavra “não”. Como crianças, estas tinham as suas birras e visto que estavam numa fase ainda muito egocêntrica, tinham alguma dificuldade em partilhar brinquedos e a atenção do adulto, com as restantes crianças. Gostavam de brincar às escondidas, de cantar, dançar, ouvir pequenas histórias, pequenas dramatizações com fantoches e gostavam de imitar o adulto nas tarefas diárias. As crianças revelaram algumas conquistas a nível da linguagem e a nível motor. Quando cheguei à instituição, duas crianças tinham começado a andar há pouco tempo, enquanto o resto das crianças já conseguiam iniciar perfeitamente a marcha e movendo-se sem dificuldades.

Quanto à área do desenvolvimento cognitivo, muitas das crianças já sabiam dizer o seu nome e a maior parte dos nomes dos seus amigos, conseguiam fazer pequenas frases para comunicar.

De acordo com a área do desenvolvimento pessoal, dez crianças já conseguiam comer autonomamente e quase sem ajuda, enquanto as restantes quatro crianças precisam de total ajuda, na altura do almoço e do lanche. As mesmas quatro crianças eram as únicas que ainda não tinham autonomia para realizar as coisas simples da sua rotina.

Relativamente às atividades realizadas com o grupo e a observação efetuada de cada criança, é de realçar que estas não estavam habituadas a novas texturas e a

manipular determinados materiais com as mãos, visto que algumas choravam e faziam “birras” para não realizarem certas atividades. No geral, o grupo era bastante ativo, interessado, explorador e apesar de serem crianças muito pequenas demonstravam ser muito autónomas nas rotinas da sala, gostando de descobrir livremente o espaço que as rodeava.

1.1.1.4 – Prática Pedagógica

O período de estágio em creche teve a duração de 5 semanas, numa sala de 1 ano, com 14 crianças de idades compreendidas entre os 12 e os 24 meses. Uma vez que se tratava de crianças tão pequenas estas necessitavam de afeto, atenção e de serem estimuladas para novas aprendizagens, tanto a nível motor como da fala, visto se encontrarem em total processo de aprendizagem. Durante as duas primeiras semanas de estágio, eu e o meu par pedagógico começamos por observar o grupo nas suas rotinas, para podermos identificar os seus interesses, as suas dificuldades e necessidades, de modo a intervimos mais pormenorizadamente nas nossas intervenções. Durante essas duas semanas e tendo em conta toda a informação recolhida essas semanas de observação, começámos a elaborar o nosso projeto de estágio.

O projeto de estágio teve como tema, “Mexe-te para aprender!”, que tinha como objetivo ir ao encontro das maiores dificuldades sentidas e referidas pela Educadora, no desenvolvimento das crianças, tendo sempre em conta o projeto educativo da sala, “A brincar vamos aprendendo”. Uma vez que, é nesta fase que as crianças a brincar, vão descobrindo mais sobre as suas próprias capacidades e sobre o ambiente em que estão inseridas. Este tema não se focava apenas no projeto educativo, mas também nos processos de desenvolvimento motor pelo qual, a maioria das crianças estavam a passar, pois estas estavam a deixar de gatinhar/ rastejar e a começar a andar. Decidimos então, desenvolver a motricidade nas crianças, não só a nível da motricidade grossa, mas também da fina, através de atividades dinâmicas.

As atividades planificadas e implementadas tinham como principal objetivo o desenvolvimento da motricidade global das crianças, por meio da exploração de novas sensações e novos materiais com vários tipos de texturas, do desenvolvimento dos sentidos e de movimentos corporais, estimulando assim a criança para novas aprendizagens. Isto, para que as crianças se sentissem mais confiantes em si próprias e menos dependentes dos adultos. Todas as atividades foram realizadas mais do que uma vez por semana, para que houvesse uma continuidade no processo de aprendizagem e para que houvesse maior aderência por parte das crianças. Uma das

maiores dificuldades sentidas foi o facto da exploração de diversos tipos de materiais através do sentido tátil, ser uma novidade para a maior parte das crianças e, por esse motivo, haver uma rejeição inicial nas primeiras atividades.

Todas as atividades foram cruciais para o desenvolvimento motor significativo de cada criança, tendo a realçar as seguintes atividades que contribuíram para uma maior perceção do mesmo: “A caminho do menino Jesus”, que foi uma atividade inserida na temática que estávamos a vivenciar na altura, o Natal, e consistia num túnel de cartão que no seu interior continha diversos materiais sensoriais que permitiam estimular os sentidos táteis, visuais e auditivos das crianças (figura 1). Primeiramente decorámos com as crianças a parte de fora do túnel, onde observámos que existiam crianças que estavam entusiasmadas e interessadas em fazer as atividades, enquanto outras tiveram algum receio de a fazer. Este túnel tinha a entrada e a saída do mesmo tapado com uma cortina de fitas, para servir de “fator surpresa”, de modo a que as crianças só se apercebessem do que lá estava dentro quando iniciassem a atividade. Com esta atividade era possível observar diversas reações das crianças na realização da mesma, algumas demonstravam medo do “desconhecido”, outras tinham muita curiosidade e tentavam ver o que estava dentro do túnel mesmo antes de começar a atividade e ainda houve uma ou duas crianças que inicialmente se recusaram a realizar. Deste modo tentou-se adaptar todas as estratégias de implementação da atividade, para que todas tivessem o seu tempo de exploração e ao mesmo tempo se sentissem confortáveis e seguros ao fazê-la.

“À procura dos animais”, foi a atividade que as crianças tiveram mais dificuldade a executar, uma vez que tinham de retirar animais de plástico de dentro de um recipiente com gelatina (figura 2). A maioria das crianças apresentava espanto e curiosidade em retirar os animais dos recipientes, mas ao mexerem na gelatina rapidamente começavam a chorar e a dizer que não queriam fazer a atividade. Vendo que as crianças se sentiam desconfortáveis na realização da mesma, com a sugestão da educadora começamos por chamar duas crianças com níveis de desenvolvimento diferentes para que assim uma pudesse incentivar a outra a fazê-lo, criando assim uma certeza de que a gelatina era “seguro” de se mexer. Com esta modificação na implementação da atividade, esta acabou por ser realizada com bastante sucesso e degustação, uma vez que algumas crianças acabaram por comer também a gelatina e posteriormente brincar com cada animal.

Este projeto tinha como intenção ajudar no desenvolvimento motor de cada criança, respeitando os seus ritmos e as suas particularidades, tendo as seguintes finalidades: dar a conhecer novas experiências a nível de texturas; despertar a criança para novas sensações; desenvolver o movimento corporal da criança; desenvolver na

criança a sua autonomia; transmitir confiança e segurança às crianças; desenvolver o sentido de exploração; tornar as crianças mais ativas a nível motor.

Durante este estágio conseguiu-se promover diversos valores, entre eles, o respeito pelos outros, a entreatajuda, a cooperação, a sensibilidade, o trabalho em equipa, a autonomia e a capacidade de gestão de conflitos. Em relação às questões éticas é importante que o educador demonstre perante todo o grupo, tendo sempre em conta as melhores estratégias a utilizar com cada criança.

Com este projeto tínhamos como objetivos desenvolver as seguintes estratégias: trabalhar individualmente e pormenorizadamente com cada criança; trabalhar em grande grupo; promover a exploração de diversas texturas; estimular as crianças através do afeto; estimular as mesmas através da imitação; incentivar a brincadeira livre através da exploração de materiais.



Figura 1 – Criança a realizar a atividade “A caminho do menino Jesus”



Figura 2 – Criança a realizar a atividade “À procura dos animais”

1.1. 2 - Prática de ensino em contexto de Jardim de infância

1.1.2.1 – Caracterização da Instituição

A instituição onde foi realizado o segundo estágio em contexto de jardim de infância foi uma Instituição particular de solidariedade social (IPSS), da responsabilidade da Diocese de Santarém, que tinha como objetivo principal desenvolver atividades de ação social e educacional, promotoras da pessoa humana, através de várias respostas sociais.

Esta instituição tinha como missão, visão e valores:

- O conceito unitário e global da pessoa humana e o respeito pela sua dignidade;
- O aperfeiçoamento cultural, espiritual e moral da comunidade;
- O espírito de convivência e de solidariedade social como fator decisivo do trabalho comum, tendente à valorização integral dos indivíduos, das famílias, da comunidade e demais agrupamentos;
- O respeito pela liberdade de consciência e formação cristã dos seus utentes.

As instalações eram compostas por um edifício de dois pisos, funcionando as creches 1 e 2 no 1.º andar e eram compostas pela receção, dois berçários, duas salas de um ano, duas salas de dois anos, copa, instalações sanitárias para adultos, vestiário, sala de arrumos, refeitório, despensa, gabinete de recursos humanos, cozinha, lavandaria, gabinete da coordenadora pedagógica e espaços exteriores privados parcialmente cobertos. O Pré-Escolar era composto por: receção, gabinete da coordenadora pedagógica, sala dos três anos com WC próprio, sala dos quatro anos com WC próprio, instalações sanitárias para crianças e adultos, sala pessoal/arrumos, gabinete da direção, despensa, cozinha, refeitório, lavandaria, ginásio e espaços exteriores privados parcialmente cobertos.

O espaço exterior encontrava-se com boas condições e era composto por duas zonas, o espaço verde coberto, onde existiam dois escorregas, uma piscina de bolas e uma casinha de brincar. A outra zona destacada era coberta com um telhado composta por jogos tradicionais desenhados no chão. Este segundo espaço era muito utilizado pelas crianças e estas demonstravam muito interesse e prazer pelo mesmo.

O horário de funcionamento do pré-escolar era das 7h30 às 19h00, sendo a entrada, excecionalmente, depois das 9h30 e a saída antes das 16h tinha de ser comunicada antecipadamente à educadora de infância. As crianças não podiam permanecer na instituição mais de 10h diárias.

1.1.2.2 – Caracterização da Sala

A sala onde ocorreu o estágio durante o contexto de jardim de infância era uma sala luminosa e de grandes dimensões, fulcral para o desenvolvimento das crianças bem como para as suas rotinas. Esta sala continha uma casa de banho incorporada com vários espelhos, cinco lavatórios e cinco sanitas pequenas, que permitiam às crianças realizar a sua higiene e necessidades.

A sala no geral tinha espaço suficiente para a rotina diária das crianças e para o número de crianças que esta continha, no entanto considero que esta era demasiado preenchida e desarrumada no que diz respeito aos materiais e recursos que a mesma continha. No período que decorreu o estágio, eu quanto estagiária coloquei a questão

de se seria possível alterar a organização do espaço, para que ficasse mais funcional para o grupo de crianças em questão, mas a educadora disse-me que já o tinha feito e que não tinha resultado. Encontrava-se dividida por treze áreas, sendo estas: a área do escritório, a área da pintura e dos desenhos, a área dos jogos de mesa, a área das construções, a área da garagem, a área do computador, a área da loja, a área da biblioteca, a área do tapete, a área da casinha, a área das experiências e a área comum (composta pelas mesas de grupo presentes na sala).

Existiam também dentro da sala várias mesas, cadeiras, um cavalete duplo para pinturas, dois armários grandes com material escolar, brinquedos diversos. Era bastante comum haver brinquedos “novos” na sala, pois a educadora criou um projeto em que consistia em as crianças trazerem para dar à sala, brinquedos que já não quisessem brincar em casa. Existia ainda um quadro de giz, uma estante com livros, jogos diversos, um computador, entre outros.

A área da casinha e área da loja eram compostas por materiais que tanto as próprias crianças, como a educadora e auxiliar, levavam para a sala para dar um “ar mais real” a estas áreas, tais como vestuário de homem, de mulher e de profissões, para a área da casinha ou até mesmo embalagens de produtos para a área da loja.

Nas paredes existia diversos placards onde eram afixados os registos das crianças, como a tabela das presenças, do comportamento e das áreas, sendo que este último foi aplicado pela estagiária na sua semana de intervenção para tentar implementar algumas regras, rotinas e organização do grupo (referidos no projeto de estágio.)

1.1.2.3 - Caracterização do Grupo

Relativamente ao grupo, este era constituído por 25 crianças, em que 13 eram do género feminino e 12 eram do género masculino. Com idades compreendidas entre os quatro e os cinco anos, sendo que das 25 crianças, quatro tinham quatro anos.

Este grupo para além de heterogéneo, também continha bastante diversidade cultural uma vez que existiam crianças de nacionalidade moldava, russa e brasileira, esta última tinha chegado à pouco tempo a Portugal o que fazia com que fosse mais introvertida nas suas intervenções.

A nível da dinâmica do grupo, este tinha bastantes dificuldades no cumprimento de regras e nas rotinas diárias, na capacidade de concentração, de aceitarem/respeitarem opiniões diferentes das suas, de partilharem brinquedos e materiais, bem como na capacidade de aceitar pequenas frustrações. No entanto, as crianças mostravam muito interesse em aprender, principalmente nas atividades que

foram realizadas fora da rotina diária da sala. Eram bastante autônomos, mas inseguros das suas ações levando-os a terem receios na realização das atividades.

De um modo geral, as crianças deste grupo revelavam um maior interesse em ouvir e recontar histórias, de brincar nas áreas do faz de conta, da pintura, do desenho, na área das construções e da garagem.

Na área da formação pessoal e social todas as crianças conseguiam identificar-se (nome, idade, onde morava, etc.) e a maioria conseguia identificar graus de parentesco de familiares próximos. Era um grupo que se entretia mutuamente, principalmente as crianças mais velhas com as mais novas.

Relativamente à área da expressão comunicação, no que diz respeito ao domínio da expressão motora algumas crianças apresentavam dificuldades na motricidade fina mais concretamente, as crianças mais novas (as de quatro anos). Relativamente à motricidade grossa todas as crianças manifestavam estar bem desenvolvidas, realçando um bom desempenho motor.

No domínio da expressão dramática/teatro todas as crianças eram capazes de criar situações de jogo simbólico nomeadamente na área do faz de conta e gostavam muito de realizar pequenos teatros para os restantes colegas.

No domínio da expressão plástica apenas algumas crianças que revelaram dificuldades na motricidade fina não conseguindo manipular objetos e materiais de forma correta.

No domínio da expressão musical a maioria das crianças conseguia identificar perfeitamente diversos sons, dos diferentes instrumentos/objetos/animais.

No domínio da dança movimentavam-se consoante diversos ritmos de forma expressiva e gostavam imenso que a educadora colocasse músicas conhecidas para dançarem livremente na sala.

No domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, mais concretamente no subdomínio da linguagem oral as crianças, adoravam fazer rimas e recontar algumas que conheciam, sendo que todas as crianças tinham produções orais corretas e com um discurso perceptível e apenas uma (de quatro anos de idade) tinha algumas dificuldades. Possuíam facilidade em expressar as suas opiniões, fazendo-o muito frequentemente, realizando também perguntas sobre o que observavam, muitas vezes, fazendo-o de forma crítica. Ainda neste subdomínio, todas as crianças tinham bastante capacidade de memorização.

O grupo era muito energético e cheio de personalidades fortes, sendo também muito inteligentes e estimulados. O fato de ser um grupo com idades heterogêneas, fazia com que os mais velhos conseguissem ajudar os mais novos nas atividades que

tem mais dificuldades, constituindo assim um grupo de pequenos traquinas com um verdadeiro coração de ouro.

1.1.2.4 – Prática Pedagógica

No projeto realizado nesta valência, tinha como título “Regras e Gestão de emoções” e estava interligado tanto com o projeto da sala, como com o projeto da instituição.

Como alega Sampaio (2012) um projeto trata-se de um planeamento para tornar uma ideia que vai ser implementada na realidade. A mesma autora refere que um dos aspetos principais do projeto é a autonomia, e por isso quando o projeto surge de uma necessidade do grupo, aumenta a qualidade do conteúdo e gera a possibilidade da obtenção de melhores resultados. Para sustentar o tema mencionado anteriormente, é importante referir que se tinha as seguintes questões orientadoras: “O que é a disciplina?” “Como é que posso promover a disciplina e o cumprimento de regras?” “Como é que as emoções podem-se relacionar com a indisciplina?”, foi com base nestas interrogações que serviram de ponto de partida, começou-se a dar início então à criação desse projeto.

Deste modo, relativamente ao que foi observado nas duas primeiras semanas, era notório que as crianças eram desprovidas de algumas regras dentro e fora da sala de aula, gritavam imenso para comunicarem entre elas e com a própria educadora, não eram organizadas a nível da sua disposição nas áreas e por fim, era visível que as crianças não sabiam lidar com as suas emoções e frustrações e principalmente lidar com as emoções das outras crianças, provocando assim por vezes a falta de cumprimento das regras e vice-versa.

Este tema foi escolhido, atendendo aos interesses das crianças do grupo, às suas características e principalmente às suas necessidades (que já foram referidas anteriormente na caracterização do grupo).

O projeto e as atividades elaboradas tiveram como objetivos combater a falta de regras e indisciplina por parte das crianças, trabalhando assim os valores, regras de bom funcionamento das áreas e da sala, e ao mesmo tempo, ajudar as crianças a lidarem com os seus sentimentos, a conseguir expressá-los e a ultrapassar as suas frustrações, na base do diálogo.

Para Santo (2014), a disciplina passa pela criação de regras que têm como finalidade promover o bem-estar, o bem-viver e a harmonia, deste modo, enquanto estagiária tentei integrar na rotina das crianças, algumas regras para que estas possam

respeitar-se umas às outras, viverem em comunidade de forma ordeira e em harmonia, na medida em que estas possam ser futuros cidadãos corretos e ponderados.

Com este projeto, enquanto estagiária, tinha como objetivo promover a disciplina das crianças, com a realização de atividades que promovessem a organização do espaço educativo e organização da própria rotina diária, promover a entreatajuda entre as crianças, potenciando assim as dinâmicas de grupo como promoção do cumprimento de regras, promover aprendizagens múltiplas das diversas áreas de conteúdo, proporcionar momentos de trabalhos/brincadeiras de grupo/pares, promover o bem-estar e o envolvimento da criança, estimular a interação com o outro (criança-criança e criança-estagiária), construir materiais com as crianças, para a promoção de aprendizagens múltiplas e por fim e não menos importante, promover a capacidade de lidar com certos sentimentos e frustrações de forma autónoma, através do diálogo e da compreensão.

Para dar continuidade ao projeto, as atividades realizadas durante as duas semanas de intervenção, tinham como linha orientadora, a realização de atividades que promovessem os objetivos delineados anteriormente. Deste modo, destacam-se as atividades “Faz o teu monstro das cores” e “Gincana da brincadeira”. A primeira atividade era baseada no livro “O monstro das cores” que tinha sido lida às crianças previamente nas atividades anteriores e esta atividade consistia na elaboração do monstro das cores de cada criança (figura 3). As crianças escolhiam o monstro que queriam fazer, consoante a emoção que estavam a sentir no momento e tinham de explicar ao monstro o porquê de lhe darem aquela cor. É de salientar que o monstro das cores era feito em “slime” e por isso esta atividade colocou as crianças em êxtase e bastante eufóricos. A segunda atividade mencionada, esteve relacionada com a semana em que iríamos celebrar o Dia da Criança e desta forma as atividades estiveram sempre relacionadas com essa temática, de modo a que as crianças conhecessem também os seus direitos. A mesma consistia numa gincana com diversas atividades no exterior e no final as crianças tinham de rebentar uns balões com tinta no seu interior (figura 4). Estes balões estavam dispostos num painel que continha os direitos das crianças escondidos com fita, para mais tarde, com a atividade seguinte destaparem e verem o resultado final, de modo a exporem o painel à porta da sala. As crianças gostaram muito destas atividades e ao mesmo tempo foi interessante ver a dinâmica e o interesse das crianças ao realizarem as mesmas, pois através destas atividades as crianças conseguiram demonstrar e exprimir as suas emoções.



Figura 3 – Criança a realizar a atividade “Faz o teu monstro das cores”



Figura 4 – Criança a realizar a atividade “Gincana da brincadeira”

1.2 – Contextos de estágio e práticas de ensino no 1.ºCiclo do Ensino Básico

1.2.1 – Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º e 2.º anos

1.2.1.1 - Caracterização da instituição

O primeiro estágio do segundo ano de mestrado foi realizado numa instituição fundada no ano letivo 2001/2002, e tratava-se de uma unidade organizacional, que contemplava órgãos próprios de administração e de gestão, que englobava 10 estabelecimentos de educação e de ensino nas valências de pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Era constituído por dois jardins-de-infância, por sete escolas de 1º ciclo e por uma escola de ensino básico.

Relativamente ao projeto educativo do Agrupamento, o mesmo pretendia promover uma educação para todos, ou seja, uma educação que assentava no respeito pela diversidade, existindo, em simultâneo, uma articulação entre os diferentes níveis de ensino.

Desta forma, era ambicionado pelas instituições progredir na eficácia de resposta educativa para problemas que surjam devido aos diferentes contextos escolares, com o intuito de que todos os alunos consigam aprender mais e melhor, seguindo os princípios gerais nacionais e os deliberados pelo agrupamento, sem desvalorizar, contudo, o papel transformador da escola acerca dos valores universais e humanistas.

Todas as atividades realizadas pelo agrupamento encontravam-se no Plano Anual de Atividades (PAA), sendo este o primeiro nível de operacionalização de projeto.

Este plano visa diretamente a ação educativa, para a qual traça orientações precisas e modalidades em consonância, bem como tem como objetivo desenvolver a nível pedagógico, organizacional, social e relacional dos alunos.

No que diz respeito a aspetos físicos e materiais da instituição, a mesma encontrava-se com uma ótima organização. Estando perante um edifício de dois pisos, ligados entre si por uma escadaria principal e ligados às diversas divisões por corredores. No 1º piso encontrava-se a entrada principal, onde se localizavam duas funcionárias; a maior parte das salas de aulas; sala dos professores; duas salas (uma era direcionada para a multideficiência e outra servia como sala de apoio); o ginásio; a biblioteca e, por fim, algumas casas de banho (três para os alunos, sendo uma delas adaptada para crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), e uma para os adultos). No rés-do-chão podíamos encontrar duas salas de jardim-de-infância, duas salas de aula, o polivalente, o recreio, o refeitório, a sala dos funcionários e algumas casas de banho (três para os alunos, sendo uma adaptada para crianças com Necessidades Educativas Especiais e, uma para adultos).

Este edifício era adequado às condições de todas as crianças, pois também possuía um sistema de sinais no teto, direcionado aos alunos surdos, com o intuito de avisar as crianças do toque de entrada e saída. Em termos de condicionantes, notou-se que o refeitório não conseguia suportar toda a comunidade escolar, tendo de se efetuar turnos para as diferentes turmas.

1.2.1.2 – Caracterização da Sala

O estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico na valência de 1.º e 2.º anos foi realizado numa sala de aula espaçosa e bastante organizada, com capacidade para 24 alunos. Era uma sala muito iluminada visto que tinha janelas grandes que davam para o exterior.

Quanto ao material disponível, esta dispunha de dois computadores (um que estava ligado ao projetor e outro com jogos para os alunos que se encontravam a realizar trabalho diferenciado), um quadro de giz e um quadro interativo.

As paredes da sala, encontravam-se preenchidas com alguns recursos lecionados pela professora e alguns que usámos nas nossas semanas de intervenção. A parede junto à secretária da professora, dispunha de um quadro de cortiça onde se encontrava fixado a tabela dos ajudantes do dia (onde todos os dias a estagiária, que tivesse a intervir, tirava à sorte dois dos nomes dos meninos da turma, para depois ajudarem no que fosse necessário), o horário da turma, o quadro do comportamento

(onde é apontado o comportamento individual de cada criança, no final de cada dia), um quadro do top mais rápido (onde a professora coloca o nome do aluno que acabou os exercícios corretamente e mais rápido) e por fim um quadro de leitura (onde a professora avalia as leituras efetuadas). A sala dispunha ainda de um lavatório onde as crianças muitas das vezes iam beber água, encher as suas garrafas e lavar as mãos e um ar condicionado que mantinha o ambiente acolhedor para as aprendizagens das crianças.

Relativamente à organização da sala esta sofreu várias alterações durante o meu período de intervenção, a disposição das secretárias foi se alterando, bem como os lugares onde cada criança se sentava, para que assim todas as crianças pudessem ter um bom aproveitamento das suas aprendizagens. Primeiramente as secretárias estavam dispostas em quatro grupos, mas como a professora achou que seria mais vantajoso para as aprendizagens e para a concentração dos alunos a alteração da disposição da sala, acabou por dispor as secretárias organizadas em filas em que cada criança se encontrava organizada a pares, como podemos observar no esquema abaixo.

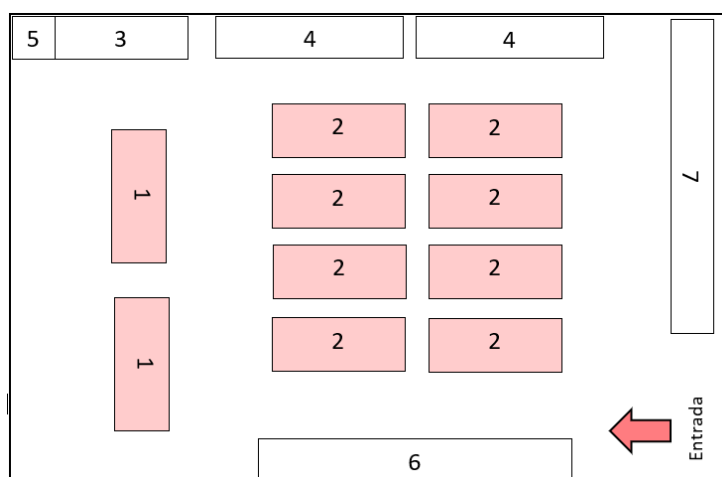


Figura 5 - Planta da sala da turma do 2º ano.

Legenda:

- 1 – Secretárias onde se encontram os alunos a realizar trabalho diferenciado;
- 2 – Secretárias do restante grupo;
- 3 – Secretária da professora;
- 4 – Quadro de giz e quadro interativo;
- 5 – Computador utilizado para os jogos interativos para as crianças que se encontram a realizar trabalho diferenciado;
- 6 – Estantes de arrumação (onde se encontram os trabalhos, dossiês de trabalho, jogos, a fruta, e os cadernos das crianças que frequentam o ninho);
- 7 – Armários de arrumação.

1.2.1.3 - Caracterização do grupo

Durante o período de estágio não nos foi facilitado o acesso ao Projeto de Turma, pelo que os dados aqui apresentados foram recolhidos através de observação direta e em conversas informais com a professora cooperante.

O grupo interveniente durante as sete semanas de estágio, era constituído por vinte crianças, treze eram do sexo masculino e sete do sexo feminino. Era uma turma de segundo ano, em que quatro dos vinte alunos encontravam-se a realizar trabalho diferenciado dentro da sala, com adaptações curriculares e destas quatro crianças, duas tinham Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo que eram acompanhadas por uma professora especializada na área. Existiam ainda, três crianças que frequentavam o ninho de português, por terem algumas dificuldades a esta disciplina, saindo da sala durante o tempo da aula.

As idades das crianças eram compreendidas entre os 7 e os 8 anos, o que dava para perceber os diferentes níveis de desenvolvimento de cada criança perante as atividades realizadas, pois algumas crianças acabavam os exercícios mais rápido que outras, e outras entendem mais facilmente o que lhes era pedido para fazer, demonstrando ritmos de aprendizagem bastante diferentes.

As disciplinas com maior envolvimento por parte da turma, eram essencialmente em estudo do meio e educação artística (música, dança, artes plásticas e dramatização), porque para além de envolver os alunos em conteúdos que eram do seu agrado e do seu conhecimento do dia-a-dia, estes ficavam envolvidos fisicamente.

No que diz respeito à matemática os alunos apresentavam algumas dificuldades ao nível do cálculo mental e na realização de contas, o que foi visível na realização de alguns exercícios e alguns conteúdos dados.

Relativamente à disciplina de Português, os alunos apresentavam algumas dificuldades na leitura, sendo mais evidente na leitura em voz alta e ainda dificuldades na escrita, principalmente na elaboração de texto em forma de ditado.

Este grupo heterogéneo tinha algumas dificuldades no cumprimento de regras e na realização de trabalhos em grupo, uma vez que não aceitavam as opiniões uns dos outros. Apesar de apresentarem várias dificuldades, este grupo conseguia envolver-se bastante na dinâmica das aulas quando tinha contacto com materiais didáticos, estimulando bastante o seu envolvimento, concentração e aprendizagem. O grupo caracterizava-se como calmo, no entanto tinha momentos em que era muito conversador e acabava por dispersar, todavia era um grupo muito recetivo a novas aprendizagens, bastante interessado e envolvido em todos os trabalhos realizados.

1.2.1.4 – Prática Pedagógica

O estágio realizado nesta valência teve a duração de cinco semanas de intervenção, sendo que a primeira semana foi a semana partilhada com a professora cooperante e as restantes semanas de intervenção foram intercaladas com a colega de estágio. Como em todos os outros estágios foi nos solicitado a realização de um projeto que tivesse como objetivo trabalhar uma problemática observada em estágio. Iniciar um projeto é sempre um desafio, pois necessita que o tema seja introduzido de uma forma estimulante e interativa e, no início do período de estágio, encontrávamo-nos um pouco apreensivas, pois não sabíamos ao certo que temática desenvolver. No nosso ponto de vista, o tema a ser explorado deveria ter a máxima pertinência possível e, para tal, decidimos em primeira instância observar a turma e efetuar algumas conversas com a professora cooperante.

Após as observações realizadas, juntamente com as conversas informais com a professora cooperante, foi averiguado que este grupo de alunos não realizava trabalhos que envolvessem recursos tecnológicos, devido à gestão do tempo. Deste modo, e tendo em conta a faixa etária dos alunos, chegou-se à conclusão que a temática do projeto seria: “A utilização das TIC no processo de ensino-aprendizagem”, aproveitando a oportunidade de a mesma se centrar na interdisciplinaridade, de forma a articular a utilização dos recursos com as diferentes áreas de conteúdo.

A melhoria da qualidade de ensino passa, inevitavelmente, pelo aproveitamento das potencialidades que nos oferecem as TIC, contribuindo para a satisfação dos objetivos do sistema de ensino.

Assim sendo, com este projeto pretendia-se utilizar as TIC com o intuito de proporcionar experiências educativas, inovadoras e enriquecedoras, motivando os alunos do 2º ano, no processo de ensino-aprendizagem, tendo em conta os seus interesses, dificuldades, necessidades e curiosidades.

De salientar que, quando era escolhido um recurso para usar em sala de aula, definia-se sempre bem os objetivos que se queriam atingir. Desta forma, pretendia-se que o recurso fosse benéfico para os alunos, sem constituir apenas como forma de distração para os mesmos, sendo exatamente o contrário daquilo que pretendíamos. Por exemplo, o facto de usar o computador, não quer dizer que os alunos fiquem interessados e motivados no decorrer da atividade, como afirma Leite (2003) as intervenções pedagógicas com recurso a tecnologias não sustentam uma aprendizagem dinâmica e significativa.

Como sabemos as TIC são cada vez mais utilizadas no nosso dia a dia e frequentemente usadas na educação em contexto de sala de aula, como apoio às atividades de ensino, no entanto, a integração e a utilização das mesmas não dependem unicamente da presença de equipamentos, mas também dos conhecimentos dos professores acerca desta temática, das suas atitudes perante as TIC, assumindo a formação em TIC um papel determinante na utilização futura destas tecnologias.

Com o projeto “A utilização das TIC no processo de ensino-aprendizagem” tinha-se como principais objetivos: utilizar o manual escolar digital, o computador, jogos online, tablets, o quadro interativo, o computador e a coluna. Tendo por base a temática a realizar com o projeto referido anteriormente, salienta-se duas das seguintes atividades que foram realizadas ao longo do período de estágio: a atividade “Quiz sobre regras de segurança”, em que as crianças foram organizadas em equipas e cada equipa possuía um tablet fornecido pela estagiária. Cada equipa tinha de responder a perguntas relacionadas com a segurança rodoviária que estiveram a trabalhar ao longo da semana. Estas perguntas tinham sido previamente elaboradas pela estagiária na plataforma “Kahoot”. As crianças gostaram muito desta atividade, uma vez que foi bastante diferente das que estavam habituadas, pois foram utilizadas ferramentas tecnológicas do interesse das mesmas. A segunda atividade destacada é a atividade “o que é para ti o Natal?” e como indica o nome foi realizada na altura dos festejos natalícios e esta atividade estava dividida em duas partes, primeiramente perceber o significado do Natal para cada criança e com cada significado expresso pela mesmas, realizar a árvore de natal da sala. Cada criança teve a oportunidade de conhecer a plataforma “Menti” e registar na mesma uma palavra que descrevia para elas o significado de Natal. Ao obter todas as respostas dadas pelas crianças na plataforma, a mesma selecionou as mais registadas dispondo-as num “brain storming” e posteriormente com a ajuda da estagiária, as crianças passaram as sete palavras mais escolhidas para papel autocolante. Por fim, com as palavras já desenhadas e recortas elaboraram a árvore de natal com as mesmas e colocaram-na na porta da sala, para que toda a instituição a pudesse ver (figura 7). Estas atividades foram de certo enriquecedoras tanto para as crianças, que puderam aprender conteúdos novos de uma forma mais lúdica e dinâmica, ao qual não estavam habituadas e para mim enquanto estagiária foi importante perceber a importância de realizar atividades com recurso a ferramentas que elas estão habituadas a utilizar no seu dia-a-dia e que são do seu interesse, criando assim uma forma de os motivar para a realização destas mesmas

atividades, que por vezes de outra forma podiam ser consideradas massudas e causar algum desinteresse por parte das crianças.

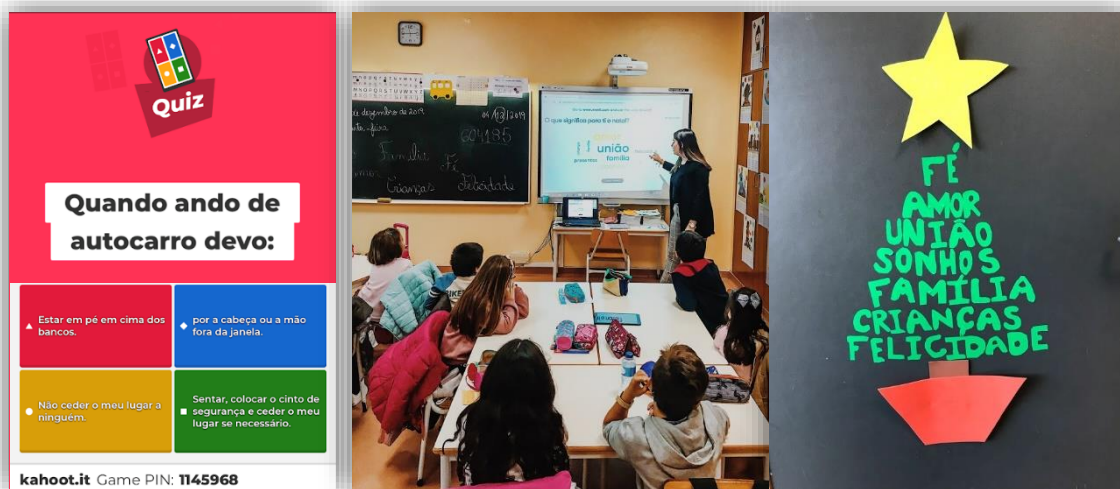


Figura 6 – Exemplo de uma das perguntas do quiz

Figura 7 – Realização da atividade “O que é para ti o Natal?”

1.2.2 – Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico – 3.º e 4.º anos

1.2.2.1 – Caracterização da instituição

A referente caracterização da instituição do estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico, na valência de 3.º ano, irá ser remetida à página 19 deste documento, no ponto 1.2.1 – Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º e 2.º anos, mais precisamente no ponto 1.2.1.1 - Caracterização da instituição, uma vez que estagiei na mesma instituição, em ambos os contextos. Contudo, este estágio foi feito a distância devido à pandemia e por isso este estágio não foi realizado fisicamente na instituição, mas sim através de aulas online a partir de casa.

1.2.2.2 – Caracterização da sala

Devido à situação atual que o mundo enfrenta relativamente à covid-19, houve uma suspensão das atividades letivas durante o período de estágio, que foi realizado através da modalidade de ensino não presencial, como foi referido anteriormente. Cada escola tinha a possibilidade de utilizar as metodologias que consideravam mais adequadas, de acordo com as orientações do Ministério da Educação, ou seja, as escolas tinham de definir e implementar um plano de ensino a distância, utilizando as

tais metodologias, os recursos disponíveis e os critérios de avaliação, tendo sempre em conta os contextos de cada criança.

A escola onde realizei este estágio elaborou e implementou um plano de ensino a distância, reorganizou os horários, definiu novas estratégias, recursos e ferramentas para serem utilizadas pela escola e por cada aluno, garantindo também, no contexto de ensino não presencial, o cumprimento da escolaridade obrigatória. Desta forma a sala de aula foi convertida ao conforto das nossas casas, intervindo online através da plataforma Microsoft Teams onde os alunos tinham o dever de assiduidade nas sessões síncronas com a duração de 30 minutos e ao cumprimento das atividades orientadas e autónomas propostas para as sessões assíncronas, também com a duração de 30 minutos. Sendo que ainda tinham a responsabilidade de enviar os trabalhos realizados, nos prazos estipulados pela professora cooperante, de forma a garantir o registo das evidências para efeitos da avaliação sumativa final. Nos casos em que, os alunos se encontravam impossibilitados de participar nas sessões síncronas, por exemplo, por não terem um computador ou mesmo internet, a escola de modo a facilitar, disponibilizava o acesso aos recursos necessários, garantindo as aprendizagens de todos.

Os alunos utilizavam variados recursos para aceder à plataforma, tais como: telemóveis, tablets e computadores, o que mostrava que todos os alunos tinham condições para a realização das aprendizagens mesmo sendo em regime não presencial.

Durante a duração do estágio, apercebi-me que consoante as aulas que lecionava as crianças variavam o local em que assistiam às sessões síncronas, por exemplo em aulas de expressão físico-motora muitas das crianças acabavam por se dirigir ao exterior, quando realizei uma atividade de culinária abordando as unidades de medida de massa, maior parte das crianças preferiram realizar a atividade na cozinha das suas habitações.

1.2.2.3 - Caracterização do grupo

A presente prática profissional ocorreu, com duas turmas, uma pertencente ao 3.º e a outra ao 4.º ano de escolaridade, com início a 5 de maio de 2020 e término a 9 de junho de 2020. Este estágio foi realizado online a partir de casa, devido à situação atual que experienciamos, com o COVID-19.

Em relação à turma do 3.º ano, esta era constituída por quatorze crianças, onze do género masculino e três do género feminino, com idades compreendidas entre os sete e os onze anos. Nesta turma, existiam três crianças com Necessidades Educativas

Especiais, ambas com dislexia e, era possível observar diferentes níveis de ensino, visto que duas crianças eram acompanhadas no ninho, ou seja, tinham um apoio individualizado e respeitador dos diferentes níveis de aprendizagem na matemática. Uma das alunas para além de não falar português, também não falava inglês, tornando-se difícil a comunicação com a mesma, para contornar esta situação foram adaptadas estratégias elaboradas pelo par pedagógico.

Relativamente à turma do 4.º ano, esta era constituída por seis crianças, uma do género masculino e cinco do género feminino, com idades compreendidas entre os dez e os treze anos. Nesta turma, havia duas crianças com Necessidades Educativas Especiais, uma delas mesmo estando inscrita numa turma de quarto ano, não reunia as condições necessárias para cumprir o programa curricular do mesmo, estando então a fazer trabalho de primeiro ano, a outra criança era portadora de trissomia 21, tinha muitas dificuldades motoras e cognitivas. Ambos os alunos faziam trabalho com uma professora específica de Educação Especial. Ainda sobre a turma do quarto ano, uma das crianças nunca compareceu nas aulas e outra só apareceu na terceira semana de estágio.

No geral, as crianças demonstravam ter pouca autonomia, interesse, vontade própria para participarem e ainda, apresentavam diversas dificuldades ao nível da concentração e atenção, o que conduzia a diversos ritmos de trabalho. Segundo Mano (2013), estimular e promover o interesse, a atenção e a participação dos alunos, são aspetos que devem estar sempre presentes na prática educativa de um professor, para que todo o processo ensino/aprendizagem resulte em aprendizagens significativas. Desta forma, a relação pedagógica revela ser fulcral para a motivação dos alunos. Para além destes aspetos, a maioria dos alunos não possuía hábitos de estudo, métodos de trabalho e responsabilidade em tarefas diárias.

Relativamente ao interesse demonstrado pelas áreas curriculares, averiguou-se que os alunos revelavam preferência e apresentavam melhores resultados nas áreas de Estudo do Meio e Expressões Artísticas, porque para além de envolver os alunos em conteúdos que são do seu agrado e do seu conhecimento do dia-a-dia, estes ficavam envolvidos globalmente.

No que diz respeito à área do Português os alunos mostravam maiores dificuldades nomeadamente ao nível da interpretação de textos, na leitura e na gramática.

Foi na área da Matemática que os alunos apresentavam maiores dificuldades, nomeadamente na capacidade de raciocínio lógico-matemático e na da interpretação dos enunciados, o que foi visível na realização de alguns exercícios e alguns conteúdos

dados, sendo necessário um auxílio recorrente por parte das estagiárias e da professora cooperante.

1.2.2.4 – Prática Pedagógica

Como já foi referido anteriormente, o presente estágio teve a duração de cinco semanas e durante este período foi desenvolvido um projeto de modo a realizar intervenções mais dinâmicas e apelativas para as crianças em contexto online. Realizar um projeto em contexto de estágio é sempre algo ponderado e desafiante, pois é crucial ter em conta todas as necessidades, dificuldades e interesses do grupo de crianças. Mais uma vez, este projeto não foi diferente, na verdade, este foi bastante desafiante e estimulante, pois o próprio estágio também o foi, ao realizá-lo através de casa com as aulas online. Deste modo, foi de forma a conseguir criar um ambiente interativo, lúdico e estimulante de forma a captar a atenção e o interesse das crianças.

Durante a semana de observação, apercebi-me que as crianças eram pouco participativas nas aulas síncronas e também pouco autónomas nas suas intervenções e principalmente nos trabalhos que realizavam nas aulas assíncronas. Segundo Silva (2016) a autonomia é a capacidade de o aluno se organizar sozinho nas suas atividades e projetos, escolhendo de forma eficiente as fontes de informação disponíveis, gerindo eficazmente o seu tempo de estudo e outras atividades. Desta forma, dialogando com a professora cooperante, constatou-se que realmente era uma dificuldade do grupo, uma vez que em sala de aula os alunos já demonstravam essa fragilidade.

De modo a combater esta necessidade do grupo, escolheu-se como tema do projeto “Eu consigo e tu?” e tinha-se como principal objetivo, colmatar a falta de autonomia e de participação das crianças, motivando-as e incentivando-as nas atividades propostas, de modo a contribuir no seu processo de aprendizagem. Considerou-se esta temática muito importante para se trabalhar, uma vez que havia crianças que nunca chegavam a participar nas aulas, não ligavam a câmara durante as mesmas e não realizavam os trabalhos propostos tanto pela professora cooperante como por nós, estagiárias.

Desta forma, começou-se por realizar atividades que fossem ao encontro do projeto e ao mesmo tempo transversais a todos os conteúdos, promovendo assim a interdisciplinaridade. Assim sendo, existiu um cuidado aprimorado, em criar recursos interativos que as crianças ficassem também mais motivadas e interessadas nas aulas. Teve-se também em conta, as crianças como seres individuais e as suas dificuldades, uma vez que no grupo existiam diferentes nacionalidades e que pelo menos uma delas não falava nem português nem inglês.

Primeiramente começou-se por solicitar à professora cooperante, uma lista com os nomes das crianças de modo a poder visualizar a cara das mesmas, uma vez que era frequente algumas delas não as mostrarem durante as aulas síncronas, mas também para que fosse mais fácil a comunicação com cada aluno. A lista com o nome e as fotos das crianças, facilitou bastante toda a intervenção e fez com que se criasse uma maior proximidade com as mesmas.

Para além desta estratégia, realizou-se várias atividades nas diversas aulas, que promoveram bastante a participação e autonomia das crianças, como por exemplo: o questionamento individual durante as atividades mais expositivas, a atividade “Medir massas de uma forma deliciosa” (figura 8), que consistia na realização de um bolo de chocolate numa caneca. Desta forma eles tiveram a oportunidade de conhecer as unidades de medida de massa, pois antes de realizar esta atividade as crianças tinham de converter as unidades de medida da receita para as originais e desta forma as crianças assimilaram os conhecimentos transmitidos de uma forma lúdica, divertida e bastante doce. Outra das atividades a destacar neste estágio é a atividade do “jogo do bingo” com as unidades de medida de comprimento, onde as crianças tinham de realizar algumas conversões de medidas para completar um cartão com possíveis respostas corretas. A primeira criança a completar o cartão e a gritar “BINGO!”, ganhava o jogo.

Como forma de avaliar o projeto realizado, utilizou-se os seguintes métodos de recolha de dados: preenchimento de grelhas de observação direta, produções dos alunos, diálogos reflexivos e tabelas de envolvimento das crianças nas atividades.

A avaliação é uma das fases mais fundamentais de todo o projeto, uma vez que é nesta etapa que conseguimos observar o impacto e as diferenças que existiram durante todo o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Ribeiro (2012) ao realizarmos a avaliação de alguma atividade permite-nos melhorar ou até mesmo adaptar as mesmas, de modo a conseguir uma intervenção mais pormenorizada e observar o desenvolvimento e progressão de cada criança segundo as metodologias aplicadas.

Desta forma, com a avaliação do projeto conseguiu-se perceber o quão importante foi implementar o mesmo, uma vez que as crianças no início do estágio, não participavam nas aulas síncronas dadas pela professora cooperante e eram pouco autónomas nas suas intervenções. Com a realização de atividades interativas e lúdicas que promoveram a participação e a motivação de toda a turma, conseguiu-se que as crianças tivessem gosto por assistir e aprender, partilhando assim todas as suas opiniões.

Através das grelhas de observação e das tabelas de envolvimento, conseguiu-se também, focar a nossa avaliação mais pormenorizadamente em cada aluno e

adaptando assim as estratégias consoante as necessidades das crianças. Com diálogos reflexivos com a professora cooperante, no final de todas as intervenções foi nos permitido melhorar aspetos da nossa prática que são importantes para que as aprendizagens das crianças sejam feitas da melhor forma. A avaliação deste projeto permitiu criar novas estratégias para a intervenção das atividades, uma vez que só podiam ser realizadas digitalmente devido às condições que o ensino à distância exige, desta forma ultrapassou-se uma barreira que considerávamos inicialmente bastante difícil.



Figura 8 – Realização da atividade "Medir massas de uma forma deliciosa".



Figura 9 - Bolo de caneca realizado pelas crianças

1.3. Balanço geral de todos os estágios

Em jeito de autodiagnóstico, neste ponto aborda-se de uma forma reflexiva, todas práticas e aprendizagens adquiridas e vivenciadas durante o meu percurso académico, bem como todas as minhas dificuldades, medos e receios que enfrentei durante as mesmas e como consegui superar todas as adversidades.

Durante estes dois anos de mestrado foi me possível com todas as práticas pedagógicas, aprender de forma evolutiva com as profissionais que passaram no meu caminho, pondo sempre em prática o que aprendi nas unidades curriculares, exercendo assim uma boa prática profissional.

Todos os estágios realizados foram iniciados sempre com alguns receios e medo do desconhecido, mas em todos eles desapareceram rapidamente nas primeiras semanas, vivendo as rotinas das crianças e criando laços com as mesmas e com as próprias professoras cooperantes.

No meu primeiro estágio em contexto de Creche, lembro-me de estar tão nervosa que não consegui dormir na noite anterior. Entrei na instituição com a minha colega/ par de estágio, a pensar no que iria encontrar, se iria conseguir criar uma ligação com as crianças de modo a que pudesse proporcionar-lhes segurança e as aprendizagens necessárias para educar futuros cidadãos. Tinha medo de errar ou de fazer algo que

prejudicasse o meu desempenho enquanto estagiária e por isso interrogava-me constantemente sobre a escolha das minhas atividades, sobre a minha intervenção e qual seria a melhor forma de os avaliar. Contudo, os dois primeiros dias foram sempre em todos os contextos os mais stressantes, mas com o passar das semanas fui ganhando mais confiança e fui me envolvendo mais facilmente nas rotinas do grupo. As atividades que realizei em todos os contextos de estágio foram todas ao encontro das necessidades e interesses do grupo, sendo que em creche muitas das crianças necessitavam de desenvolver a motricidade global, as atividades que desenvolvi juntamente com o meu par de estágio, foram em prol dessas carências. Destaco as atividades do túnel sensorial e do tapete mágico que foram as que observamos maior desenvolvimento e reações por parte das crianças, na medida em que mesmo tendo medo de as realizar, quando incentivadas e demonstradas por nós, as crianças acabavam por as fazer com muito gosto e por vezes até repetiam.

Relativamente ao estágio na valência de jardim de infância, foi o primeiro que realizei sozinha. Por minha opção, quis testar os meus limites mesmo sabendo que iria ser mais um desafio difícil e ao qual dependia apenas e inteiramente de mim para o bom sucesso do mesmo. Deste modo, este foi o estágio ao qual me senti mais motivada, mas também mais receosa, queria provar a quem dizia que “é muito difícil fazer estágios sozinha, duvido que consigas”, que realmente é difícil mas que nada é impossível, desde que se goste do que se faz e se esforce para atingir os seus objetivos. Considero que foi o estágio mais cansativo, pois como realizava as atividades sozinha, estas exigiam um pouco mais de mim, sendo que tive sempre o apoio tanto da educadora, como da auxiliar da sala, quando necessitava. Durante esta experiência ultrapassei vários desafios que não esperava ser capaz de ultrapassar, como lidar com as frustrações do grupo, pois era um grupo que não se respeitava e muitas das vezes faltavam ao respeito à própria educadora e auxiliar. Inicialmente sabia quais as necessidades do grupo, mas não sabia quais as melhores estratégias e atividades que pudessem ir ao encontro dessas lacunas do grupo. não Dito isto, o meu trabalho era realizar mudanças nesse âmbito, ou seja, criar atividades e estratégias que os fizessem exteriorizar as suas emoções e ao mesmo tempo ensiná-los a ter respeito e empatia pelo próximo. Cardoso (2013) refere que o educador não deve apenas respeitar as emoções das crianças, mas também autorizá-las a serem quem são, permitindo assim que tomem consciência de si mesma. Foi muito interessante ver a evolução das crianças nas suas aprendizagens consoante a realização das atividades que planeei para as mesmas. Foi o estágio que mais gostei de realizar, porque me desafiou em todos os sentidos e permitiu-me sentir que realmente este trabalho é o que desejo fazer no futuro, tendo sempre em conta as necessidades e interesses do grupo, de modo a criar aprendizagens significativas

durante o seu crescimento. Foi muito especial trabalhar com estas crianças e com esta equipa educativa, devendo-lhes tudo o que aprendi e tudo o que levo desta experiência. Tanto a educadora como a auxiliar, foram incansáveis e essenciais na minha aprendizagem enquanto estagiária.

No que diz respeito ao estágio que foi realizado em contexto de 1º ciclo – 1.º e 2.º anos, como já foi referido concretizou-se numa turma de 2º ano em que havia quatro crianças a realizarem trabalho individualizado de 1º ano. A partir do momento em que se entrou em contacto com a turma, fiquei um pouco receosa e reticente relativamente a como iria conseguir lecionar crianças com níveis de aprendizagem tão diferentes. Inicialmente estava bastante nervosa pois era a primeira vez que estava a entrevir neste contexto e tinha medo de ensinar algo errado às crianças, mas com o passar da semana tudo se tornou apenas um desafio. Uma das maiores dificuldades que senti durante o mesmo, foi na gestão de tempo consoante as atividades que tinha idealizado e planeado, bem como gerir todas as dificuldades que cada criança tinha, de modo a que todas tivessem a ajuda necessária e por fim adotar estratégias benéficas para todos os níveis de aprendizagens existentes na sala. Como estratégia para a gestão dos ritmos de trabalho diferentes, acabei por adotar a diferenciação pedagógica mais adequada, levando para a sala alguns recursos a mais, para dar às crianças que terminavam mais rápido que o resto da turma, acabando assim por se manter ocupados e não ficando desmotivados com o facto de ficarem à espera dos restantes colegas. Quanto à gestão de tempo tentei organizar de forma a gerir melhor o tempo de aula, para que assim conseguisse cumprir com todos os objetivos presentes na planificação. Tanto a gestão do tempo como do grupo, acho que são pontos que tenho vindo a conseguir melhorar, mesmo sabendo que ainda tenho outros tantos a aperfeiçoar. Foi sempre do meu interesse realizar atividades lúdicas e dinâmicas, que despertassem o interesse e curiosidade das crianças, criando assim uma maior motivação na hora da realização das mesmas. Com isto sinto que este estágio foi uma mais valia para a investigação que estou a realizar, pois permitiu-me retirar aprendizados e observar bastante o desempenho das crianças nas atividades, foi interessante ver como a motivação é um fator potenciador do desenvolvimento cognitivo das crianças.

O último estágio que realizei foi mais uma vez na valência de 1º ciclo, mas numa turma de 3º e 4º anos. Devido a pandemia, este estágio foi realizado a distância o que tornou o processo de vinculação com as crianças e principalmente com a própria professora cooperante um pouco difícil, pois comprometeram alguns aspetos que normalmente tomamos como garantidos, como por exemplo a interação com as crianças e a realização de atividades/ esclarecimento de dúvidas que nos permitem ajudá-las mais facilmente estando em contexto presencial. O fato de as aulas síncronas serem de

curta duração, dificultou a minha intervenção durante todo o processo, pois muitas das vezes, demorava mais tempo a realizar as atividades porque as crianças tinham algumas dificuldades ou porque simplesmente não respondiam quando lhes solicitava e depois de passar a sua vez referiam que tinha sido erro do sistema, ou do próprio computador (referindo-se ao microfone ou à câmara). Este estágio pôs-me à prova, na medida em que tive de me reinventar, pois já me considerava uma pessoa criativa no que toca as atividades que organizava para as crianças, mas neste estágio tive criar atividades ainda mais interativas, criativas e dinâmicas de modo a despertar o interesse das crianças nas aulas. Com a apresentação de aulas mais interativas e dinâmicas, consegui que houvesse um maior envolvimento por parte das crianças e deste modo senti uma maior aderência às aulas, sendo que no final de cada aula as crianças perguntavam se no dia a seguinte iriam fazer “coisas divertidas como as do próprio dia”.

A evolução da dinâmica e da participação da turma nas aulas, fez com que visse realmente grandes resultados nas aprendizagens das crianças, pois inicialmente a turma era pouco autónoma e trabalhadora e com o decorrer das nossas intervenções (minhas e da minha colega de estágio), notamos progressos bastante significativos no processo de ensino-aprendizagem, bem como na motivação das mesmas das crianças.

Este último estágio, ao contrário do que eu esperava superou as minhas expectativas e contribuiu bastante para a minha pesquisa sobre o tema deste relatório.

Capítulo II: Investigação

2. Percurso Investigativo: Problema, questões e objetivos da investigação

A presente análise investigativa, surgiu das vivências enquanto aluna de 1º ciclo, da minha desmotivação ao longo dos anos em algumas disciplinas o que levou a algum insucesso nas mesmas e posteriormente a repetição de um ano escolar. Este exercício investigativo tem também como intuito responder a questões que suscitaram dúvidas e curiosidades durante a minha prática educativa, tanto na licenciatura como durante o mestrado, como por exemplo: perceber primeiramente como é que a motivação e os interesses podem favorecer a aprendizagem de cada criança, em seguida, quais as estratégias que os professores adotam para promover essa mesma motivação de forma extrínseca, potenciando assim também a motivação intrínseca de cada criança. Quais as estratégias utilizadas por educadores e docentes a fim de proporcionar aprendizagens significativas, quais as disciplinas e áreas que as crianças mais gostam de aprender e brincar, quais os fatores de desmotivação, de que forma o ambiente e a organização em sala de aula são promotores de motivação e aprendizagens. Por fim, perceber em que medida a relação docente-aluno é relacionada com a motivação.

Segundo Burochovitch e Bzuneck (2004) a motivação sempre foi um problema dentro do mundo da educação e a sua ausência no mesmo sempre representou um decréscimo no investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem. Os mesmos autores afirmam que, consoante os alunos transitam de ano, regista-se maior desinteresse e facilmente crescem as suas inseguranças ao aprender novos conteúdos. Tendo como base estas ideias decidiu-se guiar o percurso investigativo juntamente com a leitura de diversos autores e perceber o que leva à desmotivação das crianças e como podemos combater essa mesma problemática.

Deste modo, elaborou-se a seguinte questão de estudo: “Como se relaciona a qualidade das aprendizagens, com a motivação e os interesses dos/as estudantes, quais as estratégias que os/as professores/as adotam e qual o papel da relação docente-aluno”.

Para melhor entender o tema, definiram-se as seguintes questões orientadoras:

Q1. Como se associa a motivação com as aprendizagens adquiridas.

Q2. De que modo os interesses das crianças potenciam a sua motivação.

Q3. Que estratégias utilizam os docentes para motivar as crianças a aprender.

Q4. Quais as disciplinas que as crianças mais gostam de brincar/estudar e as que menos gostam.

Q5. Quais os fatores que influenciam a motivação.

Q.6 Qual o papel do professor na promoção da motivação?

Q.7 De que forma o ambiente e a organização em sala promovem a motivação?

3. Revisão de Literatura

Neste segmento é clarificado as ideias teóricas que fundamentam a parte investigativa deste relatório, tendo por base o tema: a motivação e a fragmentação desta em motivação intrínseca e extrínseca e por fim a relação entre o ensino e aprendizagem e a motivação. Esta revisão de literatura é sustentada na visão dos autores lidos e posteriormente citados sobre os temas já mencionados.

3.1 Definição de Motivação

Ao longo dos anos, a motivação das crianças tem sido tema de curiosidade, debate e de controvérsia, bem como tema de estudo para descobrir como se pode motivar uma criança que não tem interesse pela escola, nem pelos conteúdos que está a abordar em sala de aula, desta forma existem vários autores que definem o conceito de motivação (Huertas, 2001; Moraes & Varela, 2007; Santrock, 2009; Siqueira & Wechsler, 2006; Tapia & Fita, 2015).

Segundo Tapia e Fita (2015) a motivação é muito importante na aprendizagem das crianças, mas não se trata de algo que possa ser abordado de forma leviana, pelo contrário trata-se de um processo duradouro, complicado e que tem de ser analisado consoante o contexto em que se apresenta de modo a que as crianças mantenham a vontade e o gosto em aprender. Os mesmos autores defendem ainda, que existe sempre uma forma de promover a motivação das crianças, podendo esta ser incitada pela própria criança ou por meio de fatores externos à mesma. Bzuneck (2000, citado por Moraes & Varela, 2007) definem motivação como tudo o que faz um indivíduo mudar de direção ou de ação e para complementar esta ideia Siqueira e Wechsler (2006, p. 21) dizem que “o termo motivação é derivado do verbo em latim “movere””. Esta mudança é para Huertas (2001) influenciada por diversos constituintes afetivos e emocionais, uma vez que é desta forma que o indivíduo gere as suas ações de modo a

motivar-se. Santrock (2009) fundamenta ainda a opinião dos autores anteriores, na medida em que salienta que a motivação é o que move a pessoa a praticar alguma ação, sendo esta facilitadora e promotora no término de uma tarefa. O mesmo autor acrescenta ainda que a motivação é a energia mental que o ser humano requer para iniciar qualquer atividade. Tapia (2015) fala que a motivação relaciona duas fontes indissociáveis uma da outra, primeiramente a natureza do indivíduo e o ambiente em que uma atividade é aplicada. De acordo Pereira (2010), quando um indivíduo está disposto a realizar alguma aprendizagem de forma autônoma e satisfatória, chama-se motivação. Já Fita (2015) defende que a motivação é o motor de arranque que ativa um conjunto de elementos de modo a permitir à pessoa alcançar um determinado objetivo.

A motivação é tudo aquilo que leva a pessoa a agir de determinada forma podendo esta ser provocado por um impulso interno, através de processos mentais do próprio indivíduo, ou provocado por um estímulo externo, proveniente do ambiente em que se insere, (Chiavenato,1998). No mesmo sentido, Solomon (1982) afirma que para que seja alcançada a motivação, o indivíduo tem de ter vontade e desejo de sucesso nas suas ações, podendo ser esta incentivada por uma disposição interna para ultrapassar barreiras quando os padrões são de excelência.

Oliveira (1999, citado por Simão, 2005) salienta que para uma criança obter bons resultados escolares, é necessário que a mesma esteja motivada para tal e para isso destaca a importância de um bom e harmonioso ambiente escolar, de modo a promover o interesse, curiosidade e as aprendizagens da mesma. Por sua vez, Moraes e Varela (2007), destacam que a motivação é o que permite iniciar a ação do próprio indivíduo, é esta que rege a própria vontade nas atividades do seu dia-a-dia, desde as suas próprias aprendizagens, ao convívio social, aos afetos, entre outros. A motivação, na opinião de Balancho e Coelho (1996) trata-se de um processo que estimula o indivíduo a ter uma atitude ou comportamento de modo a que o mesmo realize uma atividade.

De acordo com Engelmann (2010), a motivação permite ao indivíduo obter determinados comportamentos (sendo eles bons ou maus), incitados pela situação/problema que enfrenta. Assim, tal como refere Ajello (citado por Pereira, 2010), o autor considera a motivação como um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem de qualquer indivíduo uma vez que em contexto educativo um aluno motivado tende a ter uma postura que o leva a estar disposto a aprender autonomamente. Para outros autores como Deci e Ryan (2000, citados por Azevedo, 2014), a motivação depende do nível de prazer e de curiosidade que cada tarefa/ação desperta interiormente em cada indivíduo, ou seja, as pessoas podem estar

motivadas e agir com o intuito de conseguir algo porque atribuem valor e interesse nessa atividade. De outra forma, se não houver um estímulo presente, ou se houver um incentivo como base numa recompensa, ou com base no medo ou do reforço negativo (como por exemplo os castigos), o indivíduo apenas cumpre a tarefa por estar intimidado ou por querer a recompensa que lhe foi atribuída com a realização da mesma e não pelo simples prazer de a fazer.

O ser humano depende das suas capacidades psicológicas para tudo e são estas que promovem a sua integração social, o seu desenvolvimento social e o seu bem-estar (Murcia & Coll, 2006). Deste forma, o ambiente tem um papel crucial no que toca a essas capacidades psicológicas, pois este irá estimular por si só as mesmas, aumentando assim a sua motivação, autonomia, competências para realizar a tarefa. (Vallerand, Pelletier & Koestner, 2008)

Segundo Lourenço e Paiva (2010), designam motivação como sendo um sistema mental, que existe no interior do indivíduo, incentivando-o a agir, salientam ainda a importância de motivar os seus alunos com base nos seus interesses em qualquer atividade apresentada, para que os mesmos achem proveitosas as suas aprendizagens, diminuindo assim a hipótese de desmotivação.

A motivação que um aluno tem quando repetidamente obtém boas notas, faz com que o mesmo ganhe conforto e segurança permitindo que este se esforce sempre para que continue nesse registo. Já o contrário pode ter a tendência para desmotivar ao longo do processo, ou seja, um aluno que não consiga atingir as metas e os resultados pretendidos pode ter tendência a desmotivar, estudando por obrigação, de modo a passar de ano e não pelo prazer de estudar (Tapia & Montero, 2004). Desta forma, para Stipek (2002), uma criança que se encontra motivada, valoriza as suas aprendizagens e o seu sucesso escolar conseguindo assim arranjar estratégias para atingir certas metas eficazes para um bom desempenho escolar. Sternberg (2000) comprovou o que os outros autores referiram acima, uma vez realizados estudos descobriu que os alunos com rendimento escolar baixo, acabam por desmotivar muitas das vezes porque não planeiam nem organizam os seus estudos, o que dificulta a forma como tentam resolver os problemas, não utilizando de forma adequada os seus conhecimentos e habilidades.

De acordo com Fontaine e Ventura (2002) a utilização de estratégias diferenciadas, promovem as aprendizagens ajudando na compreensão de conteúdos, fomentando a motivação e estimulando o desempenho escolar de cada criança para que assim este seja mais rico e estimulante. Assim sendo, Souza e Brito 2008, (citado por Azevedo, 2014) defendem que o sucesso escolar dos alunos não depende apenas

das suas capacidades cognitivas e sim de fatores efetivo-motivacionais como a responsabilidade e o autoconceito do aluno, que juntamente com todo o processo de aprendizagem, fazem com que influenciem os seus resultados académicos.

Relativamente ao modo como a motivação pode influenciar o percurso escolar das crianças, para Nunes, Miranda e Almeida (2013), os alunos menos motivados manifestam resultados escolares mais baixos, já os alunos mais motivados, revelam o oposto. No mesmo sentido, para Alcará e Guimarães (2007) salientam a importância de haver crianças motivadas pois desta forma as mesmas interessam-se pelas suas próprias aprendizagens, procurando cada vez mais novas formas de recolher conhecimentos, mostrando satisfação e entusiasmo nas atividades que realizam. Desta forma, os mesmos autores realçam a importância da relação existente entre a motivação e processo de ensino e aprendizagem, bem como o envolvimento da própria criança.

O contexto escolar é um ambiente onde as crianças dispõem das mais vastas vivências e estas podem levar a uma alteração do comportamento da criança de forma positiva ou negativa por algumas propriedades como: o rendimento, a motivação, o autoconceito e responsabilidade nas atividades da escola (Jasnoz 1997, citado por Archambault, 2006). Por outro lado, a desmotivação existente relativamente ao contexto escolar é frequente e pode-se identificar de variadíssimas formas, tais como: fraco empenho na execução das suas tarefas, diminuição da participação nas aulas e o pouco tempo que as crianças despendem para estudar pode provocar conseqüentemente a desmotivação e o interesse pela escola (Jesus & Abreu, 1993). Os esforços realizados pelos indivíduos para atingir um determinado objetivo ou meta caracterizam-se por motivação. Quando não existe este esforço por parte dos mesmos, acabam por se desmotivar e desinteressar sendo necessário combater este seja combatida o docente deve tentar sempre informar-se com a família e utilizar estratégias de modo a conhecer os interesses e gosto dos seus alunos, não se limitando apenas a fazer uma observação direta da rotina da criança, deste modo o docente pode avaliar os comportamentos que levam a uma criança estar motivada ou desmotivada (Ruiz, Leite & Lima, 2002).

Santrock (2009), diz-nos que para melhor compreendermos o conceito de motivação, temos de abordá-lo segundo quatro perspetivas: a comportamental, a cognitiva, a humanista e a social: o conceito de motivação segundo a perspetiva comportamental, evidência os estímulos externos como promotores de motivação. Estes estímulos extrínsecos podem ser presentes ou castigos que tendem em incitar os indivíduos para uma mudança de comportamento. Na perspetiva cognitiva de Santrock (2009), o aluno é o centro da aprendizagem e é ele que tem controlo do seu rendimento

escolar, conseguindo assim criar uma motivação intrínseca de modo a alcançar o sucesso, a delinear objetivos e monitorizá-los tendo em atenção o progresso feito. A perspetiva humanista relaciona-se com o poder que um individuo tem no seu desenvolvimento pessoal, pois é este que toma as suas decisões consoante a sua vida e as suas necessidades básicas, uma vez que estas necessidades não estejam em conformidade com o individuo, este não se sentirá motivado para continuar uma ação. Por fim, no conceito de motivação segundo a perspetiva social do mesmo autor dá destaque à necessidade que os alunos têm de se sentirem peça fundamental do mundo que os rodeia, e principalmente aceites pela própria sociedade. Para Fontaine (2005), isto deve-se a um comportamento motivado pelo próprio meio social que está diretamente ligado a processos cognitivos do próprio sujeito, havendo uma relação simbiótica entre ambos, uma vez que são estes processos que permitem perceber, interpretar, selecionar e usar informação que obtém do exterior. Sampaio (2009), reforça ainda que a motivação é um fator interno que é influenciado também pelo exterior, onde estão localizados os objetivos de satisfação dos desejos, e que é mediado pela consciência de si próprio e dos outros e pelas relações sociais que estabelece.

3.1.1 Motivação Intrínseca

Como foi referido anteriormente, uma pessoa pode ser motivada de duas formas: intrinsecamente, através de estímulos intrínsecos (interiores) e extrinsecamente, através de estímulos extrínsecos (exteriores). Chiavenato (1999, citado por Ricardo 2011) considera que esses estímulos controlam a conduta de um individuo impulsionando a agir de determinada maneira de modo a atingir um objetivo.

Relativamente à motivação intrínseca, está diretamente ligada ao interesse genuíno na própria atividade, por parte do individuo que a pretende realizar, realizando-a de forma prazerosa e não para poder obter recompensas. Esta motivação pode ser considerada independente, na medida em que funciona autonomamente, suportando um tipo concreto de antecipações de metas e um conjunto de crenças e atitudes (Huertas 2001). O mesmo autor destaca ainda que um individuo intrinsecamente motivado rege-se naturalmente por alguns fatores como: autodeterminação, competência e satisfação em fazer algo próprio e familiar.

A motivação em contexto escolar, Neves e Boruchovitch (2004) frizam que este tema é de grande importância, pois é a motivação intrínseca que leva os alunos a quererem estudar, aprender e a fazer os seus trabalhos, pelo simples facto de os mesmo

lhes darem gosto e prazer ao realizá-los. Este fator interno irá influenciar qualquer comportamento do aluno e conseqüentemente o seu desempenho escolar, tornando-se assim um ponto importante a realização de várias pesquisas, para perceberem como a desmotivação pode levar ao insucesso escolar das crianças que não tem o gosto e o prazer de estudar (Lourenço & Paiva, 2010).

Segundo Fita e Tapia (2015), quando os conteúdos de uma dada disciplina despertam num aluno uma vontade e interesse em aprender, este quererá pesquisar e investigar mais sobre os mesmos, provocando-lhe assim um gosto em querer sempre saber mais e permitindo ultrapassar obstáculos que possam na sua aprendizagem, de forma autónoma. O estudante ao dominar alguns conteúdos aprendidos e tendo êxito com essas aprendizagens terá maior uma maior autoestima o que permitirá a estar em constante motivação durante as suas aprendizagens.

Para Bzuneck (2004, citado por Moraes & Varela, 2007) a motivação intrínseca é a escolha determinada de um aluno, realizar uma atividade só pelo simples facto de esta ser interessante, atraente ou, de alguma forma geradora de satisfação. O mesmo autor realça ainda que um aluno que seja provido de motivação intrínseca, participa na tarefa pelo simples facto de aprender e de ter o gosto de aprender, tornando-se assim a tarefa, na sua principal recompensa, não sendo necessários fatores externos para que este a realize. A motivação intrínseca não é algo que possa ser ensinado ou treinado, estas vêm do íntimo de cada pessoa, mas esta pode ser influenciada pelas atitudes e ações do professor ou da figura paternal/maternal, sendo que deste modo, é importante que estes tenham influencias positivas para que o individuo tenha sucesso nas suas aprendizagens. Moraes e Varela (2007), realçam esse ponto de vista na medida em que dizem a motivação intrínseca do aluno não é assegurada através de treino ou de instrução, mas é influenciada pelo professor. Se as influencias do professor forem corretas e se forem percebidas pela criança, esta irá interiorizar e melhorar a sua prestação, levando-a a ter uma boa autoestima e também a aumentar a sua motivação intrínseca.

Neste sentido Neves e Burochovitch (2004) sustentam as mesmas afirmações referindo que a motivação intrínseca centra-se no sujeito como o principal elemento, capaz de realizar e de ser persistente em relação a uma tarefa que por si só o satisfaz. Deci e Ryan (1985) reforçam ainda que a motivação intrínseca pode ser influenciada por estímulos que não fazem parte da tarefa, como recompensas materiais e sociais (Neves & Burochovitch, 2004), que acabam por instigar o individuo à realização da mesma. Desta forma, os estudos realizados por Ricardo (2011) demonstram que

quando os alunos se sentem intrinsecamente motivados conseguem ser mais autodeterminados, e fazem atribuições internas do resultado de atividade. Tapia e Luengo (1999, citados por Tapia & Montero, 2004) reforçam ainda que o valor que o aluno atribui à tarefa, aprende por que é útil e porque é vantajoso para a sua aprendizagem, este vai aumentar o esforço projetado e o interesse pela tarefa vai ser cada vez maior.

Segundo a perspectiva Ryan e Deci (2000, citados por Azevedo, 2014) estar intrinsecamente motivado significa que o indivíduo possui características internas que o levam a querer realizar a tarefa por seu belo prazer e satisfação. Deste modo, uma pessoa intrinsecamente motivada irá obter maiores e melhores aprendizagens, de forma mais enriquecedora. É também possível que um aluno motivado intrinsecamente se empenhe mais na tarefa, despendendo de um esforço mental maior, de modo a elaborar pensamentos e pesquisas cada vez mais aprimoradas (Roja, 2008).

Do ponto de vista de Burochovitch e Guimarães (2004) um aluno motivado intrinsecamente para além de ter gosto em realizar a tarefa é o próprio que orientada a mesma por si próprio, a fim de executar as tarefas que lhe são desafiadoras e interessantes. Essa tarefas são associadas ao prazer que aluno sente em relação ao seu sucesso (Silva, 2016). Portanto, existe motivação intrínseca quando o aluno realiza as atividades propostas sem qualquer recompensa externa ou pressão (Guimarães, Bzuneck & Sanches, 2002).

De uma forma geral, a motivação intrínseca tem sido associada a melhores resultados de aprendizagem e ao uso de estratégias de aprendizagem de processamento profundo da informação, quando comparada à extrínseca (Boruchovitch, 2008).

3.1.2 Motivação Extrínseca

Segundo Knuppe (2006), a motivação extrínseca está diretamente ligada às rotinas e vivências que os indivíduos passam e que influenciam os mesmos a uma mudança de comportamento. Guimarães, Bzuneck e Sanches (2002), definem que tudo o que é exterior à atividade e que influencia o aluno a realiza-la sem ser por vontade própria recorrendo a estímulos para aliciar ou sancionar o mesmo, é designado de motivação extrínseca. Estes reforços podem ser por parte dos professores ou dos cuidadores, com o intuito de motivar e elevar a autoestima do indivíduo. Da mesma forma, Oliveira e Oliveira (1996) reforçam que um aluno motivado extrínsecamente

realiza as tarefas que lhe são propostas, não pela vontade de aprender ou pelo seu sucesso, mas sim por existir uma recompensa ou reforço vindo do professor, dos colegas ou até mesmo de familiares.

Noutra perspetiva a utilização da motivação extrínseca através das recompensas ou punições pode ter o efeito contrário àquele para o qual ela é promovida, ou seja, ao motivar um aluno com estímulos externos, este pode deixar de se interessar pela atividade e não efetuar as aprendizagens corretamente, realizando a atividade apenas por saber que vai ser recompensado (Tapia & Luengo 1999, citado por Tapia & Montero, 2004). Deste modo, o aluno só se irá esforçar se a tarefa lhe proporcionar benefícios (Leeper, Keavney, & Drake 1996, citado por Tapia & Montero, 2004).

Huertas (2001, p. 281), diz-nos ainda que “quando a finalidade da ação, a meta, e o propósito têm a haver com uma contingência externa, com uma promessa de um benefício tangível e exterior, se fala de motivação extrínseca. Pode-se dizer então que a motivação extrínseca é aquela que vem de fora, e está associada à matéria, à remuneração, ao ter.”

Segundo Moraes e Varela (2007), referem que o incentivo por parte dos pais e conhecidos são considerados como reforço externo, incentivando assim a motivação. De outra forma, uma criança que dúvida das suas capacidades e competências, necessita de um incentivo e estímulo maior, para que possa melhorar o seu desempenho e a sua autoestima, de forma a que esta consiga ver que tem habilidade para tais tarefas. Uma criança que é pouco determinada nas suas ações não possui características internas que o possibilitem de realizar a ação por sua própria iniciativa e interesse, desta forma interessa-se pelo que irá privilegiar com a realização da mesma e não pela ação em si (Deci & Ryan, 1985; Messias & Monteiro, 2009; Ryan & Deci, 2000). Para contrariar essa ação, o papel do adulto é fundamental para que a criança melhore a sua autoestima, desta forma o adulto deve ter uma performance positiva de modo a que a criança acabe por descobrir a sua motivação interna (Moraes & Varela, 2007).

Deste modo, é importantíssimo motivar o aluno intrínsecamente, não desvalorizando a recompensa ou o reforço positivo em determinadas situações escolares, ou seja, ativando a motivação extrínseca do aluno (Martins, 2011).

3.2 Ensino-aprendizagem da Motivação

Perraud (2013), define o conceito “aprendizagem” como todas as atividades/ações que o sujeito realiza e retira e tem a capacidade de adquirir conhecimentos das mesmas. O mesmo autor refere ainda que é algo experienciado por qualquer sujeito em qualquer contexto, seja em contexto escolar, profissional, quer seja no seu dia-a-dia. Neste sentido, qualquer ser humano independentemente do contexto em que se encontra, está sempre em constante aprendizagem. Lakomy (2008) refere-se ao conceito de aprendizagem, como um conjunto de vários processos que relacionam vários temas particulares. Assim sendo, para Bock, Furtado e Teixeira (2001) as aprendizagens significativas só se realizarão se nelas estiver presente uma peça fundamental, a motivação. A relação existente entre estas duas vertentes tem de ser uma relação próxima, para que seja funcional e que se atinja o principal objetivo a apropriação de conhecimento (Lourenço & Paiva, 2010). Fonseca (2008), diz-nos ainda que para um aluno aprender e conseguir aprendizagens significativas é necessário que este esteja interessado, motivado e que não exista apenas um estímulo apropriado, mas também alguma vontade própria do organismo.

Segundo Tapia (1997, citado por Tapia & Montero, 2004) para que haja a aquisição de aprendizagens as crianças tem de estar motivadas e para que isso aconteça existe três fatores que promovem ou não essa motivação: a compreensão do propósito da atividade e o porquê ter de se cumprir certas metas e objetivos, a possibilidade de conseguir ou não superar as dificuldades sentidas com a tarefa, conseguindo chegar ao resultado pretendido, e por fim, a vontade que as crianças despendem para a realização da atividade.

Para Lourenço e Paiva (2010) há alguns fatores que influenciam a aprendizagem, como a inteligência, a motivação, o incentivo e a hereditariedade. Por sua vez, Neves e Boruchovitch (2004, citados por Ricardo, 2011), salientam que o processo de aprendizagem para além de ser influenciado pela motivação, como mencionado anteriormente, é também influenciado pela memória, pelo afeto e pela cognição.

Para Azevedo (2014) mesmo um aluno com um nível de aprendizagem superior se não tiver vontade e interesse em aprender este não irá realizar aprendizagens significativas, desta forma para o mesmo autor a motivação é uma peça fundamental na aprendizagem de qualquer ser sujeito. Muitas das vezes a motivação é associada inconscientemente ou conscientemente à facilidade ou dificuldade em aprender algum conteúdo e por isso é que o sucesso ou fracasso nos processos de ensino-

aprendizagem são resultados diretos das condições da motivação (Bock, Furtado, & Teixeira, 2001).

Para que um aluno consiga estar totalmente envolvido no seu processo de ensino e aprendizagem obtendo os resultados pretendidos, este empenhar-se-á nas atividades que lhes serão apresentadas, não desistirá à primeiro obstáculo, persistindo nos desafios que enfrenta, conseguirá arranjar estratégias de forma a orientar e gerir o seu estudo e em todas estas fases o aluno sentirá prazer em aprender (Guimarães, 2002; Lourenço & Paiva, 2010), pois segundo Boruchovitch (1999) deve-se utilizar estratégias de aprendizagem adequadas a cada aluno, de forma a melhorar os processos de aquisição, armazenamento e conhecimento, bem como a eficácia e o desempenho do aluno. Rojas (2008) diz ainda que a motivação tem impacto na forma de pensar e conseqüentemente na aprendizagem de cada individuo, e desta forma as orientações motivacionais diferem de pessoa para pessoa e tem conseqüências diferentes na aprendizagem.

As aprendizagens devem possibilitar ao aluno o desenvolvimento das suas próprias capacidades, de forma a que se tornem mais competentes e que possam disfrutar mais das mesmas (Tapia & Montero, 2004). Infelizmente nem sempre isto acontece, pois, os alunos desmotivados acabam por apenas realizar tarefas por motivos externos à mesma e não pelo gosto em aprender. Por conseguinte, a aprendizagem constitui assim uma mudança de comportamento que pode assumir diferentes características e resulta da experiência de cada indivíduo (Fonseca, 2008). Brophy (1983), diz ainda que o desempenho escolar de uma criança deixa de ser eficiente quando esta, não nutre motivação, ou quando tem níveis muito baixos ou muito elevados, acabando assim por ser pouco eficiente nas tarefas.

A aprendizagem escolar está diretamente ligada à motivação intrínseca pois é esta que facilita a aprendizagem do aluno e por conseqüentemente o seu desempenho, pois é o próprio aluno que toma iniciativa de se envolver nas atividades que lhe permitem melhorar as suas habilidades. Desta forma, o aluno ao realizá-las consegue concentrar-se no cerne das atividades, investigando novas informações de modo a enriquecer o seu conhecimento, gerindo estas com as conceções prévias que já tinha a cerca da mesma tarefa. Assim sendo, um aluno quando se sente motivado intrinsecamente consegue captar mais facilmente os conteúdos aprendidos e sente-se mais confiante e satisfeito pelas suas conquistas e progressos (Silva, 2016).

Por fim, é importante e necessário referir que enquanto professores e adultos responsáveis pelas aprendizagens das crianças, devemos ajudar a orientar as mesmas

para métodos de estudos eficazes e específicos a cada um, de modo a aumentar o uso eficaz dessas mesmas aprendizagens (Pinto, 1998), pois sem motivação não há aprendizagens significativas (Sousa, Lima & Medeiros, 2009).

4. Metodologia da investigação

Este capítulo apresenta toda a metodologia que enquadra o estudo elaborado, permitindo dar resposta à questão inicial enunciada, recolhendo dados de um grupo de crianças do jardim de infância e do 1º ciclo, bem como as suas educadoras e professoras.

Segundo Sousa e Baptista (2011, p. 52), “A metodologia de investigação consiste num processo de seleção da estratégia de investigação, que condiciona, por si só, a escolha das técnicas de recolha de dados, que devem ser adequadas aos objetivos que se pretendem atingir”. A investigação em curso é sustentada por uma metodologia de natureza mista, uma vez que foram utilizados métodos qualitativos no desenho da pesquisa, através de entrevistas realizadas às docentes das duas valências e quantitativos, com a elaboração de inquéritos feitos às crianças, desta forma pretende-se responder às questões orientadoras colocadas anteriormente.

4.1 Tipo de Investigação

Como foi referido no tópico anterior de uma forma mais genérica, esta investigação é de carácter misto, uma vez que foram elaboradas metodologias qualitativas e quantitativas, de modo a criar dados que possam sustentar e dar resposta à questão inicial desta investigação, que tem como título “A influência da motivação nas aprendizagens em crianças na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico”.

Para Coutinho (2018) a perspetiva qualitativa não se centra nos comportamentos da sociedade, mas sim nos seus propósitos permitindo assim investigar ideias, comportamentos dos indivíduos em estudo e nas suas interações em sociedade. Para isso realiza-se a investigação com base na análise de dados recolhidos, suportando-a com a observação e interpretação que se faz dos sujeitos e não apenas nas suposições do investigador (Miles & Huberman, 1994).

Segundo Coutinho (2018) a perspetiva quantitativa de uma forma conceptual, tem por base o estudo de conjunturas e eventos observáveis, bem como a análise dos comportamentos sociais e afetivos de um indivíduo de modo que, os mesmos sejam comparados e medidos durante todo o processo da investigação empírica.

Serrano (1998) refere que o estudo quantitativo abrange estritamente a realidade que se pretende estudar uma vez que os objetos usados para o efeito, têm de ser observáveis, quantificáveis e mensuráveis, tornando assim o estudo mais complexo e pormenorizado. O mesmo autor refere ainda que desta forma “adequa-se o objeto de estudo ao método e não o método ao objeto de estudo”.

4.2 Instrumentos de recolha de dados

Na recolha de dados necessários para a investigação em curso, utilizou-se nos dois contextos três tipos de instrumentos, primeiramente entrevistas semiestruturadas a cada docente e educadora, seguido de inquéritos e desenhos realizados pelas crianças.

Uma entrevista semiestruturada é realizada tendo por base um guião de perguntas no qual o entrevistador se rege durante toda a entrevista permitindo uma orientação e organização durante a mesma, podendo estas serem complementadas com outras perguntas que surjam durante a mesma e à medida que o entrevistado elabora o seu discurso de forma livre sem que as respostas estejam sujeitas a um padrão de alternativas (Manzini, 1990/1991). Para o mesmo autor as perguntas elaboradas no guião devem atingir os objetivos pretendidos com a entrevista.

As **entrevistas semiestruturadas** que foram realizadas nesta investigação, têm como ponto de partida um guião com perguntas elaboradas (anexo II) segundo os blocos de interesse, ou seja, segundo temas que vão ao encontro da questão inicial e das questões orientadoras. Os blocos estiveram divididos em: o bloco I destinava-se à apresentação da entrevistadora, introduzindo o tema do relatório e o que se pretendia com a investigação em curso, o bloco II correspondia à caracterização do entrevistado, o bloco III era referente a questões que tinham por base o tema motivação, o bloco IV aos interesses, o bloco V questões direcionadas às aprendizagens, o bloco VI questões sobre o ambiente em sala de aula e por fim o bloco VII destina-se ao término do guião onde ocorre o fecho da entrevista.

Durante as entrevistas às educadoras e professoras, o guião foi respeitado embora tenham surgido alguns conteúdos diferentes em cada entrevista, pois as experiências vividas são diferentes de docente para docente. Segundo Alves e Silva (1992) este tipo de entrevista permite que haja um discurso fluente e uma dinâmica fluída durante a mesma promovendo assim uma formulação flexível das questões, bem como a elaboração de novas perguntas durante a conversa de modo que evoquem ou suscitem particularidades do pensamento do entrevistado face à temática abordada.

Relativamente aos **inquéritos** elaborados, foram realizados dois tipos de inquéritos: um para as crianças do jardim de infância em salas de 4/5 anos em que também tinham algumas crianças com 6 anos (anexo VII) e outro inquérito para crianças do primeiro ciclo do 3º e 4º ano de escolaridade (anexo VIII). Ambos os inquéritos continham as mesmas perguntas embora que adaptadas aos tipos de valência em que foram apresentados.

Estes inquéritos foram elaborados tendo por base nos mesmos blocos que foram utilizados no guião das entrevistas. As questões deste inquérito eram compostas tanto por questões de carácter aberto que permitiam à criança expressar-se livremente sobre o assunto apresentado, bem como por questões de carácter fechado onde as crianças teriam de, ou dar respostas mais curtas e sucintas, ou escolher entre algumas opções de resposta consoante a temática abordada. Segundo Coutinho (2018) os inquéritos são um tipo de questionário que é utilizado quando se necessita de analisar um grande grupo de indivíduos de modo caracterizar-se traços e opiniões desses mesmos indivíduos consoante o objetivo que se pretende com o inquérito, deste modo constroem-se amostras probabilísticas analisando os dados obtidos.

É de salientar que estes inquéritos foram elaborados e aplicados durante a pandemia devido à COVID-19, onde todos os estabelecimentos de ensino estavam a lecionar à distância através de aulas online e deste modo os inquéritos foram entregues às educadoras e professoras para que estas pudessem realizá-los aos alunos, deste modo é possível que se encontre algum enviesamento resultante do facto de os inquéritos terem sido aplicados por pessoas diferentes. Relativamente aos inquéritos realizados especificamente a duas das três salas de jardim de infância, estes foram efetuados pelos pais das próprias crianças, uma vez que na altura em que foram solicitadas as instituições estavam encerradas devido ao confinamento e as educadoras não mantinham contacto com as suas crianças para os poder preencher.

Em complemento aos inquéritos realizados, foi solicitado às crianças que elaborassem dois desenhos com os seguintes enunciados: desenho A - “Desenha como te sentes aos saberes que vens para a escola todas as manhãs.” (anexo XI e anexo XII) e o desenho B - “Desenha o que mais gostas de aprender na tua sala” (anexo XIII e XIV). Para Bombonato e Farago (2016) os desenhos das crianças não podem ser observados e analisados como apenas criações artísticas das mesmas, mas sim formas que as crianças têm para se expressar particularmente quando ainda não conseguem utilizar a fala e a escrita para o fazer. É através do desenho infantil que a criança procura traduzir os seus pensamentos, o mundo à sua volta e expressar as suas próprias emoções. O desenho infantil é, por isso, uma importante ferramenta de comunicação, permitindo compreender o seu desenvolvimento cognitivo, emocional

e social. Por estes motivos, o desenho infantil é determinado como uma técnica privilegiada para avaliar e intervir com a criança. Desta forma, após a realização dos desenhos foi pedido às crianças que explicassem o que tinham registado no mesmo.

4.3 Participantes da Investigação

Esta investigação centrou-se nos contextos de Educação Pré-escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo como participantes desta amostra 44 crianças do jardim de infância, com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos de idade (sete com quatro anos de idade, seis com seis anos, uma com três anos e 30 crianças com cinco anos de idade) e 34 crianças do 3º e 4º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos de idade (16 com oito anos de idade, dez com nove anos, seis com dez anos e apenas duas crianças com 11 anos de idade). É de salientar que foram realizados inquéritos e solicitados desenhos a três salas de jardim de infância e a duas salas de 4 ano de escolaridade.

Relativamente às entrevistas efetuadas, foram escolhidas três educadoras de instituições diferentes, sendo que duas eram de instituições públicas e apenas uma delas lecionava numa IPSS. Já as duas professoras de 1.º Ciclo escolhidas para a realização das entrevistas lecionavam em escolas públicas. Ressalto ainda que as docentes escolhidas trabalhavam diretamente com as crianças inquiridas.

As educadoras participantes no estudo tinham entre 23 a 29 anos de serviço e as três lecionavam grupos heterogéneos, isto é, grupos com várias faixas etárias. As professoras entrevistadas eram docentes com 19 e 30 anos de serviço ambas a lecionar o 4º ano de escolaridade.

4.4 Procedimento de recolha e tratamento de dados

Para a recolha de informação e dados foram utilizados vários instrumentos, como já foi referido anteriormente. Chizzotti (2006) defende que se pode utilizar quaisquer metodologias na leitura e análise dos documentos recolhidos sendo que deve-se escolher o método mais eficaz e mais indicado para a análise do mesmo. Primeiramente, para a realização das entrevistas entrou-se em contacto com as educadoras e professoras através de email e contacto telefónico, de modo a explicar o que se pretendia com a entrevista, agendar a reunião e tirar alguma dúvida às mesmas, caso fosse necessário. Foi referido inicialmente que os dados seriam utilizados apenas para efeito de investigação académica e em toda a informação recolhida não seria comprometida a entidade da própria entrevistada, bem como a instituição onde leciona. Todo este processo teve a ajuda de um gravador, de forma a gravar toda a entrevista

para posteriormente com essas mesmas gravações, efetuar as transcrições das respectivas entrevistas. As educadoras entrevistadas têm entre 23 a 29 anos de serviço, enquanto as duas docentes entrevistadas têm 19 e 30 anos de serviço, sendo que apenas uma das educadoras trabalha numa IPSS enquanto que as restantes educadoras e professoras trabalham em instituições públicas.

Após feitas as transcrições das entrevistas (anexo III e anexo IV) estas foram analisadas ao pormenor e de acordo com os respetivos métodos de análise de conteúdo. Segundo Vergara (2005) ao analisar os conteúdos dos dados obtidos, estamos a identificar o que é dito sobre um certo tema por um ou vários indivíduos. Já Bardin (1977) define análise de conteúdos como: “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. Deste modo, as entrevistas foram lidas e revistas, agrupando as respostas dadas pelas entrevistadas em categorias com cores diferentes, permitindo assim facilitar a análise das mesmas. Segundo Bardin (1977) ao realizar uma categorização, permite-se relacionar conteúdos comuns e estabelecer ligações de raciocínio lógico. Foi com base neste pensamento que se separou a análise das entrevistas em duas partes, primeiramente a análise das educadoras (anexo V) e posteriormente a análise das professoras de 1.º ciclo (anexo VI), sendo que as categorias utilizadas em cada tabela estão em conformidade com as respostas dadas por todas as entrevistadas. Estas tabelas foram divididas por blocos, por excertos das entrevistas e pela análise do que cada professora ou educadora referiu relativamente aos conteúdos expressados nos blocos.

Outro dos métodos de recolha de dados utilizados nesta investigação foram os inquéritos realizados às crianças de jardim de infância e do 1.º ciclo, as crianças inquiridas escolhidas foram as mais velhas de cada valência, com o propósito de entender de que forma a motivação influencia as aprendizagens das mesmas. Estes inquéritos continham perguntas relacionadas com as temáticas abordadas nesta investigação e pretendia perceber a perspetiva das crianças relativamente ao papel da professora/educadora em sala, quais as disciplinas que as mesmas mais gostavam de estudar ou quais as áreas que mais gostavam de brincar, de que forma o ambiente em sala influencia as aprendizagens, qual o nível de motivação das crianças em certas atividades e qual o papel que a família desempenha no ensino e educação da criança. Estes inquéritos foram elaborados através da plataforma google forms e preenchidos pelas crianças através da mesma. Ao realizar estes inquéritos através desta plataforma, permitiu assim uma recolha de informação e tratamento de dados mais facilitada, uma

vez que esta ferramenta elabora automaticamente os gráficos com as respostas dadas pelas crianças, permitindo em seguida uma análise mais pormenorizada dos resultados.

Por fim, solicitou-se ainda às crianças a elaboração de dois desenhos com base em dois enunciados, o desenho A (anexo XI e anexo XII): “Numa folha branca à parte, desenha como te sentes aos saberes que vens para a escola todas as manhãs.” e o desenho B (anexo XIII e anexo XIV): “Noutra folha branca, desenha o que mais gostas de aprender na tua sala.”. Estes desenhos permitiram recolher mais informações a cerca da temática trabalhada que podiam não ter sido recolhidas caso se realizasse apenas os inquéritos às crianças. Para Derdyk (1989) a criança não desenha simplesmente pelo prazer de desenhar, mas sim porque o desenho é uma forma espontânea da criança comunicar, de se expressar, de transmitir conhecimentos e de autonomia. Os desenhos foram analisados segundo alguns autores contemporâneos que explicam as etapas do desenho infantil.

4.5 Análise e discussão de resultados

Neste tópico irão ser analisados os dados obtidos com as pesquisas elaboradas e serão relacionados com as leituras efetuadas na construção deste relatório, de modo a obter respostas à questão de investigação colocada inicialmente, bem como a todas as questões orientadoras realizadas.

Para Bardin (1977) realizar uma análise de conteúdo vai muito mais além de ser um simples processo em que se usa variados instrumentos metodológicos quer quantitativos, quer qualitativos é um processo demorado e gradual, que tem de ser acompanhado em todas etapas do seu estudo.

Como tal, esta análise a discussão de resultados é sustentada nas respostas dadas pelas professoras e educadoras nas suas entrevistas, nas respostas das crianças inquiridas (anexo IX e anexo X) nos inquéritos realizados e nos desenhos solicitados às mesmas para uma melhor compreensão da temática abordada.

Como categorias na análise das educadoras apresentaram-se: caracterização do entrevistado; curiosidades e gostos do entrevistado; experiência do educador; características da instituição onde trabalha; papel e características de um educador; características dos alunos; nível de motivação dos alunos que leciona; relação entre motivação intrínseca e extrínseca (exemplos em sala de aula); desmotivação; estratégias diferenciadas para promover a motivação; metodologias aplicadas/

atividades lúdicas e recursos dinâmicos aplicados; identificação dos interesses e gostos das crianças; relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças; relação entre motivação e interesses; definição de ensino-aprendizagem; relação entre motivação e aprendizagem; exemplos práticos de estratégias utilizadas para promover uma aprendizagem significativa; interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens; relação entre a família e a criança; relação escola-família; organização da sala tendo em conta os interesses/gostos/necessidades das crianças; relação entre a sala e as aprendizagens e por fim a relação existente entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos. As categorias apresentadas englobam algumas inicialmente previstas e outras que surgiram das entrevistas. As categorias das professoras contemplam todas as que foram mencionadas anteriormente nas das educadoras, exceto a categoria das curiosidades e gosto do entrevistado, as características da instituição onde trabalha, a organização da sala tendo em conta os interesses/gostos/necessidades das crianças e a relação entre a sala e as aprendizagens.

4.5.1 Resultados nas categorias das entrevistas

Tendo em consideração que os resultados da presente investigação apresentam dados além dos inicialmente esperados, que haviam sido questionados nas perguntas de investigação, considera-se importante iniciar este capítulo com a apresentação de resultados nas categorias que surgiram com outros temas relevantes. A educadora L.J está há 6 anos a trabalhar na mesma instituição, enquanto que as educadoras F.B e JR estão à 21 e 27 nas suas instituições. No que diz respeito às professoras, a professora A.C está há 12 anos e a C.V está apenas à três na sua instituição. Em relação aos seus percursos enquanto profissionais, maioritariamente das entrevistadas assim que acabaram as suas formações começaram a trabalhar nas instituições que ainda hoje permanecem, enquanto as restantes trabalharam em várias áreas antes de se vincularem como docentes.

Relativamente à experiência das educadoras e professoras, nesta categoria as mesmas falam um pouco sobre situações que ocorreram durante os seus percursos profissionais, as diversidades que sentiram durante este ano provocadas pela pandemia que estamos atualmente a viver, bem como alguns comportamentos erráticos por parte de colegas que lhes serviram de exemplo do que não fazer. Algumas educadoras salientam a importância de não escolarizar o pré-escolar pois é fulcral que as crianças tenham tempo para brincar e realizar aprendizagens com essas mesmas

aprendizagens. Já na perspectiva da professora A.C releva que maior parte dos seus alunos são alunos motivados para aprender, porque a própria também os tenta motivar para que isso aconteça. No entanto salienta que as aulas não podem ser sempre feitas à base dos estímulos, sobre os interesses das crianças e a promover a motivação, destaca que tem de haver um equilíbrio e principalmente que os alunos interajam em ambas as situações. A mesma professora refere ainda que é fulcral compreender os alunos, bem como perceber os seus gostos e interesses e para que deste modo possa intervir extrinsecamente ou promover motivações intrínsecas nos mesmos. Ambas as professoras realçam a importância de os professores serem exemplos para as crianças, mas isso não implica que os mesmos não têm direito a errar, sendo que o que distingue os bons professores dos maus é admitir os erros e passar bons exemplos e comportamentos padrão.

No que diz respeito ao nível de motivação dos alunos que estas docentes lecionam, as três educadoras referem que os seus grupos são grupos bastante motivados nas atividades que as mesmas propõem, mas não deixam de particularizar alguns casos em específico que em certos momentos acabam por se desmotivar ao longo do processo. As professoras também dão a mesma opinião a cerca das suas turmas e ainda partilham que quando realizam atividades que as crianças se identificam e gostam acabam por interiorizar mais facilmente os conteúdos. As duas professoras sublinham que os estímulos diferem de criança para criança uma vez que cada criança tem os seus próprios interesses e gostos. No entanto, sendo crianças da mesma faixa etária torna-se fácil de realizar atividades que as motivem porque há gostos e interesses que são comuns a todas. Por fim, ambas as professoras referem que o professor tem um papel fulcral para a motivação e o interesse dos seus alunos.

Na categoria das metodologias aplicadas/atividades lúdicas e recursos dinâmicos aplicados, as educadoras apresentaram vários exemplos de metodologias que aplicam no seu dia-a-dia nos seus grupos de crianças. Uma das educadoras fala de uma intervenção mais pormenorizada de modo a conseguir saber quais as suas dificuldades, níveis de motivação e níveis de interesse das suas crianças nas atividades. Outra das educadoras fala da promoção da entreaajuda das crianças de modo que as próprias se ajudem umas às outras, criando assim autonomia, atividades mais dinâmicas e produtivas. Já a última educadora refere que como já acompanha as suas crianças desde cedo, já sabe quais os seus interesses e gostos e por isso tem em consideração as atividades que lhes apresenta, deste modo consegue sempre captar a sua atenção. A mesma educadora salienta ainda que quando pretende que as crianças

se acalmem, opta por atividades mais calmas e relaxantes de modo a que se concentrem.

No que diz respeito à opinião das professoras relativamente a esta categoria, apenas uma falou sobre este tema, reforçando a ideia de que as aulas não devem ser sempre apelativas e dinâmicas, mas também tem de ter caráter mais tradicional, devendo sempre haver uma gestão entre ambas pois as duas são necessárias para aprendizagem. Evidência a escrita manual e a cópia como meios essenciais para aquisição e consolidação de conhecimentos, realça também a importância das artes na promoção da motivação nas crianças. A própria utiliza o Movimento da escola Moderna (MEM) e destaca o mesmo como um método eficaz para as crianças se tornarem autónomas e independentes nas suas aprendizagens promovendo também a diferenciação pedagógica. Por fim, as duas professoras salientam a importância dos recursos tecnológicos e dos jogos interativos na forma como captam a atenção e o interesse dos alunos, promovendo assim uma aprendizagem mais significativa.

Sobre a relação entre a motivação intrínseca e extrínseca, apenas duas das educadoras mencionaram esta categoria nas suas entrevistas e deram alguns exemplos de como promovem esse tipo de motivação em sala de aula. Ambas as educadoras salientam a importância da interligação das duas motivações para que as crianças adquiram ferramentas de modo a gostarem e interessarem-se por aprender. Uma das educadoras revela que muitas das vezes motiva as crianças extrinsecamente para que as próprias se consigam motivar intrinsecamente e por isso evidência a importância dos estímulos dos pais e do educador, mesmo que nestas idades a motivação intrínseca esteja muito presente.

Da perspetiva das professoras, uma destaca que pode haver motivação extrínseca sem que haja primeiramente uma motivação intrínseca, mas no entanto quando há a interligação das duas é mais fácil de a criança consolidar e validar conhecimentos, “Não tem que estar habitualmente associadas, agora para tu conseguires levar a água ao teu moinho, o barco a bom porto e realmente consolidar e fazer validar conhecimentos, se calhar é aliar as duas, se calhar é tu pensares que os miúdos gostam disto assim, assim, eu sei que eles gostam, deixa cá preparar uma aula neste aspeto”. A outra professora complementa a ideia da anterior salientando, “bem isso é variável, não é? Sendo um estímulo interno, um estímulo dum não é o mesmo para o outro, não é? Mas existem realmente atividades que são...a motivação é mais geral, ham...como por exemplo a atividade física, jogos, ham...pronto, mas é variável.”

4.5.2 Análise e discussão de resultados das questões de investigação

Após a apresentação de resultados anteriores que abordam temas que vão além das questões de investigação, passa-se então a apresentar os resultados nas questões. Relativamente à primeira questão levantada (Q1) - “Como se associa a motivação com as aprendizagens adquiridas?”, todas as entrevistadas entram em concordância na medida em que partilham da mesma opinião que a motivação potencia a aprendizagem e facilita a aquisição de conhecimentos sendo que uma criança só aprende efetivamente se estiver motivado. No que concerne à categoria sobre a relação entre a motivação e as aprendizagens adquiridas por parte das crianças e dando resposta à primeira questão orientadora as educadoras salientam que a partir do momento em que as crianças se sentem motivadas a aprender, criam a autonomia para planear o que querem aprender e como querem aprender. A educadora J.R destaca a ideia anterior com a seguinte afirmação: “Completamente! Sim! Se a criança for motivada para aprender, ham...eles está sempre...aliás eles planeiam eles próprios as suas atividades. São...chegam a um patamar em que conseguem planear eles próprios e planeiam e eles conseguem fazer no grupo, aquilo que vamos fazer a seguir, ham...”. Desta forma, as educadoras utilizam mecanismos de motivação para que as crianças gostem de aprender e não se sintam obrigadas a aprender, como podemos confirmar com os resultados obtidos pelas respostas dadas pelas crianças à pergunta “A tua educadora leva para a sala, jogos e atividades para vocês aprenderem?”, 93% das crianças responderam a opção “sim”, apenas 2% responderam “às vezes” e 55% responderam que “não”, o que demonstra que maior parte das educadoras esforçam-se para levar recursos dinâmicos e apelativos para que haja uma aprendizagem significativa por parte das crianças.

Já as professoras salientam que para motivar as crianças a aprenderem, o próprio professor tem de estar também motivado, caso contrário não ocorrerá aprendizagem, desta forma uma criança ao sentir-se motivada irá realizar uma aprendizagem significativa e irá aplicar esses mesmos conhecimentos. A professora A.C reforça ainda “É um princípio, se eles não tiverem vontade de ir para a escola, começa logo mal. Se eles dizem, se as mães dizem “ah hoje estás com febre não vais para a escola” e eles dizem “ah eu quero ir para a escola!”, é bom sinal!”, é sinal de que na escola, gostam de lá estar e de aprender. (...) Se ele (o professor) às vezes não tá motivado para dar aulas, como é pode motivar os miúdos?”. Como já foi referido, uma criança motivada tende em realizar aprendizagens significativas, mas para que isso aconteça uma criança tem de primeiramente ter gosto em ir para a escola. Com base neste fator solicitou-se às crianças que respondessem à questão “Como te sentes ao

saber que vens para a escola todas as manhãs?”, através de um desenho (produções que podemos observar no anexo XII). Podemos constatar que as crianças em jardim de infância referiram que vão felizes/contentes para a escola (N=28), tristes (N=4), que vão mais ou menos (N=4) e outras ainda referiram que muitas vezes vão com sono para a escola (N=1). As crianças do 1.º ciclo referiram as mesmas emoções que as de jardim de infância, sendo que 25 crianças responderam que vão felizes/contentes para a escola, duas vão mais ou menos felizes para escola e quatro crianças vão ensonadas para a escola. Com a recolha destas produções podemos verificar que maioritariamente das crianças vão felizes para a escola, o que nos permite calcular que gostam e se sentem motivadas em ir para a escola.

Para dar resposta à segunda questão orientadora (Q2) - “De que modo os interesses das crianças potenciam a sua própria motivação”, as educadoras e professoras referem que normalmente tentam sempre fazer uma boa gestão entre os conteúdos que tem de abordar, com o que as crianças querem e gostam de fazer, motivando-os assim a aprender. A professora A.C salienta que a motivação é um tópico muito subjetivo porque depende dos seus próprios interesses e do que leva a criança a motivar-se, segundo a mesma “o interesse e a motivação é uma coisa muito subjetiva que depende daquilo que me leva a. Imagina nós as duas podemos estar a assistir a uma aula, eu estar muito mais atenta do que tu porque diz-me mais do que a ti”, também se pode verificar esta afirmação nos dados obtidos com as respostas dadas às perguntas 10 (anexo VII) e 9 (anexo VIII) dos inquéritos realizados às crianças, em que é evidente as diferentes atividades que as mesmas identificam que gostariam de realizar em sala de aula. Remetendo à tabela 15 em anexo, com as respostas dadas pelas crianças do 1º ciclo podemos concluir que maioritariamente das crianças referiram nas suas respostas que gostariam de fazer jogos nas suas aulas, podendo ser eles físicos ou intelectuais (N=11). Houve ainda crianças que mencionaram que gostariam de fazer atividades de culinária (N=6) e atividades artísticas e de literatura (N=6). Com menor menção houve crianças que referiram atividades com recursos às TIC (N=2), atividades com plasticina (N=2) e atividades experimentais (N=2). Já as crianças do jardim de infância responderam maioritariamente que gostavam de jogar qualquer jogo no geral (N=10), de fazer algumas brincadeiras relacionadas com a leitura e a escrita (N=7), brincadeira faz-de-conta (N=5), trabalhos manuais (N=4), brincadeiras ao ar livre (N=3), atividades específicas (N=3), atividades musicais e motoras (N=3) e brincadeiras com recurso às TIC (N=2) foram também atividades mencionadas pelas crianças. Desta forma podemos verificar que as crianças dispõem de variados interesses individuais, mas que muitos deles são comuns ao grupo, assim permite ao

professor/educador realizar uma intervenção mais pormenorizada e do interesse das crianças de modo a captar a atenção, motivando-as a realizar as tarefas propostas. Neste sentido a professora A.C diz: “eles têm muitos interesses em comum, é fácil. Como há muitos interesses em comum é mais fácil, epá muita gente gosta disto, muita gente gosta daquilo, então eu vou por ali, por acolá, por acolá, vou conseguir chegar ao interesse de muitos ao mesmo tempo. Podes fazer isso, se os conheceres bem e souberes o que é que eles gostam...imagina eu tinha metade da turma a gostar de dinossauros, através dos dinossauros...Minecraft...fortnite...procurei chegar lá.”

Segundo Balancho e Coelho (1996) a única forma que se consegue motivar uma criança a realizar algum tipo de tarefa escolar é apresentá-la com recurso a algo que seja do seu interesse, desta forma irá chamar a atenção da mesma e posteriormente irá interessar-se por realizá-la com gosto.

Para responder à questão orientadora número Q3 - “Que estratégias utilizam os docentes para motivar as crianças a aprender”, as educadoras revelam várias estratégias como: utilizar músicas relaxantes e conversas calmas com as crianças durante as atividades de modo a que estas se concentrem, explicar as atividades de forma diferente ou até mesmo modificar/adaptar para captar a atenção das crianças, separar as crianças por atividades consoante os seus interesses, utilização de objetos manipuláveis nas abordagens dos conteúdos para uma melhor interpretação por parte da criança. As educadoras referem ainda que realizam uma observação direta e pormenorizada a cada criança de modo a perceber o que cada uma precisa de trabalhar e desenvolver mais detalhadamente, trabalham com as crianças a pares ou em grupos, distribuindo tarefas para que se consigam ajudar umas às outras, tornando-as mais autónomas, valorizam o espaço exterior para a realização de atividades, principalmente quando as crianças não estão concentradas ou com atenção na atividade. Segundo Cruz (2013) , o brincar ao ar livre promove na criança competências que não seriam passíveis de serem desenvolvidas encontrando-se dentro da sala, pois é ao ar livre que as crianças enfrentam algumas diversidades permitindo a promoção do seu desenvolvimento e autonomia. As professoras partilham da mesma opinião ao referirem que quando observam a desmotivação dos seus alunos ao lecionar alguns conteúdos, estas param a aula e fornecem trabalho autónomo às crianças que perceberam, de modo a trabalhar mais pormenorizadamente e individualmente com as crianças que não entenderam os conteúdos (ou vice-versa), reforçam ainda que é importante que os alunos realizem exercícios e atividades sozinhos, a pares ou em grupo, competindo ao professor agilizar a aula de modo a perceber quando é essencial fazer essas atividades em conjunto ou não. A professora A.C recorre a estratégias que envolvam recursos

apelativos e a atividades de manipulação e construção, dando mais importância a estes dois últimos uma vez que é desta forma que as crianças constroem o saber. Não deixando de utilizar estratégias mais tradicionais como fichas e exercícios escritos. “Hoje em dia, acho que se ensina com muito fichas, fichas, fichas, fichas que também são precisas, manuais, manuais, manuais que também são precisos, mas nem oito nem oitenta. (...) Nós temos de nos recorrer das artes todas através de nós, ou através de pessoas que tenham mais jeito que nós para tornar as aulas mais ricas para todos, até para nós, para não ser uma seca.” Desta forma a professora realça a importância da gestão e interligação dos dois tipos de estratégias para as aprendizagens das crianças e destaca a importância do exterior e todo o tipo de artes para a implementação de atividades e conteúdos, para que deste modo, haja um maior interesse e atenção por parte das crianças.

De modo a responder à questão orientadora Q4 – “Quais as disciplinas/áreas que as crianças mais gostam de estudar/brincar e as que menos gostam”, foi questionado às crianças através dos inquéritos adaptados a cada valência quais as disciplinas (no caso das crianças de 1.º ciclo) e as áreas (no caso das crianças de jardim de infância) que as mesmas mais se identificam quando estão a estudar ou a brincar, os dados obtidos e a análise dos gráficos encontram-se expostos nos gráficos 3 e 15 em anexo. Relativamente aos dados obtidos por parte das crianças mais novas desta recolha, na valência de jardim de infância, as três áreas mais gostadas pelas crianças são as áreas da pintura com 86%, em seguida a área dos jogos de construção com uma percentagem de 75% e a área dos jogos de mesa com 70% de votos. Já as áreas às quais as crianças responderam que não gostam tanto de brincar na sua sala, destacam-se as três áreas da construção com 14%, da garagem com 9% e a área dos jogos de mesa com 7%. Para complementar esta informação, solicitou-se às crianças que realizassem um segundo desenho tendo como enunciado “Desenha o que mais gostas de aprender em sala” (anexos XIII). Com estas produções realizadas e com as respetivas explicações dadas pelas crianças ao que desenharam, podemos verificar que a maioria das crianças de jardim de infância referiram que o que mais gostam de aprender em sala de aula é estudar/trabalhar (N=9), desenhar (N=8), brincar no exterior (N=5), brincar com legos (N=4), pintar com tintas (N=3), brincar na área da casinha (N=3), brincar com plasticina (N=2), histórias dançadas (N=1), trabalhos manuais (N=1), Ler (N=1), ver filmes (N=1) e por fim a área da garagem (N=1). Relativamente às produções e explicações das mesmas por crianças de 1.º ciclo, obteve-se como maioria a disciplina de matemática como o que mais gostam de aprender em sala de aula (N=9), seguida de estudar/trabalhar (N=4), pintar com aquarelas (N=4), pintar no geral (N=3),

jogar futebol quando vão para o recreio (N=2), desenhar (N=2), brincar com plasticina (N=2), fazer ginástica (N=2), Ler (N=1), brincar no geral (N=1), escrever (N=1), a disciplina de estudo do meio (N=1) e a disciplina de português (N=1) também foi mencionada.

De modo a responder à questão orientadora Q5 - “Quais os fatores que influenciam a motivação” e com base nas respostas dadas pelas entrevistadas, criou-se a categoria “desmotivação”, onde aborda não só a os fatores de desmotivação, como o tema da desmotivação de uma forma global, dando exemplos vividos em sala de aula. Segundo as educadoras F.B e J.R embora as suas crianças sejam bastante motivadas é normal que em certas situações acabem por se desmotivar, principalmente quando não percebem os conteúdos ou quando os conteúdos que estão a ser ensinados são mais difíceis. A educadora F.B refere como fatores de desmotivação: a receptividade, a excitação, as emoções, a falta de atenção e os interesses, que podem ser diferentes de criança para criança. A educadora J.R destaca como fatores de desmotivação, a forma e a linguagem como apresenta os conteúdos às crianças que segundo Sprinthall e Sprinthall (1993) deve se dar primazia ao modo como se transmite o conteúdo, não nos preocupando apenas com a transmissão do conteúdo, pois as crianças podem acabar por desinteressar-se e conseqüentemente acabar por se desmotivarem, a criança não estar bem física e/ou psicologicamente e salientou também como fator de desmotivação a criança não possuir ainda maturidade suficiente para realizar as aprendizagens. Já educadora L.J propõem como fatores de desmotivação, as diferentes dinâmicas apresentadas (tradicionais ou mais modernas) que podem não ser as mais indicadas para cada criança, dificuldades no cumprimento de regras, na compreensão da autoridade do adulto e na dificuldade de atenção/concentração, fala ainda de quando a mesma está a fazer atividades mais individuais, como é um grupo grande há crianças que não gostam de ficar à espera e acabam por se desmotivar. Relativamente à desmotivação referente à incompreensão dos conteúdos, as opiniões dividem-se, pois, algumas educadoras como já foi referido anteriormente concordam que é um fator predominante de desmotivação nas crianças, no entanto existem outras educadoras que discordam desta afirmação pois as suas crianças qualquer seja o conteúdo gostam de participar e entusiasma-se por aprender. A educadora L.J fala ainda que “se calhar há crianças que até aqui tem uma motivação que se às vezes se vai perdendo ao longo da caminhada escolar porque a exigência é maior e eles sozinhos sem o apoio à sua volta...vale apena? (encolhe os ombros) às vezes perdem-se...”. Assim sendo,

Burochovitch e Bzuneck (2004, citado por Moraes & Varela, 2007, p.7)
“Quanto mais avançada as séries, os problemas tendem a ser mais

complexos e profundos, por terem raízes naqueles que se originaram nas séries iniciais e por sofrerem influencia das novas exigências dos diferentes tipos de disciplinas, aliadas às características evolutivas do aluno.”

No que diz respeito à opinião das professoras, ambas consideram que têm turmas motivadas e que no geral não se desmotivam facilmente, no entanto as crianças ao depararem-se com conteúdos difíceis tendem em “desligar” e desinteressarem-se por aquilo que está a ser lecionado, acabando por deixar de participar na aula, podendo (ou não) até perturbar a aula.

A professora A.C salienta “epa, isso depois depende do miúdo, depende...hum, hum...se tu apanhases um miúdo do primeiro ano, ao sair da pré... numa turma, em que os apanhas todos no 1º ano e vão ser teus até ao 4º muito dificilmente isso acontece, pode acontecer...(...) é claro que se tu apanhases um miúdo que não te teve desde o 1º ano, que teve uma infância muito difícil e que teve professores beras, muito dificilmente vai gostar da escola e aprender alguma coisa e ser um bom aluno, e depois tu rumas contra o que está instituído e não consegues...”.

Já a professora C.V menciona que as aulas expositivas são as aulas que sente que as crianças se desmotivam mais facilmente. Como fatores de desmotivação as professoras destacam: o contexto familiar em que as crianças estão inseridas, as emoções das crianças, as interações sociais e o ambiente envolvente. A professora C.V menciona que muitas das vezes os conteúdos são demasiados complexos e as crianças não tem ainda maturidade suficiente para os entender. A mesma professora diz ainda que professores austeros e maus fazem com que as crianças não tenham vontade de aprender, podendo até chegarem a sentirem medo pelo mesmo e criar aversão há escola e a tudo a que engloba. Com base nesta opinião,

Martins (2011) realça a importância de uma boa relação entre o professor e aluno, para a promoção de boas aprendizagens, pois é o dever do adulto proporcionar um bom ambiente em sala de aula de modo que possibilite a criança a desenvolver-se quer cognitivamente quer no seu processo aquisição de conhecimentos.

Em resposta à questão orientadora (Q.6) - “Qual o papel do educador/professor na promoção da motivação?”, foram realizadas várias perguntas às educadoras e professoras consoante o guião elaborado e todas acabaram por referir vários aspetos sobre o educador/professor e o papel fundamental que este tem na promoção de

motivação das suas crianças. Podemos analisar que tanto as educadoras como as professoras concordam que é dever do professor motivar e arranjar novas estratégias para que as crianças consigam realizar aprendizagens significativas. Cardoso (2013), na medida em que afirma que é o papel do professor é informar-se sobre as características e gostos do grupo que lhe pertence, para que dessa forma consiga criar estratégias e meios, de forma a realizar uma aprendizagem significativa com todas as crianças e ao mesmo tempo que vá ao encontro dos interesses das mesmas, consoante o nível de ensino em que estão e consoante também o conteúdo que é apresentado.

É de destacar uma intervenção da professora A.C no que diz respeito à motivação de um aluno, uma vez que a mesma menciona que para que uma criança seja e/ou esteja motivada é necessário que o próprio professor também esteja ele próprio motivado em dar as suas aulas, tratando-se assim de uma relação simbiótica. Segundo Knuppe (2006, p.282) “A motivação não um problema apenas dos alunos, mas dos professores também. (...) As professoras acreditam que para os alunos estarem motivados com a aprendizagem, é preciso que elas estejam motivadas.”

Todas as entrevistadas entraram em consonância na medida em que dizem que é fundamental realizar atividades que sejam do interesse das crianças e que para isso o educador/professor tem de conhecer esses mesmos interesses e gostos, recolhendo informações de cada criança para que possam aplicar atividades mais adequadas e de modo a realizar intervenções mais pormenorizadas. A professora AC diz: “É claro que eu procuro saber o que cada um gosta, nem sempre é possível... não se pode agradar a gregos e a troianos, tendo um programa tão vasto para cumprir, muitas vezes tens que procurar não ir sempre aos gostos deles e às preferências, epá mas às vezes também tentar levá-los àquilo que é mais fácil para ti fazer e eles acabam por gostar”, já a educadora L.J explica como recolhe informações sobre os interesses das suas crianças: “Sim, sim. Com periodicidade eu faço uma conversa em grande grupo e conversamos, ham...aquilo que eu chamo diário de bordo, que não é diário às vezes podia ser...hoje...ham...diário também não, mas semanal, mas há uma semana outra que me esqueço, mas com periodicidade eu registo. O que é que esta semana...o que é que gostaste mais de fazer, o que é que houve aqui que gostaste mais?”

As professoras salientam ainda que um professor para além de dinamizar aulas que sejam do agrado das crianças com recursos apelativos, não pode deixar de parte a rotina de trabalhos que normalmente estão implementados, pois só dessa maneira é que se consegue formar alunos autónomos nas suas rotinas, sendo que é da responsabilidade do professor/educador orientar o ritmo de trabalho de cada criança. A professora A.C reforça a ideia anterior com a afirmação: “Eu posso fazer uma aula

extraordinária para motivar e despertar a atenção dos miúdos, ham... e há algumas assim, que todas nós fazemos, mas depois há outras que também é necessário, pá ir à rotina e ir ao ram ram todos os dias, porque também é preciso fazer coisas rotineiras, é necessário para haver depois uma consolidação das aprendizagens, mas provavelmente não agradarei a todos, há sempre algum que é capaz de estar mais distraído que os outros. (...) É uma coisa que temos de ensinar aos miúdos, a escrever manualmente, é muito importante, hammm...e há momentos em que eu passo uma série de contas no quadro e eles fazem-nos, eu obrigo a fazer um ditado, ah um exercício de cópia de qualquer coisa, há momentos daqueles como antigamente tradicionalmente se fazia, são importantes, tem que haver.”

Algumas educadoras salientam o papel fundamental do educador no bem-estar das suas crianças, dando-lhes atenção, afeto, estando atento às suas necessidades básicas e aos problemas que podem aparecer no dia-a-dia, não obrigando as crianças a realizar alguma atividade que não queiram fazer, mas arranjando estratégias e mecanismos para fortalecer a segurança e confiança de cada uma, de modo a que elas mais tarde queiram e consigam realizar a mesma sem dificuldades. Já as professoras referem que um professor deve ter uma postura austera quando necessita ter, impondo algumas regras, mas também tem de proporcionar momentos de diversão, harmonia e felicidade para que as crianças se sintam felizes em aprender e ir para a escola. Citando as palavras da professora C.V a postura de um professor “tem de ser assertiva..., mas também depois...é um pau de dois bicos, não é? Quando é para trabalhar é para trabalhar temos de ter aquela postura..., mas quando é para relaxar para brincar também. Isto não só em termos de motivação, mas também e a meu ver principalmente para manter a disciplina.” A professora A. C refere ainda que os alunos são como barro e o professor tem a função de os moldar da melhor forma para que sejam futuros cidadãos conscientes de si e do mundo, “Afiml eles são barro, nós tamos a moldá-los e isso é uma coisa de muita responsabilidade Joana. Nós no 1º ciclo, temos uma responsabilidade acrescida que os outros ciclos não têm...nós tamos a moldá-los para adquirir conhecimentos, se fazemos mal as coisas condicionamos a vida toda de um aluno que podia ter capacidades...por isso estamos a moldá-los, temos de ter muito juizinho e tato e bom senso de como queremos que eles adquiram conhecimento”. A mesma professora salienta ainda que um professor tem muito trabalho acrescido, porque não é só em momentos de aula que trabalha, por “de trás” de cada aula que leciona um professor tem que ler, pesquisar e planificar tudo o que pretende apresentar às crianças em sala. “Nós temos que fazer muito trabalho de casa. Ninguém leva trabalho para casa a não ser um professor..., portanto, nós temos aquele tempo em que

leccionamos, mas temos que ler, pesquisar, como é que eu vou dar aquela aula, como é que vou dar aquele conceito, o que é que há para isso.” Para finalizar esta categoria do papel do professor a professora A.C refere ainda que um professor deverá dominar conteúdos até pelo menos ao 6º ano, de modo a preparar os seus alunos para a entrada no 2.º ciclo, pois na sua opinião o programa de 1.º ciclo é muito redutor a nível de preparação das crianças para os níveis seguintes.

Por fim, relativamente à questão orientadora (Q.7) – “De que forma o ambiente e a organização em sala promovem a motivação?”, as educadoras e professoras nas suas entrevistas referem que o ambiente em sala de aula é crucial para gerar motivação e promoção de aprendizagens essenciais, desta forma destacam a importância de um ambiente calmo de modo as crianças consigam se concentrar e focar a sua atenção. A educadora F.B fala sobre a boa relação que deve existir entre a educadora-crianças e criança-criança, “é o de darmos-nos todos bem, é sabermos comunicar todos uns com os outros, é sabermos ouvir os outros que isso nem sempre acontece claro, não temos aqui numa sala perfeita até porque não existem, mas é sempre a tentar que estejamos todos em consenso e estarmos todos...ham...pronto como é que eu ei de explicar...que estejamos todos...que saibamos estar em grupo que é mesmo assim, pronto”. A educadora reforça a importância do bem estar dentro da sala para que as crianças se sintam seguras e satisfeitas num ambiente propício ao seu desenvolvimento. Já a educadora L.J realça a importância de uma sala de jardim de infância repleta de adereços, objetos e materiais que despertem o interesse das crianças e a criatividade das crianças nas suas brincadeiras, destaca também a importância que as dinâmicas têm na promoção da motivação de uma criança referindo “agora por causa do covid a sala está mais isenta de...adereços e usamos menos coisas na casinha de bonecas e no faz de conta por causa da desinfeção quebrou-se ali um bocadinho, mas às vezes mesmo sem grandes adereços com coisas da sala...e depois é engraçado já que temos poucos materiais em termos se fosse noutra situação sem covid, vamos buscar isto que vai ser a cesta do capuchinho vermelho...isso é muito interessante e cabe a criança de um objeto personifica-lo e dar-lhe outros atributos que ele não tem, é uma risada, é uma graça como é que aquilo serviu de cestinha e isto assim...”. No que diz respeito às opiniões das professoras a professora A.C realça a importância de um ambiente saudável, harmonioso e seja baseado nos interesses das crianças para que assim haja a promoção do bem-estar e motivação das mesmas. Salienta a importância de fomentar nas crianças a autonomia na organização das suas tarefas, “eles é que tem de gerir, por isso eles têm um calendário, um horário, eles sabem o que tem de fazer naquela semana e eles vão gerir. “Eu já consegui fazer isto, vou fazer aquilo, falta-me aquilo”, tanto que

quando tu tens boas turmas, boooooas turmas, não se consegue com todos, quando tens boas turmas os miúdos chegam de manhã e sabem o que é que vão fazer.” Fala ainda da postura que o docente tem que ter para que as crianças gostem de estar na sala e se sintam seguras. Já a professora C.V foca a postura do professor para que haja um bom ambiente em sala de aula e uma maior motivação por parte das crianças. Segundo a mesma, é necessário que o professor seja austero quando tem de ser e brincalhão quando há oportunidade, sabendo quando tem de ser em cada momento para que as crianças percebam que há momentos para trabalhar e momentos para brincar.

Considerações finais

A realização do presente relatório contribuiu para a minha evolução enquanto aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico e futura profissional de forma a adquirir e consolidar conhecimentos realizados ao longo da elaboração do mesmo, permitindo saber qual a influência da motivação nas aprendizagens em crianças do pré-escolar e do 1.º ciclo.

Todos os estágios mencionados neste relatório foram imprescindíveis para a minha formação e para a minha carreira enquanto profissional na área da educação, sendo de salientar que os contextos, as educadoras e professoras onde os mesmos foram realizados contribuíram para adicionar diversas aprendizagens e sabedoria à “bagagem” que levo deste percurso.

Este estudo permitiu dar resposta às questões orientadoras escolhidas inicialmente, sendo que após a análise dos dados obtidos pode-se verificar que este estudo apontou no sentido da influencia da motivação nas aprendizagens das crianças, podendo esta influência ser positiva ou negativa, dependendo da forma como é promovida. Podemos também perceber com os resultados obtidos com este estudo que as crianças podem ser motivadas segundo duas perspetivas: intrinsecamente, quando a motivação parte do gosto da criança em aprender e sentir prazer em aprender, e extrinsecamente, quando é necessário arranjar formas e estratégias externa à criança de modo a que a mesma se interesse e queira realizar as tarefas, sendo que quando trabalhadas as duas em conjunto, desenvolvem aprendizagens mais significativas na mesma. Com este estudo pôde-se comprovar que só existe aprendizagem se a criança estiver realmente motivada e desta forma, potencia não só a aquisição de conhecimentos, mas promove a autonomia e interesse nas atividades ou tarefas que tem de realizar. Destaca-se ainda a importância do papel do professor neste processo não descorando da importância de também haver professores motivados para a formação de crianças e jovens motivados nas suas aprendizagens. O professor/educador deve estimular a motivação intrínseca de uma criança mesmo sendo necessário recorrer a estímulos externos para que isso aconteça, desta forma é fundamental que os professores se informem dos interesses das que estão a seu cargo, de modo que realizem intervenções mais pormenorizadas e a estratégias de ensino que vão ao encontro dos gostos das mesmas. Desta forma, os interesses das crianças são um passaporte de entrada, para primeiramente chamar a atenção da criança e despertar curiosidade para a tarefa e posteriormente conseguir que a criança se interesse pela atividade e goste de a realizar.

Com este relatório consegui perceber quais as principais estratégias que os docentes e educadores utilizam para a promoção da motivação dentro das suas salas, baseando-se principalmente em atividades e jogos com referência às preferências que existem em comum nos seus grupos. As educadoras nas entrevistas referiram que utilizam muitos recursos físicos e manipuláveis apelativos de modo a que as crianças consigam mexer e perceber o que a educadora quer com a atividade. As professoras salientam a importância das tecnologias nas suas abordagens. Através dos inquéritos feitos às crianças, consegui perceber quais as brincadeiras e disciplinas que as crianças mais gostam, qual o papel da família na promoção de motivação da criança, qual a relação entre a educadora e cada criança, se as educadoras e professoras utilizam formas diferenciadas para ensinar quando uma criança não entende os conteúdos e atividades e de que forma, na opinião da criança, o ambiente em sala influencia as suas aprendizagens.

Foi interessante descobrir quais os principais fatores de desmotivação, na opinião das educadoras e professoras, sendo que salientaram a forma como é apresentada a atividade ou os conteúdos, a dificuldade dos conteúdos em si, o facto de não gostarem do que lhes está a ser proposto fazer, a maturidade da criança que em certos casos pode ainda não estar apta para prestar atenção e querer aprender, a dificuldade no cumprimento de regras também é salientado como fator de desmotivação, o facto de às vezes ser uma aula demasiado expositiva e por fim realçam a vida social da criança como fator de desmotivação, na medida em que a criança como todos os outros seres humanos pode ter problemas familiares que muitas das vezes nem os professores estão informados disso. Segundo Morais e Varela (2007, p.9) “A motivação é a energia para a aprendizagem, o convívio social, os afetos, o exercício das capacidades gerais do cérebro, da superação, da participação, da conquista, da defesa, entre outros”.

Em jeito de reflexão, realço a importância deste relatório para o valor da motivação nas aprendizagens das crianças sendo que irei aplicar em todas as minhas intervenções enquanto futura professora ou educadora tudo o que foi abordado no mesmo, pois quando era criança durante no meu percurso escolar, tive vários momentos de desmotivação perante as dificuldades que iam aparecendo no meu percurso e não senti apoio dos docentes nesse sentido. Desta forma, pretendo ser consciente das minhas funções enquanto profissional na área da educação, tendo sempre em atenção que tenho a responsabilidade e o dever de criar cidadãos conscientes de si, do mundo e que estejam sempre interessados e motivados a aprender.

Referências Bibliográficas

- Alcará, A., & Guimarães, S. (2007). A instrumentalidade como uma estratégia motivacional. *Psicologia Escolar Educacional*, 11(1), 177-178.
- Archambault, I. (2006). *Continuité et discontinuité dans le développement de l'engagement scolaire chez les élèves du secondaire: une approche centrée sur la personne pour prédire le décrochage* (tese de doutoramento). Université Montréal
- Azevedo, L. (2014). *Relação existente entre a Motivação e a Aprendizagem em alunos do 7º ano de Escolaridade*. Universidade Fernando Pessoa: Porto.
- Balancho, M. & Coelho, F. (1996). *Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto editora.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bock, A. M., Furtado, O., & Teixeira, M. L. (2001). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia (13 ed.)*. São Paulo: Saraiva.
- Bombonato, G. & Farago, A. (2016). *Etapas do desenho infantil segundo autores contemporâneos*. São Paulo: Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade.
- Boruchovitch, E. (1999). Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. *Psicologia: reflexão e crítica*, 12(2), pp. 361-376.
- Boruchovitch, E. (2008). A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores. *Educação*, 31(1), 30-38.
- Boruchovitch, E.; Bzuneck, J. A. (2004). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea (3. Ed)*. Vozes: Petrópolis.
- Brophy, J. (1983). *Conceptualizing student motivation*. Michigan State University: Michigan.
- Cardoso, C. (2013). *As vivências das emoções em contexto pré-escolar*. Relatório final de estágio do ensino da prática pedagógica supervisionada. Lisboa: Instituto Superior De Educação E Ciências.
- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez

- Coutinho, C. (2018) *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Cruz, I. (2013). Potencialidades e utilização do espaço recreio: Um estudo desenvolvido em escolas do 1º ciclo do ensino básico. Dissertação de Mestrado em Educação. Escola Superior de Educação de Lisboa. Instituto Politécnico de Lisboa. Lisboa.
- Deci, E., & Ryan, M. (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.
- Derdyk, E. (1989). Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.
- Engelmann, E. (2010). *A motivação de Alunos dos Cursos de Artes de Uma Universidade Pública do Norte do Paraná*. Dissertação de Mestrado
- Fita, E. & Tapia, J. (2015) A motivação em sala de aula: o que é, como se faz. 4. ed. São Paulo: Loyola. p. 78.
- Fonseca, V. (2008). *Dificuldades de aprendizagem – Abordagem neuropsicológica e psicopedagógica ao insucesso escolar*. Âncora Editora: Lisboa.
- Fontaine, A., & Ventura, M. (2002). Práticas psicopedagógicas nas aulas de matemática: elaboração de uma escala para pré-adolescentes. *Psychogica*, 29, 25-27.
- Fontaine, A. (2005). *Motivação em contexto escolar*. Universidade Aberta: Lisboa.
- Guimarães, S., Bzuneck, J., & Sanches, S. (2002). *Psicologia educacional nos cursos de licenciatura: a motivação dos estudantes*. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6(1), 11-19.
- Huertas, J. A. *Motivación: querer aprender*. Buenos Aires: Aique, 2001
- Jesus, S., & Abreu, M. (1993). *Motivação dos professores para motivar os alunos. Um estudo exploratório segundo a teoria do comportamento planeado*. *Psychologica*, 10, 20-37.
- Knuppe, L. (2006). Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do ensino fundamental. Paraná, Brasil: Educar em revista.
- Lakomy, A. (2008). Teorias cognitivas da aprendizagem (2ª ed.). IBPEX: Curitiba.

- Leite, L. (org.) (2003). *Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Lourenço, A. e Paiva, M. (2010). *A Motivação Escolar e o Processo de Aprendizagem*. Centro de Investigação em Psicologia e Educação (CIPE). *Ciências & Cognição*; vol 15 (2): 131-141.
- Mano, A. (2013). *As Expressões Integradas como Estratégia Motivadora no Processo de Ensino/Aprendizagem*. Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Vila Nova de Gaia: Escola Superior Jean Piaget. Portugal.
- Manzini, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991
- Martins, A., (2011). *A motivação no sucesso educativo: dinâmicas em contexto Pré-escolar e 1.º ciclo*. Ponta Delgada. Universidade dos Açores. (dissertação de mestrado).
- Miles, M. & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis* (2ª ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Moraes, R. & Varela, S. (2007). *Motivação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem*. *Revista eletrônica de Educação*, pp. 9.
- Murcia, J., & Coll, D. (2006). *Autodeterminação: a permanência de praticantes em programas aquáticos baseada na teoria da autodeterminação*. *Fitness & Performance Journal*, 5 (1), 5-10.
- Neves, E. R., & Boruchovitch, E. (2004). *A motivação dos alunos no contexto da progressão continuada*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(1), pp. 77-85.
- Nunes, D., Miranda, L., & Almeida, L. (2013). *Atribuições causas e rendimento na matemática e língua portuguesa: estudo em alunos moçambicanos*. *Atas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.
- Oliveira, J. & Oliveira, A. (1996) *Psicologia da Educação na Escola I*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Paiva, M., & Lourenço, A. (2010). *Disrupção escolar e rendimento académico: um estudo com modelos de equações estruturais*. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp.2704-2719). Portugal: Universidade do Minho.

- Pereira, M. (2010). Factores que favorecen el desarrollo de una actitud positiva hacia las actividades académicas. *Revista Educación*, 34(1).
- Serrano, P. (1998). *Investigación qualitativa. Retos e interrogantes* (2ª ed., Vol. 1). Madrid: Editorial La Muralla, S. A.
- Perraudau, M. (2013). *As Estratégias de Aprendizagem: Como Acompanhar os alunos na Aquisição de Conhecimentos*. Lisboa: Instituto Piaget
- Pinto, A. (1998). Aprender a aprender o quê? Conteúdos e estratégias. *Psicologia, Educação e Cultura*, 2(1), 37-53.
- Ribeiro, D. D. A. (2012). A Importância da Avaliação na Educação Pré-escolar. Covilhã: Universidade da Beira Interior - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Rojas, H. (2008). Aprendizaje autorregulado, motivación y rendimiento académico. *Liberabit*, 14(14), 15-20.
- Ruiz, A., Leite, E., & Lima, T. (2002). Aprendizagem e motivação: subsídios teóricos e práticos. *Akrópolis*, 10(4), 283-287.
- Sampaio, J. (2009). *O Maslow Desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação*. *Revista de Administração*, 44(1), 5-16.
- Sampaio, M. (2012). A Importância de Trabalhar com Projetos no Ensino Fundamental. Capivari, SP
- Santo, C. (2014). *A (in)disciplina em contexto de Creche e Jardim de Infância: Conceções e práticas das educadoras*. Relatório do Projeto de Investigação. Mestrado em Educação Pré-Escolar. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal.
- Santrock, J. (2009). *Psicologia Educacional*. 3ª Ed. São Paulo: McGraw-Hill.
- Silva, I. (2016). *A motivação no processo de ensino-aprendizagem no jardim de infância e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Santarém.
- Simão, R. (2005). A Relação entre Atividades Extracurriculares e Desempenho Académico, Motivação, Auto-Conceito e Auto-Estima dos Alunos. Monografia de Licenciatura em Psicologia. Instituto Superior de Psicologia Aplicada - ISPA.
- Siqueira, L., & Weschler, S. (2006). Motivação para a aprendizagem escolar: possibilidade de medida. *Avaliação Psicológica*, 5 (1), 21-31.

- Solomon D. (1982), Theory and Reserch on Children's Achievement. in Worell J. (ed.) Psychological Development in the Elementary Years. N. Y., Academic Press, pp. 269-318.
- Sousa, M., Lima, H., & Medeiros, K. (2009). A importância da motivação no processo de ensino-aprendizagem na matemática. *XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica. São Paulo: Universidade do Vale do Paraíba.*
- Sousa, M., & Baptista, C. (2011). Como Fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios. Lisboa: Pactor.
- Sprinthall, N & Sprinthall, R. (1993). Psicologia Educacional. Lisboa: McGraw- HILL
- Sternberg, R. (2000). *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stipek, D. (2002). *Motivation to learn. Integrating theory and Practice* (4 ed.). USA: Ally & Bacon.
- Tapia, J. A., & Montero, I. (2004). Orientação motivacional e estratégias motivadoras na aprendizagem escolar. (cap. 10, p.178-192) In C. Coll, A. Marchesi, J. Palacios, & colaboradores. *Desenvolvimento psicológico e educação (vol. 2)*. Porto Alegre: Artmed.
- Vallerand, R., Pelletier, L., & Koestner, R. (2008). Reflections on Self-Determination Theory. *Canadian Psychology, Vol. 49, NO 3, 257-262.*

Anexos

Anexo A - Planificações das atividades realizadas em contexto de estágio

Tabela 1 - Planificação da atividade "A caminho do menino Jesus"

Áreas de Conteúdo	Objetivos	Estratégias	Atividade	Recursos	Avaliação
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>➤ Independência e Autonomia;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>➤ Domínio da Expressão Motora;</p>	<p>Objetivos Gerais:</p> <p>Esperar pela sua vez para poderem realizar a atividade, respeitando assim a vez dos outros;</p> <p>Adquire maior controlo do seu corpo, força e agilidade e coordenação muscular que lhe permite realizar movimentos mais complexos e precisos;</p> <p>Estimular a criança a nível sensorial e motor;</p> <p>Dar a conhecer diversos tipos de texturas;</p> <p>Promover a Exploração e a descoberta;</p>	<p>➤ Trabalhar individualmente com cada criança;</p> <p>➤ Deixar a criança explorar livremente a caixa e as diferentes texturas</p>	<p>A estagiária, começa por levar para sala a caixa que irá ser o caminho que as crianças terão de percorrer até chegar ao menino Jesus.</p> <p>A estagiária começa por sentá-los no tapete, e perguntar às crianças se sabem quem é o menino Jesus, começando por dizer que é um menino como todas as outras crianças. De seguida, pergunta às crianças se estas querem conhecer o menino Jesus, mas que para isso terão de percorrer um longo caminho até o encontrarem.</p> <p>À vez, cada criança com a ajuda da estagiária, irá entrar na caixa sensorial e explorar as diversas texturas que lá irá encontrar, desde</p>	<p>Recursos Materiais:</p> <p>➤ Caixa sensorial;</p> <p>➤ Menino Jesus:</p> <p>Recursos Humanos:</p> <p>➤ Educadora;</p> <p>➤ Estagiárias;</p> <p>➤ Auxiliares;</p> <p>➤ Crianças</p>	<p>Observação Direta</p> <p>Registo Fotográfico</p>

	<p>Desenvolver o sentido de afeto.</p> <p>Objetivos Específicos:</p> <p>Esperaram ordeiramente pela sua vez, respeitando o outro;</p> <p>Contribuem para o cumprimento das regras em grupo;</p> <p>Desenvolver a motricidade fina e grossa ao sentir as texturas que irão explorar dentro da caixa.</p>		<p>musgo, paus, folhas, guizos, sinos de natal e luzes de natal.</p> <p>No final de cada criança percorrer o caminho, terá que dar um beijinho ou uma festinha no menino Jesus que se encontrará no final da caixa.</p>		
--	--	--	---	--	--

Tabela 2 - Planificação da atividade "À procura dos animais"

Áreas de conteúdo	Objetivos	Estratégias / Atividade	Recursos	Avaliação
<p>Expressão Motora;</p> <p>Conhecimento do Mundo.</p>	<p>Estimular a memória;</p> <p>Proporcionar a atenção e a observação;</p> <p>Desenvolvimento da motricidade fina;</p> <p>Promover o conhecimento dos cinco sentidos;</p> <p>Desenvolver a exploração;</p>	<p>Para a realização desta atividade as estagiárias irão trabalhar com cada criança individualmente para que possam auxiliar a criança em qualquer altura. As estagiárias começam por vestir as batas de plástico para que as crianças possam explorar a gelatina à vontade, sem que se sujem.</p> <p>De seguida as estagiárias mostram às crianças as caixas com gelatinas e os animais incorporados. Posteriormente estas, exemplificam usando as mãos das crianças, para que elas sintam a textura da gelatina e procurem os animais que se encontram dentro da gelatina. Ao mesmo tempo as estagiárias deixam que as crianças explorem livremente a gelatina, deixando que elas cheirem e saboreiem.</p>	<p>Recursos Humanos:</p> <p>Educadora;</p> <p>Auxiliar;</p> <p>Estagiárias;</p> <p>Crianças.</p> <p>Recursos Materiais:</p> <p>Batas de plástico;</p> <p>Caixas de plástico;</p> <p>Gelatina solidificada;</p> <p>Animais de plástico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Registo fotográfico.

	Desenvolver o sentido de partilha ao usarem a mesma caixa; Desenvolver a comunicação oral.	Depois de encontrarem os animais, as estagiárias perguntam à criança qual o nome do animal e o som que este faz e de seguida as crianças brincam com os animais livremente.		
--	---	---	--	--

Tabela 3 - Planificação da atividade "Faz o teu monstro das cores"

Área (s) de Conteúdo	Objetivos	Recursos	Avaliação
<p>Área da Formação Pessoal e Social</p> <p>→ Construção da identidade e da autoestima</p>	<p>→ Expressar as suas emoções e sentimentos e reconhecer também emoções e sentimentos dos outros;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Distinguir o tipo de emoções e saber quais as sente e o que estas transmitem; <p>→ Demonstrar prazer nas suas produções e progressos;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Gostar de mostrar e de falar do que faz, de comunicar o que descobriu e aprendeu; <p>→ Revelar confiança em experimentar atividades novas, propor ideias e falar em grupo.</p> <p>→ Aceita algumas frustrações e insucessos (dificuldades de realizar atividades e tarefas) sem desanimar, procurando formas de as ultrapassar e de melhorar (pedindo ajuda da estagiária, ensaiando outras formas de fazer).</p>	<p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> → Cola Branca; → Detergente da Roupa; → Corantes de cor; → Papel aderente; <p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> → Educadora; → Auxiliar; → Estagiária. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observação Direta ✓ Registos fotográficos ✓ Tabela de Envolvimento

<p>→ Independência e autonomia;</p> <p>→ Consciência de si como aprendiz;</p> <p>→ Convivência democrática e cidadania;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p>	<p>→ Conhece os materiais disponíveis, a sua localização e se apropria progressivamente da utilização destes, servindo-se deles com cuidado e arrumando-os quando já não precisa;</p> <p>→ Adquire um maior controlo do seu corpo, força, agilidade, equilíbrio e coordenação muscular que lhe permitem realizar progressivamente movimentos mais complexos e precisos;</p> <p>→ Manifesta curiosidade pelo mundo que a rodeia, formulando questões sobre o que observa;</p> <p>→ Expressa as suas opiniões, preferências e apreciações críticas, indicando alguns critérios ou razões que as justificam;</p> <p>→ Contribui para o funcionamento e aprendizagem do grupo, fazendo propostas, colaborando na procura de soluções, partilhando ideias, perspetivas e saberes e reconhecendo o contributo dos outros;</p> <p>→ Colabora em atividades de pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar do processo e na elaboração do produto final;</p> <p>→ Espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção nos diálogos, dando oportunidades aos outros para intervirem;</p> <p>→ Contribui para a elaboração das regras de vida em grupo, reconhece a sua razão e necessidade e procura cumpri-las;</p> <p>→ É progressivamente capaz de resolver situações de conflito de forma autónoma, através do diálogo;</p> <p>→ Demonstra comportamentos de apoio e ajuda;</p>		
--	---	--	--

→ Domínio Da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	→ Ouve os outros e responde adequadamente, apresentando as suas ideias e saberes, tanto em situações de comunicação individual como em grupo; → Relata acontecimentos, mostrando progressão não só na clareza do discurso como no respeito pela sequência dos acontecimentos;		
Estratégias/Operacionalização			
<p>Para esta atividade, a estagiária distribuí as crianças pelas mesas redondas de modo que todas consigam ter visibilidade para realizar a atividade.</p> <p>Depois de ter todas as crianças junto à mesa, esta inicia a explicação do que as crianças irão realizar. Começa por perguntar às crianças: “Lembram-se da história que ouviram ontem?”, “O que nos contava a história?” “Qual era a cor que transmitia a calma?”, “Qual era a cor que transmitia a raiva?”, “E a alegria qual era a cor?”, “E a cor preta representava que emoção?”. Por fim, para perceber que emoção as crianças sentem, a estagiária começa por perguntar às crianças: “Então e qual é a cor do monstro que se sentem hoje?”.</p> <p>Depois deste diálogo, a estagiária pergunta ainda: “Vamos fazer o nosso monstro das cores?”, “Mas para isso temos de falar baixinho para não o acordar!”, “Temos de fazer o nosso monstro, com carinho e amor”, “será que vão conseguir?”.</p> <p>Inicialmente distribui pelas crianças cola branca e um pouco do corante da cor referente à emoção que a criança escolheu. Em seguida, vai adicionando o detergente e pede às crianças que comecem por mexer e remexer de modo a que formem então o “slime”, ou seja, um género de uma massa viscosa. Quando todos efetuarem os seus monstros das cores, a estagiária pede para que em grande grupo, as crianças digam que emoção sentiram ao realizar a atividade.</p>			

Tabela 4 - Planificação da atividade "Gincana da Brincadeira"

Quarta-Feira: "O direito a brincar – Gincana da Brincadeira"			
Área (s) de Conteúdo	Objetivos	Recursos	Avaliação
<p>Área de Formação Pessoal e Social</p> <p>→ Construção da identidade e da autoestima;</p> <p>→ Independência e autonomia;</p> <p>→ Consciência de si como aprendiz;</p> <p>→ Convivência democrática e cidadania;</p> <p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>→ Domínio Da Educação Física;</p> <p>Domínio Da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p> <p>→ Comunicação Oral;</p>	<p>→ Manifestar os seus gostos e preferências;</p> <p>→ Revelar confiança em experimentar atividades novas;</p> <p>→ Aceitar algumas frustrações e insucessos (perder algum jogo, dificuldades em realizar alguma atividade) sem desanimar, procurando novas formas de as ultrapassar e de melhorar;</p> <p>→ Realizar as tarefas propostas de forma cada vez mais autónoma;</p> <p>▪ As crianças conseguem realizar os jogos de forma autónoma;</p> <p>→ Adquirir um maior controlo do seu corpo, permitindo realizar progressivamente movimentos mais complexos e precisos;</p> <p>→ Preocupar-se com o bem-estar e segurança das outras crianças, alertando quando se apercebe que alguma corre perigo;</p> <p>→ Contribuir para o bom funcionamento do grupo, partilhando ideias, perspetivas e saberes reconhecendo também o contributo dos outros;</p> <p>→ Colaborar em atividades em pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar do processo e na elaboração do produto final;</p>	<p>Materiais:</p> <p>→ Papel de Cenário;</p> <p>→ Balões com tinta;</p> <p>→ Garrafas;</p> <p>→ Cordel;</p> <p>→ Garrafões;</p> <p>→ Esponja;</p> <p>→ Garrafas de água;</p> <p>→ 3 bolas;</p> <p>→ 3 cilindros de papel;</p> <p>→ Pratos de Plástico;</p> <p>Humanos:</p> <p>→ Educadora;</p> <p>→ Auxiliar;</p>	<p>✓ Observação Direta</p> <p>✓ Registos fotográficos</p> <p>✓ Tabela de Envolvimento</p>

<p>→ Domínio da Matemática.</p>	<ul style="list-style-type: none"> → Esperar ordeiramente pela sua vez de jogar, respeitando a vez dos colegas; → Contribuir para a elaboração das regras de vida em grupo, reconhecer a sua razão e necessidade e procura cumpri-las; → Escutar, questionar e argumentar opiniões diferentes das suas; → Demonstrar comportamentos de apoio e interajuda; → Reconhecer a diversidade de características e hábitos de outras pessoas e grupos, manifestando respeito por crianças e adultos, independentemente de diferenças físicas, de capacidades, de género, de etnia, cultura ou religião; → Demonstrar gosto pelas atividades físicas, procurando progredir a partir do que já é capaz de fazer; → Cooperar com os colegas em situações de jogo, envolvendo-se no trabalho de equipa; → Aceitar e cumprir as regras do jogo; → Ser capaz de compreender as regras do jogo; → Conseguir seguir um percurso que lhe é descrito; → Ouvir os outros e responder adequadamente, apresentar as suas ideias e saberes, tanto em situações de comunicação individual como em grupo; → Usar termos “mais do que” e “menos do que na comparação de quantidades; 	<p>→ Estagiária.</p>	
<p>Estratégias/Operacionalização</p>			

A estagiária começa por reunir as crianças no pátio e pede-lhes que façam uma meia lua para que todos consigam ver bem as atividades que irão realizar. De seguida, a estagiária forma três equipas e pede que se juntem perto do primeiro jogo da gincana. A estagiária começa por explicar o primeiro jogo, dizendo que este consiste em as crianças formarem uma fila indiana, de modo a que a última criança da fila passe a bola por cima da sua cabeça, para a criança que está à sua frente e assim sucessivamente, até que a bola chegue à primeira criança da fila. Assim que a criança transporta a bola para o colega da frente, esta deverá correr para o início da fila, fazendo com que a sua equipa chegue com a bola à meta delineada previamente pela estagiária.

O segundo jogo consiste em as crianças acertarem à vez, um disco dentro de um cilindro de papel. Este jogo deverá testar a paciência das crianças e a sua agilidade para conseguir acertar corretamente no cilindro, mas também a sua paciência para aguardar pela sua vez de jogar.

O terceiro jogo, consiste em as crianças tem de um lado um recipiente com água e uma esponja e noutra um recipiente vazio. Neste jogo as crianças, á vez terão de molhar a esponja no recipiente com água e transportar a esponja até ao recipiente vazio e espremer a esponja de modo a que a água da esponja encha o recipiente.

O quarto jogo, retrata o jogo do bollwing, em que consiste nas crianças conseguirem lançarem uma bola, de modo que derrubem os seis pinos que se dispõem em pé, na ponta oposta a onde as crianças se encontram. Neste jogo as crianças jogam à vez e se não conseguirem acertarem nos seis pinos à primeira, terão mais uma tentativa.

Por fim, o último jogo constitui-se pelo papel de cenário com as silhuetas desenhadas, que foi elaborado no dia anterior pelas crianças. Esse papel de cenário será disposto numa parede do pátio, onde estará previamente preparado com pequenos balões com pequenas quantidades de tinta de variadas cores. O objetivo deste jogo é que as crianças com um utensílio e com a ajuda da estagiária rebentem os balões e experienciem uma técnica de pintura no papel de cenário diferente.

Todos estes jogos serão explicados pela estagiária antes de as crianças começarem a realizá-los, explicando ainda que o mais importante não é ganhar ou acabar primeiro, mas sim, não fazer batota e cumprir as regras dos jogos.

Tabela 5 - Planificação da atividade "Quiz sobre regras de segurança"

Áreas de conteúdo	Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>Estudo do Meio</p> <p>Bloco 1 – à descoberta de si mesmo</p> <p><u>A segurança do seu corpo</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (sinais de trânsito úteis para o dia-a-dia da criança: sinais de peões, pistas de bicicletas, passagens de nível...); ✓ Identificar alguns cuidados na utilização: dos transportes públicos; de passagens de nível; ✓ Conhecer e aplicar regras de segurança na praia, nos rios, nas piscinas; ✓ Ter consciência do impacto das TIC no seu dia a dia; ✓ Utilizar o computador e outros dispositivos digitais como ferramentas de apoio ao processo de investigação e pesquisa; 	<p>Após a chegada à sala de aula e de as crianças se sentarem corretamente nos respetivos lugares, tirando o material necessário, a estagiária dá então início à aula.</p> <p>A estagiária começa por projetar no quadro interativo o quiz que irá realizar com a turma.</p> <p>De seguida, como já tem sido recorrente o uso dos tablets dentro da sala de aula, a estagiária irá usá-los mais uma vez com as crianças nesta atividade. Para isto, a estagiária começa por realçar a importância do cumprimento de regras no uso dos tablets e a importância de trabalharem em grupos.</p> <p>Depois de explicar as regras a estagiária pede às crianças que pesquisem em grupo, cinco regras de segurança nos transportes públicos e/ou nas praias, diferentes daquelas que já foram abordadas em sala de aula. Para esta atividade, os alunos irão pesquisar online nos tablets e as regras poderão vir em formato de imagem, texto ou vídeo.</p> <p>Depois de terem sido dadas as instruções, a estagiária irá proceder à explicação do quiz, realçando que o objetivo desta atividade é que as crianças escolham em grupo a resposta correta relativamente à pergunta sobre as regras de</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Quiz "Kahoot!"; • Manual de Estudo do Meio; 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Avaliar os conhecimentos adquiridos das crianças, sobre os conteúdos abordados; • Tabela de envolvimento das crianças na atividade; • Registo fotográfico.

<p style="text-align: center;">TIC</p> <p style="text-align: center;">Cidadania Digital</p> <p style="text-align: center;">Investigar e Pesquisa</p> <p style="text-align: center;">Comunicar e Colaborar</p> <p style="text-align: center;">Criar e Inovar</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Realizar pesquisas, utilizando os termos selecionados e relevantes de acordo com o tema a desenvolver; ✓ Colaborar com os colegas, utilizando ferramentas digitais, para criar de forma conjunta um produto digital (um texto, um vídeo, uma apresentação, entre outros); ✓ Utilizar as TIC para gerar ideias, planos e processos de modo a criar soluções para problemas do quotidiano; 	<p>segurança nos meios de transporte e na praia, que irão aparecer no quadro interativo.</p> <p>Após responderem a todas as perguntas, a equipa que acertar no maior número de respostas e que tenha respondido mais rápido, ganha.</p> <p>Depois de terminada a atividade do quiz, a estagiária tem um pequeno diálogo com as crianças sobre as perguntas que apareceram no quiz de modo a consolidar conhecimentos.</p> <p>Por fim, a estagiária pede aos ajudantes do dia que distribuam os manuais de estudo do meio pelos colegas da turma de modo a que possam realizar os exercícios da página 48 e 49 em conjunto.</p>		
--	--	--	--	--

Tabela 6 - Planificação da atividade "O que é para ti o Natal?"

Áreas de conteúdo	Objetivos	Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>Estudo do Meio em articulação com Educação Artística</p> <p>Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições</p> <p><u>Passado Próximo Familiar</u></p> <p>Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objetos</p> <p><u>Manusear objetos em situações concretas</u></p> <p>Português</p>	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer datas e factos festivos; Reconhecer a sua utilidade; Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização; Apropriar-se de novas palavras, depois de ouvir uma exposição sobre um tema novo; Referir o essencial dos textos ouvidos; Falar de forma audível; Articular corretamente palavras, incluindo as de 	<p>Após a chegada à sala de aula e de as crianças se sentarem corretamente nos respetivos lugares, tirando o material necessário, a estagiária dá então início à aula.</p> <p>A estagiária começa por relembrar as crianças que já faltam poucos dias para o Natal, perguntando o que significa o Natal para cada uma delas e o que fazem na véspera e no dia de Natal.</p> <p>Em seguida a estagiária distribui os tablets pelas crianças, previamente preparados com o programa "Menti".</p> <p>Depois de distribuir os tablets por todas as crianças, a estagiária explica que cada criança terá de escrever uma palavra que defina o que significa o Natal para cada uma, no programa.</p> <p>Depois de todas as crianças escreverem a palavra que para elas caracteriza o Natal, a estagiária pede a atenção de todas para o que irá projetar no quadro interativo. No quadro interativo irá estar projetado com a ajuda do programa "Menti", uma nuvem de palavras, onde as palavras que aparecem maiores serão as palavras que mais crianças escolheram e as que aparecem mais pequenas são diferentes palavras que cada uma escolheu.</p> <p>No fim de analisar juntamente com as crianças a nuvem de palavras, a estagiária pede às crianças para que estas lhe digam quais as palavras de maior tamanho, quais as de tamanho médio e quais as mais pequenas. À medida que as crianças irão dizendo as palavras, a estagiária irá escrever apenas sete delas no quadro.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Computador; Projetor; Programa "Menti"; Tablets; Papel autocolante; Tesoura; Lápis. 	<ul style="list-style-type: none"> Grelhas de observação direta; ✓ Averiguar se as crianças realizam um discurso elaborado e correto relativamente à temática abordada; ✓ Averiguar se as crianças respeitam e cumprem as regras implementadas pela estagiária; ✓ Averiguar se as crianças conseguem utilizar as TIC facilmente; ✓ Averiguar se as crianças conseguem registar as palavras no programa "Menti";

<p style="text-align: center;">Oralidade</p> <p><u>Escutar discursos breves para aprender e construir conhecimentos</u></p> <p><u>Produzir um discurso oral com correção</u></p> <p><u>Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor</u></p> <p style="text-align: center;">TIC</p> <p><u>Cidadania Digital</u></p> <p><u>Comunicar e Colaborar</u></p>	<p>estrutura silábica mais complexa;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Responder adequadamente a perguntas; • Partilhar ideias e sentimentos • Ter consciência do impacto das TIC no seu dia a dia; • Conseguir utilizar corretamente as TIC; • Comunicar (por texto, áudio, vídeo, etc.), utilizando ferramentas digitais, para expressar uma ideia ou opinião, explicar ou argumentar, no contexto das atividades de aprendizagem de diferentes áreas do currículo. 	<p>Depois de as palavras estarem escolhidas, a estagiária, irá escrever as sete palavras em papel autocolante, para de seguida distribuir duas ou três letras por criança para que estas recortem.</p> <p>No final de as letras estarem todas recortadas, a estagiária pede a cada criança que a ajude a colar as letras na porta da sala, para formar as palavras que escolheram com o programa "Menti". No final de as palavras estarem coladas na porta, a estagiária termina com a colocação da estrela no topo da árvore que se irá realizar com as palavras coladas e na parte de baixo da árvore o vaso da mesma.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Averiguar se as crianças registam palavras diferentes das que foram abordadas em sala de aula; ✓ Averiguar se as crianças conseguem desenhar corretamente as letras das palavras escolhidas, no papel autocolante; ✓ Averiguar se as crianças efetuam o corte das letras corretamente; ✓ Registos Fotográficos; ✓ Produções elaboradas pelas crianças.
---	---	--	--

Tabela 7 - Planificação da atividade "Medir massas de uma forma deliciosa"

Áreas de Conteúdo	Objetivos	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>Matemática</p> <p><u>Medir massas</u></p>	<p>- Relacionar as diferentes unidades de massa do sistema métrico;</p> <p>- Realizar pesagens utilizando as unidades do sistema métrico e efetuar conversões;</p>	<p>Inicialmente a estagiária pergunta às crianças, se sabem onde podemos usar as medidas de massa e pede para que estas deem exemplos.</p> <p>Após ouvir as respostas dos alunos, a estagiária dá então início à aula.</p> <p>Nesta atividade a estagiária irá realizar juntamente com as crianças um bolo de caneca, onde se irão guiar pela receita que no dia anterior converteram as medidas de massa.</p> <p>A estagiária começa por pedir às crianças para partirem o ovo para dentro da caneca e com um garfo batam muito bem. De seguida pede às crianças que juntem três colheres de sopa de óleo, as quatro colheres de sopa de açúcar, as quatro colheres de sopa de leite e as duas colheres de sopa de chocolate em pó, mexendo tudo muito bem no final. Depois de estar tudo muito bem envolvido, a estagiária pede então para as crianças para juntarem as 4 colheres de sopa de farinha e uma colher de café de fermento em pó.</p> <p>Sempre que necessário a estagiária irá auxiliar as crianças durante todo o processo, dando algumas dicas de como as crianças deverão proceder.</p>	<p>- Receita do bolo de caneca;</p> <p>- Uma caneca;</p> <p>- Uma colher de sopa;</p> <p>- Uma colher de café;</p> <p>- Açúcar;</p> <p>- Chocolate;</p> <p>- Óleo;</p> <p>- Leite;</p> <p>- Farinha;</p> <p>- Fermento;</p> <p>- Ficha de trabalho.</p>	<p>Tabela de envolvimento das crianças na atividade</p> <p>Grelha de observação direta:</p> <p>- Averiguar se as crianças efetuam as pesagens corretas;</p> <p>-Averiguar se as crianças realizam com facilidade todos os passos da receita;</p> <p>Produções das crianças.</p>

Tabela 8 - Planificação da atividade "Jogo do Bingo da matemática"

Área de Conteúdo	Objetivos	Atividades/Estratégias	Recursos	Avaliação
<p>Matemática</p> <p>Sistema de numeração decimal</p> <p><u>Descodificar o sistema de numeração decimal</u></p> <p>Geometria e Medida</p> <p><u>Medida</u></p> <p>- Medir comprimentos e áreas</p>	<p>- Designar mil unidades por um milhar e reconhecer que um milhar é igual a dez centenas e a cem dezenas;</p> <p>- Relacionar as diferentes unidades de medida de comprimento do sistema métrico;</p> <p>- Medir distâncias e comprimentos utilizando as unidades do sistema métrico e efetuar conversões.</p>	<p>A estagiária, inicia a aula perguntando se alguma vez jogaram ao jogo do Bingo e se alguém sabe explicar como se joga. Depois de ouvir as respostas das crianças, a estagiária explica então o que irão jogar a seguir.</p> <p>Explica ainda que irá mostrar várias perguntas e que cada criança individualmente terá de as resolver no caderno. Em seguida, cada criança terá de ver se os resultados das contas que fizeram, estão presentes no cartão dado previamente pela estagiária. Caso estejam o número no cartão, cada criança terá de colocar um marcador em cima desse número. No final, se alguma criança conseguir completar o cartão na totalidade, terá de gritar BINGO e será o grande vencedor.</p> <p>As crianças que não conseguirem imprimir os cartões de jogo, poderão registar os resultados do seu cartão no caderno e jogar a partir do mesmo.</p>	<p>- Computador;</p> <p>- Jogo do Bingo;</p> <p>- Cartões de jogo.</p>	<p>Grelha de observação direta:</p> <p>- Averiguar se as crianças perceberam a dinâmica e as regras do jogo ;</p> <p>-Averiguar se as crianças conseguem expressar-se corretamente relativamente às suas dúvidas;</p> <p>- Averiguar se as crianças efetivamente entenderam os conteúdos transmitidos;</p> <p>- Averiguar se efetuam corretamente as conversões e contas.</p>

Anexo B - Guião das entrevistas a educadoras e professoras

Tabela 9 - Guião da entrevista a educadoras e professoras

Blocos	Objetivos	Questões	Indicadores
<p><u>Bloco I</u></p> <p>Apresentação da Entrevista</p>	<p>Dar início à entrevista, com uma pequena introdução, apresentando a entrevistadora e o que pretende com a presente investigação.</p>	<p>Identificação das informações a cerca do estabelecimento de ensino à qual pertence o presente relatório, bem como apresentação do tema da própria investigação.</p> <p>Ainda dentro da apresentação da entrevista, esta deve salientar que a mesma será utilizada para efeitos de investigação académica e que não comprometerá a identidade do entrevistado, bem como a instituição onde este leciona.</p>	
<p><u>Bloco II</u></p> <p>Caraterização do Entrevistado</p>	<p>Recolha de informação sobre a formação e as habilitações do entrevistado, de modo a perceber que qualificações este terá para ajudar na investigação.</p>	<p>1. Quantos anos de carreira tem como docente?</p> <p>2. Há quanto tempo ensina nesta instituição?</p>	
<p><u>Bloco III</u></p> <p>Motivação</p>	<p>Perceber o que o docente entende por motivação;</p> <p>Verificar se o mesmo consegue dar exemplos de motivação intrínseca e extrínseca;</p>	<p>3. De acordo com Chiavenato (1999), citado por Ricardo (2011), define a motivação como tudo o que move uma pessoa a agir de determinada maneira, podendo este ser impulsionado por um estímulo intrínseco (interno) ou extrínseco</p>	<p>3.1 Consegue relacionar a sua resposta à motivação intrínseca ou extrínseca, dando exemplos de situações concretas?</p>

	<p>Entender a perspetiva do docente relativamente à motivação ou desmotivação dos seus alunos;</p> <p>Averiguar se existem docentes que utilizem novas estratégias dentro da sala de aula, de modo a fomentar a motivação e o interesse das crianças nas atividades;</p>	<p>(externo). Tendo em conta esta definição, qual o nível de motivação dos seus alunos?</p> <p>4. Sente que os seus alunos se desmotivam facilmente?</p> <p>5. Quais os fatores, que na sua opinião favorecem tal desmotivação?</p> <p>6. Dentro da sua sala tenta utilizar estratégias diferenciadas para motivar as suas crianças?</p> <p>7. Recorre a atividades mais lúdicas e a recursos mais dinâmicos nas suas intervenções?</p>	<p>4.1 Se sim , quando?</p> <p>4.2 Quando não percebem os conteúdos lecionados?</p> <p>6.1 Como?</p> <p>7.1 De que forma?</p>
<p>Bloco IV</p> <p>Interesses</p>	<p>Identificar as conceções do entrevistado sobre os interesses das crianças e de como estes podem influenciar as suas intervenções enquanto docentes.</p>	<p>8. Preocupa-se em identificar quais os interesses e gostos das suas crianças?</p> <p>9. Nas suas planificações tem em consideração, os interesses das mesmas?</p>	<p>8.1 De que modo?</p> <p>9.1 Como?</p>
<p>Bloco V</p> <p>Aprendizagem</p>	<p>Verificar quais as conceções do docente sobre o ensino-aprendizagem;</p> <p>Identificar quais as estratégias adotadas pelo mesmo, de modo a promover uma boa aprendizagem em sala de aula;</p>	<p>10. O que entende por ensino-aprendizagem, isto é, como relaciona a forma como ensina com as aprendizagens adquiridas pelos seus alunos?</p> <p>11. Acha que a motivação e as aprendizagens estão diretamente relacionadas?</p>	<p>11.1 De que forma?</p>

		<p>12. Consegue dar exemplos práticos de alguma estratégia que utilizou para fomentar uma aprendizagem significativa?</p> <p>13. De que forma interage com as famílias sobre estes temas (a motivação, os interesses e as aprendizagens) de modo a intervir mais pormenorizadamente no ensino-aprendizagem de cada criança?</p>	12.1 Como?
<p><u>Bloco VI</u></p> <p>Ambiente em sala de aula</p>	<p>Compreender de que forma o docente acha que um bom ambiente em sala de aula é fulcral para que haja uma maior motivação em aprender, por parte das crianças;</p> <p>De que forma o docente promove o bom funcionamento em sala de aula.</p>	<p>14. Na sua opinião de que forma o ambiente em sala de aula influencia a motivação de um aluno?</p> <p>15. Como promove o bem-estar dentro da sua sala de aula?</p>	
<p><u>Bloco VII</u></p> <p>Fecho da Entrevista</p>	<p>Finalizar a entrevista, agradecendo pela disponibilidade cedida para a realização da mesma, bem como todos os conhecimentos transmitidos de modo a enriquecer a investigação.</p>	<p>16. Obrigada pela sua participação e pelos conhecimentos transmitidos que decerto enriqueceram a investigação em curso.</p>	

Anexo C - Transcrições das educadoras de infância

Transcrição da entrevista da Educadora F

Entrevistadora: Então bom dia, desde já quero agradecer a sua participação nesta entrevista, que será fulcral para toda a investigação que estou a realizar, para ser integrada no Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre. Esta investigação tem como tema “Como a motivação e os interesses influenciam as aprendizagens em crianças na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico”, por isso, todas as perguntas serão feitas com base nesta temática. Não posso deixar de salientar que esta entrevista será utilizada apenas para efeitos de investigação académica e que não comprometerá a sua identidade, bem como a instituição onde leciona.

Entrevistadora: Então podemos começar a fazer as perguntas?

Entrevistada: Sim, força!

Entrevistadora: Para percebermos um bocadinho o que faz, fale-me um pouco sobre o seu percurso profissional desde o início até agora.

Entrevistada: Pronto, desde que acabei o curso certo?

Entrevistadora: Sim, sim, sim.

Entrevistada: Ok, ok. Então é assim eu acabei o curso em 97, em 1997, entretanto tive... ainda na altura era bacharelato, ham...aqui na ESES de Santarém, entretanto depois concorri pó publico, tive durante dois anos...não foram dois anos completos mas tive durante dois anos a trabalhar como apoio educativo, ham...em 1º ciclo no 1º ano na Golegã e no 2º ano foi em Vale da pinta em pré-escolar, pronto em jardim de infância, portanto esses dois anos. Depois em 99 entrei aqui para a Santa Casa da Misericórdia de Santarém, onde estou até agora portanto, agora estes 21 anos que já lá estou tenho tado...portanto sou educadora de infância, tenho tado em creche e em pré-escolar tenho acompanhado... já acompanhei vários grupos de meninos desde a sala de 1 ano até aos 5 anos..ham... à dois anos para cá sou educadora de infância e tou também coordenadora pedagógica da creche e do pré-escolar, portanto estou com as duas funções, ta bem?

Entrevistadora: Então tem quantos anos de carreira como docente?

Entrevistada: Então...não são completos, mas são 23, sim 23 anos de carreira...

Entrevistadora: E há quanto tempo ensina nesta instituição que está agora?

Entrevistada: Há 21...há 21 anos que trabalho na Santa Casa da Misericórdia.

Entrevistadora: Eu agora vou passar a ler uma citação e depois gostava de saber a sua opinião a cerca da mesma. De cordo com Chiavenato (1999), citado por Ricardo (2011), define a motivação como tudo o que move uma pessoa a agir de determinada

maneira, podendo este ser impulsionado por um estímulo intrínseco (interno) ou extrínseco (externo). Tendo em conta esta definição, qual o nível de motivação dos seus alunos? Como os caracteriza?

Entrevistada: Então é assim...pronto esse excerto tem tudo o que é de positivo e que é verdade, não é? **porque é preciso motivação para conseguir fazer alguma coisa e é preciso que eles estejam motivados e é preciso que eu esteja motivada, tem que haver ambo...uma motivação de ambas as partes, certo? Normalmente são crianças que são bastante motivadas, que tem bastante motivação estão sempre recetivas àquilo que lhes proponho,** caso eu ache que algum que não tenham motivação tento de alguma maneira motivar e chamar...e fazer de outra maneira que ache que os motive mais, pronto...tentar ali arranjar maneira de os motivar. **Mas por enquanto não tenho tido esse problema, são crianças muito recetivas que gostam muito de aprender, de fazer coisas, de trabalhar, de novidades por isso não tenho tido esse problema.**

Entrevistadora: Portanto é um grupo bastante motivado, em qualquer coisa que apresente eles têm sempre bastante motivação?

Entrevistada: **E são os próprios a darem ideias, também tem...agora mais que são mais velhinhos, não é?** Tento sempre, eu tento sempre na minha planificação faço uma abordagem...planificação mas depois é consoante o desejo deles também e eles também entram na planificação, ou seja eles também dão ideias, ham...primeiro pergunto sempre a eles o que é que acham, se tem outras ideias, o que é que querem fazer e às vezes aparece algum um dia aparece com um tema que eu depois até modifico a planificação e faço alguma coisa relativamente a esse tema, eles estão sempre a interagir, sempre na planificação, ok?

Entrevistadora: Hum ok, consegue relacionar a resposta que me deu agora à motivação intrínseca ou extrínseca, dando exemplos de situações concretas que tenham acontecido?

Entrevistada: Mas um exemplo de alguma atividade?

Entrevistadora: sim, um exemplo que se lembre, uma situação que tenha acontecido.

Entrevistada: Posso dar um exemplo, por exemplo da situação que estamos a atravessar e não temos tido aulas online, vídeos conferências em direto porque os pais assim preferiram, mas tenho gravado vídeos onde...onde interajo com eles, onde falo com eles como se tivéssemos na sala...e isto para dizer o que? Todas as atividades que eu tenho proposto, as atividades são todas propostas não é nada obrigatório, porque às vezes há pais, há famílias que não tem tempo, tudo o que eu tenho proposto eles tem sido bastante motivadores para tal e têm sido bastante...a receção tem sido bastante positiva, ou seja, eu ponho normalmente os vídeos por volta das 10 da manhã

quando são 10h30 nem isso, às vezes já tenho atividades... a mostrarem-me atividades, portanto daí o grau de motivação que eles tem e os pais também neste caso.

Entrevistadora: E sabe se são eles próprios que querem realizar as atividades por iniciativa própria ou são os pais que acabam por obriga... não é obriga-los, mas incentivá-los a?

Entrevistada: Não, não, não! Estas... conhecendo o grupo como conheço, sei que são eles próprios que querem fazer e querem mostrar, pronto... inclusive dou exemplo de um, um deles que eu pedi para fazer dois trabalhos, ele não fez dois... ele fez uns quatro ou cinco em estendal para me mostrar (risos). Agora uma situação que seja preciso... é mais difícil, deixa-me pensar um bocadinho...

Entrevistadora: Não precisa de ser agora enquanto estamos em confinamento, pode ter sido alguma coisa que tenha acontecido em sala de aula...

Entrevistada: Às vezes um jogo que tentemos fazer... onde seja preciso, ham... ter um grau de concentração mais elevado e que haja sempre um ou outro que é mais dist... que fala mais, que destabilize mais pronto e que seja preciso se calhar ai arranjar outras alternativas ou por música... tentar por uma música mais calma para eles se acalmarem, tentar falar com eles... pronto, não sei se é um exemplo muito bom, mas imaginemos que estamos a fazer uma atividade coletiva que requer, lá está, mais atenção e mais concentração e que eles estejam desmotivados ou que estejam... às vezes nem é que estejam desmotivados, as vezes é sem atenção ou um ou outro que não estejam para aí virado, pronto... e tentar de alguma forma chegar mais a eles e tentar... ou... ou falar com eles, ou lá está pôr uma musica mais calma, ou explicar de outra maneira, ou tentar modificar o jogo de outra maneira que chame mais a atenção... não sei se ajudei...

Entrevistadora: Sim claro que ajudou! e sente que lá está, mesmo sendo um grupo motivado como já me disse acha que em certas atividades implementadas, eles desmotivam facilmente, mesmo sendo um grupo motivado?

Entrevistada: Não, acontece é normal são crianças... elas acabam por se desmotivar...

Entrevistadora: E normalmente quando acontece isso é porque não percebem os conteúdos que estão a ser passados?

Entrevistada: Umás vezes pode ser, um ou outro caso que isso aconteça outras vezes é porque não estão recetivos a... de igual maneira, certo? há uns dias que estão mais recetivos que outros, ou que estão mais excitados por alguma coisa ou porque se chatearam por alguma coisa e que pode não acontecer e pode a motivação não estar tão elevada pronto... é normal que isso aconteça e acontece pronto, não digo que não embora sejam bastante motivados, mas sim acontece.

Entrevistadora: Em alguns aspetos acabam por se desmotivar...

Entrevistada: Por desmotivar ou porque também alguns levam mais tempo a fazer...por exemplo imaginemos uma atividade que eu fiz a pouco tempo de...que nós tavamos a falar das profissões e ele escolheram algumas profissões para fazerem de conta que cada dia eram...faziam de conta que estavam a fazer essa profissão e houve um dia que foi dos pintores e eu pus alguns materiais...dividi-os em grupos e pus vários materiais na mesa com uma folha, pus música, dei-lhes vários desenhos para eles poderem copiar, imitar pronto...e eles ao som da música...lá está são atividades que vamos fazendo e que vocês também sabem, pronto ao som da musica iam pintando e iam fazendo o desenho. Há uns que levam mais tempo que são muito minuciosos, que gostam das coisinhas muito bem feitas, pronto...levam mais tempo...Aqueles que levam menos tempo acabam por começar a desmotivar e a começar a ficar cansados e aí nós temos que arranjar...lá está nos vamos aprendendo com as atividades que vamos fazendo, não ser coisas tão complicadas, que levem tanto tempo...tentar gerir isso de outra forma...

Entrevistadora: Ham...tirando os conteúdos lecionados que acabamos de falar, quais os outros fatores que na sua opinião podem favorecer uma tal desmotivação, do grupo ou de uma criança como ser individual?

Entrevistada: Às vezes os próprios amigos motivarem-se uns aos outros, não é? Pode acontecer...pode acontecer nós também arranjarmos...

Entrevistadora: para motivar ou desmotivar, não percebi?

Entrevistada: Para motivar, não foi isso que me perguntou?

Entrevistadora: Não eu perguntei ao contrário, ou seja, quais são os fatores que podem...para além de eles não perceberem os conteúdos lecionados, quais outros fatores que podem levar à desmotivação?

Entrevistada: A falta de atenção, falta de gosto por aquilo que se vai fazer nem todos tem de gostar de pintar, nem todos tem de gostar de dramatizar, pronto...acho que é por aí também...

Entrevistadora: São fatores chave para si, portanto...e dentro da sua sala tenta utilizar estratégias diferenciadas para motivar as suas crianças? No geral e individualmente?

Entrevistada: Sim porque eles lá está são todos diferentes e por vezes é preciso motivar de outras maneiras, quando nós planificamos uma atividade temos de ter logo em conta...até porque há crianças que são mais novas que outras, o grau de perceção é diferente e nós temos que tentar...mas isso depois também é com a conversa com eles tentar pegar, chegar...fazemos primeiro uma primeira abordagem e depois quando vimos que essa abordagem não está a chegar a outros dizer: "percebeste? Então e se fizermos de outra maneira?", pronto tentar falar com eles e tentar perceber a onde é que se pode modificar ou não para tentar chegar à motivação de todos.

Entrevistadora: E recorre sempre a atividades mais lúdicas e a recursos mais dinâmicos nas suas intervenções para captar a tal atenção e motivação?

Entrevistada: Sim! Tenho sempre de recorrer a esse tipo de atividades senão, não resulta.

Entrevistadora: De que forma?

Entrevistada: E também há bocado esqueci-me de dizer uma coisa, se eu ver que há uma criança que desmotiva completamente e não gosta mesmo de fazer, não é obrigado. Não estamos ali para obrigar a fazer uma coisa que não querem ou não gostem, tentamos sempre que façam, mas caso aconteça que não queiram mesmo ou que não gostem, ou que não consigam, não é por aí. Também às vezes temos crianças...por exemplo tenho um que começa a chorar a dizer que não consegue fazer, que não sabe fazer, pronto, não é? "Não, não é tu não sabes fazer, toda a gente sabe fazer, não tens de fazer igual fazes como tu sabes, não é?" Mas depois há aquele receio se faz mal ou não, mas a gente tem de tentar chegar aí a dizer que não faz mal cada um faz como sabe, não é?

Entrevistadora: Para pelo menos tentar, não é?

Entrevistada: Exatamente!

Entrevistadora: Ainda pegando na pergunta anterior que lhe fiz, recorre a atividades mais lúdicas e a recursos mais dinâmicos nas suas intervenções e de que forma é que o faz?

Entrevistada: Pronto, atividades lúdicas como assim? Dando exemplos?

Entrevistadora: Mais dinâmicas, que capturem a atenção deles ou utilizar recursos mais dinâmicos também?

Entrevistada: Sim, sim, sim! Por exemplo...isto é um exemplo, se houver uma história que eu queira desenvolver com eles mas que seja daquelas histórias mais maçadas, não vou mostrar no livro vou fazer uns fantoches, vou fazer de outra maneira em mais pequenino com uma história...com uma adaptação da história em mais pequenino feito por mim, onde consiga chegar ao conteúdo da história mas de outra maneira, lá está mais lúdica mais apelativa para eles.

Entrevistadora: Preocupa-se em identificar quais os interesses e os gostos das crianças? E de que forma é que o faz? De que maneira é que consegue perceber individualmente e no geral esses mesmos interesses e gostos que cada um tem para poder utilizar depois mais tarde em atividades ou jogos, o que for fazer na altura?

Entrevistada: Sim claro que sim, para já conseguimos fazer isso em grupo quando estamos na conversa do bom dia, onde planificamos tudo o que vamos fazer durante o dia, eu normalmente faço isso com eles...ou durante o dia ou durante a semana planificamos sempre o trabalho para o resto da semana.

Entrevistadora: Em conversa com eles?

Entrevistada: Em conversa com eles, ao mostrar atividades, ao mostrar ideias que queiramos fazer...logo ai consegue-se ver se há crianças que estão recetivas ou se já desligaram e já estão a olhar para o lado e não querem saber, pronto ai consegue-se logo ver...depois consegue-se quando eles fazem o trabalho individualmente também, normalmente nós...eu não costumo fazer com eles, a não ser que seja um trabalho de grupo eu não costumo fazer com eles, todos ao mesmo tempo. Imagina que estamos a fazer um desenho de uma história, eles não estão todos a fazer o desenho de uma história, uns tão a brincar e eu vou chamando dois ou três para irem fazer o trabalho comigo, logo ai é mais fácil perceber as dificuldades, o grau de aprendizagem, se estão motivados, se gostam ou não...normalmente é por ai que eu vou vendo, portanto pela observação direta, muitas vezes também às vezes recorro a registos fotográficos, a registos escritos, mas mais observações diretas.

Entrevistadora: E nas suas planificações tem em consideração esses mesmos interesses, ou seja, fazendo essa análise, essa observação dos gostos e dos interesses deles para ter uma...para aplicar uma aprendizagem mais individual, tem em consideração esses dois pontos na elaboração da sua planificação?

Entrevistada: Sim, tenho para já a planificação é feita para um grupo, aquele grupo que é o que conheço e que há partida sei que é recetivo a fazer essas atividades, mas de qualquer maneira se por acaso não achar que...vamos dar um tema geral, não é? Que é um tema por exemplo que é o tema do dia dos namorados, não é? Vamos também de encontro mais àquilo que eu sei que eles gostam mais de fazer, nós as vezes deixamos de fazer outro tipo de atividade para irmos fazer mais de encontro àquilo que eu sei que o grupo está mais recetivo a fazer, pronto e também se pode modificar caso eu acho e veja que não há ali recetividade, também se modifica, não...lá está é uma planificação, não é? que é feita, que eu penso semanalmente nessa planificação, às vezes mensalmente mas normalmente é semanalmente mas que pode sofrer alterações. Às vezes há um dia que aparece um com uma história sobre um determinado...isto é um exemplo, sobre um animal e que depois eles queiram saber mais sobre esse animal às vezes modificamos, não é? Pronto quando foi esta agora das...das...das profissões andamos a fazer uma dramatização dos fantoches, onde cada grupo escolhia uma história para fazer...ainda não se chegou-se a concretizar porquê? Porque entretanto falta um ou falta outro nunca temos os elementos todos e pronto lá está e nós temos que ir modificando as planificações e consoante o gosto deles e consoante a disponibilidade, e se temos o grupo ou não, pronto...respondi bem? Não sei se...

Entrevistadora: Sim, sim, sim ia só fazer uma pergunta ainda dentro desta que fiz...então tenta sempre consoante aquilo que pretende que eles aprendam, ir buscar coisas que eles gostam e juntar o útil ao agradável por assim dizer?

Entrevistada: Sim, tento sempre de uma maneira que eles gostem de aprender, não de uma maneira maçuda que eles estejam ali...

Entrevistadora: E o que entende por ensino-aprendizagem, ou seja, como relaciona a forma como ensina com as aprendizagens adquiridas pelas suas crianças?

Entrevistada: Ham...como assim? Se eu vejo resultados da maneira como ensino?

Entrevistadora: Acha que por exemplo, a maneira como ensina está ligado exatamente à forma como eles aprendem? Se está relacionado uma coisa com a outra...

Entrevistada: Sim, eu penso, claro que sim. A forma como eu ensino está diretamente ligada à forma como eles assimilam as coisas e aprendem, sem dúvida!

Entrevistadora: Ou seja, se você transmitir os conteúdos de uma forma acha eles aprendem melhor ou pior dependendo também como os apresenta?

Entrevistada: Sim aquele exemplo que eu tinha tado abocado a falar, o exemplo da história, em vez de ser a história em livro ser em fantoches porque se calhar a ideia ou o tema que quero transmitir na história torna-se mais maçudo e eles até poderão lá chegar, mas chegam de uma maneira mais desmotivada, não é? E se for em fantoches a brincar, não é? Se calhar conseguimos...por exemplo o tema de sermos todos amigos...não...ou...ham...ajudarmos uns aos outros se calhar se for feito em história, em livro torna-se mais maçudo e eles não ligam, se for num jogo, numa brincadeira, numa demonstração é sempre diferente.

Entrevistadora: Hum, hum...E acha que a motivação e as aprendizagens estão diretamente relacionadas?

Entrevistada: Claro, se o grau de motivação não tiver elevado a aprendizagem também...não...não...não chegam lá.

Entrevistadora: E de que forma é que acha que a motivação pode potenciar ou não as aprendizagens?

Entrevistada: Pode e muito, a motivação pode potenciar a aprendizagem na medida em que se eles tiverem motivados é muito mais fácil a aprendizagem, a aquisição dos conhecimentos claro que sim.

Entrevistadora: E consegue dar exemplos práticos de alguma estratégia que usou para fomentar uma aprendizagem significativa? Ou seja, aplicou uma estratégia e reparou que realmente que ao utilizar aquela estratégia eles...foi muito mais fácil para eles aprenderem e tomarem conhecimento, até mesmo no futuro...se calhar aquela abordagem que eu tive com eles trouxe resultados que ainda hoje eles se lembram daquilo que lhes ensinei.

Entrevistada Ham...por exemplo dos...do corpo humano...por acaso não foi este ano já foi o ano passado, no final do ano que falamos do corpo humano. Claro que a mostrar ilustrações, a ver em livros é uma coisa mas nós fizemos mesmo com eles o corpo humano em forma real, onde fomos colocando os órgãos, onde fomos colocando os sentidos, onde falamos disso tudo e foi muito mais fácil da perceção deles, depois de terem aquela imagem na sala, na parede onde conseguiam ao mesmo tempo...foi construída por eles, não é? Eles participaram na aprendizagem, não é? Não foi só o ouvir e o ver, foi a realização mesmo daquele trabalho e é mais fácil para eles adquirir esse conhecimento.

Entrevistadora: Sim, sem dúvida é muito mais apelativo e mais giro. Ham...E de que forma é que interage com as famílias sobre estes temas que falámos ainda à pouco (os interesses, a motivação e as aprendizagens) de modo a intervir mais pormenorizadamente no ensino-aprendizagem de cada criança?

Entrevistada: Então é assim, normalmente as famílias são informadas daquilo que nós estamos a trabalhar, para já tem conhecimento do projeto pedagógico, para além disso agora neste momento as famílias não entram dentro do colégio, pronto, não se pode entrar ficam à porta mas noutras alturas que não seja agora nesta da pandemia, nós temos à entrada...para além de ter os trabalhos expostos, os pais tão sempre a par daquilo que se vai falando temos também à entrada da porta uma planificação semanal, ou seja, uma planificação semanal não é igual aquela que nós fazemos com os objetivos, as estratégias e não sei o quê...mas é “o que fizemos esta semana”, e todos os dias é registado o que é que foi feito e os pais quando vão ao fim do dia buscar as crianças leem e veem “olha ele hoje fez isto, fez isto, fez isto, fez isto”, pronto. Depois também temos aquela interação, que agora não há mas a interação da família sempre com trabalhos, por exemplo...a tentar que eles façam alguma coisa em casa, imaginemos agora no carnaval mandava uma forma de uma máscara para casa onde eles ilustravam e depois traziam para a escola para mostrar aos amigos como é que fizeram e o que é que fizeram com os pais, pronto há esta interação com os pais. Agora no momento que nós estamos da pandemia, também é sempre colocado no final da semana, sempre atividades...tiro registos das atividades que eles vão fazendo ao longo da semana para os pais estarem também a par do que se está a passar e também para haver ali uma interação entre famílias e nós, não é? Também depois os pais “então hoje aprendeste...sobre...ser amigo” pronto, não é? “então o que é que falaram? Não sei quê olha, mas não te esqueças é isto também...” pronto, lá está para haver uma ligação família-escola.

Entrevistadora: E acaba sempre por ter algum tipo de conversa informal ou outro tipo de comunicação com os pais para perceber também algumas dificuldades que as

crianças tenham, ou alguma desmotivação, ou até mesmo só perceber o porquê de algumas atitudes que as crianças possam ter ao longo do dia para poder, lá está fazer essa tal intervenção mais pormenorizada em cada criança?

Entrevistada: Isso acontece, a gente às vezes quando os pais vão os buscar ou assim dizer “ olha hoje não correu assim tão bem porque não lhe apeteceu fazer...”, “então, mas porquê?”, pronto às vezes não se consegue chegar a uma conclusão e muitos dos pais às vezes também dizem que eles em casa são completamente diferentes do que são connosco, não é? Alguns chegam a casa e não dizem o que é que fizeram, “então o que é que fizeste hoje? Não fiz nada brinquei” pronto, não é? Isso às vezes é difícil, mas tentamos sempre perceber ou tentar perceber a onde é que nós erramos, onde é que podemos modificar de outra maneira para tentar perceber o porquê dessa desmotivação.

Entrevistadora: Na sua opinião de que forma o ambiente em sala de aula influencia a motivação do aluno?

Entrevistada: É, é muito importante claro que sim é um ambiente que esteja, um ambiente que esteja calmo, que eles estejam...imaginemos que eles estejam sossegados a fazer uma determinada atividade, ou que estejam motivados para ela e aquela em que haja um ou outro que não esteja motivado e esteja a fazer barulho, esteja a fazer um défice de atenção para os outros é completamente diferente. Se tiver uma sala recetiva ou que não estejam todos recetivos é completamente diferente o grau de motivação. É preciso que esteja sempre um ambiente calmo, claro que não é preciso estar ali tudo caladinho que não possam dizer nada, não tou a dizer isso percebe? A gente sabe como é que eles são, são crianças e começam a falar e depois começam a falar todos ao mesmo tempo e tá tudo aos gritos porque são 20 crianças a falar ao mesmo tempo é normal e se tiver em sossego, se tiver a tentar captar a atenção de maneira a que eles estejam mais sossegadinhos e que estejam todos com atenção é completamente diferente, sim.

Entrevistadora: E como é que promove o bem-estar dentro da sua sala?

Entrevistada: Como é que promovo? Essa é difícil de...(risos) é o de darmos-nos todos bem, é sabermos comunicar todos uns com os outros, é sabermos ouvir os outros que isso nem sempre acontece claro, não tamos aqui numa sala perfeita até porque não existem, mas é sempre a tentar que estejamos todos em consenso e estarmos todos...ham...pronto como é que eu ei de explicar...que estejamos todos...que saibamos estar em grupo que é mesmo assim, pronto.

Entrevistadora: Que estejam felizes não é essencialmente isso?

Entrevistada: É, é isso sem dúvida.

Entrevistadora: Vamos então há última pergunta, para si a organização da sala é importante para a motivação e as aprendizagens das suas crianças? E de que forma?

Entrevistada: Está a perguntar a uma educadora que muda a sala não sei quantas vezes por ano! (risos) Eu adoro mudar, pronto este ano estamos em janeiro e a sala já foi mudada 3 vezes, pronto para ver, lá está porque eu gosto de mudar e eles também eles já se habituaram, já tão comigo desde pequeninos, desde o 1 ano sabem que eu gosto mudar e digo “olha hoje vamos mudar a sala!” e ele “Ehhhhhhhhh!!!” (risos).

Entrevistadora: E ajudam nisso?

Entrevistada: E ajudam, e ajudam! Pronto, primeiro vou eu porque é moveis e tudo...mas depois pergunto sempre “olha e o que é que acham de por a biblioteca aqui?” “Ah ali não sei quê...”, “olha que é melhor...” pronto porque se a gente vai dar ouvidos a todos não entram em consenso, mas pronto...(risos). Mas lá está, eu acho que é muito importante a organização da sala e a maneira que está distribuída e mudar, mudar parece que estamos numa sala nova, a motivação é outra e eles gostam, as áreas... ou uma fica pequenina numa altura, mas vai ficar maior noutra e eu acho que isso é importante, sim.

Entrevistadora: E nota diferença a nível das aprendizagens quando faz essas mudanças dentro da própria sala, ou acha que acaba por ficar o mesmo simplesmente o ambiente é outro?

Entrevistada: Talvez, eu acho que sim...por acaso é uma coisa que eu nunca reparei bem, bem nisso, sou te sincera, mas eu penso que o nível de aprendizagem é o mesmo ficam é diferentes...lá está porque parece uma sala nova e é mais apelativa.

Entrevistadora: Pronto, terminamos por aqui a nossa entrevista espero que tenha gostado e mais uma vez, obrigada pela sua participação e pelos conhecimentos transmitidos que decerto enriqueceram a investigação em curso.

Tempo de duração da entrevista: 00:30:56

Legenda das categorias:

- **Caracterização do entrevistado**
- **Nível de motivação dos alunos que leciona**
- **Identificação dos interesses e gostos das crianças**
- **Relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças**
- **Relação entre motivação e interesses**
- **Relação entre a motivação intrínseca e extrínseca (exemplos em sala de aula)**
- **Relação escola-família**

- Características da instituição onde trabalha
- Estratégias diferenciadas para promover a motivação
- Metodologias aplicadas/Atividades Lúdicas e recursos dinâmicos utilizados
- Desmotivação
- Características dos alunos
- Exemplos práticos de estratégias utilizadas para promover uma aprendizagem significativa
- Relação entre motivação e aprendizagem
- Definição de ensino-aprendizagem
- Relação entre a família e a criança
- Interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens)
- Relação entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos
- Organização da sala tendo em conta os interesses/gostos/necessidades das crianças
- Relação entre a sala de aula e as aprendizagens

Transcrição da entrevista da Educadora J

Entrevistadora: Boa tarde, desde já quero agradecer a sua participação nesta entrevista, que será fulcral para toda a investigação que estou a realizar, para ser integrada no Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre.

Entrevistada: Boa tarde!

Entrevistadora: Esta investigação tem como tema “Como a motivação e os interesses influenciam as aprendizagens em crianças na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico”, por isso, todas as perguntas serão feitas com base nesta temática. Não posso deixar de salientar que esta entrevista será utilizada apenas para efeitos de investigação académica e que não comprometerá a sua identidade, bem como a instituição onde leciona.

Entrevistadora: Para perceber um bocadinho melhor o que faz gostaria de saber um pouco mais sobre o seu percurso profissional.

Entrevistada: Então é assim, eu sou educadora de infância há 27 anos, hamm...de início tirei a minha formação inicial em Lisboa no João de Deus, na Escola Superior de Educação João de Deus. Posteriormente, entrei logo para o centro social para uma IPSS a trabalhar como educadora logo também. Depois mais tarde, muito mais tarde tirei a licenciatura em educação de infância aqui na escola Superior de Educação de Santarém e pronto...o meu percurso profissional é isso...e tou lá, tou no mesmo sítio há 27 anos. Já passei por muitos meninos e por muitas salas (risos).

Entrevistadora: E à quanto tempo trabalha nesta instituição?

Entrevistada: Desde sempre. Desde que eu comecei...desde que tirei o curso e entrei para aqui e estou aqui desde sempre.

Entrevistadora: Ou seja, sempre trabalhou nesta instituição.

Entrevistada: Nunca trabalhei noutra instituição senão aqui, nesta instituição.

Entrevistadora: Ok. Então eu vou passar a ler aqui uma citação que gostava de saber a sua opinião. De acordo com Chiavenato (1999), citado por Ricardo (2011), define a motivação como tudo o que move uma pessoa a agir de determinada maneira, podendo este ser impulsionado por um estímulo intrínseco (interno) ou extrínseco (externo). Tendo em conta esta definição, qual o nível de motivação dos seus alunos? Como os caracteriza?

Entrevistada: Olha eu acho que eles podem ser motivados das duas formas, tanto de uma forma intrínseca como extrínseca. Ham...muitas vezes o que eu faço para os motivar é um bocado mais extrínseco, ou seja, não sei se estou a perceber bem mas eu dou-lhes ferramentas exteriores para que eles se motivem a aprender. Em termos

práticos eu posso falar desta forma, hamm...por exemplo eu na adaptação, quando é no período de adaptação, isto eu tou me a lembrar assim de uma forma muito prática, eu proporciono às crianças nas primeiras entradas para a escola, quando eles não me conhecem ainda, alguns não conhecem a educadora, não conhecem a ajudante, não conhecem o espaço, então eu tento motivar...eu não sei se é bem isto que é...mas motivá-los a ir para a escola e a não chorarem...isto é um exemplo. Por exemplo tentando ter um ambiente na sala acolhedor, ham...apelativo, com cores, com áreas que eles gostam que eu sei que as crianças se entusiasmam a brincar e distraem-se.

Pronto não sei se é isto...não sei se respondi a tua pergunta...

Entrevistadora: então a nível de motivação, as crianças que tem na sua sala normalmente sentem-se motivadas a aprender, a fazer atividades ou desinteressam-se e não querem saber e depois tem que ser motivadas ao longo do processo?

Entrevistada: pois...também há momentos, ou há áreas em que eles se desinteressam e quando eles se desinteressam acabo por dar a volta de uma forma, ou desligo um bocadinho daquela área e dou-lhes outras...sei lá...outras formas de dar aquilo...por exemplo...eu só em termos práticos é que eu consigo explicar. Por exemplo, eles trazem um livrinho de casa para fazer...sei lá...grafismos, às vezes acontece os pais trazem...não sou muito disso, mas eles gostam de trazer, pronto, vêm entusiasmados com aquilo mas há um ou outro que também quer fazer aquilo que o amigo está a fazer, eu às vezes até insisto e não sei quê, mas depois desmotiva-se muito rapidamente, porque realmente é uma...é...ham...o que é que eu faço...por exemplo se é para recortar, assim em "Z" o que é que eu faço? Ponho-o a fazer outro tipo de atividades que tenham o mesmo objetivo, mas que sejam mais apelativas...

Entrevistadora: Hum...hum...mais interessantes para eles.

Entrevistada: Mais interessantes para eles.

Entrevistadora: Então no geral, você acha que as crianças que têm por exemplo neste ano, são crianças motivadas?

Entrevistada: Sim são, são. Muito motivadas! (risos)

Entrevistadora: Você já me deu alguns exemplos e já me disse que utiliza mais a motivação extrínseca. Consegue relacionar então a resposta que me deu ainda agora à motivação intrínseca ou extrínseca, ou seja, dando exemplos de alguma situação prática que aconteceu e em que utilizou os estímulos externos, como falou ainda agora?

Entrevistada: Eu é assim...em relação ao intrínseco o que é que eu penso? O que é que eles trazem de casa, os saberes que eles trazem de casa...eu...eu não sei se é isso...

Entrevistadora: Neste caso o que tãvamos a falar, era da motivação intrínseca ou seja, parte deles, eles próprios motivam-se sem recorrer a nada exterior. A motivação extrínseca é algo... neste caso você, que os motiva com alguma coisa externa a eles.

Entrevistada: ah, sim. Pois exatamente, então em relação à intrínseca o que é que eu penso? Geralmente quando eles entram na sala e olho para as crianças, eles vão...eles recorrem...eles vão ter...eles vão para as áreas que mais gostam e os deixo livremente a brincar, o que é que...e observo, quais são geralmente as áreas que eles mais gostam e o que é que eles fazem nessas áreas...tas a perceber? Sem haver estímulo nenhum externo, a não ser ter lá mesmo as áreas expostas, pronto...já é um bocadinho externo, mas pronto, aquilo está ali e eles vão escolher aquilo que eles querem, aquilo que eles gostam de fazer. De manhã quando eles chegam, e agora então com esta pandemia, não é? Porque nós vamos para uma bolha...nós não nos juntamos com os outros meninos, os meus meninos estão comigo na minha sala de manhã à tarde, pronto e de manhã quando eles chegam vão para as áreas de interesse, claro que as áreas já lá estão, mas eles interiormente...não sei se é isso...eles interiormente é que escolhem a onde querem ir.

Entrevistadora: Sente que normalmente por exemplo quando inicia alguma atividade eles se desmotivam facilmente? Ou são crianças que você consegue captar a atenção e posteriormente a motivação deles naquela atividade?

Entrevistada: São crianças que se motivam facilmente, até porque quando...também tenho o cuidado de apresentar atividades que vão de encontro aos gostos deles e eu sei também as características das crianças e do grupo e eu sei perfeitamente como é que tenho que lidar com eles, como é que tenho de demonstrar as atividades. Geralmente são atividades que estimulam, que estimulam muito as crianças, tento eu tento e eles são, são muito motivados.

Entrevistadora: Então não se desmotivam muito facilmente com outras coisas?

Entrevistada: Não, não. A não ser quando se...até por acaso havia meninos no...por exemplo outro exemplo, não gostavam de desenhar, ham... não queriam desenho, nunca queriam desenho, desenhar e eu não insista com eles. Ham...depois os outros os amigos, alguns como começaram a desenhar muito bem, aqueles que não desenhavam começaram-se a interessar. Pronto, também os outros, os amigos começaram por puxá-los.

Entrevistadora: Então e acha por exemplo, quando apresenta alguma atividade e eles não entendem algum conceito que quer transmitir com essa atividade, acha que eles tendem a desmotivar, em não se interessar pela aquela brincadeira ou atividade?

Entrevistada: Sim, sim! Eu acho que sim. Quando eles não conseguem compreender a informação, a informação ou o que lhes estamos a dizer eles desmotivam. E acabam

por...ou eu lhes chamo a atenção “olha tens que estar com atenção”, ou então eu percebo que aquela atividade não tá...se calhar não é a melhor para aquela criança, pronto mas as vezes desmotivam-se, eu tenho que dizer que sim porque quando aquilo não lhes diz nada, quando não percebem também os desmotiva...não todos à outros que gostam e tentam aprender é conforme cada criança.

Entrevistadora: Na sua opinião, já falou as crianças não percebem alguns conteúdos acabam por se desmotivar, mas na sua opinião quais são os fatores que favorecem tal desmotivação existente nas crianças?

Entrevistada: É o meio como apresentamos os conteúdos, a forma...porque se formos, porque nós se formos fazer as coisas de uma forma muito visual, muito de vivenciar as coisas eles percebem bastante melhor. Se lhes dissermos só teoria e não lhes apresentarmos a prática é como tudo...eles não gostam e é uma seca e acabam por desmotivar. Se eu falo da minhoca, eu tenho que ir buscar minhocas e tenho que pesquisar na internet com eles, é um conteúdo...por exemplo...é um exemplo...se eles não percebem ficam a perceber, porque as formas como são dadas as coisas, a maneira como é dada é interessante e isso faz com que a criança também se motive. Outro fator que pode também causar uma desmotivação é também a linguagem apresentada às crianças...descer um bocadinho ao nível deles...pode ser também mesmo a própria criança não estar com a maturidade correta ainda para aprender determinadas coisas...a maturidade dela ainda não está feita para aprender, pronto...determinados conteúdos e para determinadas situações a criança pode não estar bem.

Entrevistadora: E dentro da sua sala, tenta utilizar estratégias diferenciadas para motivar as suas crianças? E se sim, como?

Entrevistada: Sim, olha eu, como é que eu, como é que eu...por exemplo, a matemática, trabalho a matemática, trabalhamos a matemática com materiais reciclados, também tenho o ábaco, tenho os jogos corretos de ensinar a matemática também tenho os lá todos, temos bastante material nesse sentido. Mas também tento através da educação física, posso trabalhar a matemática através disso...arranjasse n de estratégias, a linguagem escrita e oral também através dos livros e através das histórias, há imensas coisas, podemos fazer imensas coisas para trabalhar...a parte da linguagem também...ham...o que vale é que o jardim de infância dá essa possibilidade, ainda...! (risos)

Entrevistadora: Exato é mais fácil é mais fácil (risos) então neste caso recorre a atividades mais lúdicas e a recursos mais dinâmicos nas suas intervenções é isso?

Entrevistada: Sim tem que ser mais dinâmicos...

Entrevistadora: Então e consegue dar-me um exemplo de alguma atividade mais lúdica que tenha feito?

Entrevistada: em relação...em relação a quê?

Entrevistadora: Qualquer atividade ou jogo que se lembre, qualquer conteúdo que tivesse de dar...

Entrevistada: olha agora a pouco tempo fomos dar os planetas...e depois acabou...e eu disse: mas calma que agente vai continuar a dar os planetas. Porque eu acho que estava a ser muito interessante, então o que é que nós tavamos a fazer? Távamos a pintar um grande placar e pronto...introduzimos um bocadinho a expressão plástica, primeiro eles pesquisaram na internet, procuramos saber como é que se chamava o nosso planeta...e “olha no sistema solar existem outros planetas...”, alguns já sabiam e foram dizendo, depois fomos vendo através de músicas que existem na internet...hoje em dia temos acesso a bastantes coisas, a muitas coisas para os motivar. Fomos à internet e vimos lá canções sobre os planetas, depois fomos ver como é que se chamavam os planetas do nosso sistema solar, ham...e pronto, depois interrompemos...fizemos um painel enorme, pintamos, eles fizeram os planetas em bolas com cola e jornal, pronto e fizemos umas bolas assim umas maiores...estudamos cada planeta, vimos os tamanhos de cada um, as cores de cada planeta e tavamos a começar a fazer isto, mas o covid não deixou acabarmos...mas eles estavam super entusiasmados, já estavam a ir para casa a dizer já sabiam o nome dos planetas, já sabiam qual o planeta mais perto do sol e aquele que estava mais distante...portanto é assim...estávamos a começar e fomos interrompidos mas pronto...agora eu tou me lembrar disto mas já falamos de n de conteúdos assim desse género... de uma forma dinâmica.

Entrevistadora: Já agora, está numa sala de 4 anos?

Entrevistada: 5 anos e também tenho meninos com 4 anos. Tenho de 4 e 5 anos.

Entrevistadora: Nessas atividades, preocupa-se em identificar os interesses e os gostos das suas crianças? De que forma e como é que se preocupa em conseguir fazer atividades que vão ao encontro, tanto dos interesses como do que eles mais gostam para que passa haver uma maior motivação?

Entrevistada: Pois, eu por exemplo de um grupo de crianças nós temos...nós...eu conheço...já estou há 3 anos com eles conheço-os todos e sei que há uns que tem mais capacidade para umas coisas e outros para outras, então o que eu tento fazer é reunir num conteúdo...e eu vou voltar a falar no sistema solar. Falámos no sistema solar e o que é que nós podemos trabalhar? Os que gostam mais de modelagem podem fazer então os planetas, os que gostam mais de pintar pintam o céu escuro, o painel enorme, outros que gostam mais de dançar ou dançar e cantar aprendem através das músicas no Youtube como se chamam os planetas e os outros também...e fazemos um conjunto de atividades que seja de interesse para a maior parte do grupo.

Entrevistadora: E nas suas planificações tem sempre em consideração os interesses das crianças, ou seja, tem um certo conteúdo para abordar e preocupa-se em ao abordar esse conteúdo, usar uma atividade ou o que for que saiba que gostam para poder ajudar na sua intervenção?

Entrevistada: Sim, até muitos conteúdos aparecem pelos interesses deles e eu sei disto porque...isto foi tudo por causa de um livro que um menino trouxe para a escola e que vinha lá a falar sobre...tinha n de coisas...era tipo um dicionário com imagens e tinha muitas coisas de animais e tinha lá os planetas e eles realmente perguntavam-me sobre os planetas, a partir daí achei que era do interesse deles abordar esse tema. Muitas vezes acontece isso, através de coisas...e a minha planificação também é dinâmica e é flexível...

Entrevistadora: pois era aí que eu ainda ia chegar, porque a planificação tem conteúdos que tem de ser dados ou abordados, mas neste caso como me disse foi através de um livro, ou seja, não foi uma coisa que estava planeada.

Entrevistada: exatamente, eu faço o meu planeamento, eu tou a planear mas se por acaso e por isso eu digo as planificações, as minhas são flexíveis se por acaso aparece algo que suscita mais interesse naquele grupo de crianças eu posso abordar e posteriormente eu falo daquilo que planeei. Mas em primeiro lugar os interesses das crianças.

Entrevistadora: Qual a sua opinião sobre o que é ensino-aprendizagem? Ou seja, como relaciona a forma como ensina com as aprendizagens adquiridas pelos seus alunos?

Entrevistada: Completamente, sempre! Até porque eu tive crianças que eram de outras colegas e vê-se perfeitamente...e não estou aqui a dizer que é bom ou mau, atenção! Mas vê-se a diferença...vê-se a diferença de como eles estavam e como eles estão agora. Ham...também é a idade, a idade também mudou e às vezes 1 ano numa criança, a maturidade é enorme, ham...enorme não digo que seja enorme, mas que vê-se bem e eu sinto que eles agora estão mais a ser o grupo da educadora J (risos).

Entrevistadora: E no que toca a motivação, acha que a motivação e as aprendizagens estão diretamente relacionadas?

Entrevistada: Completamente! Sim! Se a criança for motivada para aprender, ham...eles está sempre...aliás eles planeiam eles próprios as suas atividades. São...chegam a um patamar em que conseguem planear eles próprios e planeiam e eles conseguem fazer no grupo, aquilo que vamos fazer a seguir, ham...e muitas vezes discutimos no tapete, temos ali uma reuniãozinha e a discutir como e o que vamos fazer a seguir, "olha J, eu queria fazer isto e aquilo...". Portanto, eles acabam por planear eles próprios as atividades que querem aprender e o que querem saber.

Entrevistadora: Então basicamente acha que a motivação e as aprendizagens ao estarem interligadas, criam um pouco de autonomia na criança. É isso?

Entrevistada: Se a criança está motivada...se uma criança não está motivada não fala nada...nem quer fazer nada. Se ela está motivada e lhe dão espaço para isso, ela que aprender e planeia também as atividades a fazer.

Entrevistadora: E consegue dar exemplos práticos de alguma estratégia que usou em algum momento para fomentar uma aprendizagem mais significativa? ou seja, queria que eles aprendessem mesmo um conteúdo e utilizou uma estratégia, teve de utilizar se calhar outra estratégia diferente da que utilizava, para poder ver uma aprendizagem significativa por parte das crianças.

Entrevistada: É assim, eu geralmente não fujo muito às estratégias que eu utilizo, ham...porque acabam por dar bom resultado, mas eventualmente há crianças que não tem aquela motivação inicial. O que é que eu faço com essas crianças? Eu geralmente nunca forço muito nada as coisas, eu deixo-as...posso dar dicas, mas deixo-as à vontade. Eu vou voltar ao desenho, quando eu quero fazer uma interpretação de uma história...eles fazem...eu conto a história e depois quero que eles façam uma interpretação da história, a interpretação deles é através do desenho. Eu tinha crianças que não estavam motivadas para isso, não sabiam, não queriam saber...aliás eles diziam logo: “eu não sei fazer!!” (risos) e eu dizia...eu às vezes estimulava e motivava-os outra vez “olha fazes como tu sabes, como tu sabes fazer e tu fazes, tá descansado que não há problema nenhum e vai ficar muito giro!”, talvez uma motivação através do estímulo verbal, é isso...pronto tentar estimula-los verbalmente. Estas crianças agora já não perguntam, nada...elas vão e fazem...houve uma evolução. Noutros grupos eu provavelmente deixava eles fazerem à vontade e...mas alguns meninos eu tenho de dar uma motivação verbal, mais...com palavras mais de estímulo...mais positivas, “tu consegues! Não há problema se errares alguma coisa...”.

Entrevistadora: Neste caso, para saber não só os interesses, a motivação e as aprendizagens de que forma é que interage com as famílias, falando sobre estes temas, de modo a intervir mais pormenorizadamente no ensino-aprendizagem de cada uma das crianças?

Entrevistada: Olha eu vou-te dizer uma coisa...isto da pandemia é bom e mau em relação a esse assunto, porque eu antigamente não tinha muito feedback das famílias. Quando os pais conseguiam entrar dentro das escolas e falavam, ou falavam com a educadora de manhã...falavam com ela em conversas informais e pronto. Aí, normalmente falávamos coisas, não relacionados com...pronto, eventualmente, uma vez ou outra tínhamos...ah! Tínhamos reuniões com os pais, no início do ano, este ano não houve nada disso...nesse aspeto é uma coisa diferente. Mas no entanto, apercebo-

me que os pais estão mais a perceber o que fazemos aqui, agora com o covid, porque vai para casa...eu antes sem agora estarmos em confinamento tivemos a trabalhar não é? E todos os finais de semana eu mandava todos os trabalhos que eles tinham feito durante a semana, tanto que eu acho que é de uma forma...como não estamos em contacto com eles diretamente, com os pais eu mandava ao fim da semana tudo o que eles tinham feito, com fotografias, com filmagens e reparei que os pais são mais informados a cerca daquilo que eles fazem, coisa que eles não faziam antes.

Entrevistadora: então existe uma maior proximidade, neste caso por condições atípicas, uma aproximação com a família onde você consegue ver também quais os interesses, motivações e aprendizagens?

Entrevistada: exatamente, agora mais ainda com isto do covid porque realmente a situação...como não tivemos reuniões de pais, não temos reuniões informais, não contactamos diretamente...com os grupos do whatsapp o que é que aconteceu? Eles agora estão mais...estão a ver realmente o que fazemos aqui, porque eu acho que eles não tinham muito a noção, estão mais entusiasmados.

Entrevistadora: então procura sempre saber com as famílias, de que forma é que as atividades que você faz com eles, de que forma é que eles ficam motivados, quais são os interesses que despertam neles e esse tipo de tópicos?

Entrevistada: sim, até mais agora porque eu pedi-lhes no natal uma atividadezinha feita em família e eles corresponderam logo, muito motivados e aceitaram por isso é um ponto positivo apesar das coisas negativas.

Entrevistadora: Na sua opinião de que forma o ambiente em sala de aula pode influenciar a motivação de um aluno?

Entrevistada: Pode influenciar sim. O ambiente em sala de aula quê? Físico?

Entrevistadora: No geral, tudo no geral, físico e humano.

Entrevistada: Se tiveres uma sala apelativa, uma sala com áreas que sejam apelativas às crianças, se tiveres um acolhimento que a criança se sinta bem ali em todos os níveis, também da parte afetiva que é muito importante também. Que os amigos...eu tinha criança que era ucraniana que este ano me disse assim: “na minha outra escola os meninos batiam-me, aqui ninguém bate”. Ela vinha de um ambiente um bocadinho...com crianças de rua, pronto era normal que acontecesse isso. Aqui não, eles são amigos uns dos outros, ajudam-se uns aos outros e isso é importante que a criança se sinta em família, é a segunda família e acaba por ser muito mais positivo se o ambiente for assim...

Entrevistadora: E como é que promove o bem-estar dentro da sua sala?

Entrevistada: Primeiro, estar atenta aos problemas que possam surgir, no dia-a-dia. Estar atenta às necessidades básicas delas, pronto...dar-lhes a atenção que é

necessária e proporcionar-lhes também atividades, proporcionar-lhes atividades que sejam as mais indicadas para elas, para o grupo e para as características do grupo.

Entrevistadora: E agora a minha última pergunta é a seguinte, para si a organização da sala é importante para a motivação e para aprendizagem dessas mesmas crianças?

Entrevistada: Claro completamente, é muito importante!

Entrevistadora: De que forma?

Entrevistada: Então é assim, eu normalmente...existem vários métodos, ham...para nós estarmos a gerir uma sala e eu acabo por optar pelo método que mais se indica, ou aquele que mais é...que mais define aquele grupo, não é? e a mim, aquele que eu mais gosto também, tem haver com o meu gosto. O que eu mais gosto é normalmente eles trabalharem de uma forma rotativa, ou seja, eles tão a trabalhar numa mesa, depois eles saem, vêm outros...e com várias áreas de interesse, ham...e assim eles vão conseguindo...consigo que eles estejam todos motivados a aprender, sem ser assim uma coisa muito obrigatória...pronto, mais isso. O que é que era mais?

Entrevistadora: Qual a organização a nível das áreas, das próprias crianças onde estão nas mesas...

Entrevistada: Normalmente eu tenho uma tabela, faço uma tabela com eles, eles já sabem...escolhem as áreas e colocam lá e sabem o número de meninos que podem estar em cada área, porque eles também têm a autonomia deles e é assim, se isto for trabalhado logo desde inicio eles já fazem isto muito, de forma muito autónoma. Eles têm as áreas deles e depois eles escolhem para onde querem ir...eu geralmente faço uma fotografia e eles colocam lá a fotografia deles.

Entrevistadora: Ham...por acaso lembro de fazer um quadro desses quando tive a estagiar consigo...(risos)

Entrevistada: Olha é esse mesmo! Então olha é isso mesmo! (risos) Ainda funciona e eles já estão habituados a isso...pronto, já sabem...

Entrevistadora: E já agora uma curiosidade...eles normalmente escolhem sempre aquela área que mais gostam ou quando não gostam tem tendência a não ir para aquela área?

Entrevistada: É assim depois com o decorrer do tempo nós vamos verificando que alguns vão sempre para as mesmas áreas, pronto. O que é que depois nós fazemos, a estratégia que utilizamos? Geralmente o que é que eu faço com eles? “Eu hoje, a J vai brincar com vocês nesta área”, pronto. Até eu vou ali, ensinar-lhes também como é que irão de fazer ali, dar lhes sugestões, eles adoram que os adultos estejam ali com eles, então motiva-os. Tem acontecido...que tenho alguns que estão sempre numa área e que realmente agora já estão a interessar-se por outras e a ir para outras.

Entrevistadora: Mas por sua própria iniciativa, ou porque você os manda ir para outras?

Entrevistada: Começo a ver que há sempre aqueles meninos que estão sempre naquelas áreas e tem que mudar de vez em quando, até porque para terem outros interesses, não é? E tem acontecido, eu as vezes vou brincar com eles, “olha hoje, aquele menino e aquele, vai estar aqui comigo a brincar...e pronto eu hoje vou fazer disto e vocês vão fazer daquilo...”, e pronto e eles acabam por aceitar e tem resultado. Faço mesmo eu estando lá com eles, não me distanciando, mas estando lá com eles a ensinar-lhes um bocado também a brincar, não é? A terem outras motivações.

Entrevistadora: Claro, sem dúvida! Pronto e assim terminamos as nossas perguntas, foi fácil?

Entrevistada: Sim para mim foi fácil, não sei resultou em alguma coisa, mas pronto... (risos)

Entrevistadora: Esteve bastante bem, só tenho a agradecer. Mais uma vez, obrigada pela sua participação e pelos conhecimentos transmitidos que decerto enriqueceram a investigação em curso.

Tempo de duração da entrevista: 00:45:24

Legenda das categorias:

- **Caracterização do entrevistado**
- **Relação entre a motivação intrínseca e extrínseca (exemplos em sala de aula)**
- **Organização da sala tendo em conta os interesses/gostos/necessidades das crianças**
- **Estratégias diferenciadas para promover a motivação**
- **Identificação dos interesses e gostos das crianças**
- **Nível de motivação dos alunos que leciona**
- **Metodologias aplicadas/Atividades Lúdicas e recursos dinâmicos utilizados**
- **Desmotivação**
- **Exemplos práticos de estratégias utilizadas para promover uma aprendizagem significativa**
- **Características dos alunos**
- **Papel do professor e características de um educador**
- **Relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças**
- **Definição de ensino-aprendizagem**
- **Relação entre motivação e aprendizagem**
- **Interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens)**

- Relação entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos

Transcrição da entrevista da Educadora L

Entrevistadora: Bom dia, desde já quero agradecer a sua participação nesta entrevista, que será fulcral para toda a investigação que estou a realizar, para ser integrada no Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre. Esta investigação tem como tema “Como a motivação e os interesses influenciam as aprendizagens em crianças na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico”, por isso, todas as perguntas serão feitas com base nesta temática. Não posso deixar de salientar que esta entrevista será utilizada apenas para efeitos de investigação académica e que não comprometerá a sua identidade, bem como a instituição onde leciona. Posto isto, podemos começar?

Entrevistada: Podemos, podemos vamos a isto!

Entrevistadora: Então para perceber um bocadinho o que faz, fale-me um pouco do seu percurso académico e profissional até aos dias de hoje.

Entrevistada: A primeira pergunta que me costumam fazer é quantos anos tenho de serviço e eu todas as vezes gaguejo...ham...(risos)

Entrevistadora: Essa era a segunda, essa era a minha segunda pergunta (risos).

Entrevistada: Vou sempre fazer contas acreditedas? (risos). Eu tirei o curso em 89, 89...2020 é o que conta...20...opá...eu não acredito (risos). Então, ham... 89...eu já acabei o curso à 30 e dois anos praí, eu devo tar com 29 anos de serviço...já perdi a conta porque eu nos primeiros dois anos eu não tive tempo completo, só trabalhei uns meses e isso perdi...se acabei em 89 tenho sempre menos dois, menos dois...então, mas eu tou burra...

Entrevistadora: A mim pelas suas contas dá me 31 anos, 31 anos de serviço.

Entrevistada: Se eu a 2020 tirar o 89 dá quantos?

Entrevistadora: O 89? 31...hamm...o 89 e quê? 89 certo?

Entrevistada: 2020 é o que conta sempre é o ano atrasado, ainda não conclui este né? 2020 tiro 9...89...com a conclusão do curso dá quantos anos?

Entrevistadora: Dá 31.

Entrevistada: como eu tenho menos dois, 29. Menos dois, portanto anda para trás dois, não consegui fazer completos, 29 anos ok. E o percurso...hum...então olha, assim que acabei o curso em julho...nesse ano letivo seguinte dei aulas de moral religião e católica

numa escola secundária em Tomar e no ano seguinte em Torres Novas. Tive dois anos a lecionar no secundário, religião moral e católica.

Entrevistadora: Mas o curso que tirou era das duas valências, era...

Entrevistada: Não, não na altura...agora há um curso próprio para curso de religião e moral na altura bastava ter o 12º ano, quem nos nomeava era o bispo não era por concurso era por nomeação, era que era...era quem praticava lá e fazia parte...membro integrante, catequista muitos anos aqui na igreja...ainda hoje...e era por nomeação e olha era uma substituição de uma gravidez, ok tudo bem, uma experiência engraçada. A segunda vez em Tomar...em Torres novas, em Tomar Torres Novas depois, foi um ano letivo não foi dois anos, interessante... mas eu era educadora de infância de facto aquilo foi para preencher um bocadinho não conseguir entrar no público, não é só agora que acabamos o curso e não temos logo e às vezes vamos fazer outras coisas um bocadinho, mas depois regressamos. Foi só esses dois anos...depois eu regressei...ingressei num paroquial de Almeirim nove anos, tive nove anos no privado, paroquial uma IPSS, bom...bom porque nós recém formadas eu acho que aprendemos depois muito com os outros e na prática e tive ali grandes mestres e educadoras interessantes com quem eu aprendi muito. Tive lá nove anos, vim me embora para o...contracto não...bati com a porta antes de ficar vinculada, havia pessoas que só saiam quando “vincular”...já tinha... já conseguia vagas para o ano inteiro (encolhendo os ombros) vim me embora, a minha meta era o público e tenho colegas que ainda lá estão e como os ordenados depois foram equiparados e depois nós nos contratos fazíamos muitos quilómetros, isto ou aquilo e elas diziam “ah agora não vale apenas sair”, vale sempre apenas eu acho que vale sempre a pena, é experiência e vale sempre a pena. O privado aquilo é assim (fazendo um quadrado com as mãos)...um ambiente único, fechado...nunca trocava ao público porque é muito mais abrangente, as realidades...desde os alunos, aos projetos, às colegas, às dinâmicas dos agrupamentos que é sempre diferente, passei por alguns, passei por muitos...ham...

Entrevistadora: Por acaso não tinha essa noção, pensava que...era praticamente igual...a nível de...

Entrevistada: Engraçado eu não acho nada, acho mais fechado embora...

Entrevistadora: não eu não tou a dizer que o é, eu não tenho experiência nesse aspeto, mas achava que eram contextos iguais...

Entrevistada: É a minha experiência, embora há colegas que estão no privado e fazem formações connosco e isso tudo e tal, mas é sempre dinâmica de privado é sempre dentro de uma dinâmica diferente, é diferente, é diferente, é diferente, não trocava nem me via 30 anos no mesmo sítio, acho que o que me enriqueceu ao longo da vida foi comunidades diferentes e isso é muito enriquecedor, acho isso fantástico. Agora, tou há

6 anos no mesmo sitio se calhar até à reforma...não sei...mas dentro do mesmo agrupamento podia mudar as vezes de realidade, por enquanto não porque eu adoro os Combatentes. Os Combatentes estão melhores, eu este ano tenho um grupo mais interessante porque temos já pais com outros níveis académicos e isso importa, não é para esses que eu gosto mais de trabalhar, no sentido em que aí miúdos...que...mais...motivados para aprendizagem, eu também gosto dos outros o desafio tá nos outros, muito mais...muito mais, ham... global mas como os Combatentes é muito heterogéneo, ham...idades, socioeconómicos, académicos dos pais...é completamente diferente e eu acho que ali vivemos em si a sociedade em geral, que temos que é diversa e isso os diferentes só se enriquecem uns aos outros, nós estarmos numa escolinha em que não há aquele que é cigano, ou que é não sei quantos...este ano por acaso não tenho nenhum cigano...ham...faz de nós parece-me que viver numa comunidadezinha que os outros não existem, eles existem à nossa volta e quanto mais precocemente nós lidarmos com isso, mais nos enriquece e mais nos dá bagagem para o futuro saber lidar com e eu acho isso...ham...interessante.

Entrevistadora: Sem duvidas...então está nesta instituição há seis anos?

Entrevistada: ham...sete...tou no sexto ano...há seis anos, sim seis anos, sim ali.

Entrevistadora: Então saiu do privado e foi...

Entrevistada: Não, não, não, sai do privado em 2000 só chego aqui há seis anos. Depois andei por aí...

Entrevistadora: Noutras escolas?

Entrevistada: Ferreira do Zêzere...(faz uma longa pausa), (risos), sabes que as vezes já me esquece...em Ferreira do Zêzere também passei pela experiencia de intervenção precoce, ia a casa de famílias dar apoio a crianças com necessidades educativas especiais e havia uma família que não...que nenhuma uma técnica antes de mim lá tinha chegado, alguma educadora, não se conseguia relações fáceis com a família, era sempre porta fechada e eu sem experiência, porque nunca tive experiência de ensino especial, nunca tive, nunca tive...nem de creche , nem de creche nunca passei pela creche, nem em estágio, nem como educadora, nem me apetecia e foi o facto de não me apetecer que nunca me candidatei se calhar, não, não, não, não acho interessante.

Entrevistadora: Mas até hoje? Até hoje que nunca passou pela creche?

Entrevistada: Até hoje! Até hoje, até hoje...sou mãe de dois rapazes e tenho sobrinhos, portanto sei o que é essa infância mas trabalhar não acho nada interessante...oh Joaquina nada! Mas há amigas minhas que...é uma motivação porque há colegas que dizem assim "ah mas é tão interessante!", não eu até como mãe tava desejosa que passasse aquela fase do cocó, xixi, biberão, cocó, xixi, biberão...epá sei lá (cara de desagrado).

Entrevistadora: Deve ser por ser uma por ser uma fase muito rotineira, demasiado rotineira...

Entrevistada: Sim, sim, sim, sim e faz me muita confusão. Eu na altura não havia o curso de pré-pri porque se houvesse eu era uma mulher do pré-pri, porque eu candidatei-me primeiro a professora de 1.º Ciclo, mas não entrei, não consegui vaga e fui para educadora. Hoje sinto-me muito realizada e nunca fiquei assim a pensar “ah e se tivesse sido professora?” porque isso podia ter feito depois, a disciplinas que faltavam e ter conseguido isso, mas...também não! Depois moldei-me ali e a experiência diz-me à...à...à...eu às vezes dizia isso aos meus filhotes quando eles se candidatavam à faculdade e eu disse sempre se às vezes não entrarem naquilo que querem não desanimem porque eu sinto que às vezes o destino se encarrega de nos levar para algo que eu não teria escolhido e depois “olha lá que interessante!”, porque se não fosse nós retomávamos o nosso caminho, o nosso desejo, mas foi...foi enriquecedor e hoje no dia-a-dia, vejo-me muito mais interessante a ser educadora do que professora de 1.º ciclo, muito mais, mais, mais. Mas gosto, isto para dizer o quê? Que gosto dos projetos, das aprendizagens, as idades que mais aprecio é ali os cinco anos e os seis e se fosse professora do 1.º ciclo era ali os primeiros anos, nada para os mais crescidos porque embora tivesse dado aulas de religião e moral a secundário e aí também acho interessante, também me via como professora de filosofia de uma coisa assim...dos crescidos, dos crescidos...dos crescidos ou dos pequeninos (risos).

Entrevistadora: É o 8 ou 80 (risos). Então já me disse quantos anos é que tem de carreira, são os tais 29 anos certo? Era a segunda pergunta que lhe iria fazer. E há quanto tempo...

Entrevistada: Certo. Quando perguntaste...do privado tive nove...de, de, de...até 2000 e depois saí, ainda andei uns anos contratada e depois há seis anos é que efetivei e aí andei em vários...eu à bocadinha só me lembrei de Ferreira do Zêzere...ai mas era outra coisa ao pé de Fátima como é que aquilo se chama...

Entrevistadora: Mas era também nestas casas que fazia...

Entrevistada: A experiência de intervenção precoce foi só em Ferreira do Zêzere, um ano, foi só um ano, foi só um ano. Ai eu depois não acabei a conversa como, ia a dizer era difícil a relação com aquela família, era uma família...difícil...ham, a casa, as higenes...e eu tive uma melhor relação possível com eles, passado uns anos o senhor Ondino ainda me telefona para saber de mim, dos meus filhotes...ham...não tendo muita experiência teórica em intervenção precoce, eu acho que uma mais valia eu enquanto pessoa, é a capacidade relacional...todos temos dificuldades e potencialidades e se eu tiver que me definir é essa capacidade relacional, eu acho que a tenho e que consigo conquistar o outro, porque sem isso não vamos lá. Ah! Era Ourém,

eu queria dizer tivemos em Ourém, Caxarias na ponta lá de Ourém, Caxarias. Depois das comunidades mais interessantes três anos, Minde uma grande comunidade, comunidade, comunidade, pais e a comunidade mais abrangente, muito interessante, muito interessante.

Entrevistadora: Mas nesses dois sítios foi como educadora?

Entrevistada: Contratada num jardim de infância, contratada em Minde. Depois é que vim...em Coimbra nunca cheguei a trabalhar, depois tive uns aqui anos na Golegã depois os maiores anos foi em Golegã e eu vivo em Pombalinho, Golegã e depois efetivei à seis anos em Santarém, num ano que nem era suposto eu efetivar mas foi o primeiro ano que não era obrigatório candidatar-mos a efetivas se quiséssemos tar só que...e houve muitas colegas minhas à minha frente que tiveram medo “ai eu agora vou me efetivar longe”, mas é que eu não concorri longe só concorri a onde eu queria e elas “ah mas tu efetivaste? Não concorri!”, se eu só punha o que eu queria eu nunca punha o que era mau, joguei com o que era bom...mas mandei-me até Tomar por exemplo...Tomar...tudo o que era um raio de 30 e tal quilómetros, eu queria consolidar-me um bocadinho não estava a espera que me efetivasse e que ficasse em casa, para já nem acho interessante tar em casa uns quilómetrozinhos...que eu faço muitos projetos no carro sozinha, numa viagem. Quando eu trabalhei aqui a dois quilómetros do Pombalinho, trabalhei na Azinhaga era uma comunidade também muito interessante...um trabalho que se fez em comunidade também muito interessante, mas a dois quilómetros eu na tinha tempo de pensar um bocadinho antes de chegar e eu preciso de...eu vou me...ponho uma musiquinha no carro e vou-me inspirando, é das coisas que me tranquiliza musica no carro e eu a conduzir (risos). Oh mulher tens de me controlar porque eu divago muito! Já tou na...

Entrevistadora: Na se preocupe eu vou gerindo, o importante é falar sobre as suas experiencias e opiniões. Nesta minha próxima questão vou primeiramente citar aqui uns autores que depois pretendo saber a sua opinião. De cordo com Chiavenato (1999), citado por Ricardo (2011), define a motivação como tudo o que move uma pessoa a agir de determinada maneira, podendo este ser impulsionado por um estímulo intrínseco (interno) ou extrínseco (externo). Tendo em conta esta definição, qual o nível de motivação dos seus alunos? Como os caracteriza?

Entrevistada: Pois há de tudo...mas eu não posso generalizar porque eu tenho aqui a lista deles ao meu lado alguns tem uma motivação intrínseca, são eles próprios que tem e a criança por natureza nestas idades tem o desejos de saber, de aprender, de viver o outro, de brincar...e normalmente nestas idades quero dizer que ainda não é preciso muito...é sempre fundamental o estímulo dos pais, mas quer dizer pela característica da idade e num ambiente educativo proporcionador a criança motiva-se, mais tarde 1.º

ciclo, por ai fora, por ai fora, crianças que não há uma estimulação extrínseca dos pais e de outros que motivam para aprender “é importante na escola agora saberes mais”, se calhar à crianças que até aqui tem uma motivação que se às vezes se vai perdendo ao longo da caminhada escolar porque a exigência é maior e eles sozinhos sem o apoio à sua volta...vale apenas? (encolhe os ombros) às vezes perdem-se... e nós no jardim às vezes nem sentimos isso, até que vemos a criança que vai para o 1.º ciclo que ela no jardim esta...as dinâmicas também são diferentes, não é? De aprendizagem e depois às vezes no 1.º ciclo, às vezes há professores que tem uma dinâmica assim um bocadinho mais aberta e outros que são muito tradicionais, às vezes no muito tradicional quebra-se ali um bocadinho esses desejos que eles levavam intrínsecos de aprender, não sei se estou a responder a tua pergunta...relativamente ao nível de motivação, a motivação no jardim de infância é intrínseca, porque a criança no jardim de infância gosta de aprender e sente-se motivada. Se eu agora estou a desenvolver um projeto, eu tenho dificuldade às vezes é aos mais pequeninos fazer esperar, “oh queridos agora vamos fazer por pequenos grupos, agora vão estes, depois estes”, não que seja por idades mas pequenos grupos “e depois a educadora L já te chama”, mas eles querem não andam ali a “ah tá acontecer isto tudo a minha volta e eu não me importo”, isso não.

Entrevistadora: Ou seja, no geral achas que as suas crianças tendem a ter uma motivação, ou seja, não é necessário puxar por algum estímulo externo, ou seja só por exemplo dizer coisas positivas, ou falar positivamente com eles, ou com outros objetos que façam criar uma motivação, ou despertar o interesse...acha que eles próprios conseguem fazer isso sem que haja uma motivação externa?

Entrevistada: Não, a motivação externa também tem que existir exatamente, eu tou a dizer isso, esta motivação ham...que eu estou a dizer que eles trazem consigo é o de estar com os outros e de brincar, se for um projeto mais a sério que eu preciso de que aquele esteja com atenção para concretizar aquilo, ou para ouvir bem o que eu estou a dizer e nalguns casos é difícil a capacidade de atenção, concentração ou até de interesse pelo projeto que estamos a desenvolver e depois o nosso papel é fundamental para chegarmos lá, se fosse só a motivação deles não chegava. Exatamente o que diz a citação.

Entrevistadora: Ou seja, na sua opinião acha que existe uma motivação interna, mas também em certos aspetos tem que existir uma motivação externa da sua parte para que eles possam aprender?

Entrevistada: Certo para que eles possam aprender, para irem mais além deve haver uma aliança entre as duas.

Entrevistadora: Muito bem e consegue relacionar a sua resposta à motivação intrínseca ou extrínseca, dando exemplos de situações concretas que aconteceram no

dia-a-dia enquanto estava com eles na sala, que agora não é possível, mas na altura em esteve na sala com eles?

Entrevistada: Por exemplo, atividades que eles revelam o desejo de aprender, atividades de ciências, experimentais, ham... opá, há um, dois, três que se calhar se eu não for lá chamar “olha vamos fazer agora é a tua vez” se calhar até passava o dia a brincar com os legos e nem se importaria, nem se importaria. A maioria quer logo experimentar, quer logo fazer. Tou a dar exemplo de atividades experimentais, outros exemplos de situações...atividades de expressão plástica que temos a desenvolver projetos deste autor...deste artista e do outro e estamos a construir um livro e agora é preciso desenhar esta página e a outra e eles mostram interesse, “quando é que sou eu? Quando é que eu faço?” portanto não lhe é alheio àquilo que se está a viver.

Entrevistadora: E sente que eles em algum momento se desmotivam facilmente?

Entrevistada: (fica pensativa e não responde de imediato).

Entrevistadora: Alguma atividade que tenha feito, ou que normalmente no dia-a-dia eles mostram uma desmotivação muito frequente, ou seja, facilmente eles se desmotivem em alguma coisa?

Entrevistada: (demora ainda um pouco a responder), epá exceto quando um outro que tenho de estar a chamar à atenção, ham...se tou a fazer uma atividade de expressão físico motora, ele até entra mas daqui a bocado põem-se, ou quer ser o arbitro e põem-se a divagar...mas isso é um ou outro, a maior parte do grupo...eu tenho um grupo interessante, ham...até desde que tou nos Combatentes acho que é assim dos mais interessantes, não há assim grandes dificuldades...

Entrevistadora: também tem um grupo maior, ou seja, vai dos três aos seis...não deve ser nada fácil...

Entrevistada: Sim sempre tive...agora neste momento os Combatentes estão com duas salas de jardim-de-infância, essa onde estagiaste com a professora A é outra sala de jardim. Houve muita dificuldade dos meninos de três anos apanharem vaga noutros da cidade onde moram, alguns moram distantes dali mas como eram o único que tinha vagas foram para os combatentes, às vezes com algum receio porque ainda há um estereótipo “ah os Combatentes é a ciganada”, depois de lá se estar as pessoas percebem que gostam e vão ficando (risos). Ham...alguma atividade...opá uma atividade mais dirigida, de uma aprendizagem mais específica...se....sobre tudo da criança A, B ou C quem te dificuldades naquilo em que eu vou coloca-la, por exemplo tem dificuldade no recorte e colagem, “oh querido agora a L vai aqui, oh M anda cá vamos recortar” depois a dificuldade dele leva-o a desistir, precisa de muito empenho. Portanto quando eu sinto que há alguma desmotivação, só se for a nível individual e

assente em algumas...Opá eu tenho lá um que tem dificuldades a nível motor e eu às vezes tou só no recreio livremente mas às vezes chamo-o a ele especificamente e digo “vem cá óh V, vamos aqui subir o primeiro patamar de escadas”, sobes e ele vai muito inseguro e desces e tal, pronto e depois dou-lhe um bocadinho, pronto já chega, “não, não eu quero fazer mais ginástica”, a maneira como se leva a criança, a maneira como a motivamos mesmo naquilo que ela tem dificuldades é fulcral e isto para eu concluir assim, quer dizer que se a motivação extrínseca for bem aplicada a criança acaba por ir lá vencer as suas dificuldades.

Entrevistadora: Então no geral acha que o seu grupo de crianças é um grupo bastante motivado? Ou em certos aspetos ou em certas atividades acabam por alguns, apenas alguns acabam por desmotivar?

Entrevistada: Sim alguns podem desmotivar em certas alturas, mas falando num grande grupo são um grupo muito interessante.

Entrevistadora: E acha que...já falou que há certas crianças que dependendo dos conteúdos que quer dar a aprender, eles acabam por desmotivar. Sente que o facto de eles não perceberem os conteúdos que está a transmitir, acaba por fazer com que eles se desmotivem? Acha que é um ponto a favor da desmotivação, digamos assim, o facto de eles não perceberem os conteúdos?

Entrevistada: Não acho que seja esse o fator porque a criança...a maioria gosta...todos...eles gostam de aprender se eu proporcionar algo, agora se é algo que é mais dirigido, mais individualizado há um ou outro que tenta fugir sempre para aquilo que gosta de fazer e é jogar os legos e se calhar se eu não motivasse passava o dia a jogar os legos e tava feliz da vida.

Entrevistadora: Mas por exemplo, falou a bocado das experiencias que fez com eles não foi? Nesse caso, por exemplo vou supor, não quer dizer que tenha acontecido, mas algum menino não percebeu aquilo que você estava a transmitir, ham...esse mesmo menino, ou vários, acabaram por se desmotivar por não, ham...por não perceberem aquilo que estava a ser explicado e aquilo que estava a ser feito na atividade, ou normalmente acha que isso não é motivo para desmotivarem?

Entrevistada: Não tou a ver nenhum episódio em que sentisse que isso tivesse acontecido, eles por natureza, desafios novos, novas aprendizagens entusiasmam-se, exceto um ou outro que quer muito brincar e quer estar lá no seu cantinho e gosta muito...eu tou a ver...e gosta muito tar nos legos e por vezes quando tou a fazer a avaliação e vejo o grupo grande em que tão 20 e tal miúdos e penso assim “aquele tá me a passar um bocadinho ao lado, como não dá problemas tá no seu cantinho e faz muito o que quer, ele tem ali capacidades que não tão nada desenvolvidas...tenho que solicitar mais a participação dele nesta e noutra área e isso até é em termos de áreas é

escolha individual que são eles que escolhem as áreas, não de projetos que eu tou a dinamizar e aí sou eu que os chamo... não, não, não sinto que fosse por não perceber os conteúdos.

Entrevistadora: E tirando este fator que eu mencionei, que eram os conteúdos lecionados levarem à tal desmotivação, na sua opinião quais são os outros fatores que favorecem essa desmotivação?

Entrevistada: Tou a pensar... mais pela característica individual da criança, no sentido em que algumas só querem fazer o que lhes apetece, desinteresse... uma ou outra tem algum desinteresse, outros... opá... não sei... tou a pensar outra vez na pergunta... quando eles se desinteressam quais são, o que é que...

Entrevistadora: O que é que normalmente... o que é que acha que normalmente leva à desmotivação sem ser por exemplo, o facto de eles se desinteressarem, ou seja não terem interesse por aquilo que se está a fazer ou querem fazer outras coisas... o que é que acha que normalmente provoca esse desinteresse nas crianças. Pronto alguns que já disse que maior parte deles normalmente ficam motivados, mas no caso ter uma sala que fosse desmotivada na sua opinião quais seriam os pontos chave para essa desmotivação, para além dos conteúdos lecionados, o desinteresse...

Entrevistada Os casos que eu tou a ver em que isso acontece pontualmente tem mais a haver com dificuldades que essas crianças apresentam na gestão de regras, de autoridade do adulto... numa atividade em que eu apele muito à minha... ham... ao meu dirigismo da situação em que ele tem que obedecer, quer dizer que ele não é, que não é, que não é... chega ali e faz como quer... mas numa atividade livre também há regras na sala de aula, não é? Porque é que aquela ali se desinteressa? Olha porque babababa... já tou a pensar... ou porque algumas crianças têm dificuldades nas capacidades de atenção/concentração e desmotivam-se por isso, são dificuldades intrínsecas neles. Dificuldades de concentração, dificuldade na aceitação de regras, ham... porque alguns só querem fazer mesmo o que lhes apetece. Eu tou a ver um que eu tenho lá, que tem muitas dificuldades em trazer para mim para leva-lo a bom porto, alargar as suas aprendizagens porque “- Ah não me apetece... - Mas agora a L tá a dizer que temos ir desenvolver aquele projeto, sabes? - Não eu agora quero ir para ali brincar... - Pronto, mas agora não podes, agora...”. Tem haver mais com as características individuais e porque alguns tem dificuldades no cumprimento de regras e na capacidade de atenção/concentração, alguns tem uma capacidade baixa de gestão de emoções, a capacidade de gestão da frustração... ham... pronto.

Entrevistadora: Ok, e dentro da sua sala tenta utilizar estratégias diferenciadas para motivar as suas crianças?

Entrevistada: sim, sim!

Entrevistadora: Como? De que forma?

Entrevistada: Algumas requerem uma estratégia muito... (demora a retomar a fala) que puxa muito por nós, vá explica lá L... Como é que eu...diz lá outra vez minha querida, a pergunta?

Entrevistadora: Se na sua sala, consegue normalmente quando alguma criança está, ou seja, quando está a aplicar alguma atividade tende em utilizar estratégias diferentes para cada criança de modo a que eles se motivem e para que eles realizem a atividade?

Entrevistada: Ham...sim...no desenvolvimento de algumas atividades para consolidar algumas aprendizagens há crianças que funcionam melhor individualmente, umas entre pares, pequenos grupos. Uma estratégia que eu utilizo muito no dia-a-dia e acho que funciona bem é entre pares, entre pares...pequenos grupos também é bom mas...é entre pares que determinadas...e sobretudo de idades diferentes...Eu vejo que uma criança que lá tenho de cinco, seis anos gosta muito quando eu lhe digo: "Oh querida agora vai com a M (que tem três) a L agora já nem se lembra bem, será que ela já sabe bem as cores todas? Tenho aqui este livro, ou este jogo, ou este puzzle...tu vais ajudá-la não vais fazer para ela ver...ela vai descobrindo e tu...(eu sei que já sabes este jogo) e tu vais fazendo de conta que és a L e então vais ajudando ali a fazer". O mais crescido fica muito feliz, o mais novo, o mais novo muitas vezes tá mais atento ao seu par e com mais interesse que se fosse eu a chamar o pequeno para fazer comigo. É uma estratégia que funciona.

Entrevistadora: Uma ótima estratégia. E como tem diferentes idades acaba por ser mais fácil fazer isso.

Entrevistada: Eu faço muita vez, agora porque é preciso acalmar ou agora porque é uma atividade preciso de mais calma e tal, A, B ou C eu escolho vais buscar o jogo X, Y, Z e levas o amigo. Não são eles que escolhem os seus pares, às vezes sim às vezes não, às vezes sou eu que escolho os pares e nunca ninguém diz que não e eu vejo que funciona, eles tão ali um tempinho "- oh L ela não é capaz de fazer, - então vá agora tu ajudas, vais tu fazendo o puzzle e ela vai aprendendo ok? - Tá bem", muito funciona. Portanto, para a tua resposta estratégias: Algumas func....perdão, funcionam bem em grande grupo, pequenos, individualmente e entre pares, sendo que eu resulta muito situações mais específicas entre pares, não só idades diferentes. Depois há atividades expressão plástica que eu quero decorar aquele painel, isto ou aquilo, e baseado numa história, eu sei que há meninas e meninos que funcionam bem com aquele par e depois eu escolho para elas um espaço, "é para ti e para a tua amiga maior que vocês gostam de fazer coisas as duas...as quatro", estes trabalhos de pequenos grupos onde há cumplicidade e a onde se respeitam mais porque gostam uns dos outros e não chegam

ali e não há aquela guerrilha “agora não podes participar aqui”, ou se for um pequeno “tá me a estragar a pintura L”...hum...okey funciona.

Entrevistadora: E recorre normalmente a atividades mais lúdicas e a recursos mais dinâmicos nas suas intervenções?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: De que forma? Como é que o faz?

Entrevistada: (demora algum tempo a responder).

Entrevistadora: Pode me dar exemplos se for para si mais fácil de explicar.

Entrevistada: Recorro a...outra vez a pergunta...se eu recorro...

Entrevistadora: Ham...a atividades mais lúdicas, ou seja, que sejam mais apelativas e a recursos mais dinâmicos, por exemplo quer aplicar algum conceito, quer que eles aprendam algum conceito e você para aplicar esse conceito recorre a atividades mais lúdicas e a recursos dinâmicos.

Entrevistada: Sim, até porque o meu agrupamento quando eu...eu...eu...não sei se vou explanar a minha resposta por algum caminho que possa errar, mas por exemplo há dinâmicas de educadoras que para consolidarem determinados aspetos, ham...é muito papel e a caneta escolarizado, ham...”nesta ficha vou ver se ela acertou naquela, se sabe a palavra”...Eu já tive no passado em agrupamentos em que se privilegiava isso assim esses momentos de aprendizagem formais. O meu agrupamento e a minha coordenadora de departamento é toda virada para as artes, para a exploração da criança, para o brincar, olha toda muito a sério nas orientações curriculares, as orientações apelam àquilo depois na pratica...E eu já tive em agrupamentos e zonas em que era muito... visto o pré-escolar como aquilo é só brincadeira dos outros níveis de ensino a seguir e que vi que eu e as colegas entramos o caminho, um bocadinho no caminho de “então vamos lá treinar este tempo assim, ele agora faz este grafismo porque depois a professora vai ver que ele treinou no jardim de infância” e na realidade onde vivo hoje isso é problema dos outros que veem a seguir. A criança quando está a fazer um grafismo, quando está a fazer um desenho próprio e eu lhe digo põem o telhado na casa, faz as telhas ou alguma coisa, ele tá a fazer o seu grafismo, o nome é o grafismo, o desenho é um grafismo. Ainda assim, eu acho que a criança às vezes precisa de ser treinada, ham... num grafismo que tem um espaço delimitado que é o que aparece no 1.º ciclo, não é? E no desenho, no desenho livre a criança explora com mais facilidade. As dinâmicas impostas no meu agrupamento pela minha coordenadora RM, deves conhecer não?

Entrevistadora: Não a conheço pessoalmente, mas sei quem e tenho colegas que já tiveram a estagiar com ela.

Entrevistada: Ham...apela sempre muito a isso, cuidado com a escolarização no pré-escolar, cuidado! Ah mas depois o 1.º ciclo é assim ou assado, mas a criança depois ai já tem outra idade já tem que por ela ser capaz de ir lá, não vamos encurtar este tempo e é este temo de jardim de infância que é o mais curto da nossa caminhada se o escolarizamos acabamos por poder não cumprir aquilo a que ele se destina nesta faixa. Portanto toda aprendizagem é mais lúdica e dinâmica em grande grupo, em pequeno grupo imagina que se é uma atividade que eu quero desenvolver aspetos físicos e motores da criança é sempre com uma musica, é sempre apelativa “Oh L queremos ter aula de aeróbica” que é como eu lhe chamo, ponho aquela música como se fosse uma aula minha de adultos e eles exemplificam na boa, ham...atividades proporcionar triciclos, basquete, ao ar livre há sempre ao dispor algo que apele aquelas capacidades. As atividades plásticas são muito sempre...toda agente gosta de experimentar, epá toda gente não, nisto tudo que eu tou a dizer é o grande, há exceções...quando eu tou a arrumar as produções deles semanalmente, 15 em 15 vejo “epá fulano só fez duas pinturas?” e tomo nota, preciso de ir motivar aquele...”olha querido andar fazer uma pinturinha, tal e tal” e depois tenho um caderninho de apontamentos em coisas que eu vou anotando “olha aquele precisa já disto”, quando arrumo os trabalhos, quando faço uma conversa em grupo e vejo como é que eles viveram os projetos que estávamos a desenvolver, aquele tem que ser mais motivado...não sei se respondi mas é tudo à base...olha por exemplo temos uma horta junta com o 1.º ciclo no projeto eco-escolas, ham...e a horta eles plantam e colhem...adoram! Portanto estamos sempre a revelar aprendizagens não daquele modo formal e não...a minha sala de jardim de infância não é aquela sala...tradicional e nem é um ensino formal, não é, é informal mas, mas por vezes há momentos em que sim ok, às vezes eu peço exatamente que representem no desenho aquela vivência...ham...sendo que a sala de jardim tá distribuída com diferentes áreas, com diferentes potencialidades em que há sempre momentos em que a criança circula sobre elas de espontânea vontade...ham...pronto, acho que respondi.

Entrevistadora: Ham...e acho que já me respondeu a esta pergunta, mas qualquer das maneiras, ham...vou fazê-la, preocupa-se em identificar quais os interesses e os gostos das suas crianças?

Entrevistada: Sim, sim. Com periodicidade eu faço uma conversa em grande grupo e conversamos, ham...aquilo que eu chamo diário de bordo, que não é diário às vezes podia ser...hoje...ham...diário também não, mas semanal, mas há uma semana outra que me esqueço, mas com periodicidade eu registro. O que é que esta semana...o que é que gostaste mais de fazer, o que é que houve aqui que gostaste mais? Tem dificuldade o grupo ainda em exteriorizar, em sequenciar ali as suas ideias e sentimentos do vivido, alguns que sim há outros que não, é um trabalho que também se faz,

ham...caminhando. Ham...registo o que é que eu gosto mais de fazer...hás segundas-feiras, que atividades fiz eu em família ou com as pessoas com quem estive, o que é que gosto mais de fazer, o que é que nunca faço e gostava de fazer, entrevisto a cada criança. Normalmente é em grande grupo, uma conversa mas eu registo-a para saber ali os interesses, ham...e...e ai também tou a apelar à oralidade, à expressão oral e perceber quem é que já é capaz...das áreas que precisam de ser mais estimuladas. Eu agora ando a inventar com eles uma história baseada noutra que eles contem...epá difícil...ham...há ali dois ou três que dizem algo o resto para ali a história.

Entrevistadora: Ainda não tem maturidade o suficiente para...

Entrevistada: Certo...sim! E há grupos que sim...que a gente, que eu já passei, bem...as histórias não acabavam, basta às vezes uma criança ou duas a seguir aquilo vem outra, ei! Não ai...eu tou a trabalhar isso agora.

Entrevistadora: Isso também é com o tempo, não é?

Entrevistada: Com o tempo...e tou a começar isso agora com...ali mais assertivamente e mais empenhada. Às vezes, pronto ainda não são capazes pronto outro dia tento, não tem que ser...

Entrevistadora: Aos poucos, tem de ser aos poucos...

Entrevista: exatamente, aos poucos.

Entrevistadora: E nas planificações tem em consideração esses mesmos interesses, que por exemplo já me disse que reunia com eles, falava e tentava descobrir, ao registar esses interesses, ham...nas suas planificações diárias, semanais, mensais, o que for tem em consideração esses mesmos interesses?

Entrevistada: A planificação é mensal, ham... mas depois quando eu faço ou semanalmente ou quinzenal aqui esta reunião de grande grupo, é o que é que gostamos de fazer, o que fizemos, o que gostei, não gostei e o que é que queremos fazer, eu faço a pergunta “então vá, hoje é sexta feira vem ai o fim de semana e depois para a semana o que é que vocês gostavam?”, gostam muito de teatro e às vezes dizem “queríamos fazer outra vez a história...”, gostam...o grupo gosta de dramatizar, teatralizar e disse-me “queremos fazer a história do não sei quantos”, “tá bem então vá, vamos começar por ouvir bem a história e depois arranjar aqui adereços”, agora por causa do covid a sala está mais isenta de...adereços e usamos menos coisas na casinha de bonecas e no faz de conta por causa da desinfeção quebrou-se ali um bocadinho, mas às vezes mesmo sem grandes adereços com coisas da sala...e depois é engraçado já que temos poucos materiais em termos se fosse noutra situação sem covid, vamos buscar isto que vai ser a cesta do capuchinho vermelho...isso é muito interessante e cabe a criança de um objeto personifica-lo e dar-lhe outros atributos que ele não tem, é uma risada, é uma graça como é que aquilo serviu de cestinha e isto assim...Ok, tenho em conta tenho,

tenho o que as crianças gostavam de fazer, o que é que vocês gostavam, depois dentro daquilo que eu sei que eles precisam de desenvolver...ham...cada criança é eu tou muito ali em cima, eu sou um bocado focada quando vejo situações de expressão físico motora, educação física a nível global que há ali uma descoordenação e agora ando ali atrás de um caso que quero muito despistar...é...é...às vezes essas situações levamos para outros campos também no cognitivo, mas ali não. O piqueno cognitivamente a ir dos três para o quatro até tava a fazer o nome, ele conhece cores, letras, coisas...ai é...mas ai é o que tou a testar pode ser por não investimento em casa, se é uma criança com um espaço confinado e que não está muito atividades em família apelativas ao desenvolvimento, é o único que não me sabe andar de triciclo tem quatro anos e meio quase, epá não... Eu agora já falei com a mãe porque até me parece que não é só desinteresse dele por conseguir, é...parece que ele tá a fazer muito esforço...ele pode ter alguma situação de saúde que não tenha autunos muscular desenvolvido sei lá, que não tenha a força necessária, mas depois já falei com a mãe a ver se ela ia a uma consulta para o médico fazer um despiste de situações, de análises ou aquilo pode haver ali...a experiência diz-me há casos que faltam ali uma substância, uma enzima nisto ou e naquilo que faz com que a criança não tenha tanta aptidão para aquela área, mas vamos ver...tendo em conta a tua pergunta, os desejos o que é que eles gostam de fazer, tenho sim senhora, tenho em conta...não deixo isso por conta deles mas as minhas intenções vão ao encontro do que eles gostam, sim.

Entrevistadora: E o que entende por ensino-aprendizagem, isto é, como relaciona a forma como você ensina com as aprendizagens adquiridas pelos seus alunos?

Entrevistada: Como é que eu defino a relação ensino-aprendizagem?

Entrevistadora: Hum, hum, exatamente.

Entrevistada: (demora algum tempo a responder) Ensino...o ensino é quando eu quero que a criança aprenda algo, não é? Eu projeto algo que é para aprender. A aprendizagem...é um ato dela, certo? Não sei como tu queres que vá por ai...Como classifico a relação...?

Entrevistadora: No fundo, basicamente é o que é que me pode dizer, ou seja, como é que você acha que a maneira como você ensina algum conteúdo, como é isto pode influenciar negativamente ou positivamente a aprendizagem de uma criança...

Entrevistada: Qual é esta relação entre o ensino e a aprendizagem, não é? Eu ia dizer que a criança também aprende espontaneamente e através das suas brincadeiras e entre os seus pares, não aprende só com a minha intencionalidade educativa, certo? Ela aprende entre si, com os outros. Numa sala de jardim de infância toda a sala também todo o espaço e os materiais são facilitadores das aprendizagens, mas quando tu queres que eu defina o ensino e aprendizagem é o ensino focado no adulto, no educador e

aprendizagem na criança? (abana com a cabeça a dizer que não). Quer dizer, a criança aprende livremente e os espaços são enriquecidos e os materiais, de maneira a que ela aprenda através do seu eu e da sua exploração e é muito assim a aprendizagem nestas idades. Experiência, vive, mexe, estimula e é estimulado...mas também há projeto e há atividades mais dirigidas por nós que nós queremos que a criança...por exemplo se eu conto uma história eu quero que ela seja capaz de relatar os acontecimentos da história, seja capaz de expressar oralmente o que ouviu e aí que relação vai haver na aprendizagem, dependendo do ensino que eu estou a administrar, a vincular, é isso?

Entrevistadora: Qual é a relação que acha que existe entre a forma como você ensina e a forma como eles, ham...como eles aprendem, ou seja, acha que isto há alguma relação? Ou acha que não tem a ver a forma como você ensina com a forma como eles aprendem?

Entrevista: Eu acho que eles têm formas de absorver as aprendizagens diferentes, eles e aí também vou às estratégias diferentes para que ele aprenda, porque se eu fui por ali e resultou e este não tenho que ir por outro lado, mas a maneira como eu defino o modo como aprendemos define...eu acho que sim, eu acho que se...eu acho que sim, isto não é um sim ou um não, é claro que sim. Há uma causa efeito, um mau ensino tem repercussões no modo como a criança aprende. Eu o modo como ensino (faz movimentos com os dedos a representar as aspas) o ensino pré-escolar entre aspas, o modo como eu ensino tá sempre focado na maneira como eu tento captar a motivação da criança. Se eu for desenvolver atividades sem tar preocupada com o interesse das crianças eu não obtenho resposta por parte da criança...eu...eu aqui não posso sair do meu campo do pré-escolar mas se fosse para o 1.º ciclo, eu vejo professoras que às vezes só sabem ensinar daquela maneira e estão pouco ralando se a criança “olha ele tem dificuldades não aprende, ok”, hoje já não é bem assim, hoje já somos muito obrigados a mostrar que fomos por acolá e nem por ai ele chegou lá, mas...ham...ou quando vejo tanto no pré como no pri um modo mais tradicional de viver as coisas e rotineiras e sem entusiasmo. Eu sou otimista por natureza e entusiasmada por natureza, eu acho quando o adulto ensina com entusiasmo e motivação a criança vai lá, ponto já dei tanta volta para chegar aqui (risos). A maneira como se ensina reflete a maneira como os alunos aprendem, certo? e no meu caso pessoal e na minha dinâmica de sala acho que se quando estou a ensinar não levar isso conscientemente, com entusiasmo posso não atingir os meus objetivos, nem a criança porque tenho em conta a motivação...tem que ser uma coisa...eu costumo dizer, faz me impressão...também tenho dias às vezes menos bons, menos interessantes, mais cansada...mas por natureza a forma de estar é dinâmica, porque me faz impressão pessoas que trabalham no dia-a-dia e sobrevivem, não vivem...é uma coisa...por isso a minha dinâmica é essa

de entusiasmo. Eu estou desejosa de regressar à prática, mas acho que todos quem é professor por natureza sabe nada troca uma sala de aula, mas sei lá, às vezes também já vejo...e há professores um bocadito cansados e depois dizem assim: “oh dou lá uma aulinha online, tou em casa sossegadinho para aqui para acolá, também não é mau”, eiii eu preciso tanto de sair...eiii detesto a casa...detesto...(risos)

Entrevistadora: (risos) Então e acha que a motivação e as aprendizagens estão diretamente relacionadas?

Entrevistada: Certo.

Entrevistadora: De que forma?

Entrevistada: Há um autor que eu já não sei citar o nome de quem, mas é aquelas frases chaves que ficam ao longo da vida “uma criança passiva não aprende, desmotivado dificilmente aprende”, dificilmente...a passiva é aquela que não se interessa por nada, desmotivação é um bocadinho menos que passivo, uma criança passiva não aprende, isto porque às vezes queremos a todo o custo ter alunos (coloca a mão na cara imitando os alunos atentos) na sala de aula, impassível...impassível a aprendizagem, essa aprendizagem se não é como uma correlação entre a motivação e o desejo de aprender, ela até se faz porque há crianças que tem capacidades ouvem a professora e fazem a conta e fizeram a conta, mas ela raramente gerará naquela criança adolescente/adulto o desejo de ir mais além. Só uma criança inquieta que se inquieta com as dúvidas, com o querer saber é que poderá ir mais longe e aí tá essa questão do passivo, do desmotivado... é difícil. Como é que é outra vez, para sintetizar...

Entrevistadora: No jardim acha que existe lá está essa motivação e aprendizagem, que estão diretamente relacionadas?

Entrevistada: Sim sem dúvida, e uma leva a outra...isto para dizer assim uma criança que é uma criança desmotivada ela aprende à mesma, não está motivada mas aprende à mesma...

Entrevistadora: Aprende por obrigação é isso?

Entrevistada: Sabes que eu também não era capaz de dizer que no jardim de infância nem sequer utilizo esse termo desmotivada, mas o desmotivada aqui no sentido de desinteressada que há crianças que não se interessam. Eu acho que a criança acaba por se interessar pode se centrar-se mais numa área ou noutra, mas através da área que é o seu centro de interesse eu tenho que chegar lá, não posso só deixar que ele goste de fazer legos todos os dias e alguns se calhar até todos os dias se fizessem só aquilo, na boa. Eu tenho que alargar os campos da aprendizagem mas posso sempre começar e devo pela área que eles mais gostam e às vezes eu abeiro-me da construção para tirar elementos de aprendizagem quando eles tão...eles tão a fazê-la, ele sabe que aquela peça não encaixa ali tem que aprender a...encaixes diferentes não é? Ele

aprende isso...mas às vezes pode até nem ter a noção porque em idades mais precoces é por tentativa erro...e põem aquilo...e questioná-lo “mas não consegues pôr porquê? Então mas tens que observar já viste que essa pecinha não dá com encaixe ali, essa dá a onde?”, fazê-lo raciocinar, fazê-lo ir através de uma área que ele gosta por exemplo. O nosso problema no dia-a-dia é que os grupos são muito longos e primeiro que a gente faça isto muitas vezes com a, b ou c leva o seu tempo...é isso que às vezes me desanima os grupos grandes levam a que esta intencionalidade com a, b ou c aconteça com uma periodicidade que devia ser maior, às vezes eu sinto isso...

Entrevistadora: Sim, com grupos maiores capta por não conseguir focar-se mais individualmente em cada criança.

Entrevistada: Isto não é para tar mais em cima dele mas para o acompanhar mais, às vezes eu sinto ao fim de uma semana “epá aquele miúdo hoje...ei esta semana ainda não vi bem aquilo que ele concretizou”, acontece...mas ter essa consciência já não é mau, ter essa consciência já não é mau é tentar que na próxima semana vá tar mais atenta aquele, por exemplo.

Entrevistadora: E consegue dar exemplos práticos de uma estratégia que utilizou em sala para fomentar uma aprendizagem significativa, ou seja, aplicou uma estratégia e realmente observou que ao aplicar essa estratégia houve uma aprendizagem maior, mais significativa, consegue me dar algum exemplo?

Entrevistada: (demora algum tempo a responder), tou pensando...porque estas coisas surgem tanto com naturalidade que há vezes quero me lembrar...epá mas tem que haver...”ali ei fiz aquilo com este hoje resultou”.

Entrevistadora: Sim alguma atividade em que teve aplicar uma certa estratégia porque provavelmente se calhar não estava a conseguir inicialmente e depois acabou por ir por outro lado e realmente dessa forma eles aprenderam.

Entrevistada: (demora novamente a responder), eh como é que eu não consigo ser já rápida nesta resposta?

Entrevistadora: São tantas é normal...

Entrevistada: Eu tou a centrar-me mais em alguma estratégia individual mas também no grupo...não conseguir ir por ali e ir por acolá...

Entrevistadora: Às vezes é difícil, lá está acontece com tanta naturalidade as coisas que depois é difícil enumerar uma.

Entrevistada: Tou a ver isso às vezes mais... uma história, contar uma história e querer que o grupo esteja mais atento, ham...no tapete na sala de aula e às vezes não tá a resultar, tão um bocado desmotivados...eu tou me a ver fazer isso e acontece fazer isso...”meninos vá levantem-se lá vamos embora, vamos lá para fora para debaixo daquela árvore, tal e tal”, embora às vezes a história possa-nos parecer que ao ar livre

eles se dispersam mais, não resulta muito bem. Uma história ao ar livre e conheces ali aquela parte dos combatentes que tem uma vista privilegiada, embora se quisermos olhar lá para baixo lá para o CNEMA uma vista privilegiada, mas ali debaixo das árvores fazemos um círculo e estamos ali a ouvir a história e às vezes corre melhor a história ao ar livre do que dentro da sala, dentro da sala ou tá próximo daquele jogo de brinquedos e tá a mexer e tá a tirar...”oh querido a L agora tá a contar a história não mexas agora aí” e tou sempre ali a apelar e já me tem acontecido, “ah já tou cansada de tar aqui, vamos embora venham atrás de mim fazer um comboio, vamos lá para fora!”. Há coisas que não funcionam bem dentro sala e ao ar livre noutra dinâmica, sim e até situações em que não resulta fazer com o grupo todo, mas agora aí o exemplo...Há atividades que não...não resultam com o grupo todo tem que se partir ao meio...(risos).

Entrevistadora: Sim, mas sem problema não é preciso dar...já explicou como o faria, não há problema. De que forma interage com as famílias sobre estes temas que acabamos de falar, sobre a motivação, os interesses e as aprendizagens de modo a intervir mais pormenorizadamente no ensino-aprendizagem de cada criança?

Entrevistada: De cada criança...de cada criança. Há sempre uma relação estreita com os encarregados de educação, quer sejam os pais...ham...alguns tem avós, ham...tenho essa relação estreita e consigo conversar e aproveito muito no dia-a-dia às vezes na entrega ao portão, agora os pais não entram por causa do covid mas eu continuo a fazer uma coisa que já fazia, eles não entram, venho eu ao portão e depois daí eu saio ao portão e chego estar ali em pequenos grupos a...é esta parte minha relacional que eu não concebo o ato educativo só, eu as crianças e o resto não interessa, não. Tenho muita necessidade ao fim da tarde e chego ao portão e tão ali pais disponíveis para isso, ham...e eu estou a falar “olha esta semana fizemos umas coisas muito interessantes, mas vejam lá eles têm três aninhos se eles conseguem contar o que fizeram esta semana, foi isto assim ai ele ta, ta,ta” e aspetos particulares ou por telefone ou depois “oh mãe” lá na entrega ao portão “espere só um bocadinho para eu falar um bocadinho consigo pode ser? olhe esta semana o Manel tem andado assim um bocadinho difícil muito agressivo com os amigos, tá outra vez naquela instabilidade como é que tem tado as coisas, o que é que a mãe sente?”, “pois é L também sinto o mesmo, não sei não consigo relacionar...”, “pronto vamos estar mais atentos o que é que isto quer significar”, é sempre uma relação estreita é sempre...

Entrevistadora: Para poder perceber também os interesses, a motivação e para mais tarde poder aplicar nas suas aprendizagens é isso?

Entrevistada: Sim e às vezes posso ter de ignorar a minha ação como por vezes levar em alguns casos que os próprios pais às vezes desinteressados, levar um...às vezes nem levo as dificuldades, ham... digo: “olha ele hoje foi muito feliz ele fez isto” e as

vezes a pessoa já vai assim a caminhar a olha para mim como quem diz...mas eu não deixo de...

Entrevistadora: Para eles também despertar um bocadinho de interesse naquilo que a criança vivenciou, experienciou é isso?

Entrevistada: Às vezes quero dar um recado a a, b ou c senão levar aquela criança pela mão até ao portão, às vezes eles dão uma corridinha chegam lá ao portão tá lá a auxiliar, se quero falar com aquela mãe não posso largar a mão daquele porque quando chego lá ao portão já lá vai na ladeira mais o piqueno. Porque há mães que nem sequer nunca souberam de mim, a perguntar “então correu bem o dia, ele teve bem L?” E tal... há gente que nisso não mas esses eu agarro a mãozinha “olá à muito tempo que não falamos, então como é que isso vai?”

Entrevistadora: Ou seja, tem um à vontade para falar com eles de modo a que também possa perceber as dificuldades, os problemas que eles tenham?

Entrevistada: Sim, sim, sim, correto, exatamente.

Entrevistadora: Ok, ham...já tamos quase a terminar só faltam três perguntas, ham...Na sua opinião de que forma é que o ambiente em sala influencia a motivação de um aluno? Agora nós tamos no meio de uma pandemia é mais complicado, estamos confinados em casa, mas na altura em que estava na instituição acha que o ambiente que se proporciona em sala, a forma como a sala está disposta...tudo...ou seja o ambiente que se vive dentro da sala acha que é fulcral para a motivação de uma criança?

Entrevistada: É, é, é toda...tem toda, eu acho que quando se prepara uma sala de atividades e quando definimos os espaços e os materiais aí já tamos a potenciar logo e ela tem de ser apelativa e as dinâmicas também, as dinâmicas do grupo, não só o espaço físico e material, mas as dinâmicas que se constroem com eles, faz toda a diferença. Pode ser muito interessante ou não ser nada interessante, pode não ser nada desafiante, ela tem que ser desafiante.

Entrevistadora: E como é que promove normalmente esse bem-estar dentro da sua sala? De que forma é que promove?

Entrevistada: Com atividades várias, ham...tendo em conta as várias áreas de conteúdos, ham...sempre ativa, participativa...se eles estão em atividades de escolha por eles sustentada e atividade para eles sustentada eu sou...gosto deste trabalho de itinerância que eu chamo e eu acho que é...itinerância pela sala de aula e estão em áreas por eles escolhidas e atividades por eles sustentadas e eu nesses períodos sou e sou muitas vezes, acho que maior parte do tempo é assim...sou itinerante sem impor a minha presença, mas...eles gostam que o adulto brinque com eles é...se eu chegar à casinha das bonecas ou um jogo e me intrometer nunca senti que “agora vem aqui esta

fazer isto à gente” não, acham graça que eu esteja a fazer como eles. Itinerância, observação...há momentos que gosto de tar lá numa de cadeirinha sossegada, faz de conta que não estou...está tudo a agir.

Entrevistadora: Deixá-los explorar...

Entrevistada: Observa...observação, portanto esse momento. Às vezes eu digo assim para a auxiliar “eia se eu não me sentasse um bocadinho a ver isto, é engraçado como temos aqui um grupo...” este ano tenho um grupo que posso sentar-me lá um bocadinho e faz de conta que não tou lá, funciona e para trás tive gente que se...que é...que tenho tar a entrevir minuto a minuto porque aquele já fez a outro, já estragou ao outro...ei cum carças. O grupo não dá descanso às vezes porque tem mais do que um que desestabiliza aquilo tudo, agora quando não...bem e gosto desse papel e é esse papel.

Entrevistadora: E para si a organização da sala é importante para a motivação e as aprendizagens dos seus alunos?

Entrevistada: Sim é a primeira, eu acho que é a primeira...é o primeiro foco que eu tento levar para que ali sejam felizes, na minha porta tenho lá “aqui vou ser feliz” e quando se abre aquela porta eu tenho que ter algo que me estimule a fazer coisas que me fazem feliz e eu já defino á partida algumas áreas, não é? Mas depois elas vão sendo reformuladas pelo próprio interesse das crianças, já montei tendas, já tiveram...se eu vejo que na casinha das bonecas muitas vezes é piqueniques, piqueniques, tiram a toalha da mesa põem no chão e não sei quê...eu já ai à dois anos, agora já à muito tempo que não montei por causa do covid...comprei aquelas casinhas de fecho que é uma tenda quando vão para campismo e numa área da sala eu coloquei aquilo e eles agora da casinha levam os materiais...vão para a praia, vão para o piquenique, vão acampar e então ai já podem por as coisas no chão porque tão a acampar, na casinha à regras de utilização. Portanto, ver...tou atenta a isso...e gosto...havia lá um que era muito agressivo...uma vez cheguei a vê-lo...pela altura que lá tiveste devia haver um Rafael agarrado a uma cadeira para bater em cima do outro, era comportamentos que ele via o pai se calhar no café, não sei. Ele andava por tudo aos murros aos outros, eu comprei aquela coisita, luvas e aquele como é que aquilo se chama de box.

Entrevistadora: Box, um saco de box.

Entrevistada: Fui à decatlon, era para...era para crianças. Penduramos lá num cantinho da sala, “anda cá eu sei que tu tens necessidade de energia, é aqui, pões estas luvas” olha aquilo foi um sucesso que toda agente queria as luvas e depois era tudo para o box (risos).

Entrevistadora: (risos) E ele só batia ali então, depois de ter...de ter...o saco?

Entrevistada: Não claro que não, ele queria era pegar no outro, claro que não. Mas isto para dizer o quê? **Epá sou capaz de ver coisas malucas e pensar assim: “epá eles ficavam felizes com isto”**. Uma coisa que não seria o mais ideal e agora á muito tempo que já nem uso tá lá para a arrecadação e nunca mais fui buscar aquilo mas na altura achei que fazia sentido.

Entrevistadora: Então coloca a organização da sala consoante o grupo que tem...

Entrevistada: **O grupo que tenho e as necessidades, tendo em conta o que eu acho que é importante que eles aprendam, o tem que propici...potenciar o desenvolvimento numa determinada área de conteúdo, não é?** Ham...a área plástica é sempre...ham...o faz de conta...eu dou grande importância ao faz de conta, o faz de conta é importantíssimo e agora tenho pena de não poder ter muitos materiais, os adereços, ham...os fatos, coisas que eles colocam para...e isso não temos porque não é desinfetável ao fim do dia, não é? Ham... representar papéis, recriar as suas brincadeiras e isso às vezes é preciso adereços para nos encaixarmos. A área dos livros por exemplo, agora tá lá uma biblioteca que põem lá um livro ou dois hoje, depois vai para quarentena...não está ali...por causa do covid, mas todas essas áreas a plástica, a...olha uma que eu nunca tenho área, é a minha área fraca é a musical, eu faço atividades de expressão musical, mas vou buscar aqueles materiais, hoje trago aquilo...não tá assim ao dispor assim como outra área qualquer, é engraçado. A das ciências já tem estado ao dispor lupas e isto e aquilo para eles fazerem, agora por causa dos utensílios é que tiramos, ham...**também privilegiamos muito as atividades ao ar livre, temos uns espaços propícios. Já há dois anos que temos uma horta pedagógica** e a A é doida, tem um potencial para hortas, faz cercas, isto e aquilo...agora fazemos tudo por causa dos caracóis, por causa da geada...ela é uma mulher da horta lá no espaço dela em casa **e os miúdos adoram, adoram...a terra e o ar livre.**

Entrevistadora: Ok, mais uma vez obrigada, já terminamos... obrigada pela sua participação e pelos conhecimentos transmitidos que decerto enriqueceram a investigação em curso.

Entrevistada: eu espero que sim, obrigada Joanelha!

Tempo de duração da entrevista: 01:03:40

Legenda das categorias:

- **Caracterização do entrevistado**

- **Experiência do educador**

- **Características dos alunos**
- **Nível de motivação dos alunos que leciona**
- **Curiosidades e gostos do entrevistado**
- **Desmotivação**
- **Relação entre a motivação intrínseca e extrínseca (exemplos em sala de aula)**
- **Características da instituição onde trabalha**
- **Metodologias aplicadas/ atividades lúdicas e recursos dinâmicos aplicados**
- **Estratégias diferenciadas para promover a motivação**
- **Relação entre motivação e aprendizagem**
- **Papel e características de um educador**
- **Identificação dos interesses e gostos das crianças**
- **Relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças**
- **Relação entre motivação e interesses**
- **Relação entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos**
- **Definição de ensino-aprendizagem**
- **Relação entre a sala e as aprendizagens**
- **Exemplos práticos de estratégias utilizadas para promover uma aprendizagem significativa**
- **Interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens**
- **Organização da sala tendo em conta os interesses/gostos/necessidades das crianças**
- **Relação escola-família**

Anexo D - Transcrições das entrevistas a professoras

Transcrição da entrevista da Professora A

Entrevistadora: Bom dia, desde já quero agradecer a sua participação nesta entrevista, que será fulcral para toda a investigação que estou a realizar, para ser integrada no Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre. Esta investigação tem como tema “Como a motivação e os interesses influenciam as aprendizagens em crianças na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico”, por isso, todas as perguntas serão feitas com base nesta temática. Não posso deixar de salientar que esta entrevista será utilizada apenas para efeitos de investigação académica e que não comprometerá a sua identidade, bem como a instituição onde leciona.

Entrevistadora: Então podemos começar?

Entrevistada: Sim!

Entrevistadora: Sim? Então para perceber melhor o que faz, consegue-me falar um pouco sobre o seu percurso profissional?

Entrevistada: oh, então já lá vão trinta anos...já devia tar reformada (risos)

Entrevistadora: (risos)

Entrevistada: Pronto então, leciono há 30 anos. Assim para ser breve, comecei com o bacharelato porque dantes, nós tínhamos só o bacharelato...então quando eu tinha 21 ou 22, porque eu terminei o 12º aos 17, quando eu tinha 21 ou 22 tava prontinha para ir dar aulas e fui logo, eu devia tar a fazer 22, comecei, mas não comecei logo no 1.º ciclo, comecei numa secundária a dar educação física e tive ainda uns dois ou três anos a dar educação física. O que foi bom, porque deu logo tarimba para dominar classes com miúdos muito mais velhos, mas muito mais velhos. Então eu, fiquei a lecionar décimmm..., o seggg, o tercccc, o terceiro ciclo, sim, foi o terceiro ciclo.

Entrevistadora: Começou logo pelos grandes! (risos)

Entrevistada: Sim, comecei logo pelos grandes. Por isso, quem domina os grandes domina os pequenos! (risos)

Entrevistadora: Exatamente! (risos)

Entrevistada: Então eu devia ter 22 e tinha alunos com 18 e 17, pronto, mas foi bom. Depois, entretanto, fiquei no 1.º ciclo vinculada, já não concorri para mais nada e pronto depois tenho estado vinculada depois caíada...também gosto muito de dar explicações aos outros ciclos porque se dermos explicações das matérias...quase todas, pronto...um professor do 1.º ciclo domina as matérias todas como é evidente, pelo

menos até ao 6º ano. Não vamos dar explicações de música, nem de tecnológica, nem visual, porque isso são coisas muito...

Entrevistadora: técnicas...

Entrevistada: muito específicas, para quem tirou esse curso né? pronto...nem educação física, apesar de eu dominar educação física, mas...ham...se deres português, ciências, matemática, geografia, nós no 1.º ciclo temos obrigação de dominar isso tudo, pa...no mínimo até ao 5º ano, na melhor das hipóteses até ao 6º. Quem é do 1.º ciclo e quer lecionar bem 1.º ciclo, tem que também ter umas luzes de 2.º ciclo, porque quando apanha miúdos de 4º ano prepara-os para o que eles vão apanhar no 5º e no 6º ano, no 2.º ciclo, portanto é nossa obrigação. **E dar explicações ajudou-me muito, porque estava sempre dentro dos programas, estava dentro dos programas, ham...** às vezes na matemática ajudava porque, “ah eu sei que os miúdos vão dar isto no 5º e no 6º ano, então deixa cá prepará-los neste caminho” porque às vezes o 1.º ciclo é muito redutor, em termos de matemática e de pensamento, ham...redutor, não é redutor em termos de programa, que o programa está extensíssimo, é redutor em outras estratégias, outras maneiras, outra preparação...

Entrevistadora: outros modos de pensar...

Entrevistada: (abana a cabeça que sim) convém sempre ter uma noção de 2.º ciclo para preparar bem os miúdos à saída do 1.º ciclo.

Entrevistadora: então deu explicações, antes de ir para o 1º ciclo, foi isso?

Entrevistada: Não, sempre dei!

Entrevistadora: ah sempre deu, ok ok...

Entrevistada: **continuo a dar, pronto o que é que posso dizer mais sobre isso? Sobre o meu percurso, no currículo o que é que eu punha? Uiiiiii muita coisa...já fiz muita coisa (risos). Que idade tens tu?**

Entrevistadora: 25, aliás 26, já fiz 26...

Entrevistada: **com essa idade eu tinha cinco empregos, ehehe porque dava aulas, dava explicações, aos domingos vendia móveis numa loja de móveis, dava...hum...manutenção às senhoras lá numa sociedade recreativa e também dava num ginásio aeróbica e step. Vês é quando somos novos que fazemos tudo...(risos)**

Entrevistadora: eram outros tempos, eram outros tempos (risos)

Entrevistada: **E, mas foi bom, porque tu ficas a conhecer várias áreas, vários domínios...e tu estás no 1.º ciclo ou pré, nunca deves saber só aquilo a que és obrigado.**

Entrevistadora: claro.

Entrevistada: Tens que sempre que saber, várias coisas. É nossa obrigação dominar algumas áreas, não é dominar, mas ter conhecimento e saber mais algumas áreas, porque tu só podes formar alguém cientificamente nos conhecimentos que são

necessários, mas também ter uma manancial de outras experiências para, para preparar os miúdos, para falar sobre isto, sobre aquilo. **Como é que podes ir falar sobre pintura de alguma coisa, se nunca o tiveres feito? Motivares e cativares para? A gente não sabe se tem nas nossas mãos um futuro arquiteto, um futuro pintor, um escultor, não podemos só ensinar para ciências, matemática, português e história.**

Entrevistadora: exato! É o futuro que temos nas mãos.

Entrevistada: né? e tecnologia, também é nossa obrigação saber de tecnologia...

Entrevistadora: agora mais que nunca, não é?

Entrevistada: (acena com a cabeça) eu dava...eu recorro muito, muito à escola virtual é um conselho Joana, recorrer muito à escola virtual e online ensinar os miúdos a dominar aquilo e a fazer, porque para eles é fácil. **Ham...mas ensina-los mesmo, a fazer testes online e...sei lá...eu fazia muita coisa online, é importante também preparamos as nossas turmas para a tecnologia. Muito importante!**

Entrevistadora: e hoje...era o que eu tava a dizer, e hoje mais que nunca, nos tempos que correm...Ham... então a segunda pergunta que tinha para lhe fazer era quantos de carreira tem como docente, eu percebi que eram mais ou menos 30, é isso?

Entrevistada: 30, sim.

Entrevistadora: 30, exatamente... e há quanto tempo ensina na instituição onde leciona?

Entrevistada: **Há quanto tempo ensino nesta instituição onde estou? Há 12 anos.**

Entrevistadora: Tenho aqui uma citação e gostava de saber a sua opinião quanto àquilo que lhe vou citar. De acordo com Chiavenato (1999), citado por Ricardo (2011), define a motivação como tudo o que move uma pessoa a agir de determinada maneira, podendo este ser impulsionado por um estímulo intrínseco (interno) ou extrínseco (externo). Tendo em conta esta definição, qual o nível de motivação dos seus alunos? Como os caracteriza?

Entrevistada: **Isso cada um tem o seu nível de motivação de acordo com os interesses. É tal e qual como tu acabaste de dizer, nós temos estímulos internos, ou seja, os nossos gostos e as nossas preferências à partida, condicionam logo para gostarmos daquilo que gostamos, certo? Para estarmos interessados** Eu quando uma vez falei sobre dinossauros, lembras-te do aluno E? Ele esteve todo o tempo atento, isto é um estímulo interno dele. Eu dei-lhe um estímulo externo, mas ele já tinha o interno. Ele adorava dinossauros, eu dei uma aula sobre dinossauros, o rapaz tava no paraíso. **Agora é assim, depende muito...tu não podes agradar a todos, como é evidente. Se a motivação depende dos nossos gostos pessoais, das nossas preferências, está logo condicionada para aquilo que me desperta atenção.** Eu posso fazer uma aula extraordinária para motivar e despertar a atenção dos miúdos, ham... e há algumas assim, que todas nós

fazemos, mas depois há outras que também é necessário, pá ir à rotina e ir ao ram ram todos os dias, porque também é preciso fazer coisas rotineiras, é necessário para haver depois uma consolidação das aprendizagens, mas provavelmente não agradarei a todos, há sempre algum que é capaz de estar mais distraído que os outros. Porque o interesse e a motivação é uma coisa muito subjetiva que depende daquilo que me leva a. Imagina nós as duas podemos estar a assistir a uma aula, eu estar muito mais atenta do que tu porque diz-me mais do que a ti. No entanto cabe-nos a nós motivar os alunos o mais possível porque, para já, se não cativarmos a atenção, oh esquece eles não aprendem nada, sabes isso perfeitamente e andas a aprender isso. Só se aprende, só se interioriza, só se assimila conhecimento, se nos captarem a atenção.

Entrevistadora: claro.

Entrevistada: Se de algum modo tivermos interessados

Entrevistadora: então acha que a motivação intrínseca (a interna) tá diretamente ligada à extrínseca, estão as duas em consonância?

Entrevistada: tem que estar, tem que estar. Pronto, podes cativar alguém que intrinsecamente o assunto não lhe diga nada. Podes é evidente, sei lá qualquer coisa que lhe desperte a atenção e a pessoa: “olha, helá o que é isto? O que é que se está ali a passar? Deixa cá ver...”, podes, não é condição indispensável, mas ajuda. Podes perfeitamente estar com uma ideia durante um tempo, a cativar a atenção de alguém que não seja a sua praia, a sua área, o seu gosto, a sua preferência, mas podes.

Quantas vezes eu não me sinto, compelida a olhar, a ver, a estar com atenção a alguma coisa que eventualmente até nem seja dos meus interesses.

Não tem que estar habitualmente associadas, agora para tu conseguires levar a água ao teu moinho, o barco a bom porto e realmente consolidar e fazer validar conhecimentos, se calhar é aliar as duas, se calhar é tu pensares que os miúdos gostam disto assim, assim, eu sei que eles gostam, deixa cá preparar uma aula neste aspeto. Tou me a fazer entender?

Entrevistadora: sim, sim, sim, sim, sim, sem dúvida.

Entrevistada: evidentemente que é provável, não sou nenhuma expert na matéria, aliás o que nos dá o expertise na matéria é os anos de experiência, os anos de experiência. Os anos de experiência é a mãe de todas as coisas. É os anos de experiência, que se eu sei que eles gostam mais ou menos disto, quase todos, então vou por este caminho e vou por ali chegar extrinsecamente ao intrinsecamente. Mas tu consegues captar a atenção, sem conseguires chegar a todos intimamente, até porque é difícil, temos uma turma de 20 e tal miúdos, é muito difícil.

Entrevistadora: mas então na turma que tem considera que todos, muito ou pouco, é uma turma motivada, quando apresenta alguma atividade, ou quando até mesmo

aquelas aulas que tem de ser consideradas expositivas, acha que eles são mais motivados ou menos motivados? Consoante aquilo que lhes apresenta?

Entrevistada: estão, estão, estão, maior parte das vezes costumam estar bastante motivados. A turma que eu tive estes 4 anos, nós também é que preparamos as turmas Joana, nós é que fazemos das turmas aquilo que elas são, se os...eu já disse isto muita vez, não sei se te disse a ti ou não, mas costumo sempre dizer às estagiárias. Eu tenho de me levantar de manhã na cama, com vontade de ir para a escola e eles também.

Entrevistadora: exatamente!

Entrevistada: É um princípio, se eles não tiverem vontade de ir para a escola, começa logo mal. Se eles dizem, se as mães dizem “ah hoje estás com febre não vais para a escola” e eles dizem “ah eu quero ir para a escola!”, é bom sinal!

Entrevistadora: sem dúvida...

Entrevistada: Se eles tiverem vontade de aprender é sinal de que na escola, gostam de lá estar e de aprender. Eu tive alguns alunos assim, provavelmente não todos, mas até mesmo os alunos que gostam de tar na escola e aprender, quando eu dizia: “amanhã não há aulas!”, eles: “yahhhhhhhh”, pronto de vez em quando toda a gente gosta de uma folga né? (risos)

Entrevistadora: é natural, exatamente...(risos)

Entrevistada: Depois eu ficava com uma cara muito triste e eles: “oh, nãoooo, não era isso que a gente queria dizer...”

Entrevistadora: (risos)

Entrevistada: mas sim era uma turma motivada, durante 4 nós preparamos as turmas também para gostarem de vir para a escola, para as motivar, pa coise. Não temos todos os dias de fazer aulas maravilhosas (abre os braços), até porque eu disse que é muito importante haver aulas em que os miúdos estão rotineiramente a fazer os trabalhos, porque também é importante. É importante fazer um exercício de cópia do estudo do meio, porque não há nada que consolide melhor os conhecimentos, do que escrever com a própria mão, o cérebro precisa disso. O mecanismo, mão escrita dos conceitos, o cérebro precisa...tem é de estar concentrados, não vale a pena tarem a copiar à toa. Hamm, lembras-te quando nós fazemos resumos...

Entrevistadora: sim, sim, ainda hoje para mim é a melhor forma...

Entrevistada: a Laura, a minha filha, continua na faculdade a fazer resumos de tudo porque ao escrevê-los com a mão dela, ela eventualmente depois passa-os para o computador, porque depois é mais fácil pesquisar, ainda mais agora quando têm que fazer tudo e responder a tudo, mas fá-los sempre manualmente. É uma coisa que temos de ensinar aos miúdos, a escrever manualmente, é muito importante, hammm...e há momentos em que eu passo uma série de contas no quadro e eles fazem-nos, eu obrigo

a fazer um ditado, ah um exercício de cópia de qualquer coisa, há momentos daqueles como antigamente tradicionalmente se fazia, são importantes, tem que haver. Não pode ser sempre, estímulos, motivação, interesses, aulas muito diversificadas, não pode ser sempre...há momentos para isso. Agora o mais importante é tu conseguires fazer uma aula onde eles interajam. Quantas vezes não havia cada um a fazer uma coisa diferente, ou grupos a fazerem coisas diferentes, porque são eles que constroem o conhecimento deles e são eles que tem que organizar-se e ver o trabalho semanal de cada um. É isso que a escola moderna tem de muito importante e habitua-te a trabalhar pelo movimento da escola moderna porque eles têm coisas lá muito gratificantes para os miúdos. Imagina que tu defines um trabalho semanal, dentro da planificação anual e mensal, defines um trabalho semanal, não chegam todos ao mesmo tempo lá, os miúdos são todos diferentes, cada um tem o seu tempo, isto é a diferenciação pedagógica. Então, aquele conseguiu, o outro não, o outro não, eles é que tem de gerir, por isso eles têm um calendário, um horário, eles sabem o que tem de fazer naquela semana e eles vão gerir. “Eu já consegui fazer isto, vou fazer aquilo, falta-me aquilo”, tanto que quando tu tens boas turmas, boooooas turmas, não se consegue com todos, quando tens boas turmas os miúdos chegam de manhã e sabem o que é que vão fazer.

Entrevistadora: Já são autónomos o suficiente, para fazer.

Entrevistada: A não ser que tu queiras dar uma matéria nova, uma aula expositiva, uma matéria nova, que todos tão em pé de igualdade, depois a partir daí, parte-se para exercícios e atividades relacionados com essa matéria nova e cada um tem o seu timing e cada um tem o seu ritmo. Agora, isto é difícil é! É difícil pó professor porque tens que orientar muito bem o ritmo de trabalho dos miúdos e é esgotante e é muito cansativo e de vez em quando temos de ter uma aula, para nosso bem e para bem deles de “meninos hoje vamos todos fazer isto, hoje vamos todos fazer aquilo” e eles também gostam às vezes, não pode também tar sempre em constante motivação.

Entrevistadora: claro e sente que os seus alunos se desmotivam facilmente, mesmo sendo uma turma motivada, em certos aspetos sente que eles se desmotivam?

Entrevistada: humm não, por acaso não senti isso, mas há turmas assim...que é muito difícil prende-lhes a atenção, hammm...sabes que os miúdos podem ser conversadores, podem ser muito ativos, isso da hiperatividade não me convence muito...eu não me lembro nunca de ter um aluno hiperativo. Eu tinha alunos muito difíceis, não eram fáceis, não estou a dizer que não haja hiperatividade, mas também hoje em dia tudo é hiperatividade para tomar ritalina. Aliás eu recebi muitos miúdos a tomar ritalina, que eu pedi às mães se faziam o favor de falar com o médico, para tirar a ritalina e eles tiraram a ritalina e quando foram meus alunos não precisaram de ritalina. Eu não sou uma super

professora, eu acho que uso só de uma coisa que hoje em dia falta a muita gente, que é o bom senso.

Entrevistadora: e paciência...

Entrevistada: e bom senso e paciência, pronto as pessoas perdem a paciência logo! Eu vejo mães que eu às vezes tou com os miúdos das explicações ao pé e eu digo assim “então e nisto e naquilo” e a mãe “então, mas tu na vês que...”, nã não vê, se visse respondia! E às vezes...ah...é isso paciência que tu dizes Joana...tem que se dar tempo aos miúdos para pensar. Quantas vezes a gente não tem de estar ao lado de um miúdo assim (de mão apoiada no queixo), “então, mas vê lá, achas que não sei quê? Pensa lá” pá e isto falta aos pais e a alguns professores, a paciência! Nã se pode levar todos como carneiros, pronto e...já me perdi no que eu estava a dizer...à...

Entrevistadora: eu tava lhe a perguntar se achava que eles se desmotivavam facilmente.

Entrevistada: exato! hoje em dia cada vez há turmas mais difíceis, há turmas com miúdos de diferentes nacionalidades que não falam uma palavra de português, opá não há de ser fácil dar aulas assim, não há de ser fácil...eu se calhar falo de poleiro porque sempre tive turmas boas, mas também quando elas não eram procurava pô-las boas, também é nossa obrigação, ok? Há sempre aqueles miúdos que infelizmente têm de ficar para trás e às vezes ficar para trás não lhes faz mal nenhum para repetir.

Entrevistadora: não claro que não e eu sou uma prova disso.

Entrevistada: Nós é que temos de ajuizar quando é que vai fazer bem ou mal uma retenção e às vezes nós não sabemos, mas...hammm... mas de grosso modo consegues moldar uma turma a teu jeito e consegues pô-los de uma maneira geral, ao gosto de...de...de...do teu método e trabalho e estarem motivados...pá pronto, há sempre miúdos mais difíceis que outros e dias não são dias. Agora, se tu vês que a turma está a descambar e que tás a perde-los, opá recorres a outra coisa. É preferível parares no que se está administrar de conhecimento e ir fazer outra coisa, do que eles não tarem a ouvir. É como dar visto que deu aquele conceito, sem ele tar dado. Ham...mas há miúdos terríveis.

Entrevistadora: ham...neste caso disse-me que as suas turmas até são bastante motivadas, hamm...mas acha que por exemplo se houvesse uma desmotivação, acha que o fato de eles não perceberem certos conteúdos lecionados, que iriam provocar essa desmotivação?

Entrevistada: sim às vezes um bocado...se eles não estão a perceber, hamm...eles desligam, é evidente...

Entrevistadora: acha que é um ponto, é um ponto, ou seja, um ponto chave para a desmotivação?

Entrevistada: um bocado, hammm...porque tu motivas, ele fica interessado, mas depois se o conceito é difícil e ele não tá a entender, ele desliga. Pode até não perturbar a aula, pode até tar calado, mas não tá a perceber nada.

Entrevistadora: Não tá ali sequer...

Entrevistada: Não tá a perceber... e aquilo até pode ser muito interessante. Eu já cheguei a dar aulas muito engraçadas e interessantes, eles estavam a olhar, mas eu tava a ver que eles não tavam a perceber nada do que eu estava a dizer. Agora quando é assim, cabe ao professor depois reunir esses miúdos que não entenderam e ir por outra estratégia. Se eles estão desmotivados e estão a perturbar é preferível parar e ir àqueles miúdos que perceberam dar-lhes uma tarefa qualquer até aquele ponto e depois ir pegar nesses que não estão a perceber nada e que podem perturbar uma aula e desmotivar, é preferível. Ou então, dar outra tarefa a esses miúdos que não perceberam, para não perturbar a aula e continuar com aqueles que tão a entender. Isto não é discriminar, nem segregar é depois ir lá noutro tempo, noutro timing.

Entrevistadora: hum, hum...é uma estratégia.

Entrevistada: nem fazer prevalecer a minoria nem a maioria, é gerir entre a maioria e a minoria. O que acontece muita vez é “não estás a perceber, então para tudo” para ir ensinar aquele menino que não está a perceber, então e os outros? Não tem culpa. É preferível tu veres se não estão a perceber só dois ou três, esses dois ou três és tu que tens de gerir e vão fazer outra coisa e tu continuas com a maioria e depois pegas nesses. Ou então se tu já achas-te que já atingiste um ponto onde a maioria pode ir concretizar uma tarefa, tu pegas naqueles dois ou três ou meia dúzia, porque é muito importante que eles percebam aquele conceito naquele momento. Fiz me entender?

Entrevistadora: hum, sim, sim, sim, sem dúvida!

Entrevistada: Nós é que sabemos essa gestão.

Entrevistadora: então e pronto, falámos dos conteúdos que às vezes eles não percebem e acabam por se desmotivar, quais são os outros fatores que acha que na sua opinião favorece a tal desmotivação? Muitas das vezes...sem ser só os conteúdos lecionados.

Entrevistada: epa, isso depois depende do miúdo, depende...hum, hum...se tu apanhases um miúdo do primeiro ano, ao sair da pré... numa turma, em que os apanhas todos no 1º ano e vão ser teus até ao 4º muito dificilmente isso acontece, pode acontecer...

Entrevistadora: porque estarão habituados à mesma professora, aos mesmos colegas...é isso que está a dizer?

Entrevistada: Não é isso só, não é só habituados àquele conforto da turma, àquele habito e rotinas que são reconfortantes, que são seguras e hum...não é só, só essa

comodidade, não é só por isso, porque tu também fazes com que os miúdos sigam uma rotina de trabalho, hamm...vejam que há momentos para brincar, para jogar, para conversar, para trabalhar...é importante equilibrar esses momentos todos, hamm... tu tiveste, devias ter tado, tu tiveste comigo quê? Pouco tempo não foi?

Entrevistadora: foram, foram duas semanas normalmente...foi no estágio da licenciatura.

Entrevistada: se tivesses comigo num período maior tu ias ver...ham...não é só por isso, é porque os moldamos para gostar da escola. A minha filha foi para o 1º ano, depois de ter uma boa educadora e a professora que ela apanhou, era boa professora a lecionar...não era um bom ser humano, então ela via crianças, colegas a fazerem xixi nas cadeiras porque eles da pré tão habituados a ter que ir fazer xixi mais vezes e ela não deixava, só deixava fazer xixi no intervalo e eles faziam xixi na sala de aula, na cadeira...estavam à rasca...Ela via quando eles não percebiam, a levarem chapadas contra o quadro. Eu não sou apologista da violência, mas se um aluno...eu não tenho problemas nenhuns em dizer isto, com isto gravado. Se um aluno, tá distraído a perturbar outro, a fazer mal a outro, até bullying, seja o que for. Porque nem sempre a gente apanha as turmas à saída da pré e mesmo às vezes da pré à miúdos terríveis. Tu passas por ele e assistes a uma coisa dessas, um calduço na cabeça não mata ninguém e não faz mal nenhum a ninguém, afinal logo ali os parafusos, ok? (risos). Uma palmada no rabo, nada disto faz mal, pronto endireita-se logo, eu não sou apologista disto mas às vezes é preciso, nós é que sabemos ajuizar as situações porque lá em casa hoje em dia quem manda são os miúdos, eles acham que mandam em todo o lado. Agora, dar chapadas...uma vez até partiu um dente a uma aluna com o anel...partiu-lhe o dente da frente! E ela viu isto e depois contava-me estas coisas e ela ficava muito impressionada...eu tou-te a contar isto para perceberes a onde é que eu quero chegar.

Entrevistadora: sim...sim...sem problema

Entrevistada: e ela contava-me estas coisas, então o que é que eu fiz? Deixei passar o 1º ano e no 2º e 3º ano, levei-a para a minha escola. Ela foi minha aluna, no 2º e 3º ano a minha filha foi minha aluna. Pôde ser, a lei contemplava essa possibilidade porque eu era a única professora a lecionar o 2º e o 3º ano naquela escola, pronto. Porque o meu objetivo era que a minha própria filha ao entrar na escola, gostasse da escola.

Entrevistadora: e que não tivesse medo...

Entrevistada: (acenando a cabeça a dizer que sim) e que gostasse de andar na escola, nós temos que ir para a escola com gosto de ir para a escola. Então, quando tu na pré apanhas miúdos tu moldas esses miúdos com gosto em ir para a escola, muito dificilmente eles depois se tornam uns malandros, uns vândalos, uns desencaminhadores dos outros, uns perturbadores, percebes? Porque tu tens a

obrigação de no 1º ano motivá-los para gostar a escola. Nós professores é que temos a obrigação de motivar as crianças para gostar de vir para a escola. Se eles não gostam de ir para a escola, temos a falhar nalguma coisa...é claro que há exceções e há, e há, compor...e há miúdos muito específicos, não te esqueças que coitadinhos há alguns que até aos 6 anos já sofreram muito, famílias e abandono e orfanatos...pronto, é claro que há sempre rufias, há miúdos tramados. Tá nas nossas mãos, se os apanharmos no 1º ano moldar isso e procurar que eles gostem todos de ir para a escola. Agora, se não os apanharmos no 1º ano, ham...é difícil porque depois tu já os apanhas no, 2º, no 3º e às vezes no 4º com maus professores que já apanharam...opá sei lá, uma serie de circunstâncias que condicionaram o seu comportamento perturbador. Certo? Não tou a generalizar, mas também não estou a particularizar, nós temos que ter o bom senso de no 1º ano gerir isso. Depois quando os apanharmos assim...opá às vezes temos de ser um bocadinho autoritárias, um bocadinho beras, um bocadinho más para termos pulso na turma mas se tivermos também momentos de prazer, alegria, diversão os miúdos também veem que também não somos sempre más, certo?

Entrevistadora: Plenamente! Então acha que o facto de também, ou seja, a desmotivação também vai muito do tipo de professor e não só, da bagagem que certas crianças já têm...acha então que esses são dois fatores importantes para a desmotivação?

Entrevistada: Sim! Há alguns livros que tu tens que ler que eu depois vou te mandar fotografia da capa. No que estou a ler muito ultimamente que diz que nós somos a genética, mas muito o ambiente e a interação com os outros, percebes? É isso que condiciona um bocado...é o ambiente, a interação com os outros. Nós podemos ter uma predisposição para mas depois tudo o que nos rodeia molda-nos. Ham...é claro que se tu apanharmos um miúdo que não te teve desde o 1º ano, que teve uma infância muito difícil e que teve professores beras, muito dificilmente vai gostar da escola e aprender alguma coisa e ser um bom aluno, e depois tu rumas contra o que está instituído e não consegues...

Entrevistadora: pois depois acaba por ser muito difícil...

Entrevistada: muitas vezes os professores querem mudar o que está instituído e não conseguem...pronto... Agora ham...sim é importante apanhar os miúdos à saída da pré, é importante conhecer o contexto familiar deles, é importante ser má e autoritária quando é preciso, mas também ser má e autoritária com alguns casos particulares, mas depois ter uma conversa particular com eles, porque há miúdos com um passado terrível...nunca esquecer que nós somos seres humanos a trabalhar com seres humanos. Agora, a disciplina e a motivação tá muito nas nossas mãos e no equilíbrio do que nós fazemos com momentos de trabalho e sossego, momentos de diversão,

momentos de conversa... eles também gostam de às vezes ter 5/10 minutos vai tudo conversar, vai tudo jogar, vai fazer isto e aquilo...ham...é importante também!

Entrevistadora: sim porque não tem tudo de ser linear, não tem de ser sempre a mesma coisa...

Entrevistada: certo! É claro que um mau professor fará sempre turmas indisciplinadas. Se ele às vezes não tá motivado para dar aulas, como é pode motivar os miúdos?

Entrevistadora: as crianças são o exemplo daquilo que veem não é?

Entrevistada: sempre, sempre! Os nossos filhos são um exemplo, ham aliás nós somos um exemplo para os nossos filhos, nós somos um exemplo para os miúdos, sempre! É claro que às vezes temos comportamentos errados, mas temos que os advertir. Faz aquilo que eu digo não faças aquilo que eu faço, o que nós temos de passar é aqueles comportamentos padrão, para que lá fique um bom exemplo, mas depois temos defeitos e aí entra o: faz o que eu digo, não faças o que eu faço. O equilíbrio é mãe de todas as coisas e a experiência.

Entrevistadora: e dentro da sua sala de aula, tenta utilizar estratégias diferenciadas para motivar as suas crianças?

Entrevistada: sim sempre!

Entrevistadora: como? De que forma?

Entrevistada: olha, sei lá...desde o tradicional ao mais moderno. Vai-se à escola virtual, recorre-se a jogos, escravizasse as estagiárias (pisca o olho e ri-se)

Entrevistadora: essa é a parte mais divertida (risos)

Entrevistada: para que elas façam muitos trabalhos, porque elas ao fazerem muitos trabalhos concretos de manipulação, estão a aprender e estão a proporcionar aos miúdos e tão a tirar o peso de cima das costas do titular, e estão...e temos que também avaliar a capacidade de trabalho das pessoas, que eu também fiz muitos. O meu curso era muito, muito, muito prático, agora se calhar não é tanto, na minha altura era...na minha altura quando eu tirei o curso a nossa metodologia mostrava que tudo o que se ensinava tinha de ser muito interiorizado e concretizado e manipulado, perdeu-se isso...é uma pena, é uma pena...ganhou-se noutras coisas, mas perdeu-se isso. Eu fiz muitos, muitos, muitos trabalhos para muitos conceitos que eu queria dar e isso é importante. Eles tem que manipular, tem que construir o saber, eles tem que chegar lá por eles próprios e então temos que recorrer a coisas que eles joguem, que eles façam, que eles liguem e que eles manipulem para...para interiorizar, para construir o saber e hum...hoje em dia, acho que se ensina com muito fichas, fichas, fichas, fichas que também são precisas, manuais, manuais, manuais que também são precisos, mas nem oito nem oitenta. Aliás, o meu lema de vida se perguntares à minha filha ela saberá dizer-te, que em tudo na vida, não só profissionalmente, o meu lema de vida é: nem oito

nem oitenta. Só se aprecia o verão porque há inverno, certo? Agora, vais procura ver o que há na escola virtual, que é um manancial ótimo, no Youtube... Nós temos que fazer muito trabalho de casa. Ninguém leva trabalho para casa a não ser um professor..., portanto, nós temos aquele tempo em que lecionamos, mas temos que ler, pesquisar, como é que eu vou dar aquela aula, como é que vou dar aquele conceito, o que é que há para isso. Perde-se muito tempo no Youtube, perde-se muito tempo na escola virtual, perde-se muito tempo a preparar recursos, perde-se muito tempo a ver manuais, muitos manuais, não é só um que chega, mas vamos fugir um bocadinho aos manuais e às fichas, vamos dar mais aulas interativas, vamos dar mais aulas onde eles construam as coisas, onde manipulem para... não quer dizer que tenha de ser sempre assim, não! Isto é quando tu promoves um conceito, depois quando eles estão a aplica-lo também é importante concretizar no manual, numa ficha também, agora nem oito nem oitenta.

Entrevistadora: então, sugere para além de por exemplo da escola virtual que atividades mais lúdicas, e que recursos é que normalmente aplica na sua sala de aula de modo, a que eles aprendam e tenham vontade de aprender?

Entrevistada: a escola virtual e eles aprenderem também através do quadro interativo, eles irem lá, eles escreverem. Agora online, eu usava o quadro branco e eles escreviam e eu corrigia na hora, e online eu partilhava um documento e eles estavam a escrever no documento e eu corrigia na hora. É claro que isto funciona melhor com crianças maiorzinhas. Ham..também muito material. Ah! Também muitas das vezes saía da sala de aula e ia as outras salas fazermos declamações de poesia, teatros...temos que ir muito também muito pela dramatização, pelos teatros, pela musica...chamava colega de música á minha sala, porque eu não tenho jeitinho nenhum. Nós temos de nos recorrer das artes todas através de nós, ou através de pessoas que tenham mais jeito que nós para tornar as aulas mais ricas para todos, até para nós, para não ser uma seca. Temos que utilizar a fotografia, filmar com os telemóveis, sei lá já fiz tanta coisa...para também fugir àquilo de estar sempre a fazer jogos, contruir coisas, puzzles, pinturas, sei lá, já fiz muitas coisas...já cheguei a levar animais!

Entrevistadora: Agora focando-nos um bocadinho nos interesses, que também já pudemos falar um pouco nesta entrevista, preocupa-se em identificar quais os interesses e os gostos que as suas crianças têm e de que modo é que o faz?

Entrevistada: sim! Então, não sei se tu apanhaste isso ou não, mas pronto...quando apanhas as turmas mesmo que tenhas uma turma do 1º ao 4º ano, não faz mal nenhum fazer isso todos os anos, porque os miúdos mudaaaam...mudam de gostos e de interesses, vão ficando mais velinhos...pau, pau, pau, pau, pau. Que é...ham...na parede haver o coiso dos aniversários, pronto, há o coiso dos aniversários que pode ser ao gosto da pessoa, mas no dia do aniversário estar qualquer coisa sobre o miúdo.

Imagina, uma vez fiz um vaso com flores e cada flor era um aluno, no centro estava a fotografia dele e quando é que ele fazia anos e nas pétalas, a cor preferida, a comida preferida, os seus gostos, as suas preferências...quem chegasse ao vaso das flores, acabava por conhecer os miúdos lendo o que tava nas pétalas. Claro que isto é uma ideia, porque há muitas ideias. **E era giro porque às vezes as mães vinham à escola, por isto ou por aquilo e iam ao vaso das flores, que era um vaso alto e as flores também, os pés das flores eram uma caninha que eles depois construíram e fizeram e a mãe assim: “ah não sabia que o meu filho gostava disto e daquilo!” e eu era assim: “olhe conheço melhor o seu filho que a senhora...” (risos) e isso todos os anos é importante porque...**

Entrevistadora: mas...

Entrevistada: diz, diz...

Entrevistadora: não ia só perguntar de que maneira que consegue...é só através da observação ou fala com as famílias, de que forma é que consegue perceber quais são os interesses e quais são os gostos de cada criança?

Entrevistada: por tudo, nós...é por tudo...**pela observação dos miúdos no dia-a-dia, conversando com eles, é importante conversar com eles porque hoje em dia pouca gente conversa com eles e eles gostam de conversar...e também quando há o atendimento aos encarregados de educação, também!** **A gente também procura saber muita coisa através do atendimento aos encarregados de educação, até porque eu tenho sempre, sempre à segunda feira, sempre...como é que foi o fim de semana, eles escrevem o sumário e depois a seguir ham, a importância das rotinas, né? as rotinas são importantes...**

Entrevistadora: sim, sim...

Entrevistada: **ham...à segunda-feira escrevemos o sumário e depois “como foi o meu fim-de-semana?” e a gente consegue ver muita coisa...como foi no fim de semana...quem viaja, quem fica em casa, para onde vão, o que fazem, o que não fazem com os filhos, o que comem, isto e aquilo...fica-se a saber muito das famílias quando os miúdos contam o fim-de semana. Eles contavam uns aos outros e depois escreviam e depois tu tens que também de saber lidar com isso para que aqueles coitadinhos que não iam a lado nenhum e nunca faziam nada de jeito não ficarem tristes, verem os outros a fazerem e eles coitados...pronto, mas depois nós dizíamos “olha eu também fiquei em casa, também não fui a lado nenhum, também tive a ver televisão e a jogar e a ler e não sei o quê...” que é para eles verem que a professora afinal também não tinha ido passear, também não tinha feito nada, porque havia alguns tinham vidas interessantíssimas e outros era sempre o mesmo ram, ram. Alguns coitados era televisão o dia todo e os pais a dormir a sesta, mas pronto...**

Entrevistadora: e nas suas planificações tem em consideração esses mesmos interesses e gostos, ham...e como é que normalmente planeia as suas atividades ou que tem que lecionar, consoante os interesses e os gostos de cada um, ou do grupo em geral.

Entrevistada: sim, a planificação é flexível não é estanque...é claro que temos que planificar para não fazer as coisas em cima do joelho e nos orientarmos, nós sabemos que naquele ano o miúdo ao final daquele ano tem que ter aqueles conceitos e aquelas noções, aquelas aprendizagens feitas, aquele saber adquirido, aquelas competências. Depois mensalmente também temos que as fazer de conteúdos né, de objetivos para nos orientarmos, é evidente. Semanalmente é que podemos gerir as coisas, semanalmente é que tu podes ver, “olha eu durante estas quatro semanas tenho que ministrar estes conceitos, estes conteúdos, estas aprendizagens. Os miúdos têm que ter estas competências neste sentido, temos um programa temos que o cumprir. Ham...como é que eu vou fazer, para ir ao encontro dos miúdos, ham...eu vou tentar dar estes conceitos nesta semana, desta e daquela maneira. É claro que eu procuro saber o que cada um gosta, nem sempre é possível...não se pode agradar a gregos e a troianos, tendo um programa tão vasto para cumprir, muitas vezes tens que procurar não ir sempre aos gostos deles e às preferências, epá mas às vezes também tentar levá-los àquilo que é mais fácil para ti fazer e eles acabam por gostar. Afinal eles são barro, nós tamos a moldá-los e isso é uma coisa de muita responsabilidade Joana. Nós no 1º ciclo, temos uma responsabilidade acrescida que os outros ciclos não têm...nós tamos a moldá-los para adquirir conhecimentos, se fazemos mal as coisas condicionamos a vida toda de um aluno que podia ter capacidades...por isso estamos a moldá-los, temos de ter muito juízo e tato e bom senso de como queremos que eles adquiram conhecimento. Nas planificações vamos gerindo...imagina que eu planifiquei para aquela semana, aquilo. E isso acontece tanta vez...contigo não sei se aconteceu ou não, mas havia estagiárias coitadinhas que ficavam totinhas da cabeça e malucas, porque era muito difícil tar nas minhas aulas! (risos) e porquê? Elas planificavam aquilo tudo muito direitinho, tudo muito certinho, depois chegávamos a meio da semana tinham de mudar tudo, tudo, tudo, tinha de ser tudo mudado. Porquê que tinha de ser tudo mudado? Porque de repente surgiu na aula, uma questão de um e aí fomos ao interesse e ao gosto dos miúdos e fomos fazer outras coisas completamente diferentes. E aquilo que tínhamos planificado já não se concretizou, então elas tinham que andar sempre a alterar as planificações, sempre! (risos) Mas dar aulas é isso! É teres que andar a alterar as planificações que tem que ser flexíveis de acordo com o que naquele momento surgiu. Opá naquele momento surgiu aquilo, é uma questão pertinente para dois, ou três, ou quatro alunos, pá vai-se ao encontro do miúdo, certo? Nós é que temos saber

gerir isso. Não podemos andar sempre a fazer isso, não podemos andar sempre a mudar uma planificação que também nos orienta a nós e a eles, mas às vezes é preciso. A planificação sofre alterações, flexibiliza-se, articula-se para chegar ao encontro dos miúdos.

Entrevistadora: mas ainda focando na pergunta, quando realiza a planificação, semanalmente, mensalmente o que for, hamm...tenta sempre encaixar por exemplo os conteúdos que tem que lecionar com algum...por exemplo, naquele caso que falou anteriormente dos dinossauros, juntar por exemplo o útil ao agradável, como se costuma dizer...tenta sempre fazer isso?

Entrevistada: sim eu já sabia que ia dizer isso (risos), espertinha, espertinhaaaa. Tás com atenção, és uma boa entrevistadora...(risos) és capaz de ser uma boa professora! (risos). Sim! Mas para isso tens que conhecer bem os miúdos, pronto lá está aquele pré-trabalho que deve ser feito logo ali no primeiro ano. O primeiro ano é muito importante, muito muitooo, se sabes que vão ser teus durante 4 anos, é muito importante. Ham...sim, procurar saber, conhecer, para de algum modo na planificação chegar lá. Uma coisa a nosso favor: eles tem muitos interesses em comum, é fácil. Como há muitos interesses em comum é mais fácil, epá muita gente gosta disto, muita gente gosta daquilo, então eu vou por ali, por acolá, por acolá, vou conseguir chegar ao interesse de muitos ao mesmo tempo. Podes fazer isso, se os conheceres bem e souberes o que é que eles gostam...imagina eu tinha metade da turma a gostar de dinossauros, através dos dinossauros...Minecraft...fortnite...procurei chegar lá.

Entrevistadora: e o que entende por ensino-aprendizagem? Ou seja, como relaciona a forma como ensina com as aprendizagens que os seus alunos adquirem? Como é que consegue relacionar uma coisa com a outra?

Entrevistada: epá se não houver uma coisa não há outra, se eu não tiver ensinar ao encontro deles não há aprendizagem. Só há aprendizagem se tiveres um bom ensino, tu aprendes se a pessoa te souber ensinar. Agora depois dizem assim: “não há miúdos burros”, há não me venham dizer que não há, não venham lá com esse chavão, há! Eu mais quantas professoras que eu sei que somos boas professoras que estamos no ensino com consciência e com gosto, já chegámos a tentar ensinar certos conceitos a certos miúdos e eles não conseguiram e de várias maneiras! E de várias maneiras! Nem todos os miúdos...agora é burro para tudo? Não! Não é para tudo...é para algumas coisas, mas para algumas coisas não consegue lá chegar, para outras consegue. Mas também há aqueles miúdos muito limitados...ou por uma questão genética, ou por uma questão de ambiente, que coitadinhos não foram estimulados, nunca porque pronto...há, acontece há esses casos...hamm...o ensino não se consegue fazer da mesma maneira, igual para todos porque a aprendizagem é diferente em todos os

miúdos. Nós temos que ver o que é que queremos que eles aprendam para saber como é que vou fazer o ensino daquela coisa. As coisas estão relacionadas, um bom ensino abrangente cria aprendizagem, mas no entanto há casos e casos. E correu-se a tudo para ensinar o miúdo? Sim correu-se a tudo. E ele mesmo assim não aprendeu? Não. Há ali um decap, há um défice cognitivo, há qualquer coisa ali...

Entrevistadora: sim porque depois não depende só de nós...

Entrevistadora: e acha que a motivação e as aprendizagens estão diretamente relacionadas? Estão ligadas digamos assim?

Entrevistada: isso é uma pergunta de retórica certo?

Entrevistadora: mas de que forma é que acha que estão ligadas?

Entrevistada: então se tu não tiveres motivada não aprendes...então se estás desmotivado vais aprender? Só se te baterem (risos). Porque é assim é evidente se fores obrigada a aprender, tu sabes que tens de aprender, mas não é porque gostes ou que te interesses...Tu quando motivas os teus alunos a aprender tens de também de estar motivado para, se tu não os motivas para aprender dificilmente se faz a aprendizagem. Agora, tu aprendes quando estás motivado, consolidas quando gostaste.

Entrevistadora: e consegue dar-me exemplos práticos de alguma estratégia que utilizou e que reparou realmente que fomentou uma aprendizagem significativa?

Entrevistada: Ah sim, sim! Quando fazemos jogos matemáticos, oh tantos! Tou me a lembrar agora de uma coisa...ham...uma vez fiz um jogo matemático. Eu estava com os sólidos geométricos, expliquei tudo sobre os sólidos geométricos, tudo, tudo, tudo e depois a seguir fui fazer um jogo e o jogo era: tinha o nome dos sólidos todos em cima da mesa e eles tinham que pegar no solido e por em cima do nome e eram bastantes...uns doze ou quinze sólidos. Ham...e fazíamos isto com timing, com tempo então isto tornou-se haver quem é que conseguia fazer isto em menos tempo, era um desafio uns com os outros. E isto foi de tal maneira, que eles já dominavam as arestas, os vértices, os nomes, a leitura rápida do nome do sólido...nunca mais se esqueceram! Nunca mais se esqueceram dos sólidos...quando eu dizia: "tantas arestas, tantos vértices, tantos isto, tanto aquilo" porque depois eles vão precisar da relação de euler no 5º ano e eles já sabiam! Um jogo motivou uma aprendizagem que ficou para a vida, nunca mais se vão esquecer. Até fizeram em casa com os pais!

Entrevistadora: e de que forma é que interage com as famílias sobre estes temas (a motivação, os interesses e as aprendizagens) de modo a intervir mais pormenorizadamente no ensino e aprendizagem de cada criança?

Entrevistada: olha eu tou sempre a levar os pais, encarregados de educação, avós, etc...à escola, faço sempre tudo muito...responsabilizo sempre muito a família na educação dos alunos. Porque a escola dá-lhes conhecimento, formação, dá lhes

aprendizagem académicas em parceria com a família, sempre, sempre em parceria com a família, sempre. Se tu queres educar, ensinar e fazer aprender como um todo, na sua totalidade tu precisas da família. Tu precisas que façam sempre leituras à lareira com os avós, quando era o Dia da Mãe e o dia do pai eles vão à escola, fazia sempre coisas muito engraçadas. **Constantemente estava a tentar levar os pais à escola, para falar das profissões, para variadíssimas coisas. Eu acho que as coisas estão interligadas e tem que ser assim, caminhamos par a par.**

Entrevistadora: Na sua opinião de que forma o ambiente em sala de aula influencia a motivação e o interesse do aluno?

Entrevistada: Se houver um ambiente pesado, um ambiente muito autoritário, um ambiente que a criança não se sintam bem...se tiver medo da professora. Acho que o ambiente tem de ser uma coisa agradável em todos os termos, até a temperatura! Se tiver demasiado frio não é agradável para ninguém e se tiver demasiado calor também não! Tem que se proporcionar uma sala com ambiente agradável, por as cadeiras de uma maneira que eles se sintam bem, eu andava sempre a mudar! E a mudar uns com os outros, para eles conviverem uns com os outros, ou fazia em U ou faziam em grupo, andava sempre a mudar! Eu de mês a mês mudava. Até que chegávamos a uma certa altura que “ah gostamos muito assim” então ficamos assim até ao resto do ano, era uma democracia. E então a disposição das coisas na sala, é como numa casa, quando tu mudas a decoração faze-o para te sintares bem. E depois também a maneira como a professora recebe os alunos.

Entrevistadora: E no seu caso, como é que promove o bem-estar dentro da sala de aula?

Entrevistada: É isso, a mudança da sala de aula por exemplo, eu mudava muito a organização das mesas e das cadeiras consoante...e perguntava: “queres ficar ao pé de quem?”, estávamos sempre a fazer isso. E as vezes eu dizia assim: “pronto eu faço-te a vontade durante uma semana, mas como sei que conversas muito com ela ao fim de uma semana ficas onde eu disser”, eu tentava sempre parlamentar e dialogar muito com eles no sentido de procurar que eles na sala de aula estivessem ao seu gosto, que se sentissem bem, mas também de maneira a que fosse vantajoso. Por exemplo, eu não podia ter certos alunos ao pé de outros porque os perturbavam. **Nós temos também tentar saber, quem sentamos ao pé de quem e somos adultos para procurarmos fazer com que eles se sintam há vontade e ao gosto deles, mas que esse lugar não influencie a prestação deles dentro da sala de aula, bem como a motivação e as aprendizagens feitas na mesma.**

Entrevistadora: E pronto já terminamos! Mais uma vez, obrigada pela sua participação e pelos conhecimentos transmitidos que decerto enriqueceram a investigação em curso.

Tempo de duração da entrevista: 01:28:39

Legenda das categorias:

- **Caracterização do entrevistado**
- **Papel e características de um professor**
- **Experiência do professor**
- **Nível de motivação dos alunos que leciona**
- **Metodologias/ atividades lúdicas e recursos dinâmicos aplicados**
- **Relação entre motivação e interesses**
- **Relação entre a motivação intrínseca e extrínseca (exemplos em sala de aula)**
- **Desmotivação**
- **Características dos alunos**
- **Relação entre a família e a criança**
- **Estratégias diferenciadas para promover a motivação**
- **Identificação dos interesses e gostos das crianças**
- **Relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças**
- **Definição de ensino-aprendizagem**
- **Relação entre motivação e aprendizagem**
- **Exemplos práticos de estratégias utilizada para promover uma aprendizagem significativa**
- **Relação escola-família**
- **Interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens)**
- **Relação entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos**

Transcrição da entrevista da Professora C

Bom dia, desde já quero agradecer a sua participação nesta entrevista, que será fulcral para toda a investigação que estou a realizar, para ser integrada no Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre. Esta investigação tem como tema “Como a motivação e os interesses influenciam as aprendizagens em crianças na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico”, por isso, todas as perguntas serão feitas com base nesta temática.

Não posso deixar de salientar que esta entrevista será utilizada apenas para efeitos de investigação académica e que não comprometerá a sua identidade, bem como a instituição onde leciona.

Entrevistadora: Então mais uma vez bom dia, vamos começar com a primeira pergunta que é para percebermos um bocadinho melhor aquilo que faz, consegue falar sobre o seu percurso profissional até agora?

Entrevistada: Bem então, comecei com 22 anos em 2002, ham...portanto já quase à 20 anos...sempre em escolas públicas, já passei por várias realidades não é? Por várias experiências também, umas mais fáceis outras nem tanto, mas que contribuem para o nosso crescimento enquanto pessoa e enquanto profissional.

Entrevistadora: então tem 20 anos de carreira certo?

Entrevistada: 19...sim, foi em 2002...

Entrevistadora: E há quanto tempo leciona na instituição onde está?

Entrevistada: ham...há 3 anos, é o terceiro ano que dou aulas na escola onde estou.

Entrevistadora: De acordo com Chiavenato (1999), citado por Ricardo (2011), define a motivação como tudo o que move uma pessoa a agir de determinada maneira, podendo este ser impulsionado por um estímulo intrínseco (interno) ou extrínseco (externo). Tendo em conta esta definição, qual o nível de motivação dos seus alunos? Como os caracteriza?

Entrevistada: Bem isso é variável, não é? Sendo um estímulo interno, um estímulo dum não é o mesmo para o outro, não é? Mas existem realmente atividades que são...a motivação é mais geral, ham...como por exemplo a atividade física, jogos, ham...pronto, mas é variável.

Entrevistadora: Então, mas considera numa forma geral uma turma motivada?

Entrevistada: Sim no geral sim, sim são uma turma motivada.

Entrevistadora: E como é que consegue relacionar esta resposta que deu anteriormente com a motivação intrínseca e extrínseca, dando exemplos de situações concretas onde observou exatamente esse tipo de motivações?

Entrevistada: Bem como eu estava a referir, em relação à atividade física que é daquelas atividades que eles adoram, mal se fale num jogo, numa saída para o exterior

é logo um delírio, é logo um fator de motivação ali no máximo, ham...,mas mesmo em contexto de sala de aula, numa aula expositiva nós conseguimos ir intercalando ali com uma pergunta, com uma pista...que também provoca ali uma curiosidade e que os faz depois também ter um nível de motivação mais alto.

Entrevistadora: E sente que os seus alunos normalmente se desmotivam facilmente, ou seja quando está a dar algum tipo de matéria...

Entrevistada: Sim nas aulas expositivas, nas aulas expositivas sente-se que por vezes há ali uma desmotivação.

Entrevistadora: E acha que isso, essa tal desmotivação deva-se ao facto de eles não compreenderem os conteúdos lecionados?

Entrevistada: Sim é possível, quanto mais motivados eles tiverem mais recetivos estão a aprender.

Entrevistadora: Mas acha que por exemplo se eles não perceberem alguma coisa eles mais facilmente desmotivam ou continuam interessados?

Entrevistada: É assim, se eles não perceberem desligam. Há um ou outro caso que não percebe, mas quer investir e pergunta e pede e não sei quê, mas a grande parte dos miúdos desta idade, desta idade e dos mais velhos também, ham...quando não entendem ou não percebem desligam...e por tanto a desmotivação aparece.

Entrevistadora: exatamente...e quais os fatores que na sua opinião, para além do que já foi falado, quais os fatores que são fulcrais para que exista uma desmotivação?

Entrevistada: É assim nesta faixa etária do 1º ciclo, ham...existem alguns conteúdos muito complexos que eu considero que eles ainda não tem maturidade suficiente para...para eles e portanto penso que poderá ser um fator...mas para além desse existem outros, a nível familiar, a nível emocional, ham...cada criança é um ser único e que vive muitas coisas fora da escola que nós não sabemos, que não sonhamos nem imaginamos e que portanto também podem influenciar e influenciam e muito a aprendizagem, o desempenho...

Entrevistadora: E dentro da sua sala de aula tenta utilizar estratégias diferenciadas para motivar as suas crianças, os seus alunos?

Entrevistada: Sim lá está, quando nós sentimos que eles estão...porque nós percebemos, não é? A nível de participação deles baixa quando estão desmotivados e quando nós nos apercebemos disso temos de tentar de dar a volta, não é? E como às vezes se costuma dizer, até o pino temos de fazer, não é? Ham...e pronto e é nesse sentido, claro que não há uma receita, mas mudas o tom de voz, mudas a posição na sala, mudas o recurso que estás a utilizar...se for preciso paras e amanhã ou noutro dia voltamos, portanto há uma infinidade de coisas para contornar a situação.

Entrevistadora: E preocupa-se sempre em identificar quais os interesses e os gostos das suas crianças?

Entrevistada: Sim...isso é muito importante. Aliás, muitas das atividades que nós realizamos, eu proponho e percebo logo.

Entrevistadora: Propõem à turma?

Entrevistada: sim, proponho à turma e, portanto, percebo logo como é que vai ser a adesão, não é? Há sempre um ou outro, mesmo que o geral esteja eufórico com a atividade que está a ser proposta, há sempre um ou outro que não vai pelo mesmo caminho, mas é lá está, tentamos dar a volta e levá-los todos no mesmo sentido.

Entrevistadora: E essas atividades, ou essas aulas que prepara e que propõem, ham...tem sempre em conta, ou seja, os gostos e aquilo que já recolheu de interesses da turma.

Entrevistada: Sim claro! Temos de ter sempre isso em conta, mas não podemos é deixar o programa para trás (risos).

Entrevistadora: claro sem dúvida. E dentro desse ponto, nas suas planificações...da semana, do mês o que for...tem em consideração esses mesmos interesses e esses mesmos gostos?

Entrevistada: Sim, sim apesar de nós termos o programa, termos que o cumprir quando nós conhecemos a turma, ham...e para tentar ter um resultado positivo temos que ter isso em conta e eu tenho não é? Tento realizar as atividades com recurso a meios motivadores para eles que eu sei que no geral pode ajudar, também tenho em conta os interesses, ham...e pronto.

Entrevistadora: O que entende por ensino-aprendizagem, ou seja, a forma que a ensina com as aprendizagens adquiridas pelos seus alunos?

Entrevistada: É um processo que não se separa, não se separa, portanto, o ensino está ligado à aprendizagem e é como eu costumo dizer eu ensino, mas também aprendo com eles e o inverso também acontece, eles também me ensinam e eu também aprendo com eles portanto tá ligado e exatamente com as famílias, a mesma coisa apesar de não estarem connosco ali nas aulas, não é? No dia-a-dia, a verdade é que o ensino aprendizagem não é só feito pelo professor, nem só pelos alunos, ham...é um conjunto de pessoas que em conjunto também com a família, contribuem para esse processo.

Entrevistadora: Acha que a motivação e as aprendizagens estão diretamente relacionadas?

Entrevistada: Estão! Sim estão! Porque a criança está mais desperta para aprender se estiver motivada. A motivação é um estímulo para a criança é um facilitador da aprendizagem.

Entrevistadora: E consegue dar alguns exemplos práticos (nem que seja só um) de alguma estratégia que utilizou para fomentar uma aprendizagem significativa?

Entrevistada: Agora por acaso tou me a lembrar daqui de um vídeo que eu passei uma vez relacionado com doenças e este vídeo era relacionado com a diabetes de um menino que se chamava Francisco. Por acaso foi muito interessante porque íamos falar de doenças e eu arranjei um vídeo sobre a diabetes e o miúdo chamava-se Francisco. Bem aquilo foi altamente motivacional, porque falava de um Francisco com a mesma doença do nosso aluno e, portanto, eles ficaram... foi uma delícia porque eles adoraram por isso...quer dizer pelo simples facto de ser um vídeo, não é? Já era uma motivação para eles, depois falar de uma criança que se chama Francisco que tem diabetes, tal e qual como acontece na nossa sala...aquilo foi! E eles conseguiram perceber bem o vídeo e conseguiram perceber bem a gravidade da doença, se bem que eles já tinham essa noção, ham...pronto é um exemplo! E na verdade...os vídeos, o recurso à internet, aos jogos interativos, isso tudo, ham...é sempre para eles uma coisa boa.

Entrevistadora: Então eles, eles para além de terem gostado do vídeo, mais tarde acabaram por aplicar aquilo que tiveram conhecimento no vídeo?

Entrevistada: Sim, sim! Aplicaram o conteúdo...mas isto foi um exemplo sei lá, existem tantos outros...esse foi o que me ficou mais registado.

Entrevistadora: Tomara, também foi uma grande coincidência (risos)

Entrevistada: É que foi mesmo! Foi uma coisa que não estava...não estava preparada, pronto. Quer dizer, eu vi o vídeo, mas nem associei e eles “Ah! Francisco? Não sei quê! É como o nosso colega!” e pronto é interessante, às vezes há estas coisas interessantes (risos).

Entrevistadora: E de que forma interage com as famílias sobre estes temas (a motivação, os interesses e as aprendizagens) de modo a intervir mais pormenorizadamente no ensino-aprendizagem de cada criança?

Entrevistada: Bem é assim, uma coisa é certa esta coisa do ensino à distancia faz com que a escola e a família esteja muito mais unida e se calhar, se calhar nesta...neste âmbito os pais acabam por partilhar um bocadinho mais as dúvidas, as angústias em relação à pouca motivação dos filhos, Ham...porque é assim, no geral, no geral em condições normais claro que nós no ensino presencial, claro que nós vamos sempre tendo contacto com os pais, mas é diferente. Por isso é que eu digo, o ensino à distancia acabou por nos unir mais, ham...e eles acabam por partilhar connosco mais as...pronto...aquilo que eles sentem em relação os filhos, se estão motivados, se não estão motivados, se têm vontade, se não têm vontade, se tão a conseguir, se não estão a conseguir...pronto. Ham...mas é claro que essa relação é muito importante não é? Nós estabelecermos com os pais, seja a nível motivacional seja em que área for.

Entrevistadora: Já me disse que o covid é mau, mas trouxe coisas boas, neste caso a ligação mais forte com os pais mas antes de haver o covid e antes de entrarmos em confinamento, de que forma conseguia interagir com as famílias? Através de reuniões...de que forma é que conseguia?

Entrevistada: É assim, sempre que há necessidade eu ligo ou mando recado na caderneta, fora as reuniões que temos habitualmente para entrega de notas, avaliações e isso tudo...e situações também mais necessárias os pais eram também chamados à escola e reuníamos individualmente, sempre que há necessidade seja por que motivo for.

Entrevistadora: E na sua opinião de que forma o ambiente em sala de aula, influencia a motivação de um aluno?

Entrevistada: Ah sim, claro! De um, de todos sim, sim, claro...

Entrevistadora: Mas de que forma?

Entrevistada: É assim...ham...em termos de postura do professor, tem de ser uma postura...claro que isto depende das turmas, à turmas e turmas...tou a pensar na minha só. A postura tem de ser uma postura firme, tem de ser assertiva...mas também depois...é um pau de dois bicos não é? Quando é para trabalhar é para trabalhar temos de ter aquela postura...mas quando é para relaxar para brincar também. Isto não só em termos de motivação, mas também e a meu ver principalmente para manter a disciplina.

Entrevistadora: E de que forma é que promove o bem-estar dentro da sua sala de aula, com os seus alunos?

Entrevistada: É assim, regra geral eu tento que haja alguma calma, que haja alguma calma que nem sempre se consegue, não é? (risos) ham...porque se eles não estiverem num nível de calma depois não conseguem fazer grande coisa, mas principalmente isso. Claro que é assim, a motivação ham...pronto está sempre presente e deve estar...mas é tal coisa tem que haver a calma, a disciplina, tem que haver o cumprimento de regras portanto isto é uma quantidade de coisas que estão todas associadas e que não se conseguem ham...separar e só funciona se estiverem todas se não estiverem não vai funcionar de alguma forma. Eles podem estar muito motivados mas se estão numa algazarra toda não vão conseguir assimilar nada, podem tar muito motivados mas o resto também é necessário.

Entrevistadora: Por último, para si a organização da sala é importante para a motivação e as aprendizagens dos seus alunos?

Entrevistada: Sim! Sim! A organização pode ser de vários aspetos, a organização em termos de rotinas, ham...que eu funciono muito com as rotinas e eles estão muito habituados a isso, chega aquela hora e eu não marquei o comportamento "Ah o comportamento!" (risos), isto é uma forma de organização a meu ver, em termos de

rotinas. Depois a organização também em termos de espaço, não é? Eles sabem que vão ter os cadernos dos trabalhos de casa naquele cesto ou as fichas no outro cesto, também é importante para eles também terem alguma autonomia, agora também é importante trabalhar esse aspeto da autonomia. Ham...depois a organização em quanto trabalho, espaço da sala de aula, as mesas sim muitas das vezes mudo...ham...agora um bocadinho mais difícil com estas regras do distanciamento e isso tudo, mas normalmente mudo. Ham...tou sempre a mudar, ou muda-los a eles de lugar para experimentar novas funcionalidades ou mudar também a disposição da sala, em grupos, em pequenos grupos, a pares, em individuais, sei lá acho que já experimentei de tudo! (risos).

Entrevistadora: Certíssimo (risos). Mais uma vez, obrigada pela sua participação e pelos conhecimentos transmitidos que decerto enriqueceram a investigação em curso.

Tempo de duração da entrevista: 00:23:03

Legenda de cores:

- **Caracterização do entrevistado**
- **Papel do professor**
- **Nível de motivação dos alunos que leciona**
- **Metodologias/atividades lúdicas e recursos dinâmicos aplicados**
- **Relação entre a motivação intrínseca e extrínseca (exemplos em sala de aula)**
- **Desmotivação**
- **Relação entre a família e a criança**
- **Estratégias diferenciadas para promover a motivação**
- **Identificação dos interesses e gostos das crianças**
- **Relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças**
- **Definição de ensino-aprendizagem**
- **Relação entre motivação e aprendizagem**
- **Exemplos práticos de estratégias utilizada para promover uma aprendizagem significativa**
- **Relação escola-família**
- **Interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens)**
- **Relação entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos**

Anexo E - Quadro de análise das entrevistas das educadoras de infância

Caracterização do entrevistado

Curiosidades e gostos do entrevistado

Experiência do educador

Características da instituição onde trabalha

Papel e características de um educador

Características dos alunos

Nível de motivação dos alunos que leciona

Relação entre a motivação intrínseca e extrínseca (exemplos em sala de aula)

Desmotivação

Estratégias diferenciadas para promover a motivação

Metodologias/ atividades lúdicas e recursos dinâmicos aplicados

Identificação os interesses e gostos das crianças

Relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças

Relação entre motivação e interesses

Definição de ensino-aprendizagem

Relação entre motivação e aprendizagem

Exemplos práticos de estratégias utilizadas para promover uma aprendizagem significativa

Interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens

Relação entre a família e a criança

Relação escola-família

Organização da sala tendo em conta os interesses/gostos/necessidades das crianças

Relação entre a sala e as aprendizagens

Relação entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos

Tabela 10 - Quadro facilitador para análise de dados das entrevistas a educadoras

Blocos	Frases	Análise
<p>Caracterização do entrevistado</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>"ok, ok. Então é assim eu acabei o curso em 97, em 1997, entretanto tive... ainda na altura era bacharelato, ham...aqui na ESES de Santarém, entretanto depois concorri pó publico, tive durante dois anos...não foram dois anos completos, mas tive durante dois anos a trabalhar como apoio educativo, ham...em 1º ciclo no 1º ano na Golegã e no 2º ano foi em Vale da pinta em pré-escolar, pronto em jardim de infância, portanto esses dois anos. Depois em 99 entrei aqui para a Santa Casa da Misericórdia de Santarém, onde estou até agora portanto, agora estes 21 anos que já lá estou tenho tado...portanto sou educadora de infância, tenho tado em creche e em pré-escolar tenho acompanhado... já acompanhei vários grupos de meninos desde a sala de 1 ano até aos 5 anos...ham... à dois anos para cá sou educadora de infância e tou também coordenadora pedagógica da creche e do pré-escolar, portanto estou com as duas funções, ta bem?"</p> <p>"Então...não são completos, mas são 23, sim 23 anos de carreira..."</p> <p>"Há 21...há 21 anos que trabalho na Santa Casa da Misericórdia."</p> <p>Educadora J.R</p> <p>"Então é assim, eu sou educadora de infância há 27 anos, hamm...de inicio tirei a minha formação inicial em Lisboa no João de Deus, na Escola Superior de Educação João de Deus. Posteriormente, entrei logo para o centro social para uma IPSS a trabalhar como educadora logo também. Depois mais tarde, muito mais tarde tirei a licenciatura em educação de infância aqui na escola Superior de Educação de Santarém e pronto...o meu percurso profissional é isso...e tou lá, tou no mesmo sitio há 27 anos. Já passei por muitos meninos e por muitas salas (risos)."</p> <p>"Desde sempre. Desde que eu comecei...desde que tirei o curso e entrei para aqui e estou aqui desde sempre."</p> <p>"Nunca trabalhei noutra sitio senão aqui, nesta instituição."</p>	<p>- As educadoras entrevistadas têm entre 23 e 29 anos de serviço;</p> <p>- A educadora L.J está à 6 anos a trabalhar na mesma instituição. Já as educadoras F.B e JR estão à 21 e 27 anos respetivamente nas suas instituições;</p> <p>- As educadoras F.B e J.R assim que terminaram os seus estudos começaram logo como docentes nas instituições onde ainda hoje trabalham. A educadora L.J começou por dar aulas de religião moral e religiosa, depois teve dois anos em Tomar numa instituição privada como educadora de infância, passado poucos anos teve ligada a experiências de intervenção precoce, onde ia a casa de famílias com crianças com NEE, depois passou por várias escolas públicas até ficar vinculada como educadora de infância na escola pública onde está atualmente;</p>

ra L.J

"A primeira pergunta que me costumam fazer é quantos anos tenho de serviço e eu todas as vezes gaguejo...ham...(risos)"

"Vou sempre fazer contas acreditadas? (risos). Eu tirei o curso em 89, 89...2020 é o que conta...20...opá...eu não acredito (risos). Então, ham... 89...eu já acabei o curso à 30 e dois anos praí, eu devo tar com 29 anos de serviço...já perdi a conta porque eu nos primeiros dois anos eu não tive tempo completo, só trabalhei uns meses e isso perdi...se acabei em 89 tenho sempre menos dois, menos dois...então, mas eu tou burra..."

"2020 é o que conta sempre é o ano atrasado, ainda não conclui este né? 2020 tiro 9...89...com a conclusão do curso dá quantos anos?"

"como eu tenho menos dois, 29. Menos dois, portanto anda para trás dois, não consegui fazer completos, 29 anos ok. E o percurso...hum...então olha, assim que acabei o curso em julho...nesse ano letivo seguinte dei aulas de moral religião e católica numa escola secundária em Tomar e no ano seguinte em Torres Novas. Tive dois anos a lecionar no secundário, religião moral e católica."

"Não, não na altura...agora há um curso próprio para curso de religião e moral na altura bastava ter o 12º ano, quem nos nomeava era o bispo não era por concurso era por nomeação, era que era...era quem praticava lá e fazia parte...membro integrante, catequista muitos anos aqui na igreja...ainda hoje...e era por nomeação e olha era uma substituição de uma gravidez, ok tudo bem, uma experiência engraçada. A segunda vez em Tomar...em Torres novas, em Tomar Torres Novas depois, foi um ano letivo não foi dois anos, interessante... mas eu era educadora de infância de facto aquilo foi para preencher um bocadinho não conseguir entrar no público"

"Foi só esses dois anos...depois eu regresssei...ingressei num paroquial de Almeirim nove anos, tive nove anos no privado, paroquial uma IPSS, bom..."

"Tive lá nove anos, vim me embora para o...contracto não...bati com a porta antes de ficar vinculada"

"Agora, tou há 6 anos no mesmo sitio se calhar até à reforma...não sei...mas dentro do mesmo agrupamento podia mudar as vezes de realidade, por enquanto não porque eu adoro os Combatentes."

"ham...sete...tou no sexto ano...há seis anos, sim seis anos, sim ali."

	<p>"Não, não, não, sai do privado em 2000 só chego aqui há seis anos. Depois andei por aí..."</p> <p>"Ferreira do Zêzere...(faz uma longa pausa), (risos), sabes que as vezes já me esquece...em Ferreira do Zêzere também passei pela experiência de intervenção precoce, ia a casa de famílias dar apoio a crianças com necessidades educativas especiais"</p> <p>"Eu na altura não havia o curso de pré-pri porque se houvesse eu era uma mulher do pré-pri, porque eu candidatei-me primeiro a professora de 1.º Ciclo, mas não entrei, não consegui vaga e fui para educadora."</p> <p>"Certo. Quando perguntaste...do privado tive nove...de, de, de...até 2000 e depois saí, ainda andei uns anos contratada e depois há seis anos é que efetivei e aí andei em vários...eu à bocadinho só me lembrei de Ferreira do Zêzere...ai mas era outra coisa ao pé de Fátima como é que aquilo se chama..."</p> <p>"A experiência de intervenção precoce foi só em Ferreira do Zêzere, um ano, foi só um ano, foi só um ano."</p> <p>"Ah! Era Ourém, eu queria dizer tivemos em Ourém, Caxarias na ponta lá de Ourém, Caxarias. Depois das comunidades mais interessantes três anos, Minde uma grande comunidade, comunidade, comunidade, pais e a comunidade mais abrangente, muito interessante, muito interessante."</p> <p>"Contratada num jardim de infância, contratada em Minde. Depois é que vim...em Coimbra nunca cheguei a trabalhar, depois tive uns aqui anos na Golegã depois os maiores anos foi em Golegã e eu vivo em Pombalinho, Golegã e depois efetivei à seis anos em Santarém"</p> <p>"Quando eu trabalhei aqui a dois quilómetros do Pombalinho, trabalhei na Azinhaga era uma comunidade também muito interessante..."</p>	
<p>Curiosidades e gostos do entrevistado</p>	<p>Educadora L.J</p> <p>"mas foi...foi enriquecedor e hoje no dia-a-dia, vejo-me muito mais interessante a ser educadora do que professora de 1.º ciclo, muito mais, mais, mais. Mas gosto, isto para dizer o quê? Que gosto dos projetos, das aprendizagens, as idades que mais aprecio é ali os cinco anos e os seis e se fosse professora do 1.º ciclo era ali os primeiros anos, nada para os mais crescidos porque embora tivesse dado aulas de religião e moral a secundário e aí também acho interessante, também me via como professora de filosofia de uma coisa assim...dos crescidos, dos crescidos...dos crescidos ou dos pequeninos (risos)."</p>	<p>- A educadora L.J fala que gosta de ser educadora de infância e que não se vê a fazer outra coisa diferente na vida, pois gosta dos projetos e as aprendizagens que se realizam nas idades mais pequenas;</p>

	<p>“a dois quilómetros eu na tinha tempo de pensar um bocadinho antes de chegar e eu preciso de...eu vou me...ponho uma músiquinha no carro e vou-me inspirando, é das coisas que me tranquiliza música no carro e eu a conduzir (risos). Oh mulher tens de me controlar porque eu divago muito! Já tou na...”</p>	<p>- Fala ainda que gosta de trabalhar em instituições relativamente longe de casa para poder durante o caminho para casa refletir a sua prática e de se inspirar para novos “projetos”.</p>
<p>Experiência do educador</p>	<p>Educadora J.R</p> <p>“De manhã quando eles chegam, e agora então com esta pandemia, não é? Porque nós vamos para uma bolha...nós não nos juntamos com os outros meninos, os meus meninos estão comigo na minha sala de manhã à tarde, pronto.”</p> <p>Educadora L.J</p> <p>“não é só agora que acabamos o curso e não temos logo e às vezes vamos fazer outras coisas um bocadinho, mas depois regressamos.”</p> <p>“bom porque nós recém formadas eu acho que aprendemos depois muito com os outros e na prática e tive ali grandes mestres e educadoras interessantes com quem eu aprendi muito.”</p> <p>“havia pessoas que só saiam quando “vincular”...já tinha... já conseguia vagas para o ano inteiro (encolhendo os ombros) vim me embora, a minha meta era o público e tenho colegas que ainda lá estão e como os ordenados depois foram equiparados e depois nós nos contratos fazíamos muitos quilómetros, isto ou aquilo e elas diziam “ah agora não vale apenas sair”, vale sempre apenas eu acho que vale sempre a pena, é experiência e vale sempre a pena. O privado aquilo é assim (fazendo um quadrado com as mãos)...um ambiente único, fechado...nunca trocava ao público porque é muito mais abrangente, as realidades...desde os alunos, aos projetos, às colegas, às dinâmicas dos agrupamentos que é sempre diferente, passei por alguns, passei por muitos...ham...”</p> <p>“É a minha experiência, embora há colegas que estão no privado e fazem formações connosco e isso tudo e tal, mas é sempre dinâmica de privado é sempre dentro de uma dinâmica diferente, é diferente, é diferente, é diferente, não trocava nem me via</p>	<p>- Ambas as educadoras nesta categoria falam sobre as diversidades que sentem na sua profissão, relativamente à pandemia que estamos a viver;</p> <p>- A educadora L.J fala sobre a sua experiência antes de começar a trabalhar na área da educação e algumas peripécias que passou durante a sua mudança entre as instituições privada e pública, falando um bocadinho sobre a sua experiência de trabalho em ambas;</p> <p>- Salienta a importância de não escolarizar o pré-escolar e das suas experiências enquanto educadora;</p>

30 anos no mesmo sítio, acho que o que me enriqueceu ao longo da vida foi comunidades diferentes e isso é muito enriquecedor, acho isso fantástico.”

“este ano por acaso não tenho nenhum cigano...ham...faz de nós parece-me que viver numa comunidadezinha que os outros não existem, eles existem à nossa volta e quanto mais precocemente nós lidarmos com isso, mais nos enriquece e mais nos dá bagagem para o futuro saber lidar com e eu acho isso...ham...interessante.”

“e havia uma família que não...que nenhuma uma técnica antes de mim lá tinha chegado, alguma educadora, não se conseguia relações fáceis com a família, era sempre porta fechada e eu sem experiência, porque nunca tive experiência de ensino especial, nunca tive, nunca tive...nem de creche, nem de creche nunca passei pela creche, nem em estágio, nem como educadora, nem me apetecia e foi o facto de não me apetecer que nunca me candidatei se calhar, não, não, não, não acho interessante.”

“Até hoje! Até hoje, até hoje...sou mãe de dois rapazes e tenho sobrinhos, portanto sei o que é essa infância mas trabalhar não acho nada interessante...oh Joaquina nada! Mas há amigas minhas que...é uma motivação porque há colegas que dizem assim “ah mas é tão interessante!”, não eu até como mãe tava desejosa que passasse aquela fase do cocó, xixi, biberão, cocó, xixi, biberão...epá sei lá (cara de desagrado).”

“Hoje sinto-me muito realizada e nunca fiquei assim a pensar “ah e se tivesse sido professora?” porque isso podia ter feito depois, a disciplinas que faltavam e ter conseguido isso, mas...também não! Depois moldei-me ali e a experiência diz-me à...à...à...eu às vezes dizia isso aos meus filhotes quando eles se candidatavam à faculdade e eu disse sempre se às vezes não entrarem naquilo que querem não desanimem porque eu sinto que às vezes o destino se encarrega de nos levar para algo que eu não teria escolhido e depois “olha lá que interessante!”, porque se não fosse nós retomávamos o nosso caminho, o nosso desejo”

“Ai eu depois não acabei a conversa como, ia a dizer era difícil a relação com aquela família, era uma família...difícil...ham, a casa, as higenes...e eu tive uma melhor relação possível com eles, passado uns anos o senhor ainda me telefona para saber de mim, dos meus filhotes...ham...não tendo muita experiência teórica em intervenção precoce, eu acho que uma mais valia eu enquanto pessoa, é a capacidade relacional...todos temos dificuldades e potencialidades e se eu tiver que me definir é essa capacidade relacional, eu acho que a tenho e que consigo conquistar o outro, porque sem isso não vamos lá.”

“num ano que nem era suposto eu efetivar, mas foi o primeiro ano que não era obrigatório candidatarmos a efetivas se quiséssemos tar só que...e houve muitas colegas minhas à minha frente que tiveram medo “aí eu agora vou me efetivar longe”,

	<p>mas é que eu não concorri longe só concorri a onde eu queria e elas “ah mas tu efetivaste? Não concorri!”, se eu só punha o que eu queria eu nunca punha o que era mau, joguei com o que era bom...mas mandei-me até Tomar por exemplo...Tomar...tudo o que era um raio de 30 e tal quilómetros, eu queria consolidar-me um bocadinho não estava a espera que me efetivasse e que ficasse em casa, para já nem acho interessante tar em casa uns quilómetrozinhos...que eu faço muitos projetos no carro sozinha, numa viagem.”</p> <p>“E eu já tive em agrupamentos e zonas em que era muito... visto o pré-escolar como aquilo é só brincadeira dos outros níveis de ensino a seguir e que vi que eu e as colegas entramos o caminho, um bocadinho no caminho de “então vamos lá treinar este tempo assim, ele agora faz este grafismo porque depois a professora vai ver que ele treinou no jardim de infância” e na realidade onde vivo hoje isso é problema dos outros que veem a seguir.”</p> <p>“cuidado com a escolarização no pré-escolar, cuidado! Ah mas depois o 1.º ciclo é assim ou assado, mas a criança depois ai já tem outra idade já tem que por ela ser capaz de ir lá, não vamos encurtar este tempo e é este temo de jardim de infância que é o mais curto da nossa caminhada se o escolarizamos acabamos por poder não cumprir aquilo a que ele se destina nesta faixa.”</p> <p>“Eu estou desejosa de regressar à prática, mas acho que tamos todos quem é professor por natureza sabe nada troca uma sala de aula, mas sei lá, às vezes também já vejo...e há professores um bocadito cansados e depois dizem assim: “oh dou lá uma aulinha online, tou em casa sossegadinho para aqui para acolá, também não é mau”, eiii eu preciso tanto de sair...eiii detesto a casa...detesto...(risos)”</p> <p>“Às vezes eu digo assim para a auxiliar “eia se eu não me sentasse um bocadinho a ver isto, é engraçado como temos aqui um grupo...” este ano tenho um grupo que posso sentar-me lá um bocadinho e faz de conta que não tou lá, funciona e para trás tive gente que se...que é...que tenho tar a entrevir minuto a minuto porque aquele já fez a outro, já estragou ao outro...ei cum caraças. O grupo não dá descanso às vezes porque tem mais do que um que desestabiliza aquilo tudo, agora quando não...bem e gosto desse papel e é esse papel.”</p>	
<p>Características da instituição onde trabalha</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“nós temos à entrada...para além de ter os trabalhos expostos, os pais tão sempre a par daquilo que se vai falando temos também à entrada da porta uma planificação semanal, ou seja, uma planificação semanal não é igual aquela que nós fazemos com os objetivos, as estratégias e não sei o quê...mas é “o que fizemos esta semana”, e todos os dias é registado o que é que</p>	<p>- A educadora F.B fala de como são expostos tanto os trabalhos das crianças, como as planificações das próprias educadoras, na instituição;</p> <p>- A educadora L.J fala das duas salas de jardim que a instituição</p>

	<p>foi feito e os pais quando vão ao fim do dia buscar as crianças leem e veem “olha ele hoje fez isto, fez isto, fez isto, fez isto”, pronto.”</p> <p>Educadora L.J</p> <p>Sim sempre tive...agora neste momento os Combatentes estão com duas salas de jardim-de-infância, essa onde estagiaste com a professora A é outra sala de jardim. Houve muita dificuldade dos meninos de três anos apanharem vaga noutros da cidade onde moram, alguns moram distantes dali mas como eram o único que tinha vagas foram para os combatentes, às vezes com algum receio porque ainda há um estereótipo “ah os Combatentes é a ciganada”, depois de lá se estar as pessoas percebem que gostam e vão ficando (risos).</p>	<p>contém e do estigma que a mesma têm por ser uma escola com bastantes crianças de etnia cigana.</p>
<p>Papel do educador</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“Não estamos ali para obrigar a fazer uma coisa que não querem ou não gostem, tentamos sempre que façam, mas caso aconteça que não queiram mesmo ou que não gostem, ou que não consigam, não é por aí.”</p> <p>Educadora J.R</p> <p>“Pois, eu por exemplo de um grupo de crianças nós temos...nós...eu conheço...já estou há 3 anos com eles conheço-os todos e sei que há uns que tem mais capacidade para umas coisas e outros para outras, então o que eu tento fazer é reunir num conteúdo...”</p> <p>“Primeiro, estar atenta aos problemas que possam surgir, no dia-a-dia. Estar atenta às necessidades básicas delas, pronto...dar-lhes a atenção que é necessária e proporcionar-lhes também atividades, proporcionar-lhes atividades que sejam as mais indicadas para elas, para o grupo e para as características do grupo.”</p> <p>“O que é que depois nós fazemos, a estratégia que utilizamos? Geralmente o que é que eu faço com eles? “Eu hoje, a J vai brincar com vocês nesta área”, pronto. Até eu vou ali, ensinar-lhes também como é que irão de fazer ali, dar lhes sugestões, eles adoram que os adultos estejam ali com eles, então motiva-os.”</p>	<p>- Segundo as três educadoras, cabe ao educador motivar e arranjar novas estratégias para que as crianças realizem aprendizagens;</p> <p>- A educadora F.B frisa que o educador não pode obrigar as crianças a fazerem alguma atividade, mas sim arranjar estratégias para que ela a consiga fazer, sem inseguranças ou medos, mas caso não gostem ou não queiram não se pode forçar;</p> <p>- A educadora J.R realça que um educador deve conhecer os gostos e interesses das crianças para que deste modo possa aplicar atividades</p>

	<p>“Começo a ver que há sempre aqueles meninos que estão sempre naquelas áreas e tem que mudar de vez em quando, até porque para terem outros interesses, não é?”</p> <p>Educadora L.J</p> <p>“toda a gente gosta de experimentar, epá toda gente não, nisto tudo que eu tou a dizer é o grande, há exceções...quando eu tou a arrumar as produções deles semanalmente, 15 em 15 vejo “epá fulano só fez duas pinturas?” e tomo nota, preciso de ir motivar aquele...”olha querido anda fazer uma pinturinha, tal e tal” e depois tenho um caderninho de apontamentos em coisas que eu vou anotando “olha aquele precisa já disto”, quando arrumo os trabalhos, quando faço uma conversa em grupo e vejo como é que eles viveram os projetos que estávamos a desenvolver, aquele tem que ser mais motivado...”</p> <p>“e aí também tou a apelar à oralidade, à expressão oral e perceber quem é que já é capaz...das áreas que precisam de ser mais estimuladas”</p> <p>“eu vejo professoras que às vezes só sabem ensinar daquela maneira e estão pouco ralando se a criança “olha ele tem dificuldades não aprende, ok”, hoje já não é bem assim, hoje já somos muito obrigados a mostrar que fomos por acolá e nem por aí ele chegou lá, mas...ham...ou quando vejo tanto no pré como no pri um modo mais tradicional de viver as coisas e rotineiras e sem entusiasmo.”</p> <p>“tem que ser uma coisa...eu costumo dizer, faz me impressão...também tenho dias às vezes menos bons, menos interessantes, mais cansada...mas por natureza a forma de estar é dinâmica, porque me faz impressão pessoas que trabalham no dia-a-dia e sobrevivem, não vivem...é uma coisa...”</p> <p>“cada criança é eu tou muito ali em cima, eu sou um bocado focada quando vejo situações de expressão físico motora, educação física a nível global que há ali uma descoordenação e agora ando ali atrás de um caso que quero muito despistar...é...é...às vezes essas situações levam-nos para outros campos também no cognitivo, mas ali não. O pequeno cognitivamente a ir dos três para o quatro até tava a fazer o nome, ele conhece cores, letras, coisas...ai é...mas aí é o que tou a testar pode ser por não investimento em casa, se é uma criança com um espaço confinado e que não está muito atividades em família apelativas ao desenvolvimento, é o único que não me sabe andar de triciclo tem quatro anos e meio quase, epá não... Eu agora já falei com a mãe porque até me parece que não é só desinteresse dele por conseguir, é...parece que ele tá a fazer muito esforço...ele pode ter alguma situação de saúde que não tenha autunos muscular desenvolvido sei lá, que não</p>	<p>mais adequadas aos seus interesses;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Salienta o papel fundamental do educador no bem-estar das suas crianças, dando-lhes atenção, afeto, estar atenta às suas necessidades básicas e aos problemas que podem aparecer no dia-a-dia; - A educadora L.J destaca recolha de informações sobre a criança de forma a realizar uma intervenção mais pormenorizada nas suas intervenções. Apelar a oralidade, a expressão oral e perceber quais as áreas que precisam ser mais trabalhadas; - A educadora L.J é otimista, entusiasmada, itinerante e relacional e considera que para se ser educadora deve-se ter um bocadinho destas características para poder se ensinar com qualidade.
--	---	---

	<p>tenha a força necessária, mas depois já falei com a mãe a ver se ela ia a uma consulta para o médico fazer um despiste de situações, de análises ou aquilo pode haver ali...a experiência diz-me há casos que faltam ali uma substância, uma enzima nisto ou e naquilo que faz com que a criança não tenha tanta aptidão para aquela área, mas vamos ver...”</p> <p>“e ai também vou às estratégias diferentes para que ele aprenda, porque se eu fui por ali e resultou e este não tenho que ir por outro lado”</p> <p>“Eu sou otimista por natureza e entusiasmada por natureza, eu acho quando o adulto ensina com entusiasmo e motivação a criança vai lá”</p> <p>“A maneira como se ensina reflete a maneira como os alunos aprendem, certo? e no meu caso pessoal e na minha dinâmica de sala acho que se quando estou a ensinar não levar isso conscientemente, com entusiasmo posso não atingir os meus objetivos, nem a criança porque tenho em conta a motivação...”</p> <p>“por isso a minha dinâmica é essa de entusiasmo.”</p> <p>“Isto não é para tar mais em cima dele mas para o acompanhar mais, às vezes eu sinto ao fim de uma semana “epá aquele miúdo hoje...ei esta semana ainda não vi bem aquilo que ele concretizou”, acontece...mas ter essa consciência já não é mau, ter essa consciência já não é mau é tentar que na próxima semana vá tar mais atenta aquele, por exemplo.”</p> <p>“é esta parte minha relacional que eu não concebo o ato educativo só, eu as crianças e o resto não interessa, não.”</p> <p>“mas...eles gostam que o adulto brinque com eles é...se eu chegar à casinha das bonecas ou um jogo e me intrometer nunca senti que “agora vem aqui esta fazer isto à gente” não, acham graça que eu esteja a fazer como eles. Itinerância, observação...há momentos que gosto de tar lá numa de cadeirinha sossegada, faz de conta que não estou...está tudo a agir.”</p> <p>“sou itinerante sem impor a minha presença”</p> <p>“Observa...observação, portanto esse momento.”</p> <p>“Epá sou capaz de ver coisas malucas e pensar assim: “epá eles ficavam felizes com isto”.”</p>	
<p>Características dos alunos</p>	<p>Educadora F.B</p>	<p>- A educadora F.B salienta que as suas crianças são muito minuciosas e que gostam de fazer as coisas</p>

	<p>“Há uns que levam mais tempo que são muito minuciosos, que gostam das coisinhas muito bem feitas, pronto...levam mais tempo...”</p> <p>Educadora J.R</p> <p>“5 anos e também tenho meninos com 4 anos. Tenho de 4 e 5 anos.”</p> <p>Educadora L.J</p> <p>“Os Combatentes estão melhores, eu este ano tenho um grupo mais interessante porque temos já pais com outros níveis académicos e isso importa, não é para esses que eu gosto mais de trabalhar”</p> <p>“mas como os Combatentes é muito heterogéneo, ham...idades, socioeconómicos, académicos dos pais...é completamente diferente e eu acho que ali vivemos em si a sociedade em geral, que temos que é diversa e isso os diferentes só se enriquecem uns aos outros, nós estarmos numa escolinha em que não há aquele que é cigano, ou que é não sei quantos...”</p> <p>“Tem dificuldade o grupo ainda em exteriorizar, em sequenciar ali as suas ideias e sentimentos do vivido, alguns que sim há outros que não, é um trabalho que também se faz, ham...caminhando.”</p> <p>“Certo...sim! E há grupos que sim...que a gente, que eu já passei, bem...as histórias não acabavam, basta às vezes uma criança ou duas a seguir aquilo vem outra, ei! Não ai...eu tou a trabalhar isso agora.”</p> <p>“Só uma criança inquieta que se inquieta com as dúvidas, com o querer saber é que poderá ir mais longe e aí tá essa questão do passivo, do desmotivado...”</p>	<p>bem feitas e por isso acabam por demorar algum tempo a realizar as atividades;</p> <p>- A educadora J.R tem um grupo com crianças dos 4 aos 5 anos;</p> <p>- Já a educadora L.J fala das crianças que constituem a escola onde trabalha. Salienta o facto de ser uma instituição com idades heterogéneas, com posses socioeconómicas diferentes, em que os pais possuem níveis académicos diferentes;</p> <p>- Fala ainda das dificuldades do seu grupo, que tem algumas dificuldades em exteriorizar os seus sentimentos e ideias;</p>
<p>Nível de motivação dos alunos que leciona</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“porque é preciso motivação para conseguir fazer alguma coisa e é preciso que eles estejam motivados e é preciso que eu esteja motivada, tem que haver ambo...uma motivação de ambas as partes, certo? Normalmente são crianças que são bastante motivadas, que tem bastante motivação estão sempre recetivas àquilo que lhes proponho”</p>	<p>- As três educadoras referem que os seus grupos no geral, são grupos bastante motivados e que são bastante recetivos às atividades propostas pelas mesmas, sendo que</p>

	<p>"Mas por enquanto não tenho tido esse problema, são crianças muito recetivas que gostam muito de aprender, de fazer coisas, de trabalhar, de novidades por isso não tenho tido esse problema."</p> <p>"a mostrarem-me atividades, portanto daí o grau de motivação que eles tem e os pais também neste caso."</p> <p>"Não, não, não! Estas...conhecendo o grupo como conheço, sei que são eles próprios que querem fazer e querem mostrar, pronto...inclusive dou exemplo de um, um deles que eu pedi para fazer dois trabalhos, ele não fez dois...ele fez uns quatro ou cinco em estendal para me mostrar (risos). Agora uma situação que seja preciso...é mais difícil, deixa-me pensar um bocadinho..."</p> <p>Educadora J.R</p> <p>"Sim são, são. Muito motivadas! (risos)"</p> <p>"São crianças que se motivam facilmente"</p> <p>Educadora L.J</p> <p>"Pois há de tudo...mas eu não posso generalizar porque eu tenho aqui a lista deles ao meu lado"</p> <p>"Relativamente ao nível de motivação, a motivação no jardim de infância é intrínseca, porque a criança no jardim de infância gosta de aprender e sente-se motivada. Se eu agora estou a desenvolver um projeto, eu tenho dificuldade às vezes é aos mais pequeninos fazer esperar, "oh queridos agora vamos fazer por pequenos grupos, agora vão estes, depois estes", não que seja por idades mas pequenos grupos "e depois a educadora L já te chama", mas eles querem não andam ali a "ah tá acontecer isto tudo a minha volta e eu não me importo", isso não."</p> <p>"mas isso é um ou outro, a maior parte do grupo...eu tenho um grupo interessante, ham...até desde que tou nos Combatentes acho que é assim dos mais interessantes, não há assim grandes dificuldades..."</p>	<p>em alguns casos em particular é normal que desmotivem.</p>
--	---	---

<p>Relação entre a motivação intrínseca e extrínseca</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“Posso dar um exemplo, por exemplo da situação que estamos a atravessar e não temos tido aulas online, vídeos conferências em direto porque os pais assim preferiram, mas tenho gravado vídeos onde...onde interajo com eles, onde falo com eles como se tivéssemos na sala...e isto para dizer o que? Todas as atividades que eu tenho proposto, as atividades são todas propostas não é nada obrigatório. A receção tem sido bastante positiva, ou seja, eu ponho normalmente os vídeos por volta das 10 da manhã quando são 10h30 nem isso, às vezes já tenho atividades...”</p> <p>“Também às vezes temos crianças...por exemplo tenho um que começa a chorar a dizer que não consegue fazer, que não sabe fazer, pronto, não é? “Não, não é tu não sabes fazer, toda a gente sabe fazer, não tens de fazer igual fazes como tu sabes, não é?” Mas depois há aquele receio se faz mal ou não, mas a gente tem de tentar chegar aí a dizer que não faz mal cada um faz como sabe, não é?”</p> <p>Educadora J.R</p> <p>“Olha eu acho que eles podem ser motivados das duas formas, tanto de uma forma intrínseca como extrínseca. Ham...muitas vezes o que eu faço para os motivar é um bocado mais extrínseco, ou seja, não sei se estou a perceber bem mas eu dou-lhes ferramentas exteriores para que eles se motivem a aprender.”</p> <p>“Em termos práticos eu posso falar desta forma, ham...por exemplo eu na adaptação, quando é no período de adaptação, isto eu tou me a lembrar assim de uma forma muito prática, eu proporciono às crianças nas primeiras entradas para a escola, quando eles não me conhecem ainda, alguns não conhecem a educadora, não conhecem a ajudante, não conhecem o espaço, então eu tento motivar...eu não sei se é bem isto que é...mas motivá-los a ir para a escola e a não chorarem...isto é um exemplo.”</p> <p>“ah, sim. Pois exatamente, então em relação à intrínseca o que é que eu penso? Geralmente quando eles entram na sala e olho para as crianças, eles vão...eles recorrem...eles vão ter...eles vão para as áreas que mais gostam e os deixo livremente a brincar, o que é que...e observo, quais são geralmente as áreas que eles mais gostam e o que é que eles fazem nessas áreas...tas a perceber? Sem haver estímulo nenhum externo, a não ser ter lá mesmo as áreas expostas, pronto...já é um bocadinho externo, mas pronto, aquilo está ali e eles vão escolher aquilo que eles querem, aquilo que eles gostam de fazer.”</p>	<p>- Nesta categoria apenas as educadoras J.R e L.J referiram nas suas entrevistas a relação existente entre a motivação intrínseca e extrínseca;</p> <p>- Ambas as educadoras salientam a importância da interligação das duas motivações para que as crianças obtenham ferramentas para gostarem e interessarem-se a aprender;</p> <p>- A educadora F.B revela que muitas das vezes motiva as crianças extrinsecamente para se conseguirem motivar intrinsecamente;</p> <p>- Realça ainda a importância dos estímulos dos pais e do educador, mesmo que nestas idades a motivação intrínseca esteja muito presente, pois as crianças têm o desejo aprender, de saber mais e de brincar;</p>
---	--	---

“manhã quando eles chegam vão para as áreas de interesse, claro que as áreas já lá estão, mas eles interiormente...não sei se é isso...eles interiormente é que escolhem a onde querem ir.”

“Eu vou voltar ao desenho, quando eu quero fazer uma interpretação de uma história...eles fazem...eu conto a história e depois quero que eles façam uma interpretação da história, a interpretação deles é através do desenho. Eu tinha crianças que não estavam motivadas para isso, não sabiam, não queriam saber...aliás eles diziam logo: “eu não sei fazer!!” (risos) e eu dizia...eu às vezes estimulava e motivava-os outra vez “olha fazes como tu sabes, como tu sabes fazer e tu fazes, tá descansado que não há problema nenhum e vai ficar muito giro!”, talvez uma motivação através do estímulo verbal, é isso...pronto tentar estimulá-los verbalmente. Estas crianças agora já não perguntam, nada...elas vão e fazem...houve uma evolução. Noutros grupos eu provavelmente deixava eles fazerem à vontade e...mas alguns meninos eu tenho de dar uma motivação verbal, mais...com palavras mais de estímulo...mais positivas, “tu consegues! Não há problema se errares alguma coisa...”.”

Educadora L.J

“alguns tem uma motivação intrínseca, são eles próprios que tem e a criança por natureza nestas idades tem o desejo de saber, de aprender, de viver o outro, de brincar...e normalmente nestas idades quero dizer que ainda não é preciso muito...é sempre fundamental o estímulo dos pais, mas quer dizer pela característica da idade e num ambiente educativo proporcionador a criança motiva-se, mais tarde 1.º ciclo, por aí fora, por aí fora, crianças que não há uma estimulação extrínseca dos pais e de outros que motivam para aprender “é importante na escola agora saberes mais”

“Não, a motivação externa também tem que existir exatamente”

“Certo para que eles possam aprender, para irem mais além deve haver uma aliança entre as duas.”

“Tou a pensar...mais pela característica individual da criança, no sentido em que algumas só querem fazer o que lhe apetece, desinteresse...uma ou outra tem algum desinteresse, outros...opá...não sei...tou a pensar outra vez na pergunta...quando eles se desinteressam quais são, o que é que...”

“eu tou a dizer isso, esta motivação ham...que eu estou a dizer que eles trazem consigo é o de estar com os outros e de brincar, se for um projeto mais a sério que eu preciso de que aquele esteja com atenção para concretizar aquilo, ou para ouvir bem o que eu estou a dizer e nalguns casos é difícil a capacidade de atenção, concentração ou até de interesse pelo projeto

	<p>que estamos a desenvolver e depois o nosso papel é fundamental para chegarmos lá, se fosse só a motivação deles não chegava. Exatamente o que diz a citação.”</p> <p>“Por exemplo, atividades que eles revelam o desejo de aprender, atividades de ciências, experimentais, ham... opá, há um, dois, três que se calhar se eu não for lá chamar “olha vamos fazer agora é a tua vez” se calhar até passava o dia a brincar com os legos e nem se importaria, nem se importaria. A maioria quer logo experimentar, quer logo fazer.”</p>	
<p>Desmotivação</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“Não, acontece é normal são crianças...elas acabam por se desmotivar...”</p> <p>“Umás vezes pode ser, um ou outro caso que isso aconteça outras vezes é porque não estão recetivos a...de igual maneira, certo?”</p> <p>“há uns dias que estão mais recetivos que outros, ou que estão mais excitados por alguma coisa ou porque se chatearam por alguma coisa e que pode não acontecer e pode a motivação não estar tão elevada pronto...” “é normal que isso aconteça e acontece pronto, não digo que não embora sejam bastante motivados, mas sim acontece.”</p> <p>“Por desmotivar ou porque também alguns levem mais tempo a fazer...por exemplo imaginemos uma atividade que eu fiz há pouco tempo de...que nós tavamos a falar das profissões e ele escolheram algumas profissões para fazerem de conta que cada dia eram...faziam de conta que estavam a fazer essa profissão e houve um dia que foi dos pintores e eu pus alguns materiais...dividi-os em grupos e pus vários materiais na mesa com uma folha, pus música, dei-lhes vários desenhos para eles poderem copiar, imitar pronto...e eles ao som da música...lá está são atividades que vamos fazendo e que vocês também sabem, pronto ao som da musica iam pintando e iam fazendo o desenho.” “Aqueles que levam menos tempo acabam por começar a desmotivar e a começar a ficar cansados e aí nós temos que arranjar...lá está nos vamos aprendendo com as atividades que vamos fazendo, não ser coisas tão complicadas, que levem tanto tempo...tentar gerir isso de outra forma...” “A falta de atenção, falta de gosto por aquilo que se vai fazer nem todos tem de gostar de pintar, nem todos tem de gostar de dramatizar, pronto...acho que é por aí também...” “E também há bocado esqueci-me de dizer uma coisa, se eu ver que há uma criança que desmotiva completamente e não gosta mesmo de fazer, não é obrigado.”</p> <p>“Sim aquele exemplo que eu tinha tado abocado a falar, o exemplo da história, em vez de ser a história em livro ser em fantoches porque se calhar a ideia ou o tema que quero transmitir na história torna-se mais maçudo e eles até poderão lá</p>	<p>- Segundo as educadoras F.B e J.R embora as suas crianças sejam bastante é normal que em certas situações acabem por se desmotivar, principalmente quando não percebem os conteúdos ou quando os conteúdos que estão a ser ensinados são mais difíceis;</p> <p>- F.B refere como fatores de desmotivação: a recetividade, a excitação, as emoções, a falta de atenção e os interesses, que podem ser diferentes de criança para criança;</p> <p>- Já a educadora J.R destaca como fatores de desmotivação: a forma e a linguagem como apresenta os conteúdos às crianças, pois as crianças podem desinteressar-se e acabar por se desmotivarem, a criança não estar bem física e/ou</p>

	<p>chegar, mas chegam de uma maneira mais desmotivada, não é? E se for em fantoches a brincar, não é? Se calhar conseguimos...por exemplo o tema de sermos todos amigos ...não...ou...ham...ajudarmos uns aos outros se calhar se for feito em história, em livro torna-se mais maçudo e eles não ligam, se for num jogo, numa brincadeira, numa demonstração é sempre diferente.”</p> <p>“Eu tou a ver um que eu tenho lá, que tem muitas dificuldades em trazer para mim para leva-lo a bom porto, alargar as suas aprendizagens porque “- Ah n me apetece... - Mas agora a L tá a dizer que temos ir desenvolver aquele projeto, sabes? - Não eu agora quero ir para ali brincar... - Pronto, mas agora não podes, agora...”.”</p> <p>Educadora J.R</p> <p>“Por exemplo, eles trazem um livrinho de casa para fazer...sei lá...grafismos, às vezes acontece os pais trazem...não sou muito disso, mas eles gostam de trazer, pronto, vêm entusiasmados com aquilo mas há um ou outro que também quer fazer aquilo que o amigo está a fazer, eu às vezes até insisto e não sei quê, mas depois desmotiva-se muito rapidamente, porque realmente é uma...é...ham...o que é que eu faço...por exemplo se é para recortar, assim em “Z”</p> <p>“Sim, sim! Eu acho que sim. Quando eles não conseguem compreender a informação, a informação ou o que lhes estamos a dizer eles desmotivam. E acabam por...ou eu lhes chamo a atenção “olha tens que estar com atenção”, ou então eu percebo que aquela atividade não tá...se calhar não é a melhor para aquela criança, pronto mas as vezes desmotivam-se, eu tenho que dizer que sim porque quando aquilo não lhes diz nada, quando não percebem também os desmotiva...não todos à outros que gostam e tentam aprender é conforme cada criança.”</p> <p>“É o meio como apresentamos os conteúdos, a forma...porque se formos, porque nós se formos fazer as coisas de uma forma muito visual, muito de vivenciar as coisas eles percebem bastante melhor. Se lhes dissermos só teoria e não lhes apresentarmos a prática é como tudo...eles não gostam e é uma seca e acabam por desmotivar.”</p> <p>“Outro fator que pode também causar uma desmotivação é também a linguagem apresentada às crianças...”</p> <p>“pode ser também mesmo a própria criança não estar com a maturidade correta ainda para aprender determinadas coisas...a maturidade dela ainda não está feita para aprender, pronto...determinados conteúdos e para determinadas situações a criança pode não estar bem.”</p>	<p>psicologicamente também salientou como fator de desmotivação, bem como a criança não possuir ainda maturidade suficiente para realizar as aprendizagens;</p> <p>- A educadora L.J propõem como fatores de desmotivação: as diferentes dinâmicas apresentadas (tradicionais ou mais modernas), dificuldades no cumprimento de regras, na compreensão da autoridade do adulto e na dificuldade de atenção/concentração;</p> <p>- A educadora L.J fala ainda de quando a mesma está a fazer atividades mais individuais, como é um grupo grande há crianças que não gostam de ficar à espera e acabam por se desmotivar;</p> <p>- Refere ainda que à crianças que se desmotivam por muitas das vezes realizarem as atividades mais rápido e acabam por ter de esperar pelos colegas;</p> <p>- A educadora J.R refere que quando as crianças não entendem a informação que o educador está a</p>
--	--	---

	<p>Educadora L.J</p> <p>“se calhar à crianças que até aqui tem uma motivação que se às vezes se vai perdendo ao longo da caminhada escolar porque a exigência é maior e eles sozinhos sem o apoio à sua volta...vale apenas? (encolhe os ombros) às vezes perdem-se...”</p> <p>“e nós no jardim às vezes nem sentimos isso, até que vemos a criança que vai para o 1.º ciclo que ela no jardim esta...as dinâmicas também são diferentes, não é? De aprendizagem e depois às vezes no 1.º ciclo, às vezes há professores que tem uma dinâmica assim um bocadinho mais aberta e outros que são muito tradicionais, às vezes no muito tradicional quebra-se ali um bocadinho esses desejos que eles levavam intrínsecos de aprender”“(demora ainda um pouco a responder), epá exceto quando um outro que tenho de estar a chamar à atenção, ham...se tou a fazer uma atividade de expressão físico motora, ele até entra mas daqui a bocado põem-se, ou quer ser o arbitro e põem-se a divagar...”</p> <p>“Ham...alguma atividade...opá uma atividade mais dirigida, de uma aprendizagem mais específica...se...sobre tudo da criança A, B ou C quem te dificuldades naquilo em que eu vou coloca-la, por exemplo tem dificuldade no recorte e colagem, “oh querido agora a L vai aqui, oh M anda cá vamos recortar” depois a dificuldade dele leva-o a desistir, precisa de muito empenho. Portanto quando eu sinto que há alguma desmotivação, só se for a nível individual e assente em algumas...”</p> <p>“Opá eu tenho lá um que tem dificuldades a nível motor e eu às vezes tou só no recreio livremente mas às vezes chamo-o a ele especificamente e digo “vem cá óh V, vamos aqui subir o primeiro patamar de escadas”, sobes e ele vai muito inseguro e desces e tal, pronto e depois dou-lhe um bocadinho, pronto já chega, “não, não eu quero fazer mais ginástica”“Sim alguns podem desmotivar em certas alturas, mas falando num grande grupo são um grupo muito interessante.”</p> <p>“Não acho que seja esse o fator porque a criança...a maioria gosta...todos...eles gostam de aprender se eu proporcionar algo, agora se é algo que é mais dirigido, mais individualizado há um ou outro que tenta fugir sempre para aquilo que gosta de fazer e é jogar os legos e se calhar se eu não motivasse passava o dia a jogar os legos e tava feliz da vida.”</p> <p>“Não tou a ver nenhum episódio em que sentisse que isso tivesse acontecido, eles por natureza, desafios novos, novas aprendizagens entusiasmam-se, exceto um ou outro que quer muito brincar e quer estar lá no seu cantinho e gosta muito...eu tou a ver...e gosta muito tar nos legos”</p> <p>“não, não, não sinto que fosse por não perceber os conteúdos.”</p>	<p>transmitir acabam por desmotivar e cabe ao mesmo dirigir a criança de modo a captar-lhe de novo a atenção e por conseguinte a motivação;</p> <p>- A educadora L.J afirma que muitas das vezes as crianças perdem a motivação ao longo do seu percurso escolar pois a exigência dos conteúdos assim o obriga;</p> <p>- Ao contrário das outras duas educadoras, a educadora L.J não concorda, que o facto de as crianças não perceberem certos conteúdos que estão a ser transmitidos possa ser um fator de desmotivação, pois as suas crianças gostam de participar e entusiasmam-se por aprender;</p> <p>- A mesma educadora faz a relação entre desmotivação e desinteresse, sendo que é este último conceito que se aplica às crianças da sua sala, porque muitas delas preferem outros jogos ou outras atividades, em vez da que está a ser feita.</p>
--	--	---

	<p>"Os casos que eu tou a ver em que isso acontece pontualmente tem mais a haver com dificuldades que essas crianças apresentam na gestão de regras, de autoridade do adulto...numa atividade em que eu apele muito à minha...ham...ao meu dirigismo da situação em que ele tem que obedecer, quer dizer que ele não é, que não é, que não é... chega ali e faz como quer...mas numa atividade livre também há regras na sala de aula, não é? Ou porque algumas crianças têm dificuldades nas capacidades de atenção/concentração e desmotivam-se por isso, são dificuldades intrínsecas neles. Dificuldades de concentração, dificuldade na aceitação de regras, ham...porque alguns só querem fazer mesmo o que lhes apetece."</p> <p>"Sabes que eu também não era capaz de dizer que no jardim de infância nem sequer utilizo esse termo desmotivada, mas o desmotivada aqui no sentido de desinteressada que há crianças que não se interessam."</p> <p>"Eu tou a ver um que eu tenho lá, que tem muitas dificuldades em trazer para mim para levá-lo a bom porto, alargar as suas aprendizagens porque "- Ah n me apetece... - Mas agora a L tá a dizer que temos ir desenvolver aquele projeto, sabes? - Não eu agora quero ir para ali brincar... - Pronto, mas agora não podes, agora..."."</p> <p>"Tem haver mais com as características individuais e porque alguns tem dificuldades no cumprimento de regras e na capacidade de atenção/concentração, alguns tem uma capacidade baixa de gestão de emoções, a capacidade de gestão da frustração...ham...pronto."</p> <p>"O nosso problema no dia-a-dia é que os grupos são muito longos e primeiro que a gente faça isto muitas vezes com a, b ou c leva o seu tempo...é isso que às vezes me desanima os grupos grandes levam a que esta intencionalidade com a, b ou c aconteça com uma periodicidade que devia ser maior, às vezes eu sinto isso..."</p>	
<p>Estratégias diferenciadas para promover a motivação</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>"caso eu ache que algum que não tenham motivação tento de alguma maneira motivar e chamar... e fazer de outra maneira que ache que os motive mais, pronto...tentar ali arranjar maneira de os motivar."</p> <p>"Às vezes um jogo que tentemos fazer...onde seja preciso, ham...ter um grau de concentração mais elevado e que haja sempre um ou outro que é mais dist...que fala mais, que destabilize mais pronto e que seja preciso se calhar ai arranjar outras alternativas ou por música...tentar por uma música mais calma para eles se acalmarem, tentar falar com eles...pronto, não sei se é um exemplo muito bom, mas imaginemos que estamos a fazer uma atividade coletiva que requer, lá está, mais atenção e mais concentração e que eles estejam desmotivados ou que estejam...às vezes nem é que estejam desmotivados, as vezes é sem atenção ou um ou outro que não estejam para aí virado, pronto...e tentar de alguma fora chegar mais a eles e</p>	<p>- A educadora F.B como estratégias utiliza a música relaxante e conversas calmas com as crianças durante as atividades para que desta forma as crianças se concentrem;</p> <p>- Explica a atividade de uma forma diferente, ou modifica/adapta o jogo</p>

tentar...ou...ou falar com eles, ou lá está pôr uma musica mais calma, ou explicar de outra maneira, ou tentar modificar o jogo de outra maneira que chame mais a atenção...não sei se ajudei..."

"Às vezes os próprios amigos motivarem-se uns aos outros, não é? Pode acontecer..."

"mas isso depois também é com a conversa com eles tentar pegar, chegar...fazemos primeiro uma primeira abordagem e depois quando vimos que essa abordagem não está a chegar a outros dizer: "percebeste? Então e se fizemos de outra maneira?", pronto tentar falar com eles e tentar perceber a onde é que se pode modificar ou não para tentar chegar à motivação de todos." "normalmente nós...eu não costumo fazer com eles, a não ser que seja um trabalho de grupo eu não costumo fazer com eles, todos ao mesmo tempo."

Educadora J.R

"pois...também há momentos, ou há áreas em que eles se desinteressam e quando eles se desinteressam acabo por dar a volta de uma forma, ou desligo um bocadinho daquela área e dou-lhes outras...sei lá...outras formas de dar aquilo...por exemplo...eu só em termos práticos é que eu consigo explicar"

"o que é que eu faço? Ponho-o a fazer outro tipo de atividades que tenham o mesmo objetivo, mas que sejam mais apelativas... Mais interessantes para eles."

"Se eu falo da minhoca, eu tenho que ir buscar minhocas e tenho que pesquisar na internet com eles, é um conteúdo...por exemplo...é um exemplo...se eles não percebem ficam a perceber, porque as formas como são dadas as coisas, a maneira como é dada é interessante e isso faz com que a criança também se motive."

"há imensas coisas, podemos fazer imensas coisas para trabalhar...a parte da linguagem também...ham...o que vale é que o jardim de infância dá essa possibilidade, ainda...! (risos)"

"Falámos no sistema solar e o que é que nós podemos trabalhar? Os que gostam mais de modelagem podem fazer então os planetas, os que gostam mais de pintar pintam o céu escuro, o painel enorme, outros que gostam mais de dançar ou dançar e cantar aprendem através das músicas no Youtube como se chamam os planetas e os outros também...e fazemos um conjunto de atividades que seja de interesse para a maior parte do grupo."

que está a fazer para captar a atenção adas crianças;

-Coloca os próprios colegas a motivarem-se uns aos outros;

-Em certas atividades a educadora não costuma trabalhar com todas as crianças, mas sim separá-las em grupos ou até mesmo trabalhar individualmente;

- A educadora J.R quando se apercebe que as crianças não estão a atingir os objetivos pretendidos com a atividade substitui-a por outra seja mais apelativa e do interesse da criança, mas que tenha os mesmo objetivos

- A educadora refere ainda que quando dá um conteúdo tem de se ter um objeto manipulável para que as crianças possam ver, mexer e assimilar o conteúdo;

- Separa as crianças por atividades que sejam do seu interesse;

- Na rotina da sala a educadora escolhe meninos para brincar com ela nas áreas e durante o dia e a semana vai alternando para que

	<p>"E tem acontecido, eu as vezes vou brincar com eles, "olha hoje, aquele menino e aquele, vai estar aqui comigo a brincar...e pronto eu hoje vou fazer disto e vocês vão fazer daquilo...", e pronto e eles acabam por aceitar e tem resultado. Faço mesmo eu estando lá com eles, não me distanciando, mas estando lá com eles a ensinar-lhes um bocado também a brincar, não é? A terem outras motivações."</p> <p>Educadora L.J</p> <p>"a maneira como se leva a criança, a maneira como a motivamos mesmo naquilo que ela tem dificuldades é fulcral e isto para eu concluir assim, quer dizer que se a motivação extrínseca for bem aplicada a criança acaba por ir lá vencer as suas dificuldades."</p> <p>"por vezes quando tou a fazer a avaliação e vejo o grupo grande em que tão 20 e tal miúdos e penso assim "aquele tá me a passar um bocadinho ao lado, como não dá problemas tá no seu cantinho e faz muito o que quer, ele tem ali capacidades que não tão nada desenvolvidas...tenho que solicitar mais a participação dele nesta e noutra área e isso até é em termos de áreas é escolha individual que são eles que escolhem as áreas, não de projetos que eu tou a dinamizar e ai sou eu que os chamo..."</p> <p>"Ham...sim...no desenvolvimento de algumas atividades para consolidar algumas aprendizagens há crianças que funcionam melhor individualmente, umas entre pares, pequenos grupos. Uma estratégia que eu utilizo muito no dia-a-dia e acho que funciona bem é entre pares, entre pares...pequenos grupos também é bom mas...é entre pares que determinadas...e sobretudo de idades diferentes..."</p> <p>"e tal, A, B ou C eu escolho vais buscar o jogo X, Y, Z e levas o amigo."</p> <p>"eles tão ali um tempinho "- oh L ela não é capaz de fazer, - então vá agora tu ajudas, vais tu fazendo o puzzle e ela vai aprendendo ok? - Tá bem", muito funciona. Portanto, para a tua resposta estratégias: Algumas func...perdão, funcionam bem em grande grupo, pequenos, individualmente e entre pares, sendo que eu resulta muito situações mais específicas entre pares, não só idades diferentes"</p> <p>"eu sei que há meninas e meninos que funcionam bem com aquele par e depois eu escolho para elas um espaço, "é para ti e para a tua amiga maior que vocês gostam de fazer coisas as duas...as quatro", estes trabalhos de pequenos grupos onde há</p>	<p>todas as crianças tenham oportunidade de brincar com a educadora numa área;</p> <p>- A educadora L.J observa as crianças e regista o que cada criança precisa de trabalhar e desenvolver para depois trabalhar mais pormenorizadamente com cada uma;</p> <p>-Trabalha com as crianças a pares ou em grupos e distribui tarefas para que se consigam ajudar umas às outras e desta forma serem mais autónomas;</p> <p>- Quando as crianças não conseguem realizar algo e já não estão motivadas para o fazer a educadora para e retoma noutra dia a atividade;</p> <p>- A educadora valoriza o espaço exterior para a realização de atividades, principalmente quando as crianças não estão concentradas ou com atenção na atividade.</p>
--	---	---

	<p>cumplicidade e a onde se respeitam mais porque gostam uns dos outros e não chegam ali e não há aquela guerrilha “agora não podes participar aqui”, ou se for um pequeno “tá me a estragar a pintura L”...hum...okey funciona.”</p> <p>“Com o tempo...e tou a começar isso agora com...ali mais assertivamente e mais empenhada. Às vezes, pronto ainda não são capazes pronto outro dia tento, não tem que ser...”</p> <p>“Há coisas que não funcionam bem dentro sala e ao ar livre noutra dinâmica, sim e até situações em que não resulta fazer com o grupo todo, mas agora aí o exemplo...Há atividades que não...não resultam com o grupo todo tem que se partir ao meio...(risos).”</p>	
<p>Metodologias aplicadas</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“Sim porque eles lá está são todos diferentes e por vezes é preciso motivar de outras maneiras”</p> <p>“Imagina que estamos a fazer um desenho de uma história, eles não estão todos a fazer o desenho de uma história, uns tão a brincar e eu vou chamando dois ou três para irem fazer o trabalho comigo, logo ai é mais fácil perceber as dificuldades, o grau de aprendizagem, se estão motivados, se gostam ou não...”</p> <p>“Sim! Tenho sempre de recorrer a esse tipo de atividades senão, não resulta.”</p> <p>“Sim, sim, sim! Por exemplo...isto é um exemplo, se houver uma história que eu queira desenvolver com eles mas que seja daquelas histórias mais maçadas, não vou mostrar no livro vou fazer uns fantoches, vou fazer de outra maneira em mais pequenino com uma história...com uma adaptação da história em mais pequenino feito por mim, onde consiga chegar ao conteúdo da história mas de outra maneira, lá está mais lúdica mais apelativa para eles.”</p> <p>Educadora J.R</p> <p>“também tenho o cuidado de apresentar atividades que vão de encontro aos gostos deles e eu sei também as características das crianças e do grupo e eu sei perfeitamente como é que tenho que lidar com eles, como é que tenho de demonstrar as atividades.”</p> <p>“descer um bocadinho ao nível deles...”</p>	<p>- A educadora F.B através de uma intervenção mais pomenorizada consegue perceber quais as dificuldades, o grau de aprendizagem, o nível de motivação e se gostam ou não das atividades propostas;</p> <p>- A educadora J.R como já conhece as suas crianças (porque já as acompanha desde cedo), tem o cuidado de apresentar atividades que vão ao encontro dos seus interesses e gostos, sabendo também como captar a sua atenção através da forma como as demonstra;</p> <p>- A educadora L.J coloca as crianças a entreajudarem-se umas às outras durante as atividades, criando assim autonomia,</p>

	<p>“É assim, eu geralmente não fujo muito às estratégias que eu utilizo, ham...porque acabam por dar bom resultado, mas eventualmente há crianças que não tem aquela motivação inicial. O que é que eu faço com essas crianças? Eu geralmente nunca forço muito nada as coisas, eu deixo-as...posso dar dicas, mas deixo-as à vontade.”</p> <p>“Geralmente são atividades que estimulam, que estimulam muito as crianças, tento eu tento e eles são, são muito motivados.”</p> <p>“Sim, olha eu, como é que eu, como é que eu...por exemplo, a matemática, trabalho a matemática, trabalhamos a matemática com materiais reciclados, também tenho o ábaco, tenho os jogos corretos de ensinar a matemática também tenho os lá todos, temos bastante material nesse sentido. Mas também tento através da educação física, posso trabalhar a matemática através disso...”</p> <p>“a linguagem escrita e oral também através dos livros e através das histórias”</p> <p>Educadora L.J</p> <p>“Eu vejo que uma criança que lá tenho de cinco, seis anos gosta muito quando eu lhe digo: “Oh querida agora vai com a M (que tem três) a L agora já nem se lembra bem, será que ela já sabe bem as cores todas? Tenho aqui este livro, ou este jogo, ou este puzzle...tu vais ajuda-la não vais fazer para ela ver...ela vai descobrindo e tu...(eu sei que já sabes este jogo) e tu vais fazendo de conta que és a L e então vais ajudando ali a fazer”. O mais crescido fica muito feliz, o mais novo, o mais novo muitas vezes tá mais atento ao seu par e com mais interesse que se fosse eu a chamar o pequeno para fazer comigo. É uma estratégia que funciona.”</p> <p>“Eu faço muita vez, agora porque é preciso acalmar ou agora porque é uma atividade preciso de mais calma”</p> <p>“Não são eles que escolhem os seus pares, às vezes sim às vezes não, às vezes sou eu que escolho os pares e nunca ninguém diz que não e eu vejo que funciona”</p> <p>“há dinâmicas de educadoras que para consolidarem determinados aspetos, ham...é muito papel e a caneta escolarizado, ham...”nesta ficha vou ver se ela acertou naquela, se sabe a palavra”...Eu já tive no passado em agrupamentos em que se privilegiava isso assim esses momentos de aprendizagem formais. O meu agrupamento e a minha coordenadora de</p>	<p>entreadjudada no grupo e atividades mais dinâmicas e produtivas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Quando necessita que as crianças se acalmem, opta por aplicar atividades mais relaxantes e calmas para que elas se concentrem; - É apologista de uma forma de ensino mais lúdica e dinâmica de modo a não escolarizar o ensino no pré-escolar.
--	--	---

	<p>departamento é toda virada para as artes, para a exploração da criança, para o brincar, olha toda muito a sério nas orientações curriculares, as orientações apelam àquilo depois na pratica..."</p> <p>"Portanto toda aprendizagem é mais lúdica e dinâmica em grande grupo, em pequeno grupo"</p> <p>"Tou a dar exemplo de atividades experimentais, outros exemplos de situações...atividades de expressão plástica que tamos a desenvolver projetos deste autor...deste artista e do outro e estamos a construir um livro e agora é preciso desenhar esta página e a outra e eles mostram interesse, "quando é que sou eu? Quando é que eu faço?" portanto não lhe é alheio àquilo que se está a viver."</p> <p>"Depois há atividades expressão plástica que eu quero decorar aquele painel, isto ou aquilo, e baseado numa história"</p> <p>"imagina que se é uma atividade que eu quero desenvolver aspetos físicos e motores da criança é sempre com uma musica, é sempre apelativa "Oh L queremos ter aula de aeróbica" que é como eu lhe chamo, ponho aquela música como se fosse uma aula minha de adultos e eles exemplificam na boa, ham...atividades proporcionar triciclos, basquete, ao ar livre há sempre ao dispor algo que apele aquelas capacidades. As atividades plásticas são muito sempre..."</p> <p>"não sei se respondi, mas é tudo à base...olha por exemplo temos uma horta junta com o 1.º ciclo no projeto eco-escolas, ham...e a horta eles plantam e colhem...adoram!"</p> <p>"Eu agora ando a inventar com eles uma história baseada noutra que eles contem...epá difícil...ham...há ali dois ou três que dizem algo o resto para ali a história."</p> <p>"também privilegiamos muito as atividades ao ar livre, temos uns espaços propícios. Já há dois anos que temos uma horta pedagógica e os miúdos adoram, adoram...a terra e o ar livre."</p>	
<p>Identificação os interesses e gostos das crianças</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>"E são os próprios a darem ideias, também tem...agora mais que são mais velhinhos, não é?"</p> <p>"Sim claro que sim, para já conseguimos fazer isso em grupo quando estamos na conversa do bom dia, onde planificamos tudo o que vamos fazer durante o dia, eu normalmente faço isso com eles...ou durante o dia ou durante a semana planificamos sempre o trabalho para o resto da semana."</p>	<p>- A educadora F.B permite às suas crianças exporem ideias e de modo a demonstrarem os seus interesses e preferências;</p> <p>- Em grupo decidem que atividades irão fazer ao longo da semana;</p>

	<p>"Em conversa com eles, ao mostrar atividades, ao mostrar ideias que queiramos fazer...logo ai consegue-se ver se há crianças que estão recetivas ou se já desligaram e já estão a olhar para o lado e não querem saber, pronto ai consegue-se logo ver...depois consegue-se quando eles fazem o trabalho individualmente também"</p> <p>"normalmente é por aí que eu vou vendo, portanto pela observação direta, muitas vezes também às vezes recorro a registos fotográficos, a registos escritos, mas mais observações diretas."</p> <p>"pronto para ver, lá está porque eu gosto de mudar e eles também eles já se habituaram, já tão comigo desde pequeninos, desde o 1 ano sabem que eu gosto mudar e digo "olha hoje vamos mudar a sala!" e ele "Ehhhhhhhh!!!" (risos)."</p> <p>Educadora J.R</p> <p>"Geralmente quando eles entram na sala e olho para as crianças, eles vão...eles recorrem...eles vão ter...eles vão para as áreas que mais gostam e os deixo livremente a brincar, o que é que...e observo, quais são geralmente as áreas que eles mais gostam e o que é que eles fazem nessas áreas...tas a perceber?"</p> <p>Educadora L.J</p> <p>"Sim, sim. Com periodicidade eu faço uma conversa em grande grupo e conversamos, ham...aquilo que eu chamo diário de bordo, que não é diário às vezes podia ser...hoje...ham...diário também não, mas semanal, mas há uma semana outra que me esqueço, mas com periodicidade eu registo. O que é que esta semana...o que é que gostaste mais de fazer, o que é que houve aqui que gostaste mais?"</p> <p>"Ham...registo o que é que eu gosto mais de fazer...hás segundas-feiras, que atividades fiz eu em família ou com as pessoas com quem estive, o que é que gosto mais de fazer, o que é que nunca faço e gostava de fazer, entrevisto a cada criança. Normalmente é em grande grupo, uma conversa mas eu registo-a para saber ali os interesses, ham...e..."</p> <p>"Se eu for desenvolver atividades sem tar preocupada com o interesse das crianças eu não obtenho resposta por parte da criança"</p>	<p>- A educadora apresenta algumas, atividades e ideias às crianças e desta forma consegue perceber se estas têm interesse em realizá-las ou não;</p> <p>- Recorre à observação direta, a registos fotográficos e escritos para recolha de informações sobre os gostos e interesses das suas crianças;</p> <p>- Decide com o grupo a organização da sala ajustando-a aos seus gostos, interesses e necessidades</p> <p>- A educadora J.R percebe quais os interesses e gostos das suas crianças através das áreas que as mesmas escolhem livremente, observando também o que mais gostam de fazer dentro delas;</p> <p>- A educadora L.J para perceber os interesses dos seus alunos conversa com periodicidade com o grupo perguntando o que mais gostaram de fazer durante a semana, o que fizeram no fim de semana com a família, o que não gostaram de fazer, etc.</p>
--	---	--

	<p>"itinerância pela sala de aula e estão em áreas por eles escolhidas e atividades por eles sustentadas e eu nesses períodos sou e sou muitas vezes, acho que maior parte do tempo é assim..."</p>	
<p>Relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>"Tento sempre, eu tento sempre na minha planificação faço uma abordagem...planificação mas depois é consoante o desejo deles também e eles também entram na planificação, ou seja eles também dão ideias, ham...primeiro pergunto sempre a eles o que é que acham, se tem outras ideias, o que é que querem fazer e às vezes aparece algum um dia aparece com um tema que eu depois até modifico a planificação e faço alguma coisa relativamente a esse tema, eles estão sempre a interagir, sempre na planificação, ok?"</p> <p>"quando nós planificamos uma atividade temos de ter logo em conta...até porque há crianças que são mais novas que outras, o grau de perceção é diferente e nós temos que tentar..."</p> <p>"Sim, tenho para já a planificação é feita para um grupo, aquele grupo que é o que conheço e que há partida sei que é recetivo a fazer essas atividades"</p> <p>"Pronto e também se pode modificar caso eu acho e veja que não há ali recetividade, também se modifica, não...lá está é uma planificação, não é? que é feita, que eu penso semanalmente nessa planificação, às vezes mensalmente mas normalmente é semanalmente mas que pode sofrer alterações. Às vezes há um dia que aparece um com uma história sobre um determinado...isto é um exemplo, sobre um animal e que depois eles queiram saber mais sobre esse animal às vezes modificamos, não é? Pronto quando foi esta agora das...das...das profissões andamos a fazer uma dramatização dos fantoches, onde cada grupo escolhia uma história para fazer...ainda não se chegou-se a concretizar porquê? Porque entretanto falta um ou falta outro nunca temos os elementos todos e pronto lá está e nós temos que ir modificando as planificações e consoante o gosto deles e consoante a disponibilidade, e se temos o grupo ou não, pronto..."</p> <p>Educadora J.R</p> <p>"Sim, até muitos conteúdos aparecem pelos interesses deles e eu sei disto porque...isto foi tudo por causa de um livro que um menino trouxe para a escola e que vinha lá a falar sobre...tinha n de coisas...era tipo um dicionário com imagens e tinha muitas</p>	<p>- Todas as educadoras realçam a importância de as planificações serem flexíveis, ou seja, podem ser alteradas consoante as necessidades e interesses do grupo;</p> <p>- As três educadoras referem que muitas das vezes as planificações são alteradas porque no momento as crianças demonstram interesses diferentes do que está estipulado e delineado na mesma;</p>

	<p>coisas de animais e tinha lá os planetas e eles realmente perguntavam-me sobre os planetas, a partir daí achei que era do interesse deles abordar esse tema. Muitas vezes acontece isso, através de coisas... e a minha planificação também é dinâmica e é flexível...”</p> <p>“exatamente, eu faço o meu planeamento, eu tou a planear mas se por acaso e por isso eu digo as planificações, as minhas são flexíveis se por acaso aparece algo que suscita mais interesse naquele grupo de crianças eu posso abordar e posteriormente eu falo daquilo que planeei. Mas em primeiro lugar os interesses das crianças.”</p> <p>Educadora L.J</p> <p>“A planificação é mensal, ham... mas depois quando eu faço ou semanalmente ou quinzenal aqui esta reunião de grande grupo, é o que é que gostamos de fazer, o que fizemos, o que gostei, não gostei e o que é que queremos fazer, eu faço a pergunta “então vá, hoje é sexta feira vem aí o fim de semana e depois para a semana o que é que vocês gostavam?”, gostam muito de teatro e às vezes dizem “queríamos fazer outra vez a história...”, gostam...”</p> <p>“Ok, tenho em conta tenho, tenho o que as crianças gostavam de fazer, o que é que vocês gostavam, depois dentro daquilo que eu sei que eles precisam de desenvolver...ham...”</p> <p>“tendo em conta a tua pergunta, os desejos o que é que eles gostam de fazer, tenho sim senhora, tenho em conta...não deixo isso por conta deles mas as minhas intenções vão ao encontro do que eles gostam, sim.”</p>	
<p>Relação entre motivação e interesses</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“vamos dar um tema geral, não é? Que é um tema por exemplo que é o tema do dia dos namorados, não é? Vamos também de encontro mais àquilo que eu sei que eles gostam mais de fazer, nós as vezes deixamos de fazer outro tipo de atividade para irmos fazer mais de encontro àquilo que eu sei que o grupo está mais recetivo a fazer”</p> <p>Educadora L.J</p>	<p>- As educadoras F.B e L.J tentam sempre fazer a gestão entre os conteúdos que tem de abordar com o que as crianças querem realizar, motivando-os assim a aprender.</p>

	<p>"o grupo gosta de dramatizar, teatralizar e disse-me "queremos fazer a história do não sei quantos", "tá bem então vá, vamos começar por ouvir bem a história e depois arranjar aqui adereços"."</p>	
<p>Definição de ensino-aprendizagem</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>"Sim, eu penso, claro que sim. A forma como eu ensino está diretamente ligada à forma como eles assimilam as coisas e aprendem, sem dúvida!"</p> <p>Educadora J.R</p> <p>"Completamente, sempre! Até porque eu tive crianças que eram de outras colegas e vê-se perfeitamente...e não estou aqui a dizer que é bom ou mau, atenção! Mas vê-se a diferença...vê-se a diferença de como eles estavam e como eles estão agora. Ham...também é a idade, a idade também mudou e às vezes 1 ano numa criança, a maturidade é enorme, ham... enorme não digo que seja enorme, mas que vê-se bem e eu sinto que eles agora estão mais a ser o grupo da educadora J (risos)."</p> <p>"e muitas vezes discutimos no tapete, temos ali uma reuniãozinha e a discutir como e o que vamos fazer a seguir, "olha J, eu queria fazer isto e aquilo...". Portanto, eles acabam por planear eles próprios as atividades que querem aprender e o que querem saber."</p> <p>Educadora L.J</p> <p>"demora algum tempo a responder) Ensino...o ensino é quando eu quero que a criança aprenda algo, não é? Eu projeto algo que é para aprender. A aprendizagem...é um ato dela, certo?"</p> <p>"Eu ia dizer que a criança também aprende espontaneamente e através das suas brincadeiras e entre os seus pares, não aprende só com a minha intencionalidade educativa, certo? Ela aprende entre si, com os outros."</p>	<p>- Todas as educadoras concordam que a forma como ensinam está diretamente ligada a forma como eles aprendem e que é uma relação simbiótica porque ambos aprendem, o educador aprende com a criança e a criança aprende com o educador, criando assim uma dinâmica harmoniosa.</p>

	<p>"mas quando tu queres que eu defina o ensino e aprendizagem é o ensino focado no adulto, no educador e aprendizagem na criança? (abana com a cabeça a dizer que não). Quer dizer, a criança aprende livremente e os espaços são enriquecidos e os materiais, de maneira a que ela aprenda através do seu eu e da sua exploração e é muito assim a aprendizagem nestas idades. Experiência, vive, mexe, estimula e é estimulado...mas também há projeto e há atividades mais dirigidas por nós que nós queremos que a criança...por exemplo se eu conto uma história eu quero que ela seja capaz de relatar os acontecimentos da história, seja capaz de expressar oralmente o que ouviu e aí que relação vai haver na aprendizagem, dependendo do ensino que eu estou a administrar, a vincular"</p> <p>"Eu acho que eles têm formas de absorver as aprendizagens diferentes"</p> <p>"isto não é um sim ou um não, é claro que sim. Há uma causa efeito, um mau ensino tem repercussões no modo como a criança aprende."</p> <p>"A maneira como se ensina reflete a maneira como os alunos aprendem, certo?"</p> <p>"e às vezes eu abeiro-me da construção para tirar elementos de aprendizagem quando eles tão...eles tão a fazê-la, ele sabe que aquela peça não encaixa ali tem que aprender a...encaixes diferentes não é? Ele aprende isso...mas às vezes pode até hem tar a ter a noção porque em idades mais precoces é por tentativa erro...e põem aquilo...e questioná-lo "mas não consegues pôr porquê? Então mas tens que observar já viste que essa pecinha não dá com encaixe ali, essa dá a onde?", fazê-lo raciocinar, fazê-lo ir através de uma área que ele gosta por exemplo."</p>	
<p>Relação entre motivação e aprendizagem</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>"Sim, tento sempre de uma maneira que eles gostem de aprender, não de uma maneira maçuda que eles estejam ali..."</p> <p>"Claro, se o grau de motivação não tiver elevado a aprendizagem também...não...não...não chegam lá."</p> <p>"Pode e muito, a motivação pode potenciar a aprendizagem na medida em que se eles tiverem motivados é muito mais fácil a aprendizagem, a aquisição dos conhecimentos claro que sim."</p> <p>Educadora J.R</p>	<p>- As três educadoras partilham da mesma opinião, na medida em que concordam que apenas a motivação potencia a aprendizagem e facilita a aquisição de conhecimentos. A partir do momento em que as crianças se sentem motivadas a aprender, criam a autonomia para planear o que querem aprender e como querem aprender. Desta forma, as educadoras utilizam</p>

"Completamente! Sim! Se a criança for motivada para aprender, ham...eles está sempre...aliás eles planeiam eles próprios as suas atividades. São...chegam a um patamar em que conseguem planejar eles próprios e planeiam e eles conseguem fazer no grupo, aquilo que vamos fazer a seguir, ham..."

"Se a criança está motivada...se uma criança não está motivada não fala nada...nem quer fazer nada. Se ela está motivada e lhe dão espaço para isso, ela que aprender e planeia também as atividades a fazer."

Educadora L.J

"A criança quando está a fazer um grafismo, quando está a fazer um desenho próprio e eu lhe digo põem o telhado na casa, faz as telhas ou alguma coisa, ele tá a fazer o seu grafismo, o nome é o grafismo, o desenho é um grafismo. Ainda assim, eu acho que a criança às vezes precisa de ser treinada, ham... num grafismo que tem um espaço delimitado que é o que aparece no 1.º ciclo, não é? E no desenho, no desenho livre a criança explora com mais facilidade."

"Portanto estamos sempre a revelar aprendizagens não daquele modo formal e não...a minha sala de jardim de infância não é aquela sala...tradicional e nem é um ensino formal, não é, é informal mas, mas por vezes há momentos em que sim ok, às vezes eu peço exatamente que representem no desenho aquela vivência...ham...sendo que a sala de jardim tá distribuída com diferentes áreas, com diferentes potencialidades em que há sempre momentos em que a criança circula sobre elas de espontânea vontade...ham...pronto, acho que respondi."

"Eu o modo como ensino (faz movimentos com os dedos a representar as aspas) o ensino pré-escolar entre aspas, o modo como eu ensino tá sempre focado na maneira como eu tento captar a motivação da criança."

"Certo. "uma criança passiva não aprende, desmotivado dificilmente aprende", dificilmente...a passiva é aquela que não se interessa por nada, desmotivação é um bocadinho menos que passivo, uma criança passiva não aprende, isto porque às vezes queremos a todo o custo ter alunos (coloca a mão na cara imitando os alunos atentos) na sala de aula, impassível...impassível a aprendizagem, essa aprendizagem se não é como uma correlação entre a motivação e o desejo de aprender, ela até se faz porque há crianças que tem capacidades ouvem a professora e fazem a conta e fizeram a conta, mas ela raramente gerará naquela criança adolescente/adulto o desejo de ir mais além."

mecanismos de motivação para que as crianças gostem de aprender e não se sintam obrigadas a aprender.

	<p>“Sim sem dúvida, e uma leva a outra...isto para dizer assim uma criança que é uma criança desmotivada ela aprende à mesma, não está motivada mas aprende à mesma...”</p> <p>“Eu acho que a criança acaba por se interessar pode se centrar-se mais numa área ou noutra, mas através da área que é o seu centro de interesse eu tenho que chegar lá, não posso só deixar que ele goste de fazer legos todos os dias e alguns se calhar até todos os dias se fizessem só aquilo, na boa. Eu tenho que alargar os campos da aprendizagem mas posso sempre começar e devo pela área que eles mais gostam”</p>	
<p>Exemplos práticos de estratégias utilizadas para promover uma aprendizagem significativa</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“Ham...por exemplo dos...do corpo humano...por acaso não foi este ano já foi o ano passado, no final do ano que falamos do corpo humano. Claro que a mostrar ilustrações, a ver em livros é uma coisa mas nós fizemos mesmo com eles o corpo humano em forma real, onde fomos colocando os órgãos, onde fomos colocando os sentidos, onde falamos disso tudo e foi muito mais fácil da perceção deles, depois de terem aquela imagem na sala, na parede onde conseguiam ao mesmo tempo...foi construída por eles, não é? Eles participaram na aprendizagem, não é? Não foi só o ouvir e o ver, foi a realização mesmo daquele trabalho e é mais fácil para eles adquirir esse conhecimento.”</p> <p>Educadora J.R</p> <p>“olha agora a pouco tempo íamos dar os planetas...e depois acabou...e eu disse: mas calma que agente vai continuar a dar os planetas. Porque eu acho que estava a ser muito interessante, então o que é que nós tavamos a fazer? Tavamos a pintar um grande placar e pronto...introduzimos um bocadinho a expressão plástica, primeiro eles pesquisaram na internet, procuramos saber como é que se chamava o nosso planeta...e “olha no sistema solar existem outros planetas...”, alguns já sabiam e foram dizendo, depois fomos vendo através de músicas que existem na internet...hoje em dia temos acesso a bastantes coisas, a muitas coisas para os motivar. Fomos à internet e vimos lá canções sobre os planetas, depois fomos ver como é que se chamavam os planetas do nosso sistema solar, ham...e pronto, depois interrompemos...fizemos um painel enorme, pintamos, eles fizeram os planetas em bolas com cola e jornal, pronto e fizemos umas bolas assim umas maiores...estudamos cada planeta, vimos os tamanhos de cada um, as cores de cada planeta e tavamos a começar a fazer isto, mas o covid não deixou acabarmos...mas eles estavam super entusiasmados, já estavam a ir para casa a dizer já sabiam o nome dos planetas, já sabiam qual o planeta mais perto do sol e aquele que estava mais distante...portanto é assim...estávamos a começar e fomos</p>	

	<p>interrompidos mas pronto...agora eu tou me lembrar disto mas já falamos de n de conteúdos assim desse género... de uma forma dinâmica."</p> <p>Educadora L.J</p> <p>"uma história, contar uma história e querer que o grupo esteja mais atento, ham...no tapete na sala de aula e às vezes não tá a resultar, tão um bocado desmotivados...eu tou me a ver fazer isso e acontece fazer isso..."meninos vá levantem-se lá vamos embora, vamos lá para fora para debaixo daquela árvore, tal e tal", embora às vezes a história possa-nos parecer que ao ar livre eles se dispersam mais, não resulta muito bem. Uma história ao ar livre e conheces ali aquela parte dos combatentes que tem uma vista privilegiada, embora se quisermos olhar lá para baixo lá para o CNEMA uma vista privilegiada, mas ali debaixo das árvores fazemos um circulo e estamos ali a ouvir a história e às vezes corre melhor a história ao ar livre do que dentro da sala, dentro da sala ou tá próximo daquele jogo de brinquedos e tá a mexer e tá a tirar..."oh querido a L agora tá a contar a história não mexas agora aí" e tou sempre ali a apelar e já me tem acontecido, "ah já tou cansada de tar aqui, vamos embora venham atrás de mim fazer um comboio, vamos lá para fora!"."</p>	
<p>Interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>"Agora no momento que nós estamos da pandemia, também é sempre colocado no final da semana, sempre atividades...tiro registos das atividades que eles vão fazendo ao longo da semana para os pais estarem também a par do que se está a passar e também para haver ali uma interação entre famílias e nós, não é?"</p> <p>"Isso acontece, a gente às vezes quando os pais vão os buscar ou assim dizer " olha hoje não correu assim tão bem porque não lhe apeteceu fazer...", "então, mas porquê?", pronto às vezes não se consegue chegar a uma conclusão e muitos dos pais às vezes também dizem que eles em casa são completamente diferentes do que são connosco, não é? Alguns chegam a casa e não dizem o que é que fizeram, "então o que é que fizeste hoje? Não fiz nada brinqueei" pronto, não é? Isso às vezes é difícil, mas tentamos sempre perceber ou tentar perceber a onde é que nós erramos, onde é que podemos modificar de outra maneira para tentar perceber o porquê dessa desmotivação."</p> <p>Educadora J.R</p>	<p>- As três educadoras realçam a diferença da relação educadora-famílias durante a pré-pandemia e pós-pandemia. Antes da pandemias as educadoras salientam a dificuldade de comunicação com a maioria das famílias, mas desde que foi possível o ensino à distancia, as mesmas destacam que a relação melhor bastante, pois os pais encontram-se mais dispostos a comunicar e a partilhar as suas duvidas e questões com as educadoras.</p>

"Olha eu vou-te dizer uma coisa...isto da pandemia é bom e mau em relação a esse assunto, porque eu antigamente não tinha muito feedback das famílias."

"Tínhamos reuniões com os pais, no início do ano, este ano não houve nada disso...nesse aspeto é uma coisa diferente. Mas no entanto, apercebo-me que os pais estão mais a perceber o que fazemos aqui, agora com o covid, porque vai para casa...eu antes sem agora estarmos em confinamento tivemos a trabalhar não é? E todos os finais de semana eu mandava todos os trabalhos que eles tinham feito durante a semana, tanto que eu acho que é de uma forma..."

"Tínhamos reuniões com os pais, no início do ano, este ano não houve nada disso...nesse aspeto é uma coisa diferente. Mas no entanto, apercebo-me que os pais estão mais a perceber o que fazemos aqui, agora com o covid, porque vai para casa...eu antes sem agora estarmos em confinamento tivemos a trabalhar não é? E todos os finais de semana eu mandava todos os trabalhos que eles tinham feito durante a semana, tanto que eu acho que é de uma forma..."

"exatamente, agora mais ainda com isto do covid porque realmente a situação...como não tivemos reuniões de pais, não temos reuniões informais, não contactamos diretamente...com os grupos do whatsapp o que é que aconteceu? Eles agora estão mais...estão a ver realmente o que fazemos aqui, porque eu acho que eles não tinham muito a noção, estão mais entusiasmados."

Educadora L.J

"Há sempre uma relação estreita com os encarregados de educação, quer sejam os pais...ham...alguns tem avós, ham...tenho essa relação estreita e consigo conversar e aproveito muito no dia-a-dia às vezes na entrega ao portão, agora os pais não entram por causa do covid mas eu continuo a fazer uma coisa que já fazia, eles não entram, venho eu ao portão e depois daí eu saio ao portão e chego estar ali em pequenos grupos a..."

"Tenho muita necessidade ao fim da tarde e chego ao portão e tão ali pais disponíveis para isso, ham...e eu estou a falar "olha esta semana fizemos umas coisas muito interessantes, mas vejam lá eles têm três aninhos se eles conseguem contar o que fizeram esta semana, foi isto assim ai ele ta, ta,ta" e aspetos particulares ou por telefone ou depois "oh mãe" lá na entrega ao portão "espere só um bocadinho para eu falar um bocadinho consigo pode ser? olhe esta semana o Manel tem andado assim um bocadinho difícil muito agressivo com os amigos, tá outra vez naquela instabilidade como é que tem tado as coisas, o que é

- As educadoras discutem os temas da motivação, interesses e aprendizagens com os pais através de reuniões e conversas informais.

	<p>que a mãe sente?”, “pois é L também sinto o mesmo, não sei não consigo relacionar...”, “pronto vamos estar mais atentos o que é que isto quer significar”, é sempre uma relação estreita é sempre...”</p>	
<p>Relação entre a família e a criança</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“Depois também temos aquela interação, que agora não há mas a interação da família sempre com trabalhos, por exemplo...a tentar que eles façam alguma coisa em casa, imaginemos agora no carnaval mandava uma forma de uma máscara para casa onde eles ilustravam e depois traziam para a escola para mostrar aos amigos como é que fizeram e o que é que fizeram com os pais, pronto há esta interação com os pais.”</p>	<p>- Apenas a educadora F.B mencionou este tema na sua entrevista;</p> <p>- Destaca a ajuda dos pais nas atividades dos filhos, de modo a que estes sejam peça fundamental na aprendizagem dos próprios filhos.</p>
<p>Relação escola-família</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“porque às vezes há pais, há famílias que não tem tempo, tudo o que eu tenho proposto eles têm sido bastante motivadores para tal e têm sido bastante...”</p> <p>“Então é assim, normalmente as famílias são informadas daquilo que nós estamos a trabalhar, para já tem conhecimento do projeto pedagógico”</p> <p>“Também depois os pais “então hoje aprendeste...sobre...ser amigo” pronto, não é? “então o que é que falaram? Não sei quê olha, mas não te esqueças é isto também...” pronto, lá está para haver uma ligação família-escola.”</p> <p>Educadora J.R</p> <p>“Quando os pais conseguiam entrar dentro das escolas e falavam, ou falavam com a educadora de manhã...falavam com ela em conversas informais e pronto. Aí, normalmente falávamos coisas, não relacionados com...pronto, eventualmente, uma vez ou outra tínhamos...”</p>	<p>- As três educadoras referem que algumas famílias não mostram interesse em saber informações junto das mesmas sobre os seus educandos, mas preocupam-se em realizar as atividades pedidas.</p>

	<p>“como não estamos em contacto com eles diretamente, com os pais eu mandava ao fim da semana tudo o que eles tinham feito, com fotografias, com filmagens e reparei que os pais são mais informados a cerca daquilo que eles fazem, coisa que eles não faziam antes.”</p> <p>“sim, até mais agora porque eu pedi-lhes no natal uma atividadezinha feita em família e eles corresponderam logo, muito motivados e aceitaram por isso é um ponto positivo apesar das coisas negativas.”</p> <p>Educadora L.J</p> <p>“Sim e às vezes posso ter de ignorar a minha ação como por vezes levar em alguns casos que os próprios pais às vezes desinteressados, levar um...às vezes nem levo as dificuldades, ham... digo: “olha ele hoje foi muito feliz ele fez isto” e as vezes a pessoa já vai assim a caminhar a olha para mim como quem diz...mas eu não deixo de...”</p> <p>“Às vezes quero dar um recado a a, b ou c senão levar aquela criança pela mão até ao portão, às vezes eles dão uma corridinha chegam lá ao portão tá lá a auxiliar, se quero falar com aquela mãe não posso largar a mão daquele porque quando chego lá ao portão já lá vai na ladeira mais o piqueno. Porque há mães que nem sequer nunca souberam de mim, a perguntar “então correu bem o dia, ele teve bem L?” E tal... há gente que nisso não mas esses eu agarro a mãozinha “olá à muito tempo que não falamos, então como é que isso vai?”.”</p>	
<p>Organização da sala tendo em conta os interesses/gostos/necessidades das crianças</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>“E ajudam, e ajudam! Pronto, primeiro vou eu porque é moveis e tudo...mas depois pergunto sempre “olha e o que é que acham de por a biblioteca aqui?” “Ah ali não sei quê...”, “olha que é melhor...” pronto porque se a gente vai dar ouvidos a todos não entram em consenso, mas pronto...(risos).”</p> <p>Educadora J.R</p> <p>“Por exemplo tentando ter um ambiente na sala acolhedor, ham...apelativo, com cores, com áreas que eles gostam que eu sei que as crianças se entusiasmam a brincar e distraem-se.”</p> <p>“Normalmente eu tenho uma tabela, faço uma tabela com eles, eles já sabem... escolhem as áreas e colocam lá e sabem o número de meninos que podem estar em cada área, porque eles também têm a autonomia deles e é assim, se isto for</p>	<p>- As três educadoras salientam que organizam a sala consoante os interesses, os gostos e as necessidades do grupo e das crianças individualmente;</p> <p>- A educadora F.B escolhe com a disposição das áreas com as suas crianças;</p> <p>- A educadora J.R realça a dinâmica que existe dentro da sala, durante a escolha das crianças pelas áreas de interesse;</p>

	<p>trabalhado logo desde inicio eles já fazem isto muito, de forma muito autónoma. Eles têm as áreas deles e depois eles escolhem para onde querem ir...eu geralmente faço uma fotografia e eles colocam lá a fotografia deles."</p> <p>"É assim depois com o decorrer do tempo nós vamos verificando que alguns vão sempre para as mesmas áreas, pronto."</p> <p>"Tem acontecido...que tenho alguns que estão sempre numa área e que realmente agora já estão a interessar-se por outras e a ir para outras."</p> <p>Educadora L.J</p> <p>"eu já ai à dois anos, agora já à muito tempo que não montei por causa do covid...comprei aquelas casinhas de fecho que é uma tenda quando vão para campismo e numa área da sala eu coloquei aquilo e eles agora da casinha levam os materiais...vão para a praia, vão para o piquenique, vão acampar e então ai já podem por as coisas no chão porque tão a acampar, na casinha à regras de utilização. Portanto, ver...tou atenta a isso...e gosto...havia lá um que era muito agressivo...uma vez cheguei a vê-lo...pela altura que lá tivate devia haver um Rafael agarrado a uma cadeira para bater em cima do outro, era comportamentos que ele via o pai se calhar no café, não sei. Ele andava por tudo aos murros aos outros, eu comprei aquela coisita, luvas e aquele como é que aquilo se chama de box."</p> <p>"Fui à decathlon, era para...era para crianças. Penduramos lá num cantinho da sala, "anda cá eu sei que tu tens necessidade de energia, é aqui, pões estas luvas" olha aquilo foi um sucesso que toda agente queria as luvas e depois era tudo para o box (risos)."</p> <p>"O grupo que tenho e as necessidades, tendo em conta o que eu acho que é importante que eles aprendam, o tem que propici...potenciar o desenvolvimento numa determinada área de conteúdo, não é?"</p>	<p>- A educadora L.J refere que muitas das vezes compra recursos para as áreas da sala, consoante as necessidades das crianças, estando estas a ser constantemente alteradas e repensadas para que as crianças gostem de lá estar e deste modo também potenciar as suas aprendizagens.</p>
<p>Relação entre a sala e as aprendizagens</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>"Está a perguntar a uma educadora que muda a sala não sei quantas vezes por ano! (risos) Eu adoro mudar, pronto este ano estamos em janeiro e a sala já foi mudada 3 vezes"</p> <p>"Talvez, eu acho que sim...por acaso é uma coisa que eu nunca reparei bem, bem nisso, sou te sincera, mas eu penso que o nível de aprendizagem é o mesmo ficam é diferentes...lá está porque parece uma sala nova e é mais apelativa."</p>	<p>- As educadoras afirmam que tendo uma sala apelativa, organizada e com um bom ambiente as crianças acabam por realizar aprendizagens mais significativas, tirando assim</p>

	<p>Educadora J.R</p> <p>"O que eu mais gosto é normalmente eles trabalharem de uma forma rotativa, ou seja, eles tão a trabalhar numa mesa, depois eles saem, vêm outros...e com várias áreas de interesse, ham...e assim eles vão conseguindo...consigo que eles estejam todos motivados a aprender, sem ser assim uma coisa muito obrigatória...pronto, mais isso."</p> <p>Educadora L.J</p> <p>"Numa sala de jardim de infância toda a sala, também todo o espaço e os materiais são facilitadores das aprendizagens"</p>	<p>bom aproveitamento do espaço e do meio envolvente;</p> <p>- A educadora J.R destaca a importância de uma sala dinamizada consoante os interesses das crianças, de modo a prover a sua autonomia e motivação durante as suas aprendizagens.</p>
<p>Relação entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos</p>	<p>Educadora F.B</p> <p>"É, é muito importante claro que sim é um ambiente que esteja, um ambiente que esteja calmo, que eles estejam...imaginemos que eles estejam sossegados a fazer uma determinada atividade, ou que estejam motivados para ela e aquela em que haja um ou outro que não esteja motivado e esteja a fazer barulho, esteja a fazer um défice de atenção para os outros é completamente diferente."</p> <p>"É, é muito importante claro que sim é um ambiente que esteja, um ambiente que esteja calmo, que eles estejam...imaginemos que eles estejam sossegados a fazer uma determinada atividade, ou que estejam motivados para ela e aquela em que haja um ou outro que não esteja motivado e esteja a fazer barulho, esteja a fazer um défice de atenção para os outros é completamente diferente. Se tiver uma sala recetiva ou que não estejam todos recetivos é completamente diferente o grau de motivação. É preciso que esteja sempre um ambiente calmo, claro que não é preciso estar ali tudo caladinho que não possam dizer nada, não tou a dizer isso percebe? A gente sabe como é que eles são, são crianças e começam a falar e depois começam a falar todos ao mesmo tempo e tá tudo aos gritos porque são 20 crianças a falar ao mesmo tempo é normal e se tiver em sossego, se tiver a tentar captar a atenção de maneira a que eles estejam mais sossegadinhos e que estejam todos com atenção é completamente diferente, sim."</p> <p>"Como é que promovo? Essa é difícil de...(risos) é o de darmos-nos todos bem, é sabermos comunicar todos uns com os outros, é sabermos ouvir os outros que isso nem sempre acontece claro, não tamos aqui numa sala perfeita até porque não existem,</p>	<p>- A educadora F.B destaca a importância de uma sala com um ambiente calmo e motivado. - Compara as aprendizagens feitas em ambientes onde existe e não existe calma, referindo o fator atenção/concentração;</p> <p>- Fala sobre a boa comunicação entre educadora-crianças e criança-criança para que desta forma se promova um ambiente motivador de aprendizagens;</p> <p>- A educadora J.R salienta o acolhimento como uma parte fundamental para que as crianças se sintam bem dentro da sala;</p>

	<p>mas é sempre a tentar que estejamos todos em consenso e estarmos todos...ham...pronto como é que eu ei de explicar...que estejamos todos...que saibamos estar em grupo que é mesmo assim, pronto.”</p> <p>“Mas lá está, eu acho que é muito importante a organização da sala e a maneira que está distribuída e mudar, mudar parece que estamos numa sala nova, a motivação é outra e eles gostam, as áreas... ou uma fica pequenina numa altura, mas vai ficar maior noutra e eu acho que isso é importante, sim.”</p> <p>Educadora J.R</p> <p>“Pode influenciar sim. Se tiveres uma sala apelativa, uma sala com áreas que sejam apelativas às crianças, se tiveres um acolhimento que a criança se sinta bem ali em todos os níveis, também da parte afetiva que é muito importante também. Que os amigos...eu tinha criança que era ucraniana que este ano me disse assim: “na minha outra escola os meninos batiam-me, aqui ninguém bate”. Ela vinha de um ambiente um bocadinho...com crianças de rua, pronto era normal que acontecesse isso. Aqui não, eles são amigos uns dos outros, ajudam-se uns aos outros e isso é importante que a criança se sinta em família, é a segunda família e acaba por ser muito mais positivo se o ambiente for assim...”</p> <p>“Claro completamente, é muito importante! Então é assim, eu normalmente...existem vários métodos, ham...para nós estarmos a gerir uma sala e eu acabo por optar pelo método que mais se indica, ou aquele que mais é...que mais define aquele grupo, não é? e a mim, aquele que eu mais gosto também, tem haver com o meu gosto.”</p> <p>Educadora L.J</p> <p>“agora por causa do covid a sala está mais isenta de...adereços e usamos menos coisas na casinha de bonecas e no faz de conta por causa da desinfeção quebrou-se ali um bocadinho, mas às vezes mesmo sem grandes adereços com coisas da sala...e depois é engraçado já que temos poucos materiais em termos se fosse noutra situação sem covid, vamos buscar isto que vai ser a cesta do capuchinho vermelho...isso é muito interessante e cabe a criança de um objeto personifica-lo e dar-lhe outros atributos que ele não tem, é uma risada, é uma graça como é que aquilo serviu de cestinha e isto assim...”</p> <p>“É, é, é toda...tem toda, eu acho que quando se prepara uma sala de atividades e quando definimos os espaços e os materiais aí já tamos a potenciar logo e ela tem de ser apelativa e as dinâmicas também, as dinâmicas do grupo, não só o espaço físico e</p>	<p>- A educadora L.J refere a importância de adereços, objetos e materiais que suscitam o interesse das crianças, de modo a que a criança se sinta motivada a aprender;</p> <p>- Destaca também importância das dinâmicas em sala para a promoção da motivação;</p>
--	---	---

material, mas as dinâmicas que se constroem com eles, faz toda a diferença. Pode ser muito interessante ou não ser nada interessante, pode não ser nada desafiante, ela tem que ser desafiante.”

“Com atividades várias, ham...tendo em conta as várias áreas de conteúdos, ham...sempre ativa, participativa...se eles estão em atividades de escolha por eles sustentada e atividade para eles sustentada eu sou...”

“Sim é a primeira, eu acho que é a primeira...é o primeiro foco que eu tento levar para que ali sejam felizes, na minha porta tenho lá “aqui vou ser feliz” e quando se abre aquela porta eu tenho que ter algo que me estimule a fazer coisas que me fazem feliz e eu já defino á partida algumas áreas, não é? Mas depois elas vão sendo reformuladas pelo próprio interesse das crianças, já montei tendas, já tiveram...se eu vejo que na casinha das bonecas muitas vezes é piqueniques, piqueniques, piqueniques, tiram a toalha da mesa põem no chão e não sei quê...”

“Ham...a área plástica é sempre...ham...o faz de conta...eu dou grande importância ao faz de conta, o faz de conta é importantíssimo e agora tenho pena de não poder ter muitos materiais, os adereços, ham...”

“Ham... representar papéis, recriar as suas brincadeiras e isso às vezes é preciso adereços para nos encaixarmos. A área dos livros por exemplo”

“olha uma que eu nunca tenho área, é a minha área fraca é a musical, eu faço atividades de expressão musical, mas vou buscar aqueles materiais, hoje trago aquilo...não tá assim ao dispor assim como outra área qualquer, é engraçado. A das ciências já tem estado ao dispor lupas e isto e aquilo para eles fazerem, agora por causa dos utensílios é que tiramos, ham...”

Anexo F - Quadro de análise das entrevistas a professoras

Caracterização do entrevistado

Papel e características de um professor

Experiência do professor

Nível de motivação dos alunos que lecionam

Metodologias/ atividades lúdicas e recursos dinâmicos aplicados

Relação entre a motivação intrínseca e extrínseca (exemplos em sala de aula)

Relação entre motivação e interesses

Desmotivação

Características dos alunos

Relação entre a família e a criança

Estratégias diferenciadas para promover a motivação

Identificação dos interesses e gostos das crianças

Relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças

Definição de ensino-aprendizagem

Relação entre motivação e aprendizagem

Exemplos práticos de estratégias utilizada para promover uma aprendizagem significativa

Relação escola-família

Interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens

Relação entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos

Tabela 11 - Quadro facilitador para análise de dados das entrevistas a professoras

Blocos	Frases	Análise
<p>Caracterização do entrevistado</p>	<p>Professora A.C</p> <p>"oh, então já lá vão trinta anos...já devia tar reformada (risos)"</p> <p>"Pronto então, leciono há 30 anos. Assim para ser breve, comecei com o bacharelato porque dantes, nós tínhamos só o bacharelato...então quando eu tinha 21 ou 22, porque eu terminei o 12º aos 17, quando eu tinha 21 ou 22 tava prontinha para ir dar aulas e fui logo, eu devia tar a fazer 22, comecei, mas não comecei logo no 1.º ciclo, comecei numa secundária a dar educação física e tive ainda uns dois ou três anos a dar educação física. O que foi bom, porque deu logo tarimba para dominar classes com miúdos muito mais velhos, mas muito mais velhos. Então eu, fiquei a lecionar décimmm... o seggg, o tercccc, o terceiro ciclo, sim, foi o terceiro ciclo."</p> <p>"Então eu devia ter 22 e tinha alunos com 18 e 17, pronto, mas foi bom. Depois, entretanto, fiquei no 1.º ciclo vinculada, já não concorri para mais nada e pronto depois tenho estado vinculada depois caiada...também gosto muito de dar explicações aos outros ciclos porque se dermos explicações das matérias...quase todas, pronto..."</p> <p>"E dar explicações ajudou-me muito, porque estava sempre dentro dos programas, estava dentro dos programas, ham... continuo a dar, pronto o que é que posso dizer mais sobre isso? Sobre o meu percurso, no currículo o que é que eu punha? Uiiiiii muita coisa...já fiz muita coisa (risos). Que idade tens tu? com essa idade eu tinha cinco empregos, ehehe porque dava aulas, dava explicações, aos domingos vendia móveis numa loja de móveis, dava...hum...manutenção às senhoras lá numa sociedade recreativa e também dava num ginásio aeróbica e step. Vês é quando somos novos que fazemos tudo...(risos)"</p> <p>"Há quanto tempo ensino nesta instituição onde estou? Há 12 anos"</p> <p>"O meu curso era muito, muito, muito prático, agora se calhar não é tanto, na minha altura era...na minha altura quando eu tirei o curso a nossa metodologia mostrava que tudo o que se ensinava tinha de ser muito interiorizado e concretizado e manipulado, perdeu-se isso...é uma pena, é uma pena...ganhou-se noutras coisas, mas perdeu-se isso."</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estas duas professoras são docentes com cerca de 19 e os 30 anos de serviço; - As duas professoras lecionam em escolas públicas; - A professora A.C teve vários trabalhos antes começar a lecionar e a professora C.V assim que terminou os estudos começou logo a lecionar em escolas públicas; - A professora A.C dá ainda explicações para além de dar aulas numa escola pública; - Ambas já lidaram com diferentes realidades; - Uma professora já está há 12 anos a lecionar na mesma instituição e outra apenas leciona há três anos.

	<p>Professora C.V</p> <p>"Bem então, comecei com 22 anos em 2002, ham...portanto já quase à 20 anos...sempre em escolas públicas, já passei por várias realidades não é? Por várias experiências também, umas mais fáceis outras nem tanto, mas que contribuem para o nosso crescimento enquanto pessoa e enquanto profissional."</p> <p>"19...sim, foi em 2002..."</p> <p>"ham...há 3 anos, é o terceiro ano que dou aulas na escola onde estou."</p>	
<p>Papel e características de um professor</p>	<p>Professora A.C</p> <p>"Um professor do 1.º ciclo domina as matérias todas como é evidente, pelo menos até ao 6º ano. Não vamos dar explicações de música, nem de tecnológica, nem visual, porque isso são coisas muito... muito específicas, para quem tirou esse curso né? pronto...nem educação física, apesar de eu dominar educação física, mas...ham...se deres português, ciências, matemática, geografia, nós no 1.º ciclo temos obrigação de dominar isso tudo, pa...no mínimo até ao 5º ano, na melhor das hipóteses até ao 6º. Quem é do 1.º ciclo e quer lecionar bem 1.º ciclo, tem que também ter umas luzes de 2.º ciclo, porque quando apanha miúdos de 4º ano prepara-os para o que eles vão apanhar no 5º e no 6º ano, no 2.º ciclo, portanto é nossa obrigação."</p> <p>"Às vezes na matemática ajudava porque, "ah eu sei que os miúdos vão dar isto no 5º e no 6º ano, então deixa cá prepará-los neste caminho" porque às vezes o 1.º ciclo é muito redutor, em termos de matemática e de pensamento, ham...redutor, não é redutor em termos de programa, que o programa está extensíssimo, é redutor em outras estratégias, outras maneiras, outra preparação..."</p> <p>"(abana a cabeça que sim) convém sempre ter uma noção de 2.º ciclo para preparar bem os miúdos à saída do 1.º ciclo."</p> <p>"Tens que sempre que saber, várias coisas. É nossa obrigação dominar algumas áreas, não é dominar, mas ter conhecimento e saber mais algumas áreas, porque tu só podes formar alguém cientificamente nos conhecimentos</p>	<p>- Para a professora A.C um professor deve preparar as suas crianças para o 2.º ciclo pois na sua opinião o programa de 1.º ciclo é muito redutor a nível de preparação das crianças para os níveis seguintes;</p> <p>- A mesma salienta que um professor deve motivar ao máximo os seus alunos para que eles se interessem pelo que estão a aprender e para que gostem de ir para a escola. Para que isto aconteça, o professor deve também estar motivado para poder obter essa motivação por parte das suas crianças;</p> <p>- Segundo esta professora que é importante fazer aulas diferentes e dinâmicas, mas também é importante manter a rotina de trabalhos que normalmente estão implementados porque as crianças</p>

	<p>que são necessários, mas também ter uma manancial de outras experiências para, para preparar os miúdos, para falar sobre isto, sobre aquilo.”</p> <p>“né? e tecnologia, também é nossa obrigação saber de tecnologia...”</p> <p>“No entanto cabe-nos a nós motivar os alunos o mais possível porque, para já, se não cativarmos a atenção, oh esquece eles não aprendem nada, sabes isso perfeitamente e andas a aprender isso. Só se aprende, só se interioriza, só se assimila conhecimento, se nos captarem a atenção.”</p> <p>“Nós também é que preparamos as turmas Joana, nós é que fazemos das turmas aquilo que elas são, se os...eu já disse isto muita vez, não sei se te disse a ti ou não, mas costumo sempre dizer às estagiárias. Eu tenho de me levantar de manhã na cama, com vontade de ir para a escola e eles também.”</p> <p>“Durante 4 nós preparamos as turmas também para gostarem de vir para a escola, para as motivar, pa coise. Não temos todos os dias de fazer aulas maravilhosas (abre os braços), até porque eu disse que é muito importante haver aulas em que os miúdos estão rotineiramente a fazer os trabalhos, porque também é importante.”</p> <p>“Agora, isto é difícil é! É difícil pó professor porque tens que orientar muito bem o ritmo de trabalho dos miúdos e é esgotante e é muito cansativo e de vez em quando temos de ter uma aula, para nosso bem e para bem deles de “meninos hoje vamos todos fazer isto, hoje vamos todos fazer aquilo” e eles também gostam às vezes, não pode também tar sempre em constante motivação.”</p> <p>“Eu não sou uma super professora, eu acho que uso só de uma coisa que hoje em dia falta a muita gente, que é o bom senso... bom senso e paciência, pronto as pessoas perdem a paciência logo!”</p> <p>“Nós é que temos de ajuizar quando é que vai fazer bem ou mal uma retenção e às vezes nós não sabemos, mas...hammm... mas de grosso modo consegues moldar uma turma a teu jeito e consegues pô-los de uma maneira geral, ao gosto de...de...de...do teu método e trabalho e estarem motivados...pá pronto, há sempre miúdos mais difíceis que outros e dias não são dias.”</p> <p>“Agora quando é assim, cabe ao professor depois reunir esses miúdos que não entenderam e ir por outra estratégia.”</p>	<p>conseguem ser mais autónomos quando há uma rotina presente;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fala sobre o papel do professor quando faz a orientação do ritmo de trabalho de cada criança, o que por vezes pode se tornar esgotante e cansativo. Refe ainda que o professor tem de ter bom senso e paciência para arranjar estratégias de ensino de modo a conseguir que todas as crianças tenham uma aprendizagem significativa; - O professor deve se informar sobre o contexto familiar dos seus alunos para poder intervir da forma mais correta e pormenorizadamente com cada um; - A professora A. C refere ainda que os alunos são como barro e o professor tem a função de o moldar da melhor forma; - Apenas a professora A.C falou sobre algumas características que um professor deve de ter. A mesma refere que um professor deve dominar todas as matérias pelo menos até ao 6º ano para poder preparar as crianças do 1º ciclo para a entrada no 2º ciclo; - A professora fala ainda da importância de saber trabalhar com as tecnologias principalmente nos dias que correm;
--	--	---

	<p>“Porque tu também fazes com que os miúdos sigam uma rotina de trabalho, hamm...vejam que há momentos para brincar, para jogar, para conversar, para trabalhar...é importante equilibrar esses momentos todos, hamm...”</p> <p>“não é só por isso, é porque os moldamos para gostar da escola. A minha filha foi para o 1º ano, depois de ter uma boa educadora e a professora que ela apanhou, era boa professora a lecionar...não era um bom ser humano, então ela via crianças, colegas a fazerem xixi nas cadeiras porque eles da pré tão habituados a ter que ir fazer xixi mais vezes e ela não deixava, só deixava fazer xixi no intervalo e eles faziam xixi na sala de aula, na cadeira...estavam à rasca...Ela via quando eles não percebiam, a levarem chapadas contra o quadro.”</p> <p>“Então, quando tu na pré apanhas miúdos tu moldas esses miúdos com gosto em ir para a escola, muito dificilmente eles depois se tornam uns malandros, uns vândalos, uns desencaminhadores dos outros, uns perturbadores, percebes? Porque tu tens a obrigação de no 1º ano motivá-los para gostar a escola. Nós professores é que temos a obrigação de motivar as crianças para gostar de vir para a escola. Se eles não gostam de ir para a escola, temos a falhar nalguma coisa...é claro que há exceções e há, e há, compor...”</p> <p>“Tá nas nossas mãos, se os apanharmos no 1º ano moldar isso e procurar que eles gostem todos de ir para a escola.”</p> <p>“Certo? Não tou a generalizar, mas também não estou a particularizar, nós temos que ter o bom senso de no 1º ano gerir isso. Depois quando os apanhamos assim...opá às vezes temos de ser um bocadinho autoritárias, um bocadinho beras, um bocadinho más para termos pulso na turma, mas se tivermos também momentos de prazer, alegria, diversão os miúdos também veem que também não somos sempre más, certo?”</p> <p>“Agora hamm...sim é importante apanhar os miúdos à saída da pré, é importante conhecer o contexto familiar deles, é importante ser má e autoritária quando é preciso, mas também ser má e autoritária com alguns casos particulares, mas depois ter uma conversa particular com eles, porque há miúdos com um passado terrível...nunca esquecer que nós somos seres humanos a trabalhar com seres humanos. Agora, a disciplina e a motivação tá muito nas nossas mãos e no equilíbrio do que nós fazemos com momentos de trabalho e sossego, momentos de diversão, momentos de conversa...”</p>	<p>- Por último, salienta que o professor tem muito trabalho acrescido, porque por “de trás” de cada aula que leciona um professor tem que ler, pesquisar e planificar tudo o que pretende apresentar às crianças em sala de aula;</p> <p>- Ambas as professoras salientam que um professor tem de ser austero quando necessita de ser, de modo a impor regras, mas também tem de proporcionar momentos de diversão, harmonia e felicidade para que as crianças se sintam felizes em aprender e ir para a escola.</p>
--	--	---

	<p>“Nós temos que fazer muito trabalho de casa. Ninguém leva trabalho para casa a não ser um professor..., portanto, nós temos aquele tempo em que lecionamos, mas temos que ler, pesquisar, como é que eu vou dar aquela aula, como é que vou dar aquele conceito, o que é que há para isso.”</p> <p>“e depois tu tens que também de saber lidar com isso para que aqueles coitadinhos que não iam a lado nenhum e nunca faziam nada de jeito não ficarem tristes, verem os outros a fazerem e eles coitados...pronto, mas depois nós dizíamos “olha eu também fiquei em casa, também não fui a lado nenhum, também tive a ver televisão e a jogar e a ler e não sei o quê...” que é para eles verem que a professora afinal também não tinha ido passear, também não tinha feito nada,</p> <p>“Afinal eles são barro, nós temos a moldá-los e isso é uma coisa de muita responsabilidade Joana. Nós no 1º ciclo, temos uma responsabilidade acrescida que os outros ciclos não têm...nós temos a moldá-los para adquirir conhecimentos, se fazemos mal as coisas condicionamos a vida toda de um aluno que podia ter capacidades...por isso estamos a moldá-los, temos de ter muito juizinho e tato e bom senso de como queremos que eles adquiram conhecimento.”</p> <p>“Nós temos que ver o que é que queremos que eles aprendam para saber como é que vou fazer o ensino daquela coisa.”</p> <p>“Nós temos também tentar saber, quem sentamos ao pé de quem e somos adultos para procurarmos fazer com que eles se sintam há vontade e ao gosto deles, mas que esse lugar não influencie a prestação deles dentro da sala de aula, bem como a motivação e as aprendizagens feitas na mesma.”</p> <p>Professora C.V</p> <p>“É assim...ham...em termos de postura do professor, tem de ser uma postura...claro que isto depende das turmas, à turmas e turmas...tou a pensar na minha só. A postura tem de ser uma postura firme, tem de ser assertiva...mas também depois...é um pau de dois bicos não é? Quando é para trabalhar é para trabalhar temos de ter aquela postura...mas quando é para relaxar para brincar também. Isto não só em termos de motivação, mas também e a meu ver principalmente para manter a disciplina.”</p>	
--	---	--

<p>Experiência do professor</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“E, mas foi bom, porque tu ficas a conhecer várias áreas, vários domínios...e tu estás no 1.º ciclo ou pré, nunca deves saber só aquilo a que és obrigado.”</p> <p>“evidentemente que é provável, não sou nenhuma expert na matéria, aliás o que nos dá o expertise na matéria é os anos de experiência, os anos de experiência. Os anos de experiência é a mãe de todas as coisas. É os anos de experiência, que se eu sei que eles gostam mais ou menos disto, quase todos, então vou por este caminho e vou por ali chegar extrinsecamente ao intrinsecamente.”</p> <p>“Eu tive alguns alunos assim, provavelmente não todos, mas até mesmo os alunos que gostam de tar na escola e aprender, quando eu dizia: “amanhã não há aulas!”, eles: “yahhhhhhhh”, pronto de vez em quando toda a gente gosta de uma folga né? (risos)”</p> <p>“Depois eu ficava com uma cara muito triste e eles: “oh, nãoooo, não era isso que a gente queria dizer...”</p> <p>“Não pode ser sempre, estímulos, motivação, interesses, aulas muito diversificadas, não pode ser sempre...há momentos para isso. Agora o mais importante é tu conseguires fazer uma aula onde eles interajam.”</p> <p>“eu se calhar falo de poleiro porque sempre tive turmas boas, mas também quando elas não eram procurava pô-las boas, também é nossa obrigação, ok? Há sempre aqueles miúdos que infelizmente têm de ficar para trás e às vezes ficar para trás não lhes faz mal nenhum para repetir.”</p> <p>“Agora, dar chapadas...uma vez até partiu um dente a uma aluna com o anel...partiu-lhe o dente da frente! E ela viu isto e depois contava-me estas coisas e ela ficava muito impressionada...eu tou-te a contar isto para perceberes a onde é que eu quero chegar.”</p> <p>“e ela contava-me estas coisas, então o que é que eu fiz? Deixei passar o 1º ano e no 2º e 3º ano, levei-a para a minha escola. Ela foi minha aluna, no 2º e 3º ano a minha filha foi minha aluna. Pôde ser, a lei contemplava essa possibilidade porque eu era a única professora a lecionar o 2º e o 3º ano naquela escola, pronto. Porque o meu objetivo era que a minha própria filha ao entrar na escola, gostasse da escola.”</p> <p>“muitas vezes os professores querem mudar o que está instituído e não conseguem...pronto...”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apenas a professora A.C falou sobre esta categoria; - Revela que a experiência é fulcral para compreender os alunos, bem como para perceber os seus gostos e interesses e deste modo intervir extrinsecamente ou promover motivações intrínsecas nos mesmos; - A professora releva que maior parte dos seus alunos são alunos motivados para aprender, porque a própria também os tenta motivar para que isso aconteça. No entanto salienta que as aulas não podem ser sempre feitas à base dos estímulos, sobre os interesses das crianças e a promover a motivação, destaca que tem de haver um equilíbrio e principalmente que os alunos interajam em ambas as situações; - A mesma fala de situações que ocorreram durante o seu percurso profissional e de alguns comportamentos errados de alguns professores ; - Afirma que há crianças que podem ser consideradas “burras” porque não compreendem certos conteúdos, uma vez que os professores tentam todas as estratégias possíveis para que os alunos
--	--	---

	<p>“nós somos um exemplo para os miúdos, sempre! É claro que às vezes temos comportamentos errados, mas temos que os advertir. Faz aquilo que eu digo não faças aquilo que eu faço, o que nós temos de passar é aqueles comportamentos padrão, para que lá fique um bom exemplo, mas depois temos defeitos e aí entra o: faz o que eu digo, não faças o que eu faço. O equilíbrio é mãe de todas as coisas e a experiência.”</p> <p>“Eu fiz muitos, muitos, muitos trabalhos para muitos conceitos que eu queria dar e isso é importante.”</p> <p>“Agora depois dizem assim: “não há miúdos burros”, há não me venham dizer que não há, não venham lá com esse chavão, há! Eu mais quantas professoras que eu sei que somos boas professoras que estamos no ensino com consciência e com gosto, já chegámos a tentar ensinar certos conceitos a certos miúdos e eles não conseguiram e de várias maneiras! E de várias maneiras! Nem todos os miúdos...agora é burro para tudo? Não! Não é para tudo...é para algumas coisas, mas para algumas coisas não consegue lá chegar, para outras consegue.”</p>	<p>realizem uma boa aprendizagem e mesmo assim eles não conseguem;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Afirma que os professores são os exemplos para os seus alunos, mas isso não significa que não tem direito de errar, o que distingue os bons professores dos maus professores é admitir os erros e passar bons exemplos e comportamentos padrão.
<p>Nível de motivação dos alunos que leciona</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“Como é que podes ir falar sobre pintura de alguma coisa, se nunca o tiveres feito? Motivares e cativares para? A gente não sabe se tem nas nossas mãos um futuro arquiteto, um futuro pintor, um escultor, não podemos só ensinar para ciências, matemática, português e história.”</p> <p>“Isso cada um tem o seu nível de motivação de acordo com os interesses. É tal e qual como tu acabaste de dizer, nós temos estímulos internos, ou seja, os nossos gostos e as nossas preferências à partida, condicionam logo para gostarmos daquilo que gostamos, certo? Para estarmos interessados.”</p> <p>“Agora é assim, depende muito...tu não podes agradar a todos, como é evidente. Se a motivação depende dos nossos gostos pessoais, das nossas preferências, está logo condicionada para aquilo que me desperta atenção.”</p> <p>“Quantas vezes eu não me sinto, compelida a olhar, a ver, a estar com atenção a alguma coisa que eventualmente até nem seja dos meus interesses.”</p> <p>“estão, estão, estão, maior parte das vezes eles costumam estar bastante motivados.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ambas as professoras referiram que as suas turmas no geral são bastante motivadas, mas que ou realizarem atividades que as mesmas gostem (estímulos externos) acabam por interiorizar mais facilmente os conteúdos, do que se fizessem uma atividade à qual elas não se identificam; - As duas professoras sublinham que os estímulos diferem de criança para criança uma vez que cada criança tem os seus próprios interesses e gostos. No entanto, sendo crianças da mesma faixa etária torna-se fácil de realizar atividades que as motivem porque há gostos e interesses que são comuns a todas;

"É um princípio, se eles não tiverem vontade de ir para a escola, começa logo mal. Se eles dizem, se as mães dizem "ah hoje estás com febre não vais para a escola" e eles dizem "ah eu quero ir para a escola!", é bom sinal!".
é sinal de que na escola, gostam de lá estar e de aprender."

Se eles tiverem vontade de aprender é sinal de que na escola, gostam de lá estar e de aprender."

"mas sim era uma turma motivada"

"(acenando a cabeça a dizer que sim) e que gostasse de andar na escola, nós temos que ir para a escola com gosto de ir para a escola."

"Se ele às vezes não tá motivado para dar aulas, como é pode motivar os miúdos?"

Professora C.V

"Sim no geral sim, sim são uma turma motivada."

"Há sempre um ou outro, mesmo que o geral esteja eufórico com a atividade que está a ser proposta, há sempre um ou outro que não vai pelo mesmo caminho, mas é lá está, tentamos dar a volta e levá-los todos no mesmo sentido."

"Já era uma motivação para eles, depois falar de uma criança que se chama Francisco que tem diabetes, tal e qual como acontece na nossa sala...aquilo foi!"

"Claro que é assim, a motivação ham...pronto está sempre presente e deve estar..."

"Eles podem estar muito motivados mas se estão numa algazarra toda não vão conseguir assimilar nada, podem tar muito motivados mas o resto também é necessário."

- A professora A.C refere ainda que é possível cativar uma criança intrinsecamente mesmo não sendo algo que a mesma goste ou se interesse, mas reforça que é mais fácil a criança adquirir os conhecimentos se for ao encontro dos seus gostos;

- Ambas as professoras referem que o professor tem um papel fulcral para a motivação e o interesse dos seus alunos.

<p>Metodologias/ atividades lúdicas e recursos dinâmicos aplicados</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“(acena com a cabeça) eu dava...eu recorro muito, muito à escola virtual é um conselho Joana, recorrer muito à escola virtual e online ensinar os miúdos a dominar aquilo e a fazer, porque para eles é fácil.”</p> <p>“hoje em dia, acho que se ensina com muito fichas, fichas, fichas, fichas que também são precisas, manuais, manuais, manuais que também são precisos, mas nem oito nem oitenta.”</p> <p>“Eu posso fazer uma aula extraordinária para motivar e despertar a atenção dos miúdos, ham... e há algumas assim, que todas nós fazemos, mas depois há outras que também é necessário, pá ir à rotina e ir ao ram ram todos os dias, porque também é preciso fazer coisas rotineiras, é necessário para haver depois uma consolidação das aprendizagens, mas provavelmente não agradarei a todos, há sempre algum que é capaz de estar mais distraído que os outros.”</p> <p>“É importante fazer um exercício de cópia do estudo do meio, porque não há nada que consolide melhor os conhecimentos, do que escrever com a própria mão, o cérebro precisa disso. O mecanismo, mão escrita dos conceitos, o cérebro precisa...tem é de estar concentrados, não vale a pena tarem a copiar à toa. Hamm, lembras-te quando nós fazemos resumos...”</p> <p>“É uma coisa que temos de ensinar aos miúdos, a escrever manualmente, é muito importante, hammm...e há momentos em que eu passo uma série de contas no quadro e eles fazem-nos, eu obrigo a fazer um ditado, ah um exercício de cópia de qualquer coisa, há momentos daqueles como antigamente tradicionalmente se fazia, são importantes, tem que haver.”</p> <p>“É isso que a escola moderna tem de muito importante e habitua-te a trabalhar pelo movimento da escola moderna porque eles têm coisas lá muito gratificantes para os miúdos. Imagina que tu defines um trabalho semanal, dentro da planificação anual e mensal, defines um trabalho semanal, não chegam todos ao mesmo tempo lá, os miúdos são todos diferentes, cada um tem o seu tempo, isto é a diferenciação pedagógica.”</p> <p>“A não ser que tu queiras dar uma matéria nova, uma aula expositiva, uma matéria nova, que todos tãem em pé de igualdade, depois a partir daí, parte-se para exercícios e atividades relacionados com essa matéria nova e cada um tem o seu timing e cada um tem o seu ritmo.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Apenas a professora A.C menciona algumas das metodologias aplicadas; - Reforça a ideia de que deve haver uma gestão entre aulas apelativas e as aulas mais tradicionais, pois ambas são necessárias para aprendizagem da criança; - Salienta a escrita manual e a cópia como recursos importantes para aquisição e consolidação de conteúdos; - Destaca o Movimento da Escola Moderna como um ótimo método de ensino para que as crianças se tornem autónomas e independentes nas suas aprendizagens promovendo também a diferenciação pedagógica; - A professora A.C utiliza as aulas mais apelativas e expositivas para a introdução de conteúdos novos e aulas em que utiliza atividades e exercícios sobre a matéria nova, de modo que primeiramente as crianças tomem conhecimento dos conteúdos e posteriormente apliquem e consolidem os mesmos individualmente, tendo cada um o seu tempo e o seu ritmo para o fazer; - Ambas as professoras realçam a importância dos recursos tecnológicos e dos
---	---	---

	<p>“nem fazer prevalecer a minoria nem a maioria, é gerir entre a maioria e a minoria.”</p> <p>“hoje em dia, acho que se ensina com muito fichas, fichas, fichas, fichas que também são precisas, manuais, manuais, manuais que também são precisos, mas nem oito nem oitenta.”</p> <p>“Agora, vais procura ver o que há na escola virtual, que é um manancial ótimo, no Youtube...”</p> <p>“Perde-se muito tempo no Youtube, perde-se muito tempo na escola virtual, perde-se muito tempo a preparar recursos, perde-se muito tempo a ver manuais, muitos manuais, não é só um que chega, mas vamos fugir um bocadinho aos manuais e às fichas, vamos dar mais aulas interativas, vamos dar mais aulas onde eles construam as coisas, onde manipulem para...não quer dizer que tenha de ser sempre assim, não!”</p> <p>“a escola virtual e eles aprenderem também através do quadro interativo, eles irem lá, eles escreverem. Agora online, eu usava o quadro branco e eles escreviam e eu corrigia na hora, e online eu partilhava um documento e eles estavam a escrever no documento e eu corrigia na hora. É claro que isto funciona melhor com crianças maiorzinhas. Ham..também muito material. Ah! Também muitas das vezes saía da sala de aula e ia as outras salas fazermos declamações de poesia, teatros...temos que ir muito também muito pela dramatização, pelos teatros, pela musica...chamava colega de música á minha sala, porque eu não tenho jeitinho nenhum. Nós temos de nos recorrer das artes todas através de nós, ou através de pessoas que tenham mais jeito que nós para tornar as aulas mais ricas para todos, até para nós, para não ser uma seca. Temos que utilizar a fotografia, filmar com os telemóveis, sei lá já fiz tanta coisa...para também fugir àquilo de estar sempre a fazer jogos, contruir coisas, puzzles, pinturas, sei lá, já fiz muitas coisas...já cheguei a levar animais!”</p> <p>“Imagina, uma vez fiz um vaso com flores e cada flor era um aluno, no centro estava a fotografia dele e quando é que ele fazia anos e nas pétalas, a cor preferida, a comida preferida, os seus gostos, as suas preferências...quem chegasse ao vaso das flores, acabava por conhecer os miúdos lendo o que tava nas pétalas.”</p> <p>Professora C.V</p>	<p>jogos interativos na forma como captam a atenção e o interesse dos alunos, promovendo assim uma aprendizagem mais significativa;</p> <p>- A professora A.C refere que utiliza bastante a escola virtual, o quadro interativo, o Youtube, a fotografia e a criação de vídeos nas suas aulas bem como na preparação das mesmas;</p> <p>- Salienta a importância da gestão entre recursos dinâmicos e recursos mais tradicionais como as fichas e os manuais;</p> <p>- Realça também a importância das artes na promoção da motivação nas crianças.</p>
--	---	---

	<p>“E na verdade...os vídeos, o recurso à internet, aos jogos interativos, isso tudo, ham...é sempre para eles uma coisa boa.”</p>	
<p>Relação entre motivação e interesses</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“Porque o interesse e a motivação é uma coisa muito subjetiva que depende daquilo que me leva a. Imagina nós as duas podemos estar a assistir a uma aula, eu estar muito mais atenta do que tu porque diz-me mais do que a ti.”</p>	<p>- A professora A.C foi a única professora das duas que foi entrevistada, que referiu esta relação.</p>
<p>Relação entre a motivação intrínseca e extrínseca (exemplos em sala de aula)</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“Eu quando uma vez falei sobre dinossauros, lembras-te do aluno E? Ele esteve todo o tempo atento, isto é um estímulo interno dele. Eu dei-lhe um estímulo externo, mas ele já tinha o interno. Ele adorava dinossauros, eu dei uma aula sobre dinossauros, o rapaz tava no paraíso.”</p> <p>“tem que estar, tem que estar. Pronto, podes cativar alguém que intrinsecamente o assunto não lhe diga nada. Podes é evidente, sei lá qualquer coisa que lhe desperte a atenção e a pessoa: “olha, helá o que é isto? O que é que se está ali a passar? Deixa cá ver...”, podes, não é condição indispensável, mas ajuda.”</p> <p>“Podes perfeitamente estar com uma ideia durante um tempo, a cativar a atenção de alguém que não seja a sua praia, a sua área, o seu gosto, a sua preferência, mas podes.”</p> <p>“Não tem que estar habitualmente associadas, agora para tu conseguires levar a água ao teu moinho, o barco a bom porto e realmente consolidar e fazer validar conhecimentos, se calhar é aliar as duas, se calhar é tu pensares que os miúdos gostam disto assim, assim, eu sei que eles gostam, deixa cá preparar uma aula neste aspeto. Tou me a fazer entender?”</p> <p>“Mas tu consegues captar a atenção, sem conseguires chegar a todos intimamente, até porque é difícil, temos uma turma de 20 e tal miúdos, é muito difícil.”</p>	<p>- Para a professora A.C destaca que pode haver motivação extrínseca, sem que haja primeiramente uma motivação intrínseca, mas que no entanto quando há a interligação das duas é mais fácil de a criança consolidar e validar conhecimentos;</p> <p>- A professora C.V salienta que os estímulos que fornecemos depende dos interesses de cada um e que muitas das vezes não é igual para todas as crianças, mas existem estímulos que podem gerar uma motivação de toda a turma porque na turma existem interesses comuns.</p>

	<p>Professora C.V</p> <p>“Bem isso é variável, não é? Sendo um estímulo interno, um estímulo dum não é o mesmo para o outro, não é? Mas existem realmente atividades que são...a motivação é mais geral, ham...como por exemplo a atividade física, jogos, ham...pronto, mas é variável.”</p> <p>“Bem como eu estava a referir, em relação à atividade física que é daquelas atividades que eles adoram, mal se fale num jogo, numa saída para o exterior é logo um delírio, é logo um fator de motivação ali no máximo, ham...,mas mesmo em contexto de sala de aula, numa aula expositiva nós conseguimos ir intercalando ali com uma pergunta, com uma pista...que também provoca ali uma curiosidade e que os faz depois também ter um nível de motivação mais alto.”</p>	
<p>Desmotivação</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“hum não, por acaso não senti isso, mas há turmas assim...que é muito difícil prende-lhes a atenção”</p> <p>“sim às vezes um bocado...se eles não estão a perceber, hamm...eles desligam, é evidente...”</p> <p>“um bocado, hammm...porque tu motivas, ele fica interessado, mas depois se o conceito é difícil e ele não tá a entender, ele desliga. Pode até não perturbar a aula, pode até tar calado, mas não tá a perceber nada.”</p> <p>“Não tá a perceber... e aquilo até pode ser muito interessante. Eu já cheguei a dar aulas muito engraçadas e interessantes, eles estavam a olhar, mas eu tava a ver que eles não tavam a perceber nada do que eu estava a dizer”</p> <p>“epa, isso depois depende do miúdo, depende...hum, hum...se tu apanhases um miúdo do primeiro ano, ao sair da pré... numa turma, em que os apanhas todos no 1º ano e vão ser teus até ao 4º muito dificilmente isso acontece, pode acontecer...”</p> <p>“Não é isso só, não é só habituados àquele conforto da turma, àquele habito e rotinas que são reconfortantes, que são seguras e hum...não é só, só essa comodidade, não é só por isso”</p>	<p>- As duas professoras consideram que tem turmas motivadas e que no geral não se desmotivam facilmente, no entanto as crianças ao depararem-se com conteúdos difícil tendem em “desligar” e desinteressarem-se por aquilo que está a ser lecionado acabando por deixar de participar na aula, podendo (ou não) até perturbar a aula</p> <p>- Salaria que se os professores acompanharem o percurso das crianças desde a entrada até à saída do 1.º ciclo eles moldam as crianças para que não se desmotivem na escola;</p> <p>- A professora A.C refere ainda que por muito que os professores estejam a motivar as crianças com atividades e aulas mais</p>

	<p>“Agora, se não os apanharem no 1º ano, ham...é difícil porque depois tu já os apanhas no, 2º, no 3º e às vezes no 4º com maus professores que já apanharam...opá sei lá, uma serie de circunstâncias que condicionaram o seu comportamento perturbador.”</p> <p>“No que estou a ler muito ultimamente que diz que nós somos a genética, mas muito o ambiente e a interação com os outros, percebes? É isso que condiciona um bocado...é o ambiente, a interação com os outros. Nós podemos ter uma predisposição para mas depois tudo o que nos rodeia molda-nos. Ham...é claro que se tu apanharem um miúdo que não te teve desde o 1º ano, que teve uma infância muito difícil e que teve professores beras, muito dificilmente vai gostar da escola e aprender alguma coisa e ser um bom aluno, e depois tu rumas contra o que está instituído e não consegues...”</p> <p>Professora C.V</p> <p>“Sim nas aulas expositivas, nas aulas expositivas sente-se que por vezes há ali uma desmotivação.”</p> <p>“É assim, se eles não perceberem desligam. Há um ou outro caso que não percebe, mas quer investir e pergunta e pede e não sei quê, mas a grande parte dos miúdos desta idade, desta idade e dos mais velhos também, ham...quando não entendem ou não percebem desligam...e por tanto a desmotivação aparece.”</p> <p>“É assim nesta faixa etária do 1º ciclo, ham...existem alguns conteúdos muito complexos que eu considero que eles ainda não tem maturidade suficiente para...para eles e portanto penso que poderá ser um fator...mas para além desse existem outros, a nível familiar, a nível emocional, ham...”</p> <p>“porque nós percebemos, não é? A nível de participação deles baixa quando estão desmotivados e quando nós nos apercebemos disso temos de tentar de dar a volta, não é?”</p>	<p>didáticas e divertidas, ao gosto das crianças elas podem desmotivar por não conseguirem entender os conteúdos que estão a ser passados;</p> <ul style="list-style-type: none"> - A professora C.V menciona que as aulas expositivas são as aulas que sente que as crianças se desmotivam mais facilmente; - Ambas as professoras destacam o contexto familiar, as emoções, as interações sociais e o ambiente envolvente como fatores chave para uma possível desmotivação; - A professora A.C reforça que é mais fácil evitar essa desmotivação se os professores acompanharem as crianças desde a sua saída da pré, até ao final do 1º ciclo, pois desta forma os professores moldam as suas crianças a gostarem e a querer ir para a escola; - A mesma professora diz ainda que professores austeros e maus fazem com que as crianças não tenham vontade de aprender, podendo até chegarem a sentirem medo pelo mesmo e criar aversão há escola e a tudo a que engloba; - A professora C.V menciona que muitas das vezes os conteúdos são demasiados
--	--	---

		<p>complexos e as crianças não tem ainda maturidade suficiente para os entender;</p> <p>- A mesma diz ainda que as crianças têm vidas para além da escola, que os professores desconhecem e que podem influenciar as suas aprendizagens e o seu desempenho.</p>
Características dos alunos	<p>Professora A.C</p> <p>“hammm...sabes que os miúdos podem ser conversadores, podem ser muito ativos, isso da hiperatividade não me convence muito...eu não me lembro nunca de ter um aluno hiperativo. Eu tinha alunos muito difíceis, não eram fáceis, não estou a dizer que não haja hiperatividade, mas também hoje em dia tudo é hiperatividade para tomar ritalina. Aliás eu recebi muitos miúdos a tomar ritalina, que eu pedi às mães se faziam o favor de falar com o médico, para tirar a ritalina e eles tiraram a ritalina e quando foram meus alunos não precisaram de ritalina.”</p> <p>“exato! hoje em dia cada vez há turmas mais difíceis, há turmas com miúdos de diferentes nacionalidades que não falam uma palavra de português, opá não há de ser fácil dar aulas assim, não há de ser fácil...”</p> <p>“porque havia alguns tinham vidas interessantíssimas e outros era sempre o mesmo ram, ram. Alguns coitados era televisão o dia todo e os pais a dormir a sesta, mas pronto...”</p> <p>“Mas também há aqueles miúdos muito limitados...ou por uma questão genética, ou por uma questão de ambiente, que coitadinhos não foram estimulados, nunca porque pronto...há, acontece há esses casos...hamm...o ensino não se consegue fazer da mesma maneira, igual para todos porque a aprendizagem é diferente em todos os miúdos.”</p>	
Relação entre a família e a criança	Professora A.C	- A professora A.C fala sobre a falta de paciência que certos pais têm com os seus

	<p>“Eu vejo mães que eu às vezes tou com os miúdos das explicações ao pé e eu digo assim “então e nisto e naquilo” e a mãe “então, mas tu na vês que...”, nã não vê, se visse respondia! E às vezes...ah...é isso paciência que tu dizes Joana...tem que se dar tempo aos miúdos para pensar. Quantas vezes a gente não tem de estar ao lado de um miúdo assim (de mão apoiada no queixo), “então, mas vê lá, achas que não sei quê? Pensa lá” pá e isto falta aos pais e a alguns professores, a paciência!”</p> <p>“e há miúdos muito específicos, não te esqueças que coitadinhos há alguns que até aos 6 anos já sofreram muito, famílias e abandono e orfanatos...pronto, é claro que há sempre rufias, há miúdos tramados.”</p> <p>Professora C.V</p> <p>“aquilo que eles sentem em relação os filhos, se estão motivados, se não estão motivados, se têm vontade, se não têm vontade, se tão a conseguir, se não estão a conseguir...pronto. Ham...mas é claro que essa relação é muito importante não é?”</p>	<p>filhos e muito deles exigem demasiado dos seus filhos sem primeiro tentar percebê-los;</p> <p>- Fala também do contexto familiar difícil que muitas crianças têm apesar da sua tenra idade;</p> <p>- A professora C.V destaca a que a pandemia pela qual estamos a passar neste momento fez com que os pais passassem mais tempo com os seus filhos e que conseguissem apoiar mais os filhos na sua educação. A mesma, destaca a vontade que os pais têm de perceber se os filhos continuam motivados com a escola e se conseguem aprender.</p>
<p>Estratégias diferenciadas para promover a motivação</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“Ham...mas ensiná-los mesmo, a fazer testes online e...sei lá...eu fazia muita coisa online, é importante também preparamos as nossas turmas para a tecnologia. Muito importante!”</p> <p>“Agora, se tu vês que a turma está a descambar e que tás a perde-los, opá recorres a outra coisa. É preferível parares no que se está administrar de conhecimento e ir fazer outra coisa, do que eles não tarem a ouvir. É como dar visto que deu aquele conceito, sem ele tar dado. Ham...mas há miúdos terríveis.”</p> <p>“Se eles estão desmotivados e estão a perturbar é preferível parar e ir àqueles miúdos que perceberam dar-lhes uma tarefa qualquer até aquele ponto e depois ir pegar nesses que não estão a perceber nada e que podem perturbar uma aula e desmotivar, é preferível. Ou então, dar outra tarefa a esses miúdos que não perceberam, para não perturbar a aula e continuar com aqueles que tão a entender. Isto não é discriminar, nem segregar é depois ir lá noutro tempo, noutro timing.”</p>	<p>- Ambas as docentes partilham da mesma opinião ao referirem que quando observam a desmotivação dos seus alunos ao lecionar alguns conteúdos, estas param a aula e dão trabalho autónomo às crianças que perceberam, de modo a trabalhar mais pormenorizadamente e individualmente com as crianças que não entenderam os conteúdos (ou vice-versa);</p> <p>- As duas professoras reforçam que é importante que os alunos realizem exercícios e atividades sozinhos, a pares ou em grupo, competindo ao professor agilizar a aula de modo a perceber quando é</p>

	<p>“Eu não sou apologista da violência, mas se um aluno...eu não tenho problemas nenhuns em dizer isto, com isto gravado. Se um aluno, tá distraído a perturbar outro, a fazer mal a outro, até bullying, seja o que for. Porque nem sempre a gente apanha as turmas à saída da pré e mesmo às vezes da pré à miúdos terríveis. Tu passas por ele e assistes a uma coisa dessas, um calduço na cabeça não mata ninguém e não faz mal nenhum a ninguém, afinal logo ali os parafusos, ok? (risos). Uma palmada no rabo, nada disto faz mal, pronto endireita-se logo, eu não sou apologista disto mas às vezes é preciso, nós é que sabemos ajuizar as situações porque lá em casa hoje em dia quem manda são os miúdos, eles acham que mandam em todo o lado.”</p> <p>“eles também gostam de às vezes ter 5/10 minutos vai tudo conversar, vai tudo jogar, vai fazer isto e aquilo...ham...é importante também!”</p> <p>“sim sempre! olha, sei lá...desde o tradicional ao mais moderno. Vai-se à escola virtual, recorre-se a jogos, escravizasse as estagiárias (pisca o olho e ri-se)”</p> <p>“para que elas façam muitos trabalhos, porque elas ao fazerem muitos trabalhos concretos de manipulação, estão a aprender e estão a proporcionar aos miúdos e tão a tirar o peso de cima das costas do titular”</p> <p>“Eles tem que manipular, tem que construir o saber, eles tem que chegar lá por eles próprios e então temos que recorrer a coisas que eles joguem, que eles façam, que eles liguem e que eles manipulem para...para interiorizar, para construir o saber e hum...”</p> <p>“Isto é quando tu promoves um conceito, depois quando eles estão a aplica-lo também é importante concretizar no manual, numa ficha também, agora nem oito nem oitenta.”</p> <p>“É teres que andar a alterar as planificações que tem que ser flexíveis de acordo com o que naquele momento surgiu. Opá naquele momento surgiu aquilo, é uma questão pertinente para dois, ou três, ou quatro alunos, pá vai-se ao encontro do miúdo, certo? Nós é que temos saber gerir isso.”</p> <p>“O que acontece muita vez é “não estás a perceber, então para tudo” para ir ensinar aquele menino que não está a perceber, então e os outros? Não tem culpa. É preferível tu veres se não estão a perceber só dois ou três, esses dois ou três és tu que tens de gerir e vão fazer outra coisa e tu continuas com a maioria e depois pegas nesses. Ou então se tu já achaste que já atingiste um ponto onde a maioria pode ir concretizar uma tarefa, tu</p>	<p>essencial fazer essas atividades em conjunto ou não; - - Ambas referem ainda que se uma estratégia não funciona cabe ao professor mudar de estratégia para que todos compreendam o que o mesmo está a transmitir;</p> <p>- A professora A.C recorre a estratégias que envolvam recursos apelativos e a atividades de manipulação e construção, dando mais importância a estes dois últimos uma vez que é desta forma que as crianças constroem o saber. Não deixando de utilizar estratégias mais tradicionais como fichas e exercícios escritos. Realça a importância da gestão e interligação dos dois tipos de estratégias para as aprendizagens das crianças;</p> <p>- A professora A.C destaca ainda a importância do exterior e todo o tipo de artes para a implementação de atividades e conteúdos, para que deste modo, haja um maior interesse e atenção por parte das crianças.</p>
--	---	--

	<p>pegas naqueles dois ou três ou meia dúzia, porque é muito importante que eles percebam aquele conceito naquele momento. Fiz me entender?"</p> <p>Professora C.V</p> <p>"E como as vezes se costuma dizer, até o pino temos de fazer, não é? Ham...e pronto e é nesse sentido, claro que não há uma receita, mas mudas o tom de voz, mudas a posição na sala, mudas o recurso que estás a utilizar...se for preciso paras e amanhã ou noutro dia voltamos, portanto há uma infinidade de coisas para contornar a situação."</p> <p>"sim, proponho à turma e, portanto, percebo logo como é que vai ser a adesão, não é?"</p>	
<p>Identificação dos interesses e gostos das crianças</p>	<p>Professora A.C</p> <p>"Quando apanhas as turmas mesmo que tenhas uma turma do 1º ao 4º ano, não faz mal nenhum fazer isso todos os anos, porque os miúdos mudaaaam...mudam de gostos e de interesses, vão ficando mais velinhos...pau, pau, pau, pau, pau. Que é...ham...na parede haver o coiso dos aniversários, pronto, há o coiso dos aniversários que pode ser ao gosto da pessoa, mas no dia do aniversário estar qualquer coisa sobre o miúdo."</p> <p>"pela observação dos miúdos no dia-a-dia, conversando com eles, é importante conversar com eles porque hoje em dia pouca gente conversa com eles e eles gostam de conversar...e também quando há o atendimento aos encarregados de educação, também!"</p> <p>"ham...à segunda-feira escrevemos o sumário e depois "como foi o meu fim-de-semana?" e a gente consegue ver muita coisa...como foi no fim de semana...quem viaja, quem fica em casa, para onde vão, o que fazem, o que não fazem com os filhos, o que comem, isto e aquilo...fica-se a saber muito das famílias quando os miúdos contam o fim-de semana. Eles contavam uns aos outros e depois escreviam"</p> <p>"É claro que eu procuro saber o é que cada um gosta, nem sempre é possível...não se pode agradar a gregos e a troianos, tendo um programa tão vasto para cumprir, muitas vezes tens que procurar não ir sempre aos gostos</p>	<p>- A professora A.C realiza atividades onde as crianças expõem os seus gostos e interesses, observa atentamente as suas rotinas, tem conversas informais com as mesmas e à segunda-feira pede aos alunos que digam o que fizeram no fim de semana, deste modo consegue perceber quais os interesses e gostos de cada criança;</p> <p>- A mesma refere que muitas das vezes pergunta às crianças a onde se querem sentar na sala, para que as mesmas se sentissem bem consoante os seus gostos e interesses dentro da sala;</p> <p>- A professora C.V recolhe os interesses e gostos das crianças através das atividades que propõem primeiramente à turma;</p>

	<p>deles e às preferências, epá mas às vezes também tentar levá-los àquilo que é mais fácil para ti fazer e eles acabam por gostar”</p> <p>“e perguntava: “queres ficar ao pé de quem?”, estávamos sempre a fazer isso. E as vezes eu dizia assim: “pronto eu faço-te a vontade durante uma semana, mas como sei que conversas muito com ela ao fim de uma semana ficas onde eu disser”</p> <p>Professora C.V</p> <p>Sim...isso é muito importante. Aliás, muitas das atividades que nós realizamos, eu proponho e percebo logo.</p>	<p>- Ambas tentam sempre ir ao encontro dos gostos e interesses das crianças, mas frisam que também não pode ser frequente porque há um programa para cumprir.</p>
<p>Relação entre as planificações e os gostos/interesses das crianças</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“sim, a planificação é flexível não é estanque...é claro que temos que planificar para não fazer as coisas em cima do joelho e nos orientarmos, nós sabemos que naquele ano o miúdo ao final daquele ano tem que ter aqueles conceitos e aquelas noções, aquelas aprendizagens feitas, aquele saber adquirido, aquelas competências. Depois mensalmente também temos que as fazer de conteúdos né, de objetivos para nos orientarmos, é evidente. Semanalmente é que podemos gerir as coisas, semanalmente é que tu podes ver, “olha eu durante estas quatro semanas tenho que ministrar estes conceitos, estes conteúdos, estas aprendizagens. Os miúdos têm que ter estas competências neste sentido, temos um programa temos que o cumprir. Ham...como é que eu vou fazer, para ir ao encontro dos miúdos, ham...eu vou tentar dar estes conceitos nesta semana, desta e daquela maneira.”</p> <p>“Nas planificações vamos gerindo...imagina que eu planifiquei para aquela semana, aquilo. E isso acontece tanta vez...contigo não sei se aconteceu ou não, mas havia estagiárias coitadinhas que ficavam totinhas da cabeça e malucas, porque era muito difícil tar nas minhas aulas! (risos) e porquê? Elas planificavam aquilo tudo muito direitinho, tudo muito certinho, depois chegávamos a meio da semana tinham de mudar tudo, tudo, tudo, tinha de ser tudo mudado. Porquê que tinha de ser tudo mudado? Porque de repente surgiu na aula, uma questão de um e aí irmos ao interesse e ao gosto dos miúdos e fomos fazer outras coisas completamente diferentes. E aquilo que tínhamos planificado já não se concretizou, então elas tinham que andar sempre a alterar as planificações, sempre! (risos) Mas dar aulas é isso!”</p>	<p>- A professora A.C fala das planificações como flexíveis, uma vez que estão em constante mudança para que as mesmas sejam ajustadas consoante as necessidades e interesses das crianças;</p> <p>- A mesma refere ainda o quão difícil é gerir tudo uma vez que não se pode agradar a todos mas facilita porque existem gostos em comum;</p> <p>- As duas professoras referem que tentam sempre ter em consideração os interesses e os gostos das crianças nas suas planificações, para que haja um maior aproveitamento por parte das crianças, na implementação das atividades.</p>

	<p>"Não podemos andar sempre a fazer isso, não podemos andar sempre a mudar uma planificação que também nos orienta a nós e a eles, mas às vezes é preciso. A planificação sofre alterações, flexibiliza-se, articula-se para chegar ao encontro dos miúdos."</p> <p>"Sim! Mas para isso tens que conhecer bem os miúdos, pronto lá está aquele pré-trabalho que deve ser feito logo ali no primeiro ano. O primeiro ano é muito importante, muito muito, se sabes que vão ser teus durante 4 anos, é muito importante. Ham...sim, procurar saber, conhecer, para de algum modo na planificação chegar lá. Uma coisa a nosso favor: eles tem muitos interesses em comum, é fácil. Como há muitos interesses em comum é mais fácil, epá muita gente gosta disto, muita gente gosta daquilo, então eu vou por ali, por acolá, por acolá, vou conseguir chegar ao interesse de muitos ao mesmo tempo. Podes fazer isso, se os conheceres bem e souberes o que é que eles gostam...imagina eu tinha metade da turma a gostar de dinossauros, através dos dinossauros...Minecraft...fortnite...procurei chegar lá."</p> <p>Professora C.V</p> <p>Sim claro! Temos de ter sempre isso em conta, mas não podemos é deixar o programa para trás (risos).</p> <p>Sim, sim apesar de nós termos o programa, termos que o cumprir quando nós conhecemos a turma, ham...e para tentar ter um resultado positivo temos que ter isso em conta e eu tenho não é? Tento realizar as atividades com recurso a meios motivadores para eles que eu sei que no geral pode ajudar, também tenho em conta os interesses, ham...e pronto.</p>	
<p>Definição de ensino-aprendizagem</p>	<p>Professora A.C</p> <p>"epá se não houver uma coisa não há outra, se eu não tiver ensinar ao encontro deles não há aprendizagem. Só há aprendizagem se tiveres um bom ensino, tu aprendes se a pessoa te souber ensinar."</p> <p>"As coisas estão relacionadas, um bom ensino abrangente cria aprendizagem, mas, no entanto, há casos e casos. E correu-se a tudo para ensinar o miúdo? Sim recorreu-se a tudo. E ele mesmo assim não aprendeu? Não. Há ali um decap, há um défice cognitivo, há qualquer coisa ali..."</p>	<p>- Para a professora A.C não existe ensino sem aprendizagem e aprendizagem sem ensino, havendo assim uma relação entre ambas. Reforça que só há aprendizagem se houver um bom ensino.</p> <p>- A professora C.V é da mesma opinião e diz que é um processo que não se separa, na medida em que ela ensina as crianças mas</p>

	<p>Professora C.V</p> <p>“É um processo que não se separa, não se separa, portanto, o ensino está ligado à aprendizagem e é como eu costumo dizer eu ensino mas também aprendo com eles e o inverso também acontece, eles também me ensinam e eu também aprendo com eles portanto tá ligado e exatamente com as famílias, a mesma coisa apesar de não estarem connosco ali nas aulas, não é? No dia-a-dia, a verdade é que o ensino aprendizagem não é só feito pelo professor, nem só pelos alunos, ham...é um conjunto de pessoas que em conjunto também com a família, contribuem para esse processo.”</p> <p>“Estão! Sim estão! Porque a criança está mais desperta para aprender se estiver motivada. A motivação é um estímulo para a criança é um facilitador da aprendizagem.”</p>	<p>também aprende muito com elas. Diz ainda que o processo de ensino-aprendizagem não se prende só nos professores e nos alunos, mas sim num conjunto de pessoas que contribuem para esse processo, como por exemplo a família.</p>
<p>Relação entre motivação e aprendizagem</p>	<p>“Então se tu não tiveres motivada não aprendes...então se estás desmotivado vais aprender? Só se te baterem (risos). Porque é assim é evidente se fores obrigada a aprender, tu sabes que tens de aprender, mas não é porque gostes ou que te interesses...Tu quando motivas os teus alunos a aprender tens de também de estar motivado para, se tu não os motivas para aprender dificilmente se faz a aprendizagem. Agora, tu aprendes quando estás motivado, consolidas quando gostaste.”</p> <p>“Um jogo motivou uma aprendizagem que ficou para a vida, nunca mais se vão esquecer.”</p> <p>Professora C.V</p> <p>“Sim é possível, quanto mais motivados eles tiverem mais recetivos estão a aprender.”</p>	<p>- Ambas as professoras concordam que sem motivação não existe aprendizagem;</p> <p>- Segundo a professora A.C só se aprende efetivamente se estiver motivado. Salaria que para motivar as crianças a aprenderem, o próprio professor tem de estar também motivado, caso contrário não ocorrerá aprendizagem. Ao sentir-se motivada a criança irá realizar uma aprendizagem significativa e irá aplicar esses mesmos conhecimentos;</p> <p>- A professora C.V que uma criança motivada está mais apta a aprender e é um facilitador de aprendizagem.</p>

<p>Exemplos práticos de estratégias utilizada para promover uma aprendizagem significativa</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“Ah sim, sim! Quando fazemos jogos matemáticos, oh tantos! Tou me a lembrar agora de uma coisa...ham...uma vez fiz um jogo matemático. Eu estava com os sólidos geométricos, expliquei tudo sobre os sólidos geométricos, tudo, tudo, tudo e depois a seguir fui fazer um jogo e o jogo era: tinha o nome dos sólidos todos em cima da mesa e eles tinham que pegar no sólido e pôr em cima do nome e eram bastantes...uns doze ou quinze sólidos. Ham...e fazíamos isto com timing, com tempo então isto tornou-se a ver quem é que conseguia fazer isto em menos tempo, era um desafio uns com os outros. E isto foi de tal maneira, que eles já dominavam as arestas, os vértices, os nomes, a leitura rápida do nome do sólido...nunca mais se esqueceram! Nunca mais se esqueceram dos sólidos...quando eu dizia: “tantas arestas, tantos vértices, tantos isto, tanto aquilo” porque depois eles vão precisar da relação de euler no 5º ano e eles já sabiam! Um jogo motivou uma aprendizagem que ficou para a vida, nunca mais se vão esquecer. Até fizeram em casa com os pais!”</p> <p>“Agora por acaso tou me a lembrar daqui de um vídeo que eu passei uma vez relacionado com doenças e este vídeo era relacionado com a diabetes de um menino que se chamava Francisco. Por acaso foi muito interessante porque íamos falar de doenças e eu arranjei um vídeo sobre a diabetes e o miúdo chamava-se Francisco. Bem aquilo foi altamente motivacional, porque falava de um Francisco com a mesma doença do nosso aluno e, portanto, eles ficaram... foi uma delícia porque eles adoraram por isso...quer dizer pelo simples facto de ser um vídeo, não é? Já era uma motivação para eles, depois falar de uma criança que se chama Francisco que tem diabetes, tal e qual como acontece na nossa sala...aquilo foi! E eles conseguiram perceber bem o vídeo e conseguiram perceber bem a gravidade da doença, se bem que eles já tinham essa noção, ham...pronto é um exemplo! E na verdade...os vídeos, o recurso à internet, aos jogos interativos, isso tudo, ham...é sempre para eles uma coisa boa.”</p> <p>“Sim, sim! Aplicaram o conteúdo...mas isto foi um exemplo sei lá, existem tantos outros...esse foi o que me ficou mais registado.”</p> <p>Professora C.V</p> <p>Agora por acaso tou me a lembrar daqui de um vídeo que eu passei uma vez relacionado com doenças e este vídeo era relacionado com a diabetes de um menino que se chamava Francisco. Por acaso foi muito interessante</p>	<p>- Professora A.C refere um exemplo sobre sólidos geométricos onde as crianças realizaram aprendizagens significativas e que acabaram por aplicá-las durante as suas rotinas;</p> <p>- A professora C.V destaca a visualização de um vídeo sobre a doença diabetes, à qual tinham uma criança com essa mesma doença e que ao verem o vídeo relacionaram com o colega que tinham na turma e aplicaram os conhecimentos no seu dia-a-dia na sua relação com o mesmo.</p>
---	---	--

	<p>porque íamos falar de doenças e eu arranjei um vídeo sobre a diabetes e o miúdo chamava-se Francisco. Bem aquilo foi altamente motivacional, porque falava de um Francisco com a mesma doença do nosso aluno e, portanto, eles ficaram... foi uma delícia porque eles adoraram por isso...quer dizer pelo simples facto de ser um vídeo, não é?</p> <p>“E eles conseguiram perceber bem o vídeo e conseguiram perceber bem a gravidade da doença, se bem que eles já tinham essa noção, ham...pronto é um exemplo!”</p> <p>“Sim, sim! Aplicaram o conteúdo...mas isto foi um exemplo sei lá, existem tantos outros...esse foi o que me ficou mais registado.”</p> <p>“Quer dizer, eu vi o vídeo, mas nem associei e eles “Ah! Francisco? Não sei quê! É como o nosso colega!” e pronto é interessante, às vezes há estas coisas interessantes (risos).”</p>	
<p>Relação escola-família</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“Porque a escola dá-lhes conhecimento, formação, dá lhes aprendizagem académicas em parceria com a família, sempre, sempre em parceria com a família, sempre. Se tu queres educar, ensinar e fazer aprender como um todo, na sua totalidade tu precisas da família. Tu precisas que façam sempre leituras à lareira com os avós, quando era o Dia da Mãe e o Dia do Pai eles vão à escola, fazia sempre coisas muito engraçadas.”</p> <p>Professora C.V</p> <p>“Bem é assim, uma coisa é certa esta coisa do ensino à distancia faz com que a escola e a família esteja muito mais unida e se calhar, se calhar nesta...neste âmbito os pais acabam por partilhar um bocadinho mais as dúvidas, as angústias em relação à pouca motivação dos filhos, Ham...porque é assim, no geral, no geral em condições normais claro que nós no ensino presencial, claro que nós vamos sempre tendo contacto com os pais, mas é diferente. Por isso é que eu digo, o ensino à distancia acabou por nos unir mais, ham...e eles acabam por partilhar connosco mais as...pronto...”</p> <p>“Nós estabelecermos com os pais, seja a nível motivacional seja em que área for.”</p>	<p>- A professora A.C fala de uma constante parceria entre a escola e a família das crianças e é algo que nunca se deve separar, pois ambos os contextos contribuem para o mesmo propósito, o bem-estar, segurança e educação da criança;</p> <p>- A professora C.V realça mais uma vez a importância que o ensino à distância trouxe na relação e comunicação entre as famílias e a escola, pois segundo a mesma, sente que os pais tem se dedicado mais à educação dos seus filhos e acabam por partilhar as suas dúvidas com a professora.</p>

<p>Interação com a família sobre os temas: motivação, interesses e aprendizagens)</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“E era giro porque às vezes as mães vinham à escola, por isto ou por aquilo e iam ao vaso das flores, que era um vaso alto e as flores também, os pés das flores eram uma caninha que eles depois construíram e fizeram e a mãe assim: “ah não sabia que o meu filho gostava disto e daquilo!” e eu era assim: “olhe conheço melhor o seu filho que a senhora...” (risos) e isso todos os anos é importante porque...”</p> <p>“olha eu tou sempre a levar os pais, encarregados de educação, avós, etc...à escola, faço sempre tudo muito...responsabilizo sempre muito a família na educação dos alunos. A gente também procura saber muita coisa através do atendimento aos encarregados de educação, até porque eu tenho sempre, sempre à segunda feira, sempre...como é que foi o fim de semana, eles escrevem o sumário e depois a seguir ham, a importância das rotinas, né? as rotinas são importantes...”</p> <p>“Constantemente estava a tentar levar os pais à escola, para falar das profissões, para variadíssimas coisas. Eu acho que as coisas estão interligadas e tem que ser assim, caminhamos par a par.”</p> <p>Professora C.V</p> <p>“É assim, sempre que há necessidade eu ligo ou mando recado na caderneta, fora as reuniões que temos habitualmente para entrega de notas, avaliações e isso tudo...e situações também mais necessárias os pais eram também chamados à escola e reuníamos individualmente, sempre que há necessidade seja por que motivo for.”</p>	<p>- Ambas as professoras quando necessitam chamam as famílias à escola para falar destes e outros temas quando é necessário;</p> <p>- A professora A.C realiza frequentemente atividades em que engloba a família e as próprias crianças de modo promover as suas aprendizagens e o seu bem-estar;</p> <p>- A professora C.V salienta pontos positivos na pandemia e no ensino à distancia, uma vez que sente que acabou por criar uma relação mais próxima com as famílias ao realizar aulas online. Os pais acabam por tirar as suas dúvidas, inquietações e motivações em relações aos filhos. Destaca que a relação professor-família é de extrema importância. Quando estavam em contexto presencial a professora também utiliza bastante a caderneta para comunicar com as famílias.</p>
<p>Relação entre o ambiente/organização/bem-estar em sala de aula e a motivação dos alunos</p>	<p>Professora A.C</p> <p>“Quantas vezes não havia cada um a fazer uma coisa diferente, ou grupos a fazerem coisas diferentes, porque são eles que constroem o conhecimento deles e são eles que tem que organizar-se e ver o trabalho semanal de cada um.”</p>	<p>- A professora A.C realça a importância de um ambiente saudável e harmonioso para a promoção do bem-estar das crianças e para haver uma maior motivação das mesmas;</p>

“Então, aquele conseguiu, o outro não, o outro não, eles é que tem de gerir, por isso eles têm um calendário, um horário, eles sabem o que tem de fazer naquela semana e eles vão gerir. “Eu já consegui fazer isto, vou fazer aquilo, falta-me aquilo”, tanto que quando tu tens boas turmas, boooooas turmas, não se consegue com todos, quando tens boas turmas os miúdos chegam de manhã e sabem o que é que vão fazer.”

“Se houver um ambiente pesado, um ambiente muito autoritário, um ambiente que a criança não se sintam bem...se tiver medo da professora. Acho que o ambiente tem de ser uma coisa agradável em todos os termos, até a temperatura! Se tiver demasiado frio não é agradável para ninguém e se tiver demasiado calor também não! Tem que se proporcionar uma sala com ambiente agradável, por as cadeiras de uma maneira que eles se sintam bem, eu andava sempre a mudar! E a mudar uns com os outros, para eles conviverem uns com os outros, ou fazia em U ou faziam em grupo, andava sempre a mudar! Eu de mês a mês mudava. Até que chegávamos a uma certa altura que “ah gostamos muito assim” então ficamos assim até ao resto do ano, era uma democracia. E então a disposição das coisas na sala, é como numa casa, quando tu mudas a decoração faze-o para te sentires bem. E depois também a maneira como a professora recebe os alunos.”

“É isso, a mudança da sala de aula por exemplo, eu mudava muito a organização das mesas e das cadeiras consoante...”

“eu tentava sempre parlamentar e dialogar muito com eles no sentido de procurar que eles na sala de aula estivessem ao seu gosto, que se sentissem bem, mas também de maneira a que fosse vantajoso. Por exemplo, eu não podia ter certos alunos ao pé de outros porque os perturbavam.”

Professora C.V

“É assim, regra geral eu tento que haja alguma calma, que haja alguma calma que nem sempre se consegue, não é? (risos) ham...porque se eles não estiverem num nível de calma depois não conseguem fazer grande coisa, mas principalmente isso.”

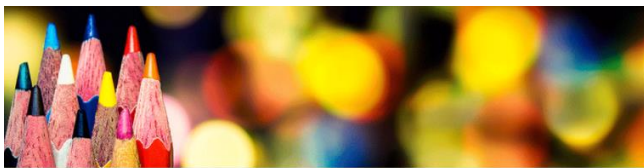
“mas é tal coisa tem que haver a calma, a disciplina, tem que haver o cumprimento de regras portanto isto é uma quantidade de coisas que estão todas associadas e que não se conseguem ham...separar e só funciona se estiverem todas se não estiverem não vai funcionar de alguma forma.”

- Fala ainda da postura que o docente tem que ter para que as crianças gostem de estar na sala e se sintam seguras;

- A professora C.V foca a postura do professor para que haja um bom ambiente em sala de aula e uma maior motivação por parte das crianças. Segundo a mesma, é necessário que o professor seja austero quando tem de ser e brincalhão quando há oportunidade, sabendo quando tem de ser em cada momento para que as crianças percebam que há momentos para trabalhar e momentos para brincar.

	<p>"Sim! Sim! A organização pode ser de vários aspetos, a organização em termos de rotinas, ham... que eu funciono muito com as rotinas e eles estão muito habituados a isso, chega aquela hora e eu não marquei o comportamento "Ah o comportamento!" (risos), isto é uma forma de organização a meu ver, em termos de rotinas. Depois a organização também em termos de espaço, não é? Eles sabem que vão ter os cadernos dos trabalhos de casa naquele cesto ou as fichas no outro cesto, também é importante para eles também terem alguma autonomia, agora também é importante trabalhar esse aspeto da autonomia. Ham...depois a organização em quanto trabalho, espaço da sala de aula, as mesas sim muitas das vezes mudo...ham...agora um bocadinho mais difícil com estas regras do distanciamento e isso tudo, mas normalmente mudo. Ham...tou sempre a mudar, ou muda-los a eles de lugar para experimentar novas funcionalidades ou mudar também a disposição da sala, em grupos, em pequenos grupos, a pares, em individuais, sei lá acho que já experimentei de tudo! (risos)."</p>	
--	--	--

Anexo G - Modelo de Inquérito realizado às crianças de JI



Vamos descobrir o que pensas sobre...

Olá pais! O meu nome é Joana Ferreira, sou estudante no último ano de mestrado da Escola Superior de Educação de Santarém e como tal, estou a realizar uma investigação integrada no Relatório final de Estágio para obtenção do grau de Mestre, que tem como tema 'Como a motivação e os interesses influenciam as aprendizagens em crianças na Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico'. Este inquérito será utilizado apenas para efeitos de investigação académica e não comprometerá a identidade do seu educando, bem como a instituição a que este pertence. Gostaria que realizasse este inquérito ao seu educando, questionando-o segundo as perguntas aqui referidas e selecionando a opção escolhida pelo mesmo. Obrigada pela ajuda e espero que gostem!

1. Escreva a primeira letra do nome próprio do seu filho e a primeira do apelido, de seguida junte * o número que corresponde à idade do mesmo (exemplo: Joana Ferreira, 26 anos = JF26).

Texto de resposta curta

2. Como se chama a tua escola? *



3. És um menino ou uma menina? Identifica a opção com a qual te identificas: *



Menino

Menina

4. Qual o nome da tua educadora? *

A sua resposta

5. Diz-me como é a tua educadora e o que mais gostas de fazer com ela na sala. *



A sua resposta

6. A tua educadora ajuda-te quando tens alguma dúvida e esforça-se para te explicar quando não percebes? *

- Sim
- Não
- Às vezes

7. Quando estás dentro da sala, quais as áreas que mais gostas de brincar? *



	Gosto	Mais ou menos	Não gosto	Não existe essa área na minha sala
Área da cozinha e quarto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área da garagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área dos jogos de mesa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área dos jogos de construção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área da biblioteca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área da natureza	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área do escritório	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área da Pintura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

8. Se na pergunta anterior escolheste a opção "Não existe essa área na minha sala", escreve em baixo quais as áreas que mais gostas de brincar e que não foram assinaladas na pergunta anterior.

A sua resposta _____

9. Responde às seguintes questões colocando um (X) no quadrado ao lado, consoante a opção que achares mais correta *

	Sim	Às vezes	Não
Costumas falar sobre o teu dia (o que fizeste, o que aprendeste e o que brincaste) com os teus familiares?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A tua família ajuda-te a fazer alguma atividade que a tua educadora mandou fazer em casa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A tua educadora costuma arranjar novas formas de te explicar algo quando não percebes alguma coisa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando não percebes alguma atividade/jogo que a tua educadora faz, deixas de gostar dessa atividade/jogo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A tua educadora leva para a sala jogos e atividades divertidas para vocês aprenderem?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Diz o que mais gostavas de fazer de diferente na tua sala. *

A sua resposta _____

11. Gostas mais de brincar e aprender quando está muito barulho na sala ou quando está tudo calmo? *



- Quando está muito barulho
- Quando a sala está toda em silêncio

12. Quando a tua educadora fala sobre um assunto importante e que tu estás a gostar de ouvir, tu prestas atenção? *



- Sim
- Não
- Às vezes

13. E quando é um assunto que não te interessa, prestas atenção da mesma forma ou nem ligas e comesas a falar com os teus colegas? *



- Começo a falar com os meus colegas e não presto atenção à professora.
- Presto atenção à mesma à professora.

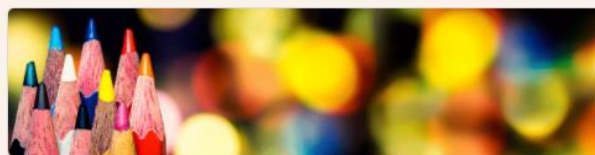
a. Numa folha branca à parte, desenha como te sentes aos saberes que vens para a escola todas as manhãs. Na parte detrás da folha coloca o código que escreveste na pergunta 1 e descreve o que desenhaste (Quando terminares, pede ajuda a um familiar para tirar uma foto ao desenho e enviar para o email: joanaalvesferreira94@gmail.com)

A sua resposta _____

b. Para terminar, noutra folha branca, desenha o que mais gostas de aprender na tua sala. Na parte detrás da folha coloca o código que escreveste na pergunta 1 e descreve o que desenhaste (quando terminares, pede ajuda a um familiar para tirar uma foto ao desenho e enviar para o email: joanaalvesferreira94@gmail.com)

A sua resposta _____

Anexo H - Modelo de Inquérito realizado a crianças de 1.º CEB



Vamos descobrir o que pensas sobre...

Este documento, chama-se inquérito e serve para eu poder saber o que vocês pensam sobre alguns dos temas aos quais vos irei fazer perguntas. Não precisam de ter medo de dar a vossa opinião, este inquérito tem um pequeno segredo... só eu é que vou saber o que vocês responderam! Espero que gostem e obrigada por participarem!

*Obrigatório

1. Escreve a primeira letra do teu nome próprio e a primeira do teu último nome, de seguida juntas o número que corresponde à tua idade (exemplo: Joana Ferreira, 26 anos = JF26). *

A sua resposta _____

2. Como se chama a tua escola? *



A sua resposta _____

3. És um menino ou uma menina? Identifica a opção com a qual te identificas: *



Menino

Menina

4. Qual o nome da tua professora? *

A sua resposta _____

5. Nas linhas abaixo indicadas, descreve a tua professora e como ela interage contigo dentro da sala de aula. *



A sua resposta _____

6. O/a teu/tua professor/a ajuda-te quando tens alguma dúvida e esforça-se para te explicar quando não percebes? *

Sim

Não

10. Gostas mais de trabalhar quando está muito barulho na sala ou quando está tudo calmo? *



- Quando está muito barulho
- Quando a sala está toda em silêncio
- Outra: _____

11. Quando a vossa professora fala sobre um assunto importante e que tu estás a gostar de ouvir, tu prestas atenção? *



- Sim
- Não
- Às vezes
- Outra: _____

12. E quando é um assunto que não te interessa, prestas atenção da mesma forma ou nem ligas e começas a falar com os teus colegas? *



- Começo a falar com os meus colegas e não presto atenção à professora.
- Presto atenção à mesma à professora.

a. Numa folha branca à parte, desenha como te sentes aos saberes que vens para a escola todas as manhãs. Na parte detrás da folha coloca o código que escreveste na pergunta 1 e descreve o que desenhaste (Quando terminares, pede ajuda a um familiar para tirar uma foto ao desenho e enviar para o email: joanaalvesferreira94@gmail.com)

b. Para terminar, noutra folha branca, desenha o que mais gostas de aprender na sala de aula. Na parte detrás da folha coloca o código que escreveste na pergunta 1 e descreve o que desenhaste (quando terminares, pede ajuda a um familiar para tirar uma foto ao desenho e enviar para o email: joanaalvesferreira94@gmail.com)

Anexo I - Respostas das crianças de JI aos inquéritos realizados

Com a realização deste inquérito obteve-se 44 respostas, sendo que 50% (N=22) das crianças inquiridas eram do género feminino e os restantes 50% (N=22) eram crianças do género masculino



Gráfico 1 - És um menino ou uma menina?

Relativamente à idade dos inquiridos, como podemos verificar no gráfico abaixo a maior percentagem corresponde a crianças com cinco anos (68%, N=30), com 16% (N=7) encontra-se crianças com quatro anos de idade, a fatia a cinzento do gráfico (14%, N=6) representa as crianças com 6 anos e por fim a fatia mais pequena com apenas 2% corresponde a uma criança com 3 anos.

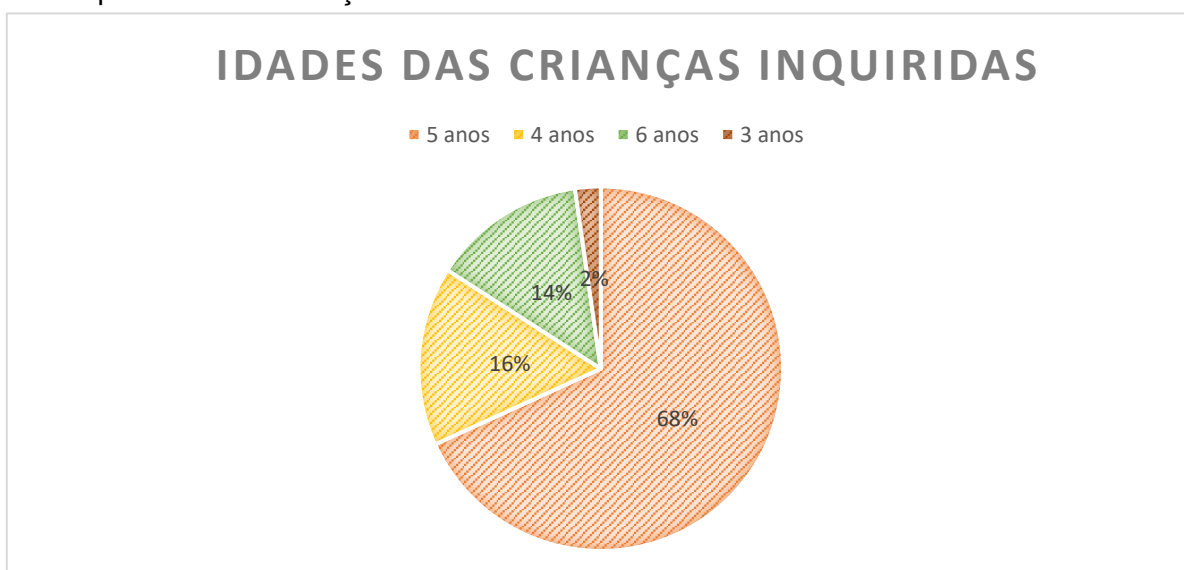


Gráfico 2 - Idades das crianças inquiridas

A primeira pergunta deste inquérito propunha abertamente às crianças que descrevessem como estas caracterizavam a sua educadora e o que mais gostavam de fazer com a mesma na sua sala de jardim. Com a análise dos resultados obtidos, colocou-se as respostas idênticas das crianças em categorias de modo perceber quais as relações entre as educadoras e as próprias crianças, resultando na tabela que observamos abaixo.

Tabela 12 - Diz-me como é a tua educadora e o que mais gostas de fazer com ela na sala

Diz-me como é a tua educadora e o que mais gostas de fazer com ela na sala.		
Categorias	N	Respostas das crianças
Características das educadoras	26	<p>" (...) e é boa."</p> <p>"É Linda, fofinha (...)"</p> <p>"(...) e é amiga."</p> <p>"Ela é fixe, é divertida e é minha amiga. (...)"</p> <p>"É boa, ela ajuda-me a fazer coisas"</p> <p>"É bonita, linda (...)"</p> <p>"É boazinha, fala comigo bem (...)"</p> <p>"(...) e é boa"</p> <p>"(...) e é boa"</p> <p>"Linda, (...) eu gosto muito dela."</p> <p>" (...) é amiga."</p> <p>"(...) e é boa"</p> <p>"É amiga e bonita. (...)"</p> <p>"(...) e é boa"</p> <p>"Tem uma bata verde. (...)"</p> <p>"Ela tem o cabelo amarelo, ela é muito legal. (...)"</p> <p>"(...) e é boa"</p> <p>"É muito linda (...)"</p> <p>"(...) e é boa"</p> <p>"É simpática (...)"</p> <p>"(...) é gira."</p> <p>" (...) LJ é bonita e simpática."</p> <p>"É linda e fixe (...)"</p> <p>"É simpática (...)"</p> <p>"Não sei é boa"</p> <p>"Ela é loira e de olhos azuis (...) ela é muito divertida."</p>
brincadeiras no geral	8	<p>"Brincar"</p> <p>"Brincar (...)"</p> <p>"(...) e gosto de fazer coisas giras."</p> <p>"Brincar (...)"</p> <p>" (...) e gosta muito de brincar comigo."</p> <p>"De brincar e fazer atividades (...)"</p>

		<p>"Brincar na rua"</p> <p>"(...)gosto de brincar"</p>
atividades de leitura e escrita	16	<p>"Desenhos"</p> <p>"Ela é boa a fazer trabalhos e eu gosto de fazer os trabalhos com ela"</p> <p>"Aprender coisas e ler histórias é boa"</p> <p>"DE FAZER DESENHOS (...)"</p> <p>"(...) e faz desenhos comigo."</p> <p>"Desenhar"</p> <p>"Gosto de fazer pinturas (...)"</p> <p>"Eu gosto mais de fazer flores (...)"</p> <p>" (...) Eu gosto de fazer presença."</p> <p>"Trabalhos e é boa"</p> <p>"Gosto de fazer trabalhos (...)"</p> <p>"Fazer trabalhos (...)"</p> <p>"Gosto muito de fazer desenhos com a JV (...)"</p> <p>"(...) gosto de fazer Trabalhos expressão plástica."</p> <p>"Trabalhos"</p> <p>"Desenhos"</p>
jogos	7	<p>"Fazer puzzles"</p> <p>"E LEGOS"</p> <p>" (...) Eu gosto de jogar os jogos com a LJ"</p> <p>" (...) e também fazer perguntas (...)"</p> <p>"Jogos"</p> <p>"Brincar com legos"</p> <p>" (...) e jogos."</p>
atividades musicais	2	<p>"Gosto muito dela. Gosto muito de cantar as canções que ela ensina."</p> <p>"eu gosto quando ela poem musicas (...)"</p>
atividades físicas	4	<p>" (...) gosto de lhe dar massagens"</p> <p>" (...) e quando fazemos ginásticas."</p> <p>" (...) ela joga comigo às escondidas."</p> <p>" (...) gosto muito de brincar com ela na casinha (...)"</p>

Como podemos verificar na tabela anterior, as respostas ao enunciado “Diz-me como é a tua educadora e o que mais gostas de fazer com ela na sala”, foram maioritariamente respostas em que as crianças responderam consoante as características da educadora (N=26), em seguida as crianças (N=16) mencionaram que as atividades que mais gostam de fazer com a sua educadora são atividades relacionadas com a leitura e a escrita, outras mencionaram apenas as brincadeiras no geral (N=8). Houve crianças a responderem que o que mais gostavam de fazer com a educadora na sala são jogos (N=7), atividades físicas (N=4) e atividades musicais (N=2).

A quarta questão colocada neste inquérito “A tua educadora ajuda-te quando tens alguma dúvida e esforça-se para te explicar quando não percebes?”, foca-se na prestação da educadora perante as dificuldades obtidas pelas crianças ao realizarem algum tipo de atividade ou jogo. Todos os inquiridos respondem “sim” ao facto da sua educadora se esforçar para explicar algum conteúdo que não estejam a entender.

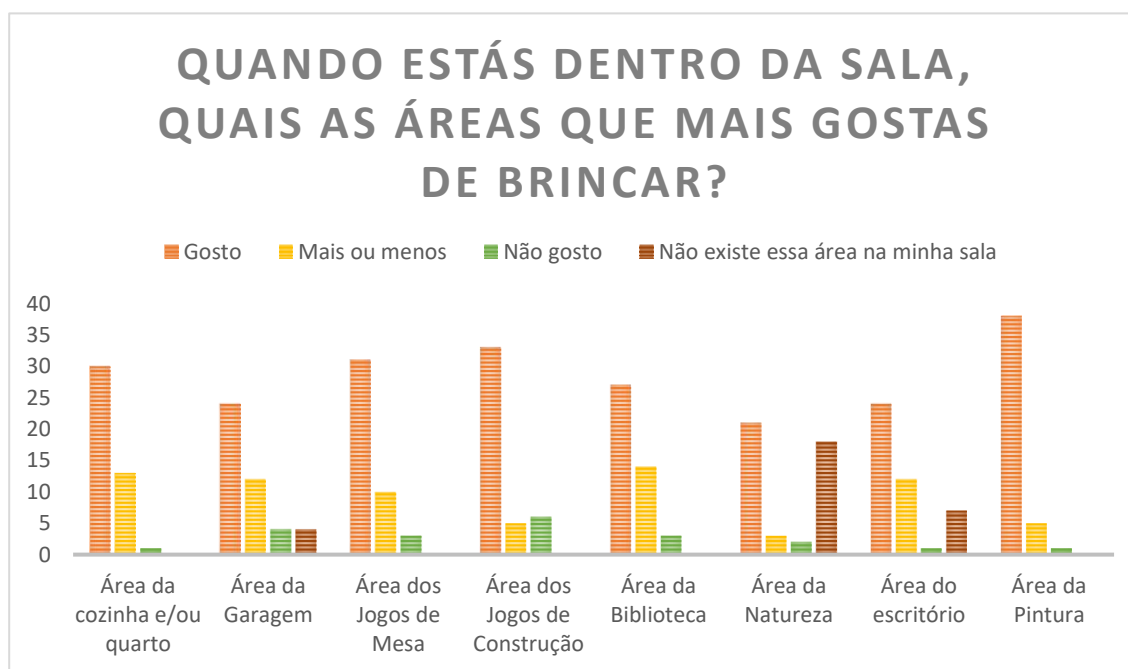


Gráfico 3 - Quando estás dentro da sala quais as áreas que mais gostas de brincar?

A pergunta seguinte deste inquérito “Quando estás dentro da sala quais as áreas que mais gostas de brincar?”, corresponde aos gostos e interesses das crianças inquiridas dentro da sua sala de jardim de infância, bem como quais as áreas que estas mais gostam de brincar. As áreas mais gostadas pelas crianças inquiridas são as áreas: da pintura com 86% (N=38), em seguida a área dos jogos de construção com 75% (N=33), os área jogos de mesa (70%, N=31), a área da cozinha/quarto (68%, N=30), a

área da biblioteca (61%, N=27), a área do escritório e a área da garagem ambas com 55% (N=24) de gostos e por fim a área da natureza com apenas 48% (N=21) dos gostos.

Relativamente às áreas em que as crianças responderam gostar “mais ou menos”, temos: a área da biblioteca com 32% (N=14), a área da cozinha com 30% (N=13), a área da garagem e do escritório com 27% (N=12), a área dos jogos de mesa com 23% (N=10), a área da pintura com 12% (N=5), os jogos de construção com 11% (N=5) e por fim a área da natureza com 7% (N=3).

As áreas que as crianças menos gostam, responderam com a opção “não gosto” a: área dos jogos de construção (14%, N=6), a área da garagem (9%, N=4), a área dos jogos de mesa e da biblioteca (7%, N=3), a área da natureza (4%, N=2), as áreas da cozinha e quarto, do escritório e da pintura obtiveram a mesma percentagem de votos, ficando em último lugar nas preferências das crianças (2%, N=1).

No que diz respeito à opção “Não existe essa área na minha sala”, as crianças apenas responderam esta opção em três das áreas, sendo estas: a área da natureza com (41%, N=18), a área do escritório (16%, N=7) e a área da garagem (9%, N=4).

De seguida colocou-se uma pergunta carácter aberto às crianças, de modo a que estas conseguissem expor livremente quais as áreas que gostam mais de brincar e que não tinham sido abordados na pergunta anterior.

Respostas das crianças:

- Barbies;
- gosto da área do corpo humano;
- PARQUE;
- gosto da área do quadro branco onde escrevo as coisas que sei;
- O quadro branco para desenhar;
- A área das pinturas
- "Corte e colagem também gosto muito";
- ele não responde;
- Faz de conta, adoro;
- Área dos médicos;
- Recorte e colagem, plasticina;

À pergunta “Costumas falar sobre o teu dia (o que fizeste, o que aprendeste e o que brincaste) com os teus familiares?”, os inquiridos responderam 64% (N=28) que sim, 27% (N=12) às vezes e 9% (N=4) responderam que não costumam falar com os familiares.

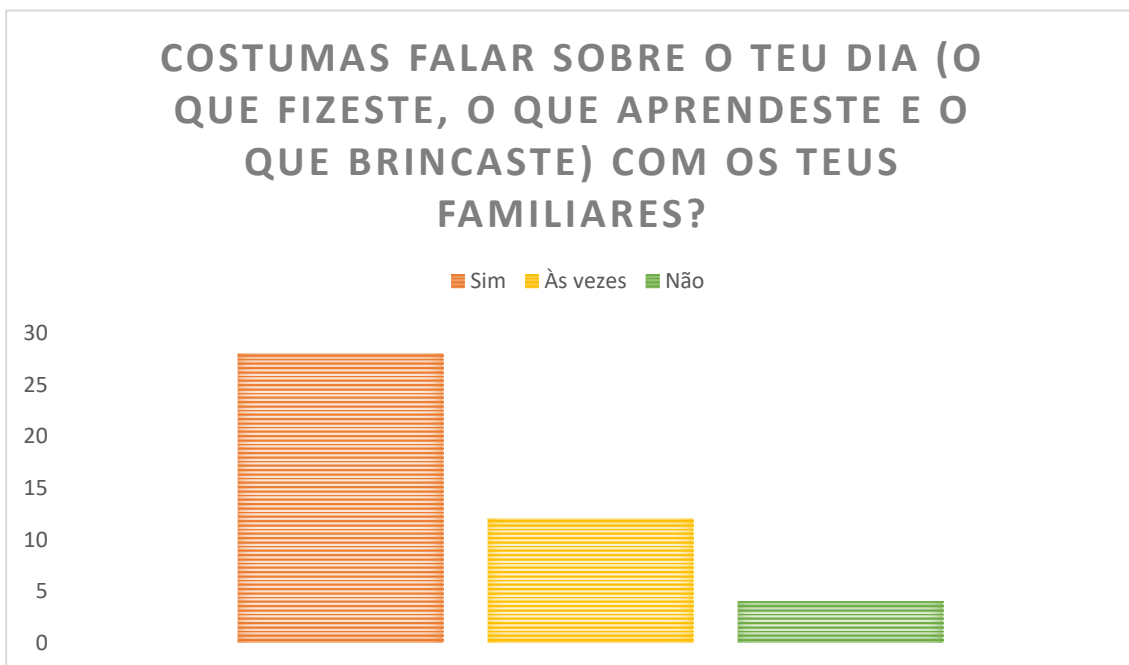


Gráfico 5 - Costumas falar sobre o teu dia com os teus familiares?

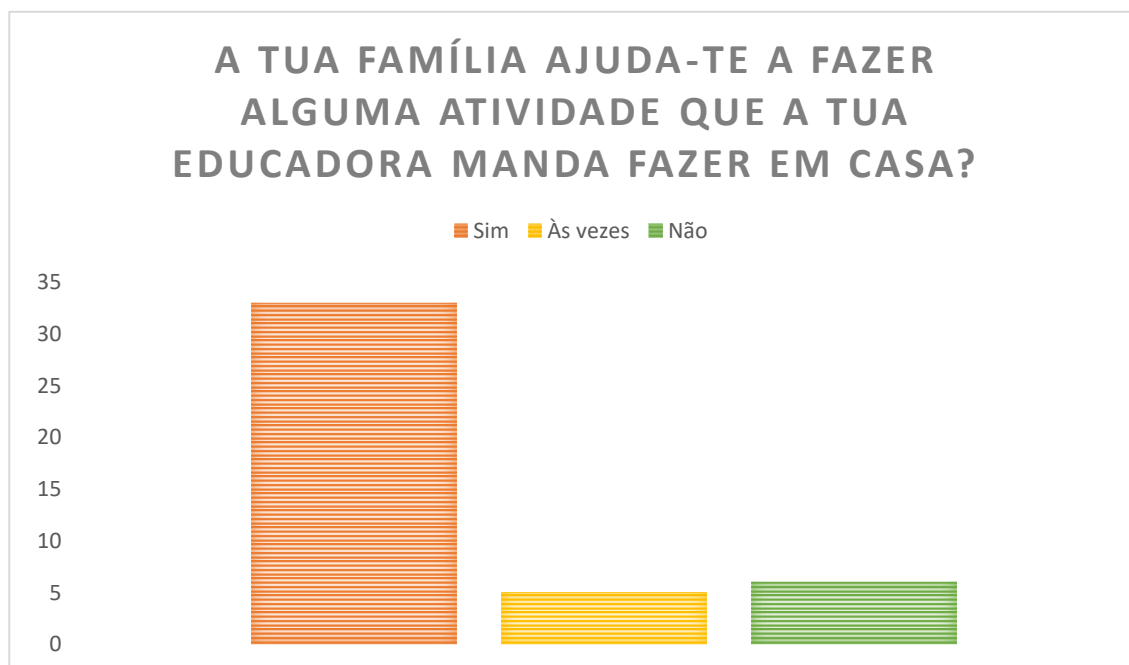


Gráfico 4 - A tua família ajuda-te a fazer alguma atividade que a tua educadora manda fazer em casa?

Relativamente à pergunta “A tua família ajuda-te a fazer alguma atividade que a tua educadora manda fazer em casa?”, 75% (N=33) das crianças responderam que sim, 11% (N=5) responderam às vezes e 14% (N=6) responderam que não. Estes dados demonstram que maioritariamente das famílias estão dispostas a ajudar as crianças nas atividades que a educadora solicita que realizem em casa, bem como estar presente na educação dos seus educandos.

À pergunta “A tua educadora costuma arranjar novas formas de te explicar algo quando não percebes alguma coisa?” pretende-se saber se as educadoras se preocupam em arranjar novas estratégias para explicar as crianças de modo a que estas compreendam corretamente os conteúdos transmitidos, desta forma 91% (N=40) das crianças responderam “sim”, 7% (N=3) responderam “às vezes” e apenas 2% (N=1) responderam “não” à pergunta colocada.

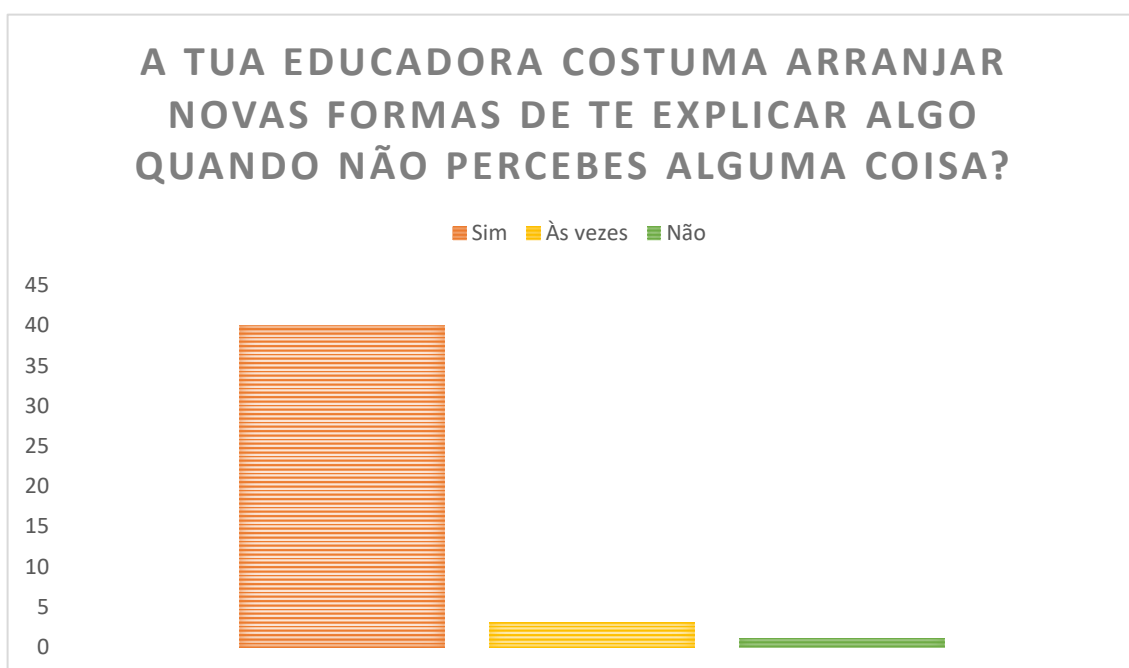


Gráfico 6 - A tua educadora costuma arranjar novas formas de te explicar algo quando não percebes alguma coisa?

No que diz respeito ao gráfico representado acima, as crianças responderam com 18% (N=8) a “sim”, 32% (N=14) disseram que “às vezes” deixam de gostar de uma atividade/jogo quando não compreendem o mesmo e 50% (N=22) das crianças responderam que não deixam de gostar de um jogo ou atividade mesmo quando não percebem. Com a análise dos dados obtidos, consegue-se perceber que existem crianças que ao não entenderem as atividades acabam por se desmotivar e deixar de gostar das mesmas, mas, no entanto, a maioria das crianças que responderam a este

inquérito dizem não deixar de gostar das atividades mesmo que não as percebam, o que demonstra que não se desmotivam facilmente neste âmbito.

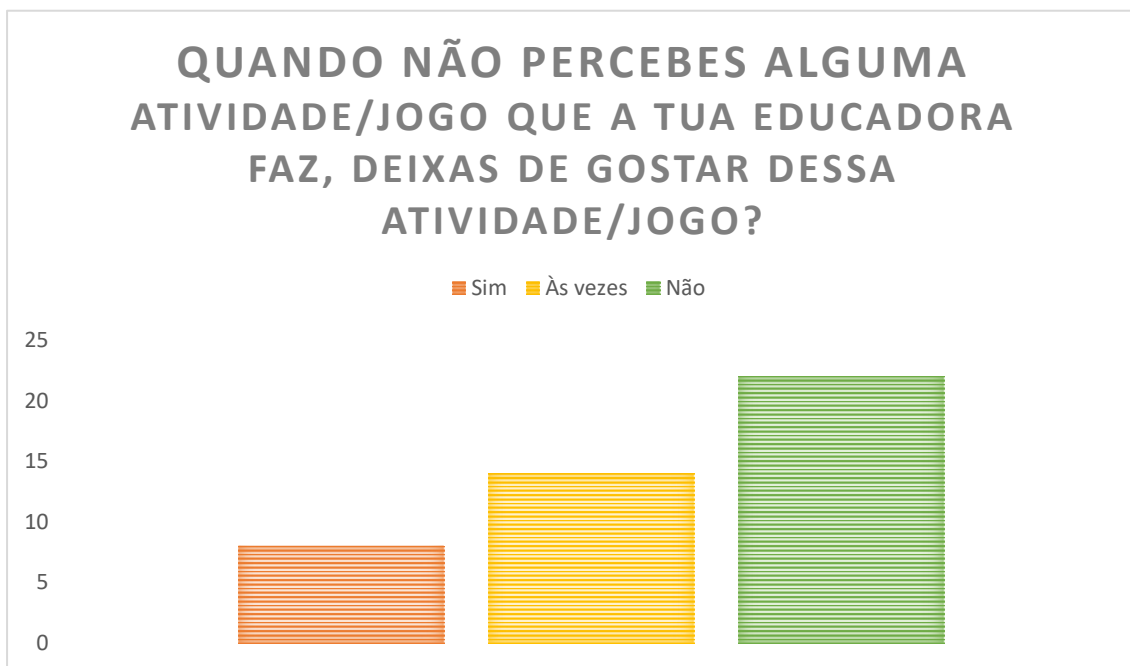


Gráfico 7 - Quando não percebe alguma atividade/jogo que a tua educadora faz, deixa de gostar dessa atividade/jogo?

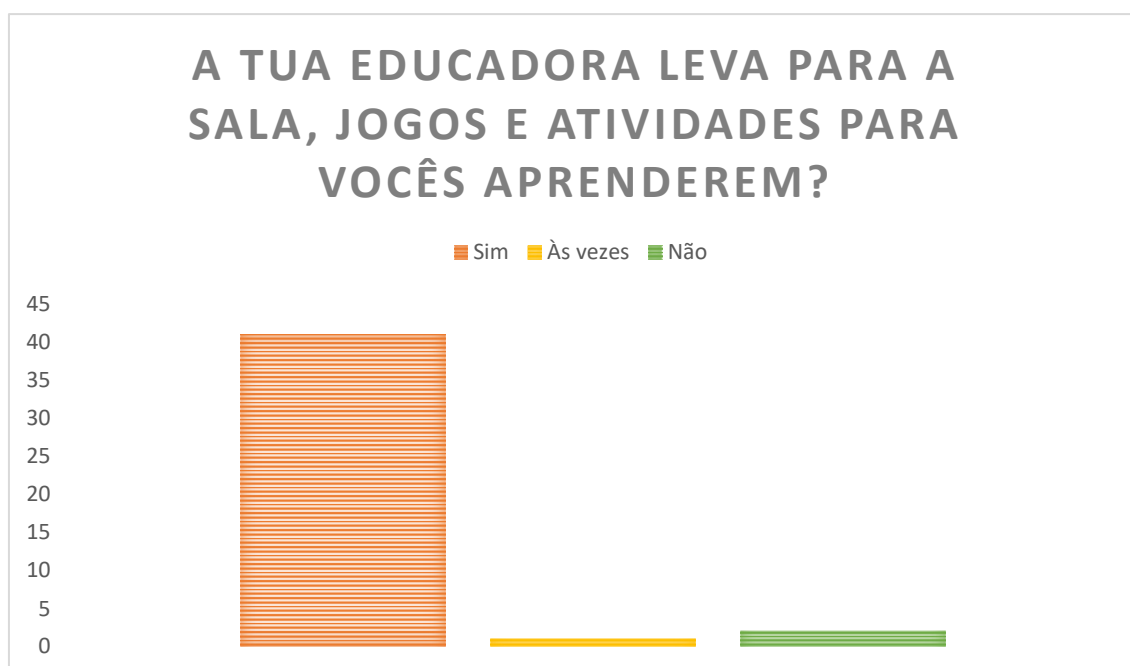


Gráfico 8 - A tua educadora leva para a sala, jogo e atividades para vocês aprenderem?

Relativamente à pergunta "A tua educadora leva para a sala, jogos e atividades para vocês aprenderem?", 93% (N=41) das crianças responderam a opção "sim", apenas 2% (N=1) responderam "às vezes" e 5% (N=2) responderam que "não", o que

demonstra que maior parte das educadoras esforçam-se para levar recursos dinâmicos e apelativos para que haja uma aprendizagem significativa por parte das crianças.

De seguida colocou-se a seguinte pergunta às crianças inquiridas: “Diz o que mais gostavas de fazer de diferente na tua sala”. Com esta pergunta, obteve-se diferentes respostas em que depois de analisados, foram colocados em categorias de modo a organizar os dados e a perceber quais as atividades ou jogos que as crianças gostavam mais de realizar e que ainda não fazem dentro da sua sala de jardim. Como categorias, obteve-se a seguinte tabela:

Tabela 13 - O que gostavas de fazer de diferente na tua sala

Nas linhas abaixo propõe o que gostavas de fazer de diferente na tua sala.		
Categorias	N	Respostas das crianças
Brincadeiras no geral	3	<p>“Brincar”</p> <p>“Brincar com os amigos”</p> <p>“Gosto de brincar”</p>
Brincadeiras faz-de-conta	5	<p>“Pic nic a fingir”</p> <p>“gostava de brincar com a casinha que tenho em casa”</p> <p>“Brincar ao capuchinho vermelho”</p> <p>“Brincar aos piratas”</p> <p>“Brincar na loja de compras”</p>
Jogos	10	<p>“Jogos”</p> <p>“Gostava de jogar mais”</p> <p>“Uns jogos que temos na sala e que ainda não jogámos”</p> <p>“gostava de fazer jogos no tapete”</p> <p>“Gosto de fazer puzzles”</p> <p>“Brincar com legos”</p> <p>“Brincar com os Legos pequenos”</p> <p>“gostava de brincar mais vezes aos legos”</p> <p>“De brincar com os jogos”</p> <p>“Área de jogar futebol”</p>
Brincadeiras relacionadas com a leitura e a escrita	7	<p>“Gosto de ir para as áreas e ler uma história”</p> <p>“Desenhar”</p>

		<p>"Gosto de fazer desenhos"</p> <p>" (...) e desenhar."</p> <p>"Pintar"</p> <p>"gosto de fazer letras e números"</p> <p>"Escrever"</p>
Trabalhos manuais	4	<p>"gostava de recortar"</p> <p>"Brincar com slime"</p> <p>"Gosto dos trabalhos manuais"</p> <p>"gosto de pintar com as tintas"</p>
Brincadeiras ao ar livre	3	<p>"Gosto de ir à rua e de brincar muito"</p> <p>"Gostava de ir apanhar flores à rua"</p> <p>"Gosto de brincar ao lencinho com a J.V"</p>
Brincadeiras com recurso às TIC	2	<p>"Fazer vídeos engraçados com os amigos"</p> <p>"mexer no computador"</p>
Atividades específicas	3	<p>"Ver os palhaços"</p> <p>"Frutas ?"</p> <p>"Festas, como o dia do pijama."</p>
Atividades musicais e motoras	3	<p>"Dançar músicas"</p> <p>"Cantar com os amigos"</p> <p>"Gosto quando a L.J leva instrumentos para tocarmos músicas"</p>
Outras observações	5	<p>"Não sei"</p> <p>"NÃO SEI"</p> <p>"ele diz que gostava de falar mas não se sente à vontade"</p> <p>"Não sabe"</p> <p>"não sei"</p>

Na pergunta "Gostas mais de brincar e aprender quando está muito barulho na sala ou quando está tudo mais calmo?", 93% (N=41) das crianças responderam que preferem brincar e aprender quando a sala está mais calma e apenas 7% (N=3) responderam que sentem-se melhor quando a sala está mais barulhenta.

GOSTAS MAIS DE BRINCAR E APRENDER QUANDO ESTÁ MUITO BARULHO NA SALA OU QUANDO ESTÁ TUDO CALMO?

■ Quando está muito barulho ■ Quando a sala está toda em silêncio

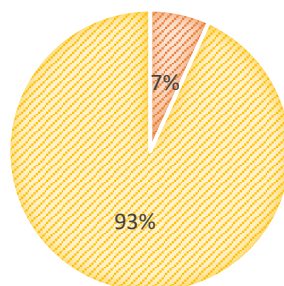


Gráfico 9 - Gostas mais de brincar e aprender quando está muito barulho na sala ou quando está tudo calmo?

QUANDO A TUA EDUCADORA FALA SOBRE UM ASSUNTO IMPORTANTE E QUE TU ESTÁS A GOSTAR DE OUVIR, TU PRESTAS ATENÇÃO?

■ Sim ■ Não ■ Às vezes

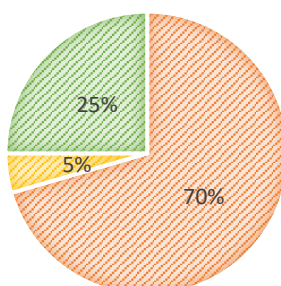


Gráfico 10 - Quando a tua educadora fala sobre um assunto importante e que tu estás a gostar de ouvir, tu prestas atenção?

Como podemos verificar no gráfico acima, as crianças maioritariamente referem que tomam atenção à educadora quando a mesma está a falar sobre um assunto que é do seu interesse (70%, N=31), algumas referem que só tomam atenção às vezes (5%, N=2) e outras revelaram que não tomam atenção à educadora mesmo que seja algo do seu interesse (25%, N=11).

E QUANDO É UM ASSUNTO QUE NÃO TE INTERESSA, PRESTAS ATENÇÃO DA MESMA FORMA OU NEM LIGAS E COMEÇAS A FALAR COM OS TEUS COLEGAS?

- Começo a falar com os meus colegas e não presto atenção à professora.
- Presto atenção à mesma à professora.

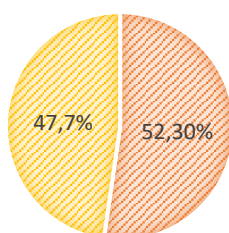


Gráfico 11 - Quando é um assunto que não te interessa, prestas atenção da mesma forma ou nem ligas e começas a falar com os teus colegas?

A última pergunta deste inquérito tem por base a questão feita anteriormente, mas com uma vertente diferente, ou seja, nesta questão pergunta-se às crianças se estas prestam atenção à educadora mesmo quando é um assunto que não lhes interessa ou se começam a falar com os colegas não prestando atenção. Tendo em conta esta nova vertente não houve grandes discrepâncias entre as percentagens nas duas respostas pois responderam 47,7% (N=21) a “presto atenção à mesma à professora” e 52,3% (N=23) a “começo a falar com os meus colegas e não presto atenção à professora.

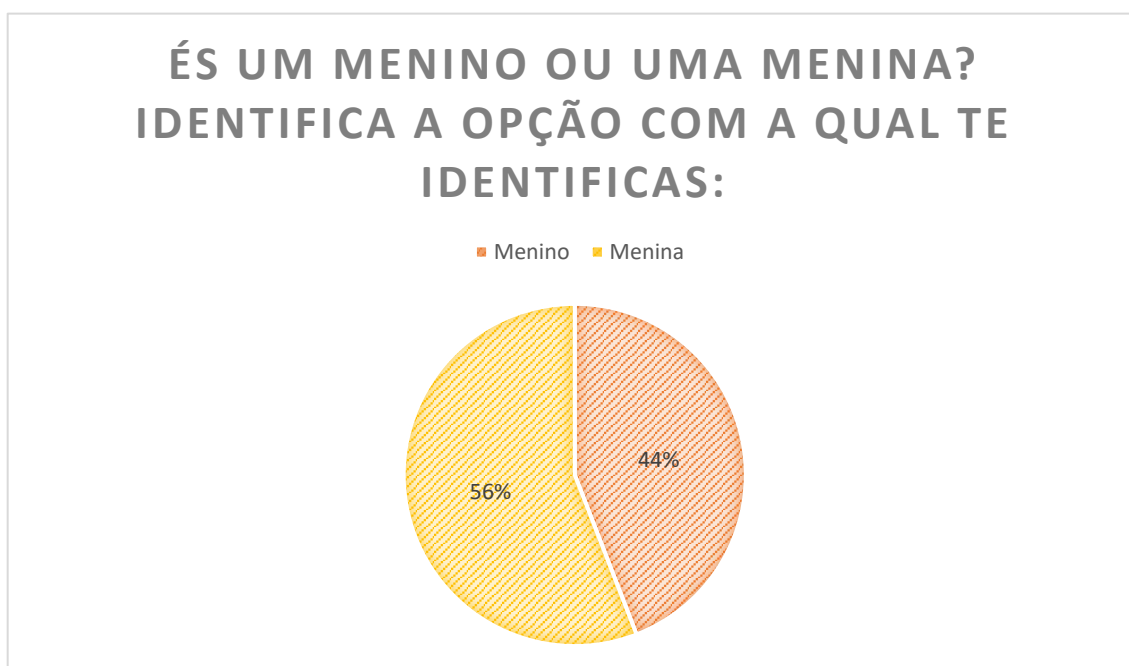


Gráfico 10 - És um menino ou uma menina?

Com a aplicação dos inquéritos a turmas de 1º ciclo do ensino básico, obteve-se o total de 34 respostas, sendo que 56% (N=19) das respostas foram dadas por crianças do género feminino e 44% (N=15) foram respostas de crianças do género masculino.

Relativamente à faixa etária dos inquiridos, esta variou entre os 8 e os 11 anos de idade, sendo que 47% (N=16) são crianças com 8 anos, 29% (N=10) com 9 anos, 18% (N=6) com 10 anos e 6% (N=2) com 11 anos.

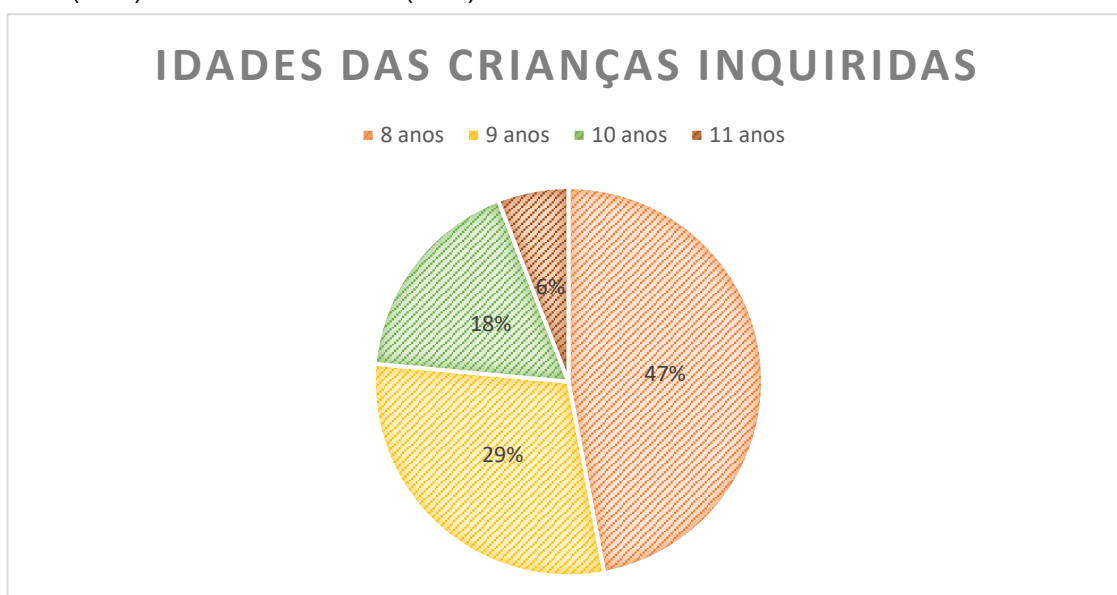


Gráfico 11 - Idades das crianças inquiridas

A primeira pergunta aberta deste inquérito pedia às crianças que descrevessem os seus docentes e como estes interagem com elas dentro da sala de aula. As respostas a esta pergunta, foram colocadas segundo categorias em comum e às quais correspondem às temáticas abordadas neste relatório, como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 14 - Diz-me como é a tua educadora e o que mais gostas de fazer com ela na sala

Diz-me como é a tua educadora e o que mais gostas de fazer com ela na sala		
Categorias	N	Respostas das crianças
Características físicas das professoras	5	<p>"A minha professora chama -se CV. A minha professora é uma senhora é de altura média de cabelos castanhos escuros usa óculos."</p> <p>"A minha professora é bonita, (...) adoro a cor do cabelo dela."</p> <p>"A minha professora é bonita, (...) adoro o cabelo dela."</p> <p>"Ela é loira, tem olhos esverdiados, usa óculos e é baixa"</p> <p>"a minha professra é bonita ,tem o cabelo bonito."</p>
Características enquanto docente	18	<p>"ensina muito bem"</p> <p>"e boa professora."</p> <p>"(...) boa porfessora, encina bem (...)"</p> <p>"(...) e ensiname muito bem (...)"</p> <p>"(...) e ensina muito bem"</p> <p>"A minha professora ela explica as coisas muito bem (...)"</p> <p>"Gosto muito da minha professora, porque ela nos ensina bem, e tem muita paciência para nos. É a melhor professora."</p> <p>"Gosto muito da minha professora ela ensina muito bem e esta sempre pronta a ajudar."</p> <p>"(...) e está sempre disponível para nos ensinar e ajudar."</p> <p>"(...)e ela enterage com migo sem gritar as vezes ,porque nem sempre estava com atenção ,ela com calma a explicar. A professora AC quer que todos nós aprendamos e sejamos bons a estudar."</p> <p>"Ensina-me quando tenho dificuldades"</p> <p>"A professora interage comigo dentro da sala de aula bem."</p> <p>"Bem, sempre prestável."</p> <p>"É muito boa professora"</p>

		<p>"Simpática, exigente, grita muito alto."</p> <p>"A professora fala connosco, explica as matérias é simpática."</p> <p>"É boa, um bocadinho má com os que se portam mal...(...)"</p> <p>" (...) e gosto muito de aprender coisas novas com ela"</p> <p>"(...) e gosto de ir para o ginásio e expressão plástica com ela"</p> <p>"(...)e ensina bem os alunos"</p>
<p>Características da personalidade das professoras</p>	<p>16</p>	<p>"A minha professora é simpática, amiga, engraçada (...)"</p> <p>"É bem disposta, amiga, querida,(...) e é muito minha amiga."</p> <p>"(...) Ela é muito boazinha e muito minha amiga."</p> <p>"É uma professora boa (...)"</p> <p>"(...) ela é meio calma e é legal."</p> <p>"Ela é boazinha connosco e é fofinha."</p> <p>"A minha professora é muito amável (...)"</p> <p>"Ela é querida e simpática (...)"</p> <p>"É amiga, divertida (...)"</p> <p>"É muito fixe, gosto muito (...)"</p> <p>"É bonita, calma, carinhosa (...)"</p> <p>"É boa, às vezes é engraçada, divertida e gosto muito que ela nos ensine coisas"</p> <p>"É bonita, simpática, boa professora (...)"</p> <p>"É boa a ensinar, é amiga algumas vezes, parece uma mãe para nós todos e é um amor. (...)"</p> <p>"É boa, é simpática (...)"</p> <p>"É simpática, muito amiga (...)"</p>
<p>Estratégias e dinâmicas aplicadas pelos docentes</p>	<p>7</p>	<p>"Ela fazia jogos com a matéria que faziam com que nós aprendemos mais rápido e melhor"</p> <p>"(...) e gosto quando ela estuda comigo"</p> <p>" (...) gosto muito de aprender matemática com ela."</p> <p>"(...) dela e gosto aprender com ela tudo o que seja da matemática."</p> <p>"(...) Gosto muito de fazer jogos com ela, trabalhos manuais e aprender coisas novas."</p> <p>"(...) e gosto de brincar com ela com a plasticina e trabalhar com ela nos manuais"</p>

		" (...) Gosto muito de desenhar com ela e fazer expressão plástica."
Respostas gerais	3	"Bem" "muito bem" "Muito bem"

Relativamente à tabela referente às respostas dadas pelas crianças a esta pergunta aberta, a maioria das respostas dadas pelas crianças foram relacionadas a características enquanto profissional (N=18), a segunda resposta mais dada pelas crianças foram respostas referentes a características da personalidade das professoras (N=16) e houve crianças que mencionaram nas suas respostas características físicas das suas professoras (N=4). As crianças ainda referiram estratégias e dinâmicas aplicadas pelos docentes (N=7) e houve crianças que deram respostas gerais relativamente à pergunta aplicada (N=3)

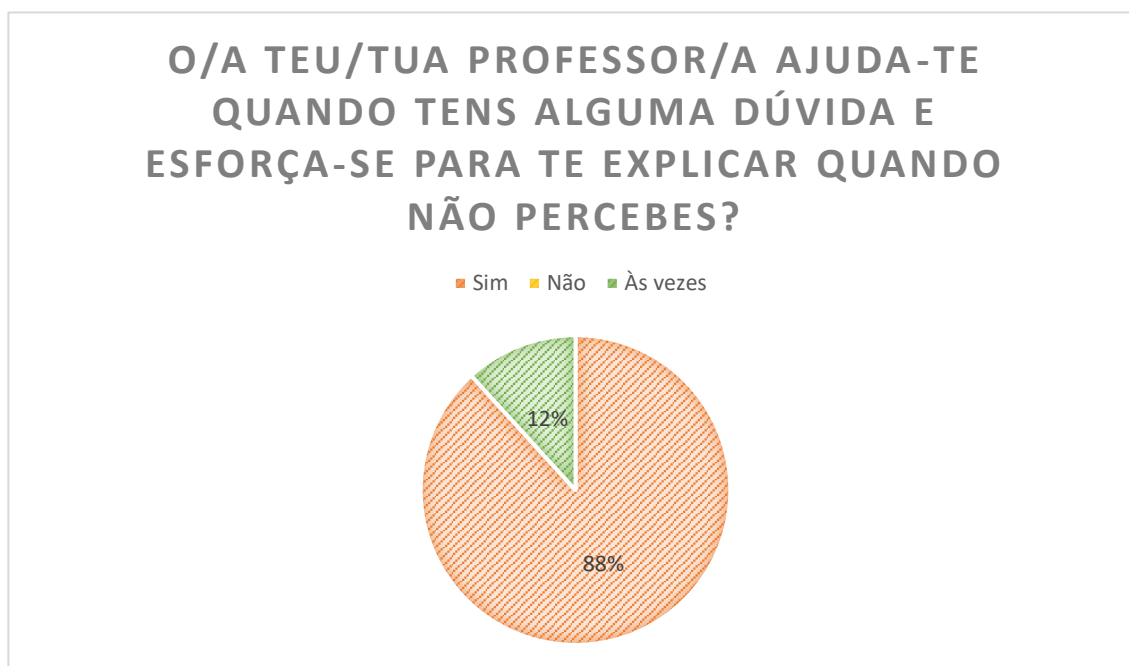


Gráfico 12 - O/a teu professor/a ajuda-te quando tens alguma dúvida e esforça-se para te explicar quando não percebes?

Na quarta pergunta do inquérito realizado “O/a teu/tua professor/a ajuda-te quando tens alguma dúvida e esforça-se para te explicar quando não percebes?”, 88% (N=30) das crianças inquiridas responderam “sim”, 12% (N=4) responderam que “às vezes” as suas professoras esforçam-se para lhes explicar quando estas não percebem. É de salientar que nenhuma criança selecionou a resposta “não”, o que indica que na opinião das crianças as professoras muitas das vezes esforçam-se para explicar de uma melhor forma para que as crianças entendam.

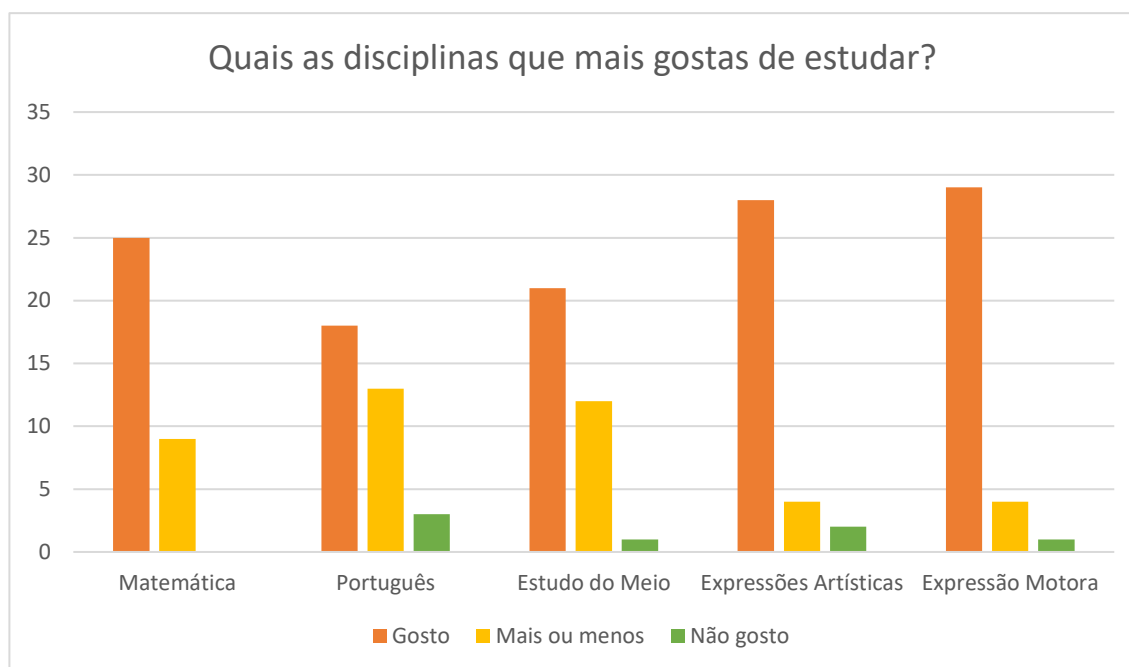


Gráfico 13 - Quais as disciplinas que mais gostas de estudar?

No que diz respeito à pergunta realizada no gráfico acima “Quais as disciplinas que mais gostas de estudar?”, obteve-se com maioria de votações de “gosto” em expressão motora (85%, N=29), seguida das expressões artísticas (82%, N=28), matemática com o terceiro lugar (74%, N=25), estudo do meio (61%, N=21) e por fim português com menos votos de “gosto” (53%, N=18). Relativamente às disciplinas que as crianças votaram “mais ou menos”: português com 38% (N=13), estudo do meio com 35% (N=12), matemática com 26% (N=9) e por fim as expressões (motora e artísticas) obtêm a mesma percentagem de 12% (N=4). No que diz respeito às disciplinas que as crianças inquiridas não gostam de estudar comparativamente com outras, obteve-se em primeiro lugar o português com 9% (N=3) de votos, de seguida as expressões artísticas com 6% (N=2), estudo do meio com 4% (N=1), expressão motora com 3% (N=1) e por fim matemática não obteve nenhum voto nesta categoria.

Na pergunta colocada “Costumas falar sobre o teu dia (o que fizeste, o que aprendeste e o que brincaste) com os teus familiares?”, 59% (N=20) responderam “sim”, 29% (N=10) responderam que só “às vezes” (N=10) é que as crianças falam sobre o seu dia na escola com os seus familiares e 12% (N=4) das crianças inquiridas responderam que “não” costumam falar com as suas famílias sobre o seu dia em contexto escolar

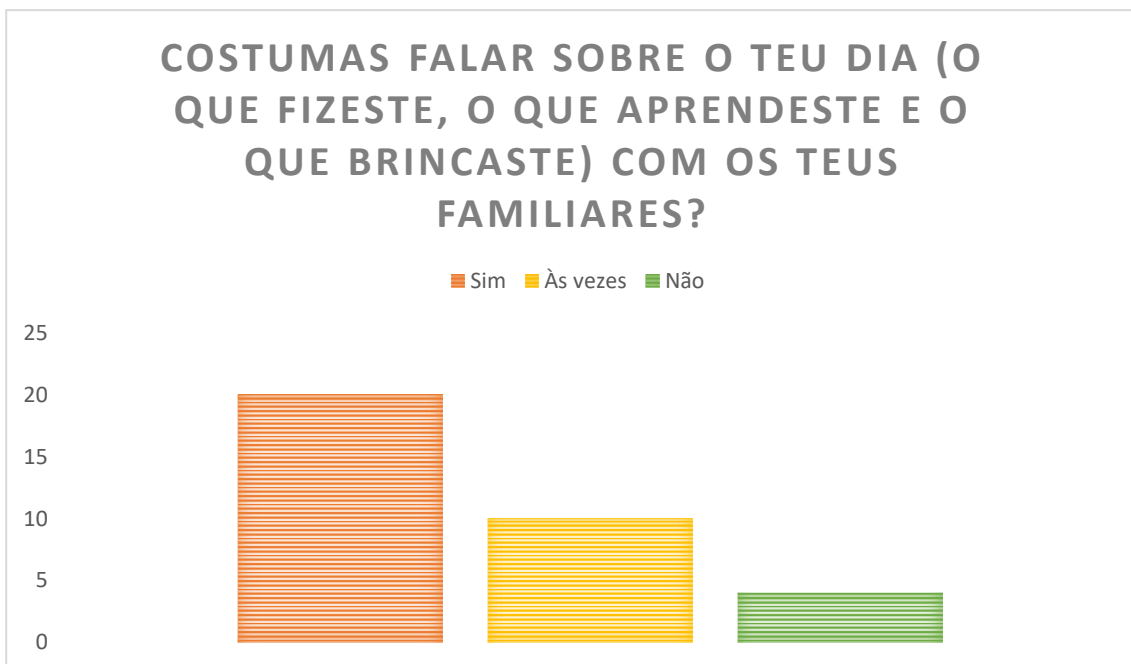


Gráfico 15 - A tua família ajuda-te a fazer os trabalhos de casa?

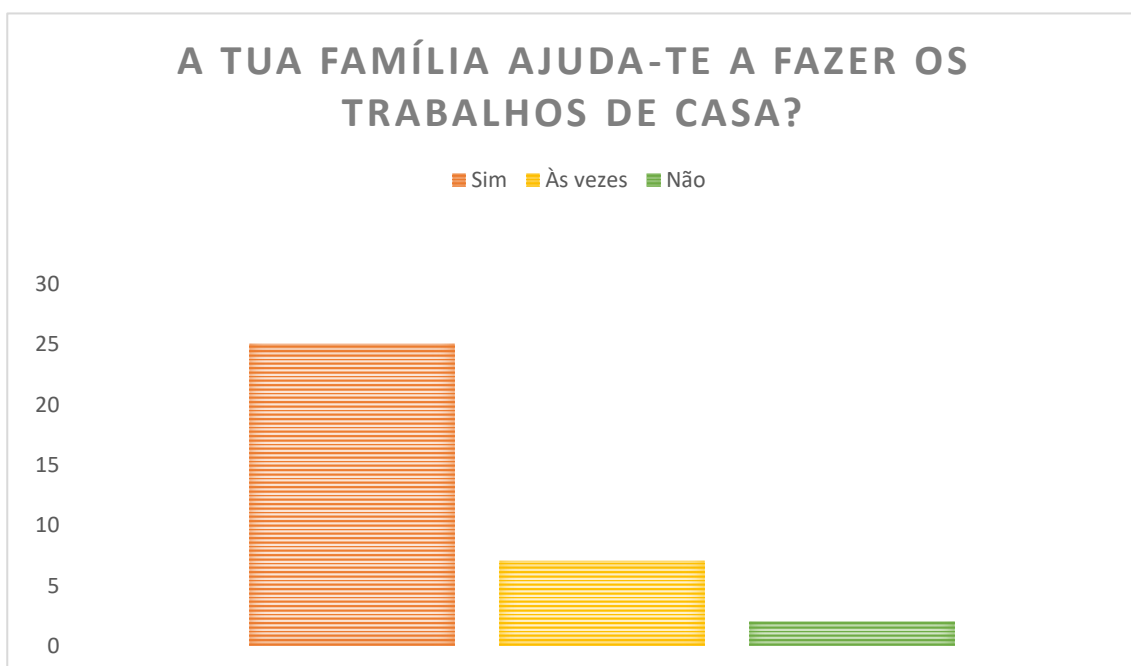


Gráfico 14 - Costumas falar sobre o teu dia com os teus familiares?

Relativamente à pergunta “A tua família ajuda-te a fazer os trabalhos de casa?” 73% (N=25) votaram “sim”, 21% (N=7) votaram “às vezes”, 6% (N=2) votaram que “não”. Deste modo, a maioria dos inquiridos tem o suporte e ajuda dos seus familiares nos trabalhos da escola que levam para casa, no entanto existe ainda uma grande percentagem de crianças que nem sempre ou que nunca tiveram ajuda nos trabalhos da escola que levam para casa.

À pergunta “A tua professora leva para a sala de aula, jogos e atividades divertidas para vocês aprenderem?”, a maioria das crianças inquiridas responderam que “sim” (79%, N=27), 18% (N=6) das crianças responderam “às vezes” e apenas 3% (N=2) responderam que as professoras dessas crianças não levam atividades e jogos dinâmicos para as crianças aprenderem.

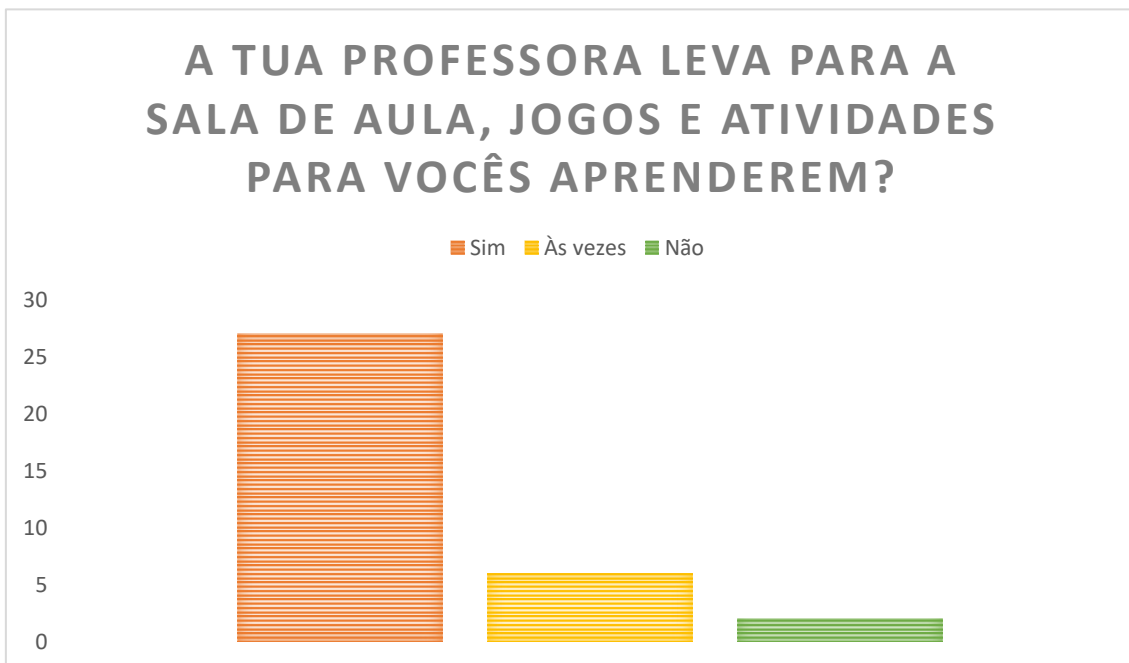


Gráfico 17 - A tua Professora leva para a sala de aula, jogos e atividades para vocês aprenderem?

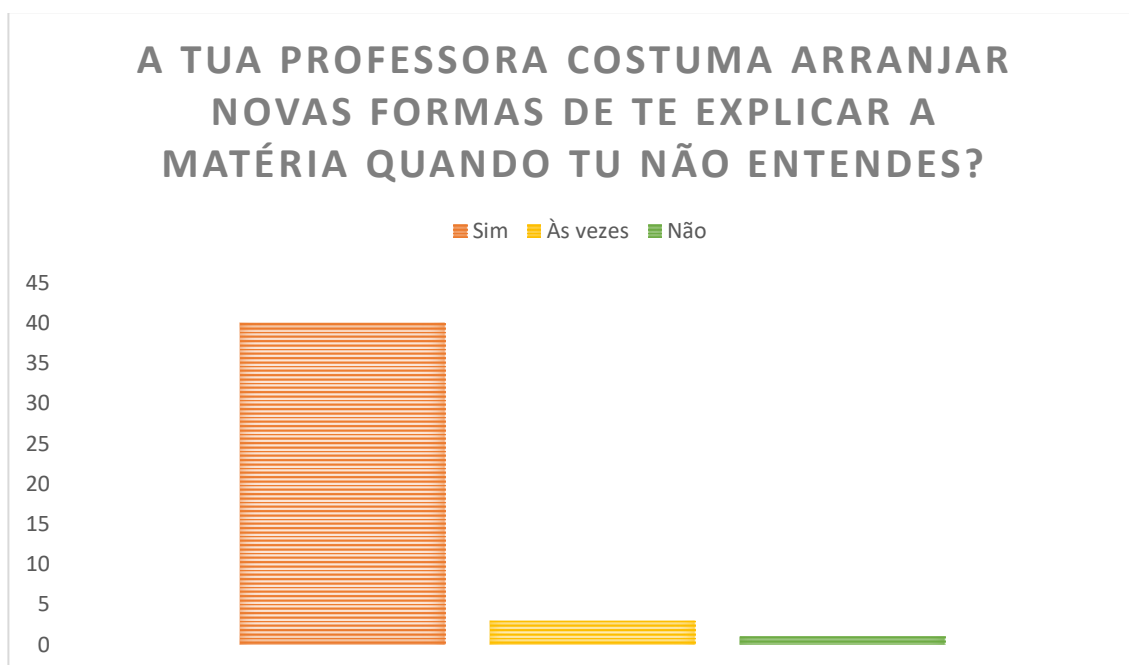


Gráfico 16 - A tua professora costuma arranjar novas formas de te explicar a matéria quando tu não entendes?

Em resposta à pergunta “A tua professora costuma arranjar novas formas de te explicar a matéria quando não entendes?”, 88% (N=40) das crianças votaram em “sim”, 9% (N=3) votou em “às vezes” e 3% (N=1) votou “não”. No que diz respeito aos dados obtidos é evidente que as professoras das crianças inquiridas, conseguem arranjar novas estratégias e métodos para a explicação de conteúdos aos quais as crianças de certo modo podem não entender.

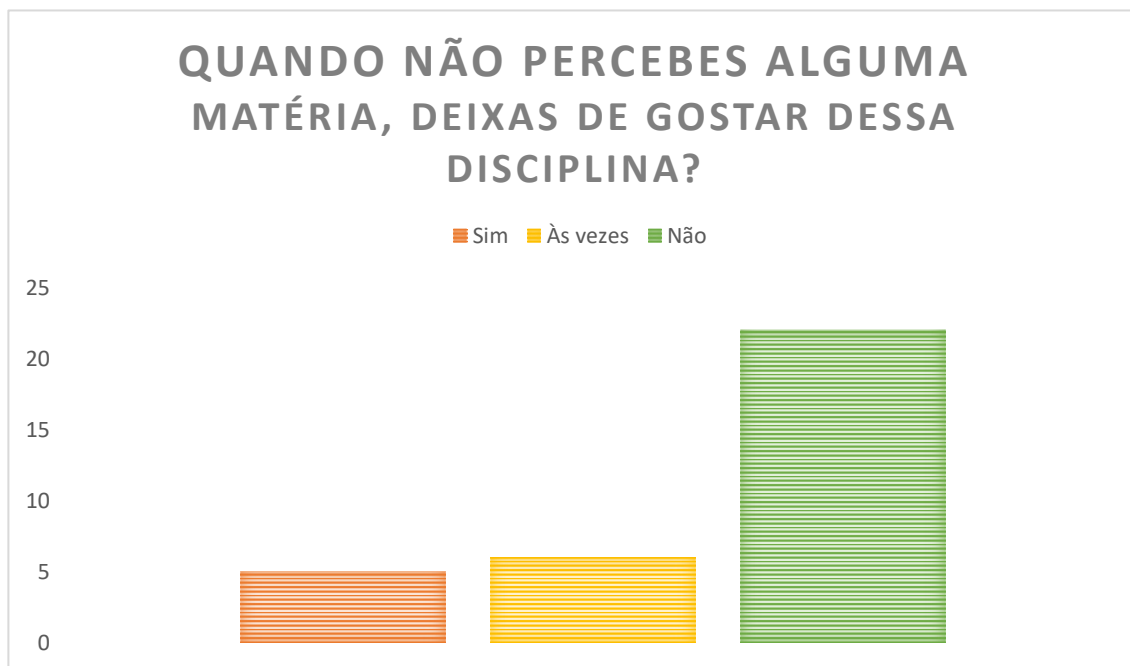


Gráfico 18 - Quando não percebes alguma matéria, deixas de gostar dessa disciplina?

Em relação aos dados obtidos no gráfico anterior correspondentes à pergunta colocada no inquérito “Quando não percebes alguma matéria, deixas de gostar dessa disciplina?”, obteve-se com maior percentagem de votos a resposta “não” (67%, N=22), seguida da resposta “às vezes” (18%, N=6) e por último a resposta “sim” (15%, N=5). Estes dados permitem perceber que as crianças mesmo não gostando ou não percebendo algum conteúdo lecionado, não deixam de gostar daquela mesma disciplina.

A pergunta seguinte solicitava às crianças inquiridas que dessem sugestões de atividades ou jogos que gostassem de fazer nas aulas e que ainda não tiveram oportunidade para fazer. Os dados recolhidos com esta pergunta foram analisados e colocados segundo categorias em comum, consoante as respostas idênticas dadas por cada criança, como podemos observar na tabela mais abaixo.

Tabela 15 - Nas linhas abaixo propõe o que mais gostavas de fazer nas tuas aulas e que não fazes

Nas linhas abaixo propõe o que mais gostavas de fazer nas tuas aulas e que não fazes.		
Categorias	N	Respostas das crianças
Atividades de culinária	6	<p>"um bolo gigante de chocolate."</p> <p>"eu gostava de fazer um bolo gigante."</p> <p>"Uma aula de culinária, fazer bolachas ou um bolo."</p> <p>"Bolos e doces."</p> <p>"Uma receita (...)"</p> <p>"Eu gostava de fazer um bolo para nós todos."</p>
Atividades com recurso às TIC	2	<p>"Enquanto estou nas aulas a estudar gostava de ouvir música."</p> <p>"Mexer no computador."</p>
Atividades com plasticina	2	<p>"Brincar com plasticina."</p> <p>"Brincar com plasticina."</p>
Diversos jogos físicos e intelectuais	11	<p>"Jogos de tabuleiro"</p> <p>"eu gostaria que quando tivesse ginastica nos poderemos criar brincadeiras"</p> <p>"jogar ao bingo"</p> <p>"Jogar futebol"</p> <p>"exercícios físicos com maior frequência."</p> <p>"Jogar"</p> <p>"Xadrez para estimular o a concentração cerebral que nos poderá ajudar no futuro quando menos esperarmos por exemplo nos pblemas de matemática para ver quem dos dois tem razão."</p> <p>"(...) e ginástica"</p> <p>"Fazer um quizz"</p> <p>"Queria jogar a apanhada congelada"</p>
Atividades artísticas e de literatura	6	<p>"O que mais gosto de fazer é desenhos e ouvir a professora a contar histórias".</p> <p>"Gostava de desenhar"</p> <p>"Ler os livros e falar sobre a vida"</p> <p>"Pintar"</p> <p>"Fazer teatro na sala"</p> <p>"Ler"</p>

Opiniões das crianças relativamente a atividades	5	<p>Me darem mais atenção.</p> <p>“As aulas serem menos chatas”</p> <p>“Gostava de fazer as actividades que a prof propunha”</p> <p>“não há nada que gostasse de fazer”</p> <p>“Não me lembro de nada porque já fizemos muitas coisas”</p>
Atividades experimentais	2	<p>“Experiências”</p> <p>“Eu gostava de fazer mais experiencias”</p>

Relativamente à tabela apresentada anteriormente podemos concluir que maioritariamente das crianças referiram nas suas respostas que gostariam de fazer jogos nas suas aulas, podendo ser eles físicos ou intelectuais (N=11). Houve ainda crianças que mencionaram que gostariam de fazer atividades de culinária (N=6) e atividades artísticas e de literatura (N=6). Com menor menção houve crianças que referiram atividades com recursos às TIC (N=2), atividades com plasticina (N=2) e atividades experimentais (N=2). Por fim, algumas crianças ainda revelaram opiniões relativamente a atividades que gostavam de fazer em sala de aula e que ainda não o fizeram. É de salientar a resposta dada por uma criança relativamente à sua vivência em sala de aula em que responde que gostava que lhe dessem mais atenção.

Ao questionar as crianças sobre se estas prestam atenção às suas professoras quando as mesmas falam sobre assuntos do seu interesse, 73% (N=24) responderam que “sim” e 27% (N=9) responderam “às vezes” prestam atenção e outra vezes não. É de salientar que nestes dados recolhidos nenhuma das crianças votou na opção “não” o que indica que ao ser um assunto do interesse das crianças, estas maior parte das vezes tomam atenção ao que é dito pela docente não perdendo o foco com outros assuntos.

QUANDO A VOSSA PROFESSORA FALA SOBRE UM ASSUNTO IMPORTANTE E QUE TU ESTÁS A GOSTAR DE OUVIR, TU PRESTAS ATENÇÃO?

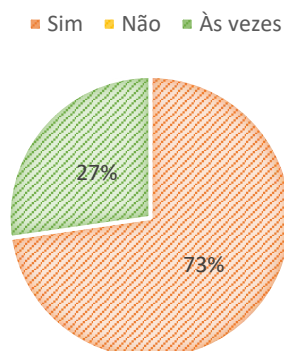


Gráfico 19 - Quando a vossa professora fala sobre um assunto importante e que tu estás a gostar de ouvir, tu prestas atenção?

E QUANDO É UM ASSUNTO QUE NÃO TE INTERESSA, PRESTAS ATENÇÃO DA MESMA FORMA OU NEM LIGAS E COMEÇAS A FALAR COM OS TEUS COLEGAS?

■ Começo a falar com os meus colegas e não presto atenção à professora ■ Presto atenção à mesma à professora

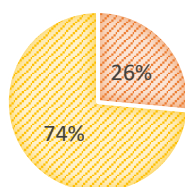


Gráfico 20 - E quando é um assunto que não te interessa, prestas atenção da mesma forma ou nem ligas e começas a falar com os teus colegas?

Sobre a mesma temática da pergunta anterior apenas mudando o fator interesse, colocou-se a pergunta “e quando é um assunto que não te interessa, prestas atenção da mesma forma ou nem ligas e começas a falar com os teus colegas?”, 74% (N=25) das crianças votaram na opção “presto atenção à mesma à professora” e 26% (N=9) responderam que “começo a falar com os meus colegas e não presto atenção à professora”. Relacionando as duas últimas perguntas e comparando os dados obtidos,

os mesmo acabam por ser bastante idênticos uma vez que as crianças revelam que prestam atenção aos seus professores independentemente do assunto que os mesmos estejam a apresentar. Desta forma, podemos defender que maior parte das crianças inquiridas não se desmotivam e perdem o interesse independente do assunto que esteja a ser abordado.

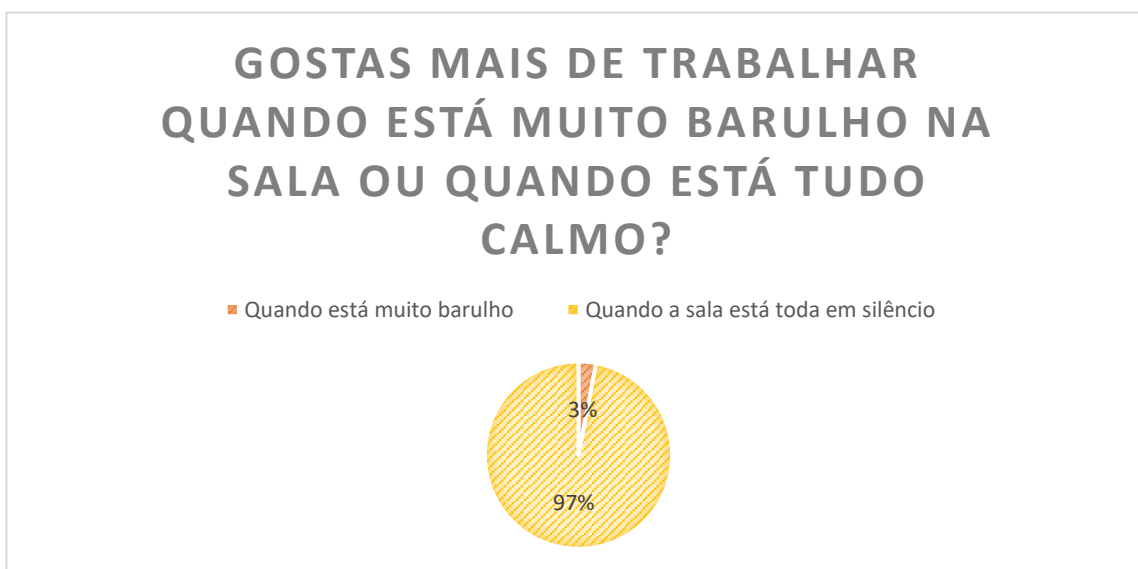


Gráfico 21 - Gostas mais de trabalhar quando está muito barulho na sala ou quando está tudo calmo?

A última pergunta deste questionário destina-se ao ambiente que se vive dentro de uma sala de aula e por isso tentou-se recolher dados de formas a saber se as crianças se sentem mais confortáveis a trabalhar dentro da mesma com ou sem barulho. Pelos dados obtidos no gráfico acima, 97% (N=32) das crianças responderam que gostam de trabalhar quando a sala se encontra em silêncio e apenas 3% (N=1) das crianças referiram que preferem trabalhar num ambiente mais ruidoso. Deste modo, consegue-se analisar que para estas crianças inquiridas, um ambiente harmonioso e silencioso é uma mais-valia e uma vantagem para as suas aprendizagens e desenvolvimento.

Anexo K - Desenhos A, realizados pelas crianças de JI



Figura 10 – Desenho da criança DC5, "Sinto-me muito muito feliz"

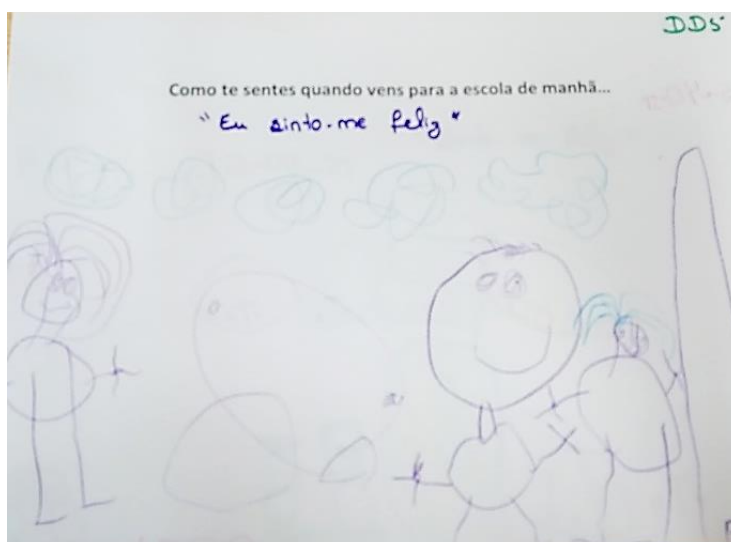


Figura 11 – Desenho da criança DD5, "Eu sinto-me feliz"

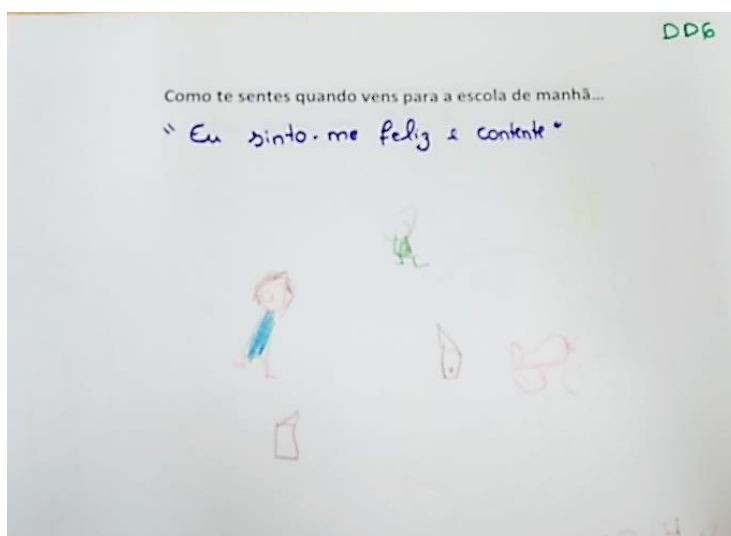


Figura 12 – Desenho da criança DD6, "Eu sinto-me feliz e contente"

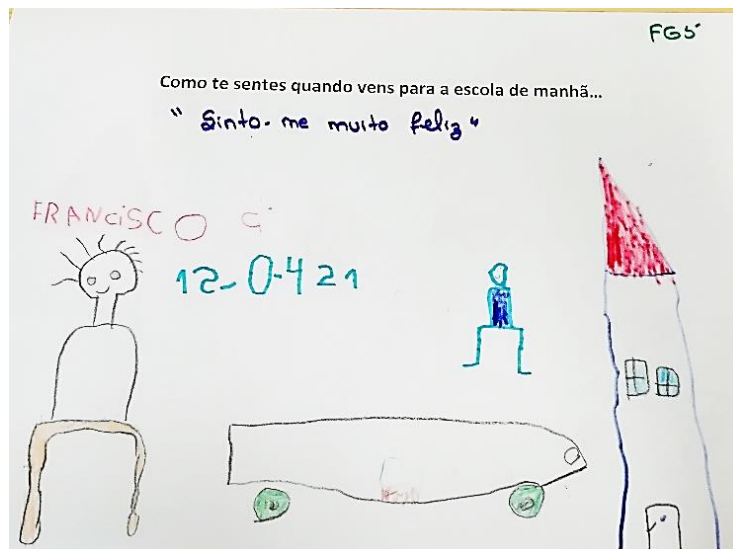


Figura 13 – Desenho da criança FG5, “Eu sinto-me muito feliz”

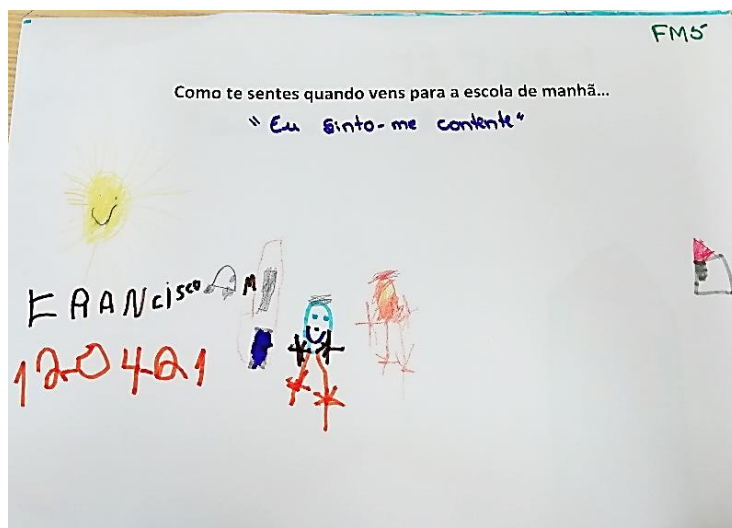


Figura 14 – Desenho da criança FM5, “Eu sinto-me contente”



Figura 15 – Desenho da criança JS5, “Eu sinto-me muito muito feliz”



Figura 16 – Desenho da criança LF6, “Eu sinto-me muito feliz”

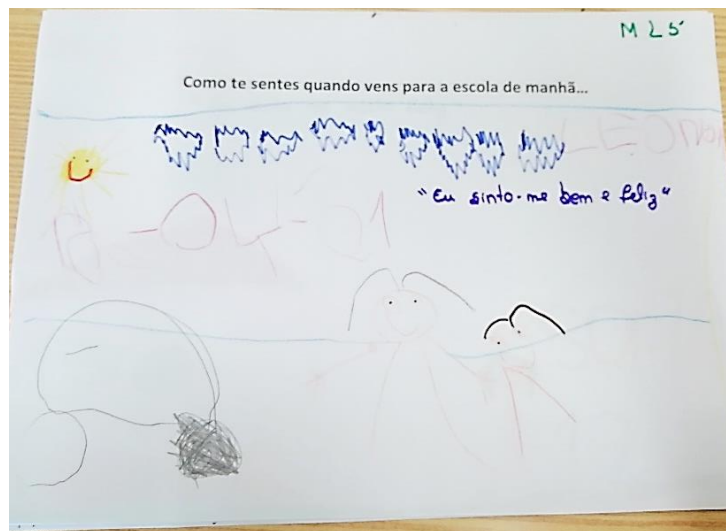


Figura 17 – Desenho da criança ML5, “Eu sinto-me bem e feliz”

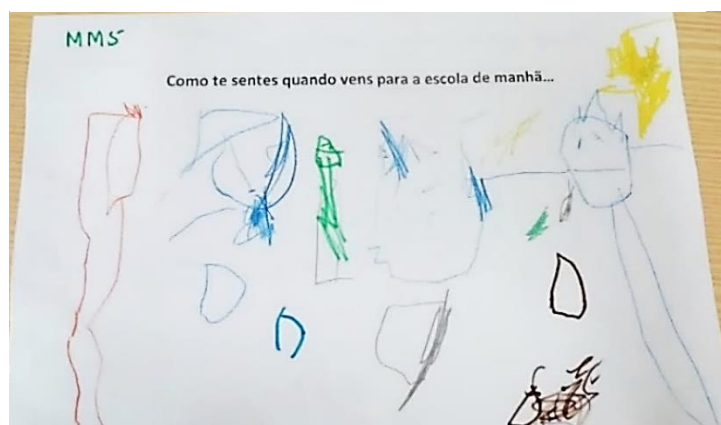


Figura 18 – Desenho da criança MM5, “Eu sinto-me bem e feliz”



Figura 19 – Desenho da criança MV5, "Sinto-me feliz"

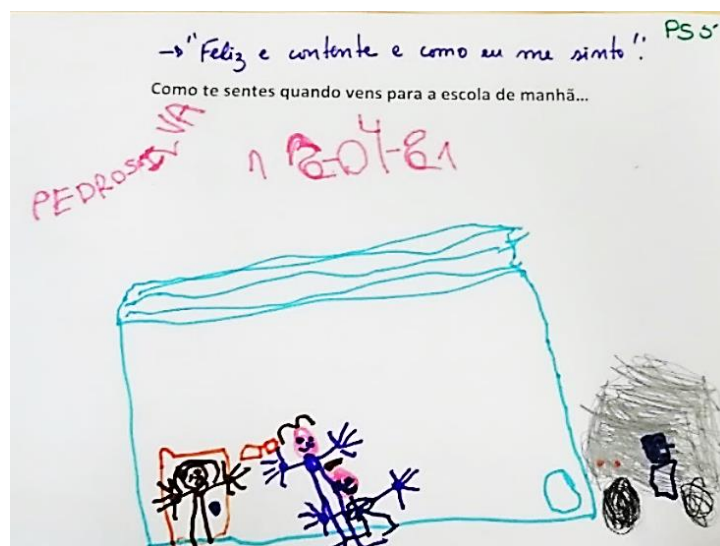


Figura 20 – Desenho da criança PS5, "Feliz e contente é como eu me sinto"

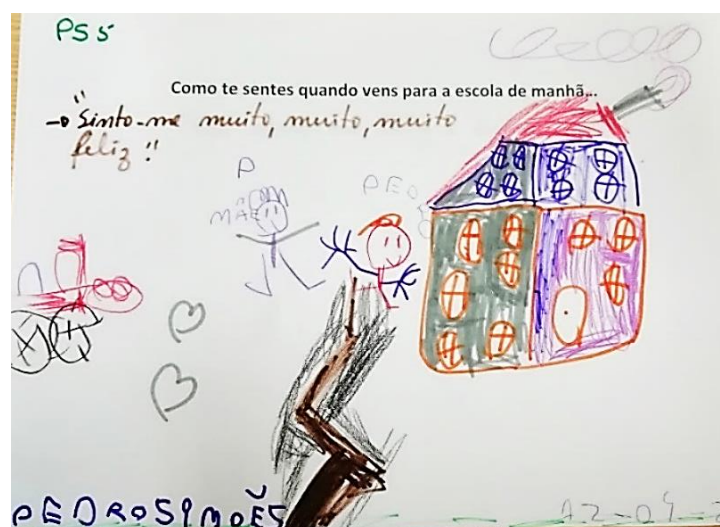


Figura 21 – Desenho da criança PS5, "Sinto-me muito, muito feliz"



Figura 22 – Desenho da criança RN6, "Eu sou feliz"

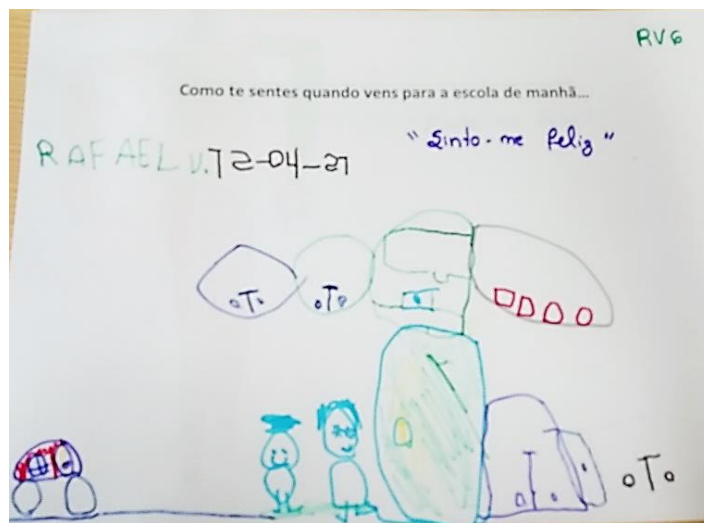


Figura 23 – Desenho da criança RV6, "Sinto-me feliz"

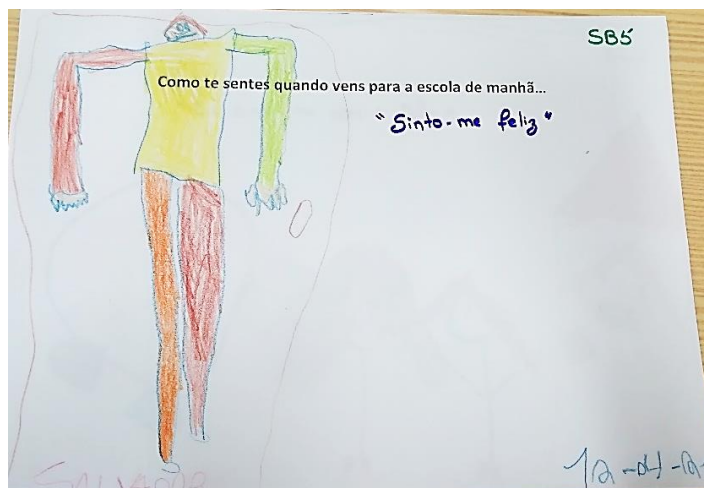


Figura 24 – Desenho da criança SB5, "Sinto-me feliz"



Figura 25 – Desenho da criança SC5, “Eu sinto-me bem e feliz”



Figura 26 – Desenho da criança SF5, “Eu sinto-me muito feliz”

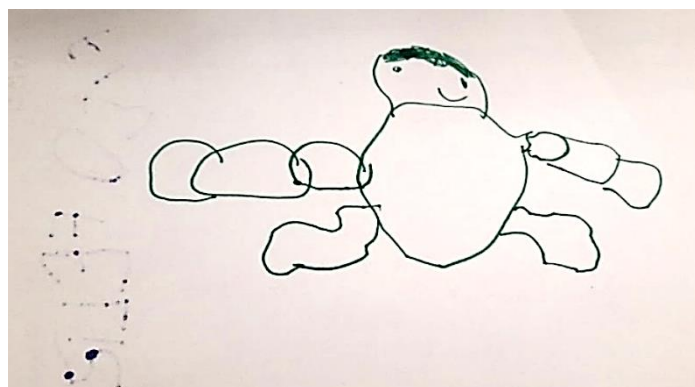


Figura 27 – Desenho da criança GB5, “Eu quando vou para a escola sinto-me feliz e bem”

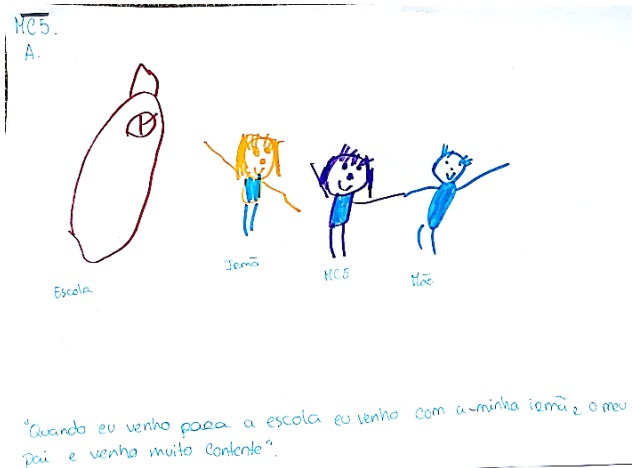


Figura 28 – Desenho da criança MC5, "Quando eu venho para a escola eu venho com a minha irmã e o meu pai e venho muito contente"



Figura 29 – Desenho da criança EV4, "Venho triste para a escola porque queria ficar em casa com os meus pais"

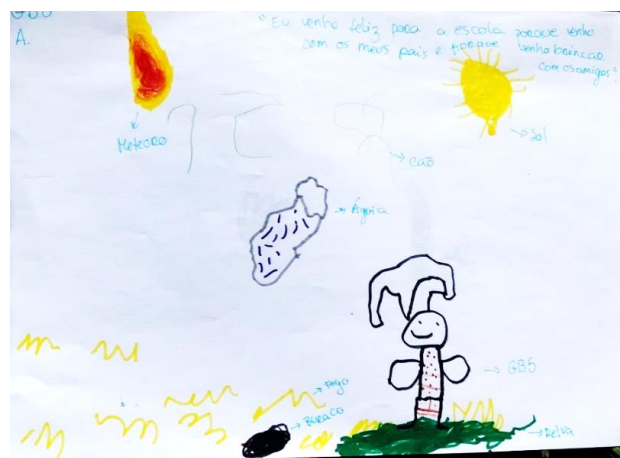


Figura 30 – Desenho da criança GB5, "Eu venho feliz para a escola porque venho com os meus pais e porque venho brincar com os amigos"

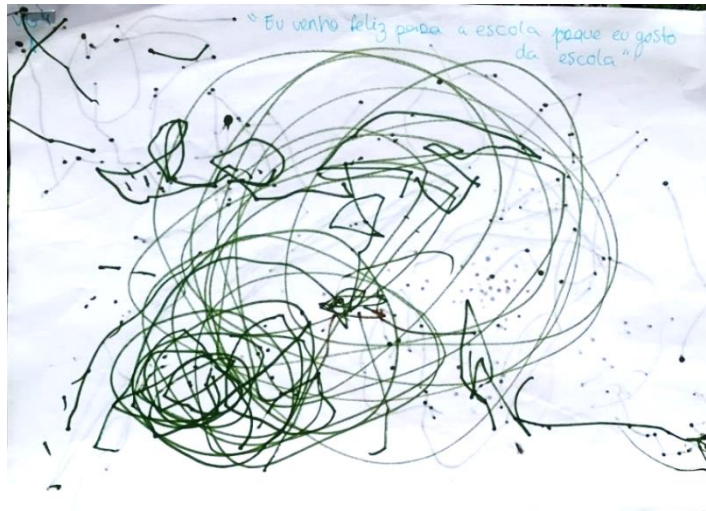


Figura 31 – Desenho da criança VG4, "Eu venho feliz para a escola porque eu gosto da escola"



Figura 32 – Desenho da criança MC5, "Quando eu venho para a escola eu venho feliz porque venho brincar com os brinquedos"



Figura 33 – Desenho da criança FD5, "Quando venho para a escola venho triste porque gostava de ficar em casa com o pai"

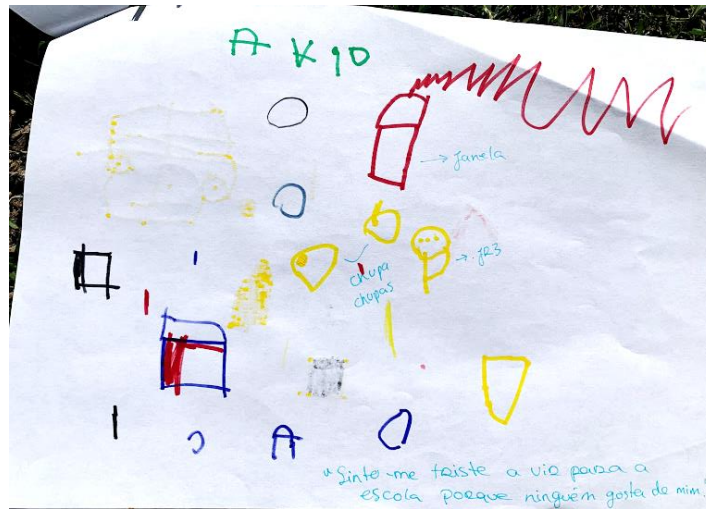


Figura 34 – Desenho da criança JR3, "Eu gosto de aprender o corpo humano"



Figura 35 – Desenho da criança JR5, "Eu gosto de aprender o corpo humano"

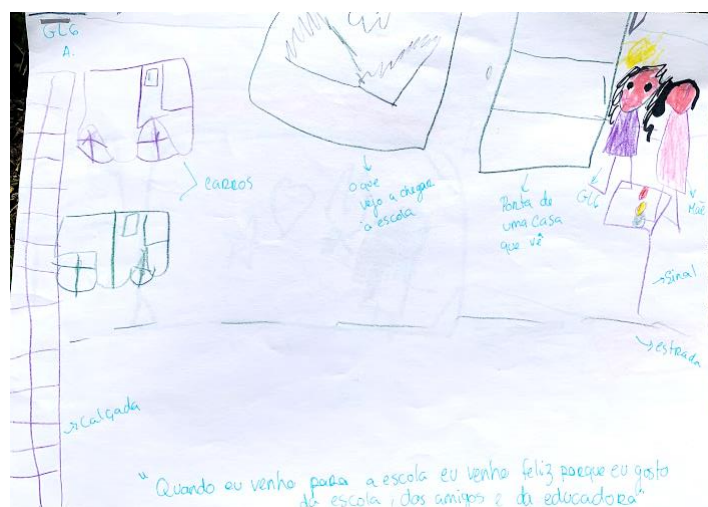


Figura 36 – Desenho da criança GL6, "Quando eu venho para a escola eu venho feliz porque eu gosto da escola, dos amigos e da educadora"



Figura 37 – Desenho da criança MG5, "Eu quando venho para escola venho muito feliz"



Figura 38 – Desenho da criança AN6, "Quando venho para a escola às vezes venho feliz e outras vezes venho triste porque a avó às vezes rilha comigo"

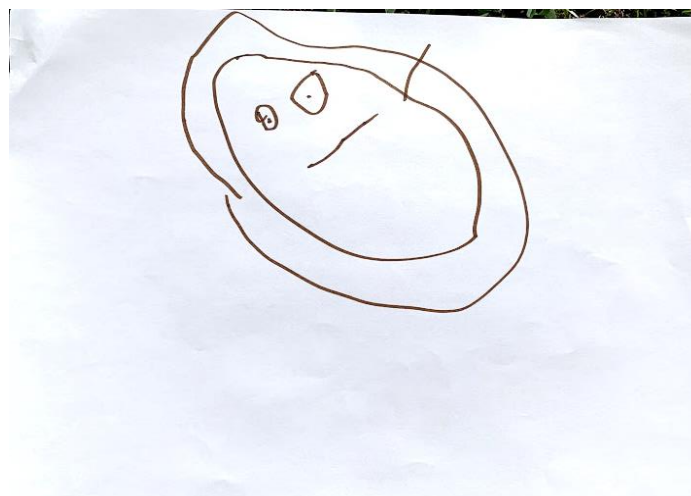


Figura 39 – Desenho da criança AR4, "Eu quando vou para a escola sinto-me mais ou menos porque quero vir brincar com os meus amigos, mas queria ficar com os pais a dormir na cama deles"



Figura 40 – Desenho da criança MF4, “Quando venho para a escola sinto-me feliz porque venho brincar com os meus amigos”



Figura 41 – Desenho da criança SF4, “Eu gosto de vir para a escola porque aqui não estou sozinho”



Figura 42 – Desenho da criança DP6, “eu quando venho para a escola sinto-me assustado e triste porque gritam comigo quando eu me porto mal”



Figura 43 – Desenho da criança CA5, "Eu gosto de vir para a escola quando os meus amigos não me batem"



Figura 44 – Desenho da criança JJ4, "Quando eu venho para cá sinto me feliz e contente porque vou brincar ao que eu quiser e aprender coisas fixes"



Figura 45 – Desenho da criança DG4, "Eu sinto me bem quando venho para a escola"



Figura 46 – Desenho da criança NS5, "Quando venho para a escola sinto sono porque a mãe acorda-me e eu quero dormir"

Anexo L - Desenhos A, realizado pelas crianças de 1.º CEB

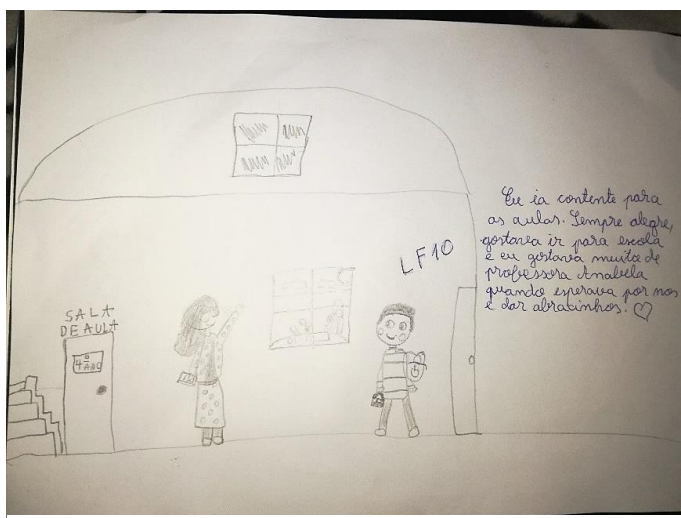


Figura 47 – Desenho da criança LF10, “Eu ia contente para as aulas. Sempre alegre, gostava de ir para a escola e eu gostava muito da professora, quando esperava por nós e dava abraçinhos”



Figura 48 – Desenho da criança JC8, “Eu quando vou para a escola vou contente porque vou a passear e a brincar com a minha irmã até chegar a escola”.



Figura 49 – Desenho da criança AF8, “Eu gosto de ir para a escola porque me sinto bem lá”

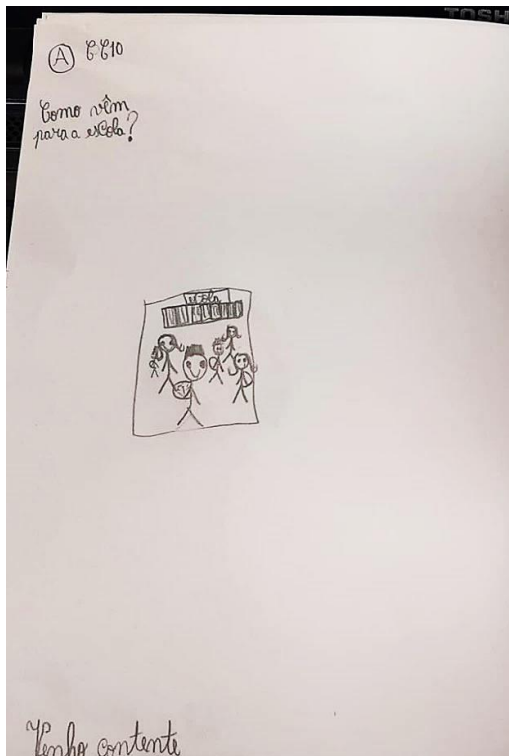


Figura 50 – Desenho da criança CC10, “Venho contente”



Figura 51 – Desenho da criança DH9, “Venho contente”



Figura 52 – Desenho da criança CC9, “Eu quando vou para a escola sinto me feliz porque venho ter com os meus amigos e com a minha professora”

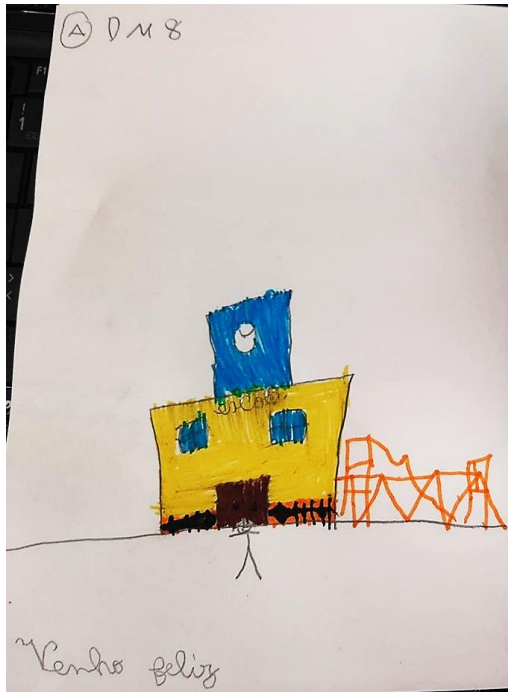


Figura 53 – Desenho da criança DM8, "Venho Feliz"

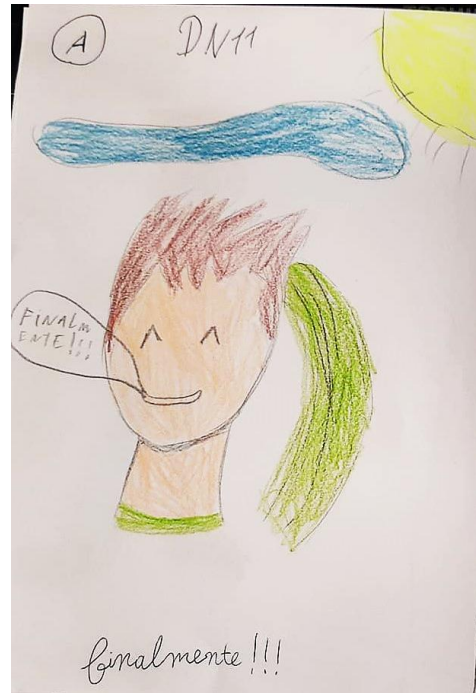


Figura 54 – Desenho da criança DN11, "Finalmente"



Figura 55 – Desenho da criança EC8, "Venho Feliz"



Figura 56 – Desenho da criança EO10, "Venho com sono"



Figura 57 – Desenho da criança FA8, "Venho feliz"

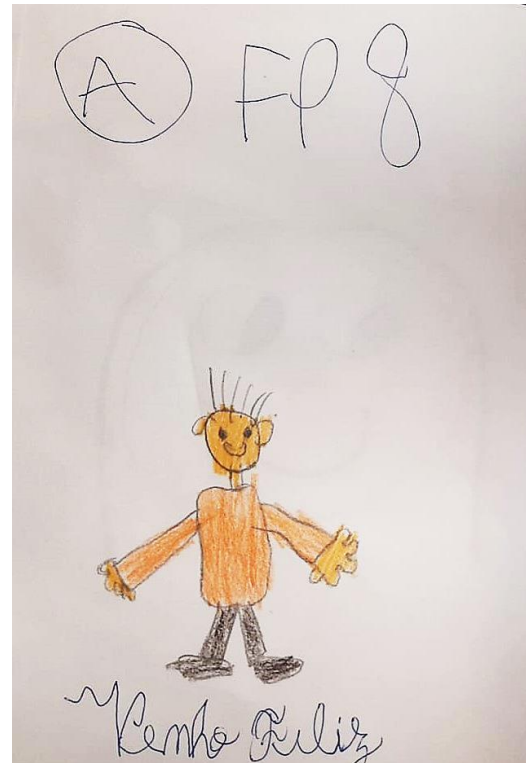


Figura 58 – Desenho da criança FP8, "Venho feliz"

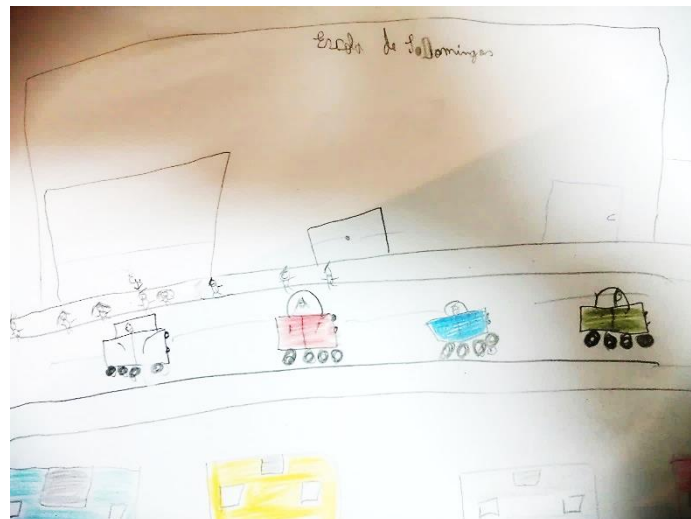


Figura 59 – Desenho da criança RS8, "Eu quando venho para a escola venho feliz, menos quando a minha mãe ralha comigo por estar atrasado".



Figura 60 – Desenho da criança PO8, “Eu quando venho para a escola sinto-me bem porque é um sítio que eu gosto de estar, porque aprendo, tenho os meus amigos e brincamos a muitas coisas”

”

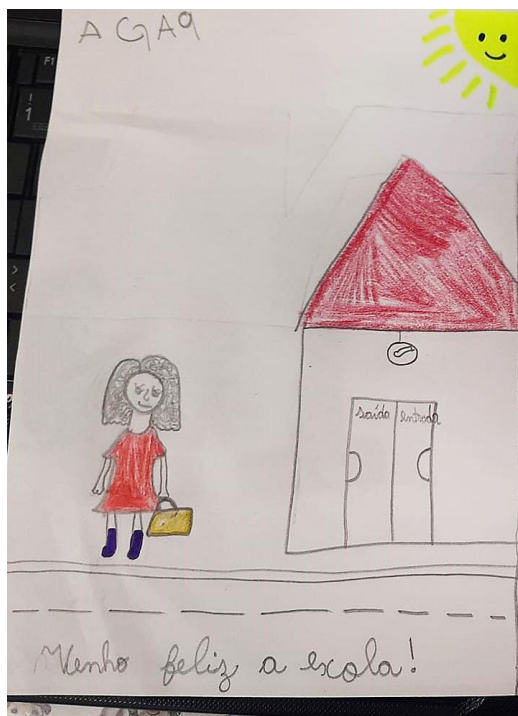


Figura 61 – Desenho da criança GA9, “Venho feliz a escola”

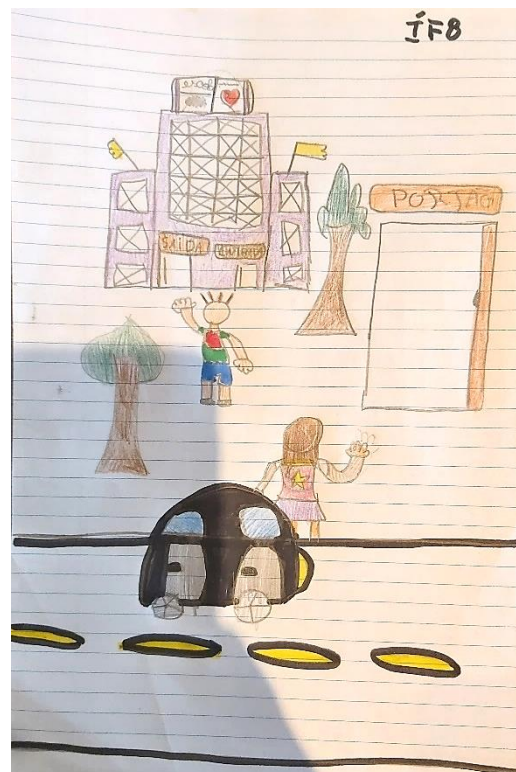


Figura 62 – Desenho da criança IF8, “Eu quando venho para a escola fico contente por ver os meus amigos, mas fico triste por deixar a minha mãe”



Figura 63 – Desenho da criança BG8, "Neste desenho, desenhei eu muito feliz, porque quando vou para a escola vou ter aulas, aprender coisas novas, ver os meus amigos e a professora"

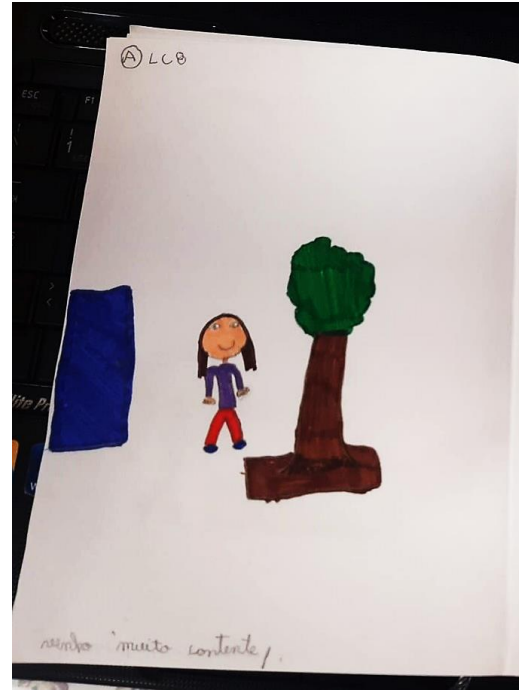


Figura 64 – Desenho da criança LC8, "Venho muito contente"



Figura 65 – Desenho da criança LF10, "Eu venho alegre"

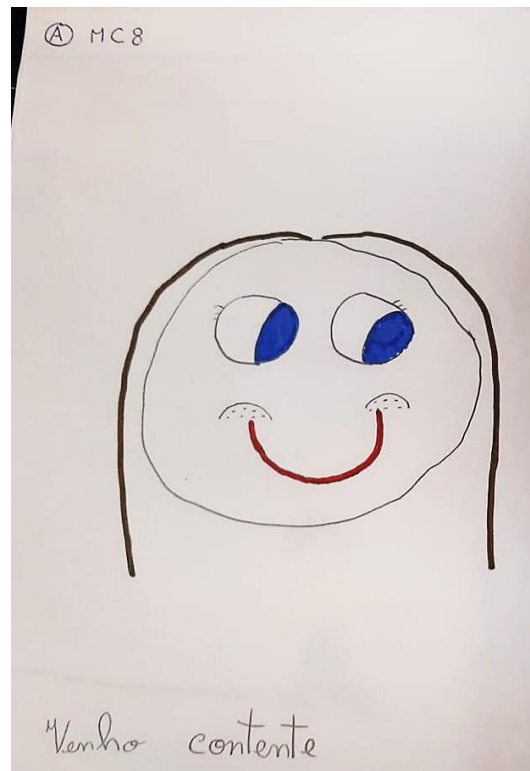


Figura 66 – Desenho da criança MC8, "Eu venho contente"

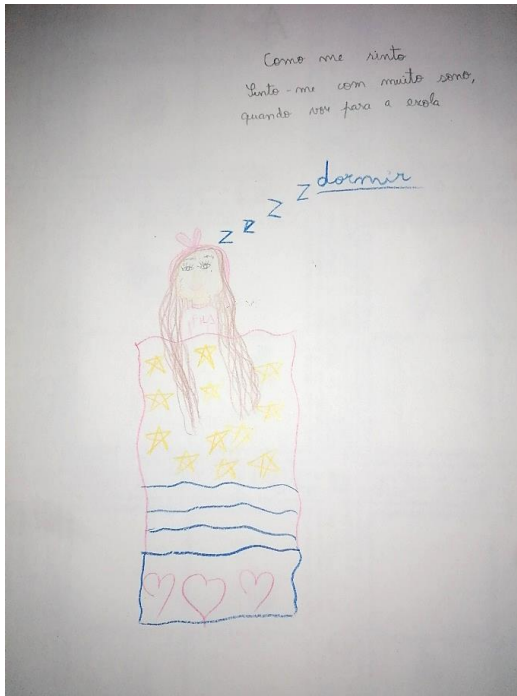


Figura 67 – Desenho da criança AS9, "Sinto-me com muito sono quando vou para a escola"

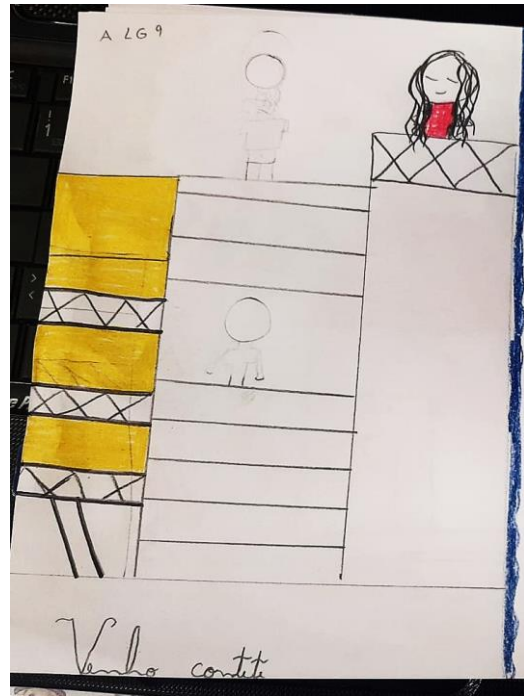


Figura 68 – Desenho da criança LG9, "Venho contente"

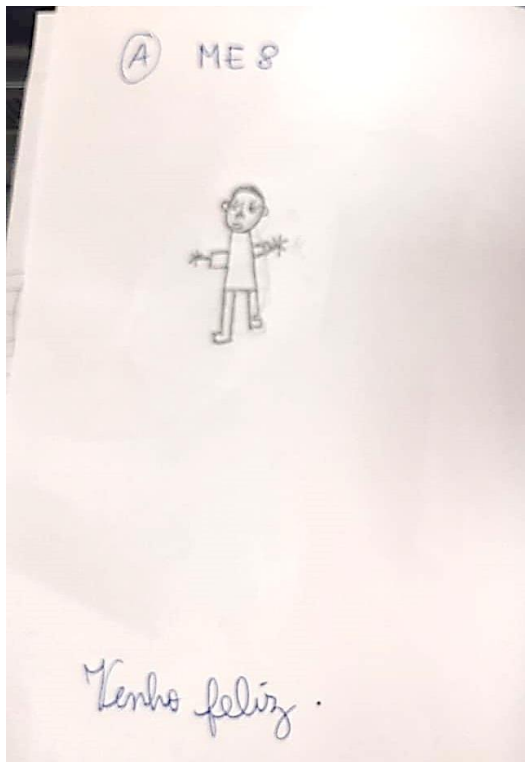


Figura 69 – Desenho da criança ME8, "Venho feliz"



Figura 70 – Desenho da criança SM9, "Venho feliz"



Figura 71 – Desenho da criança FR9, “Eu quando venho para a escola venho com muito sono e gostava de ficar na cama a dormir”



Figura 72 – Desenho da criança VA9, “Eu venho contente para a escola porque vou brincar muito e aprender muito”.



Figura 73 – Desenho da criança MF9, “Eu quando venho para a escola venho mais ou menos porque às vezes os amigos não me deixam brincar com eles”



Figura 74 – Desenho da criança SP9, “Venho alegre”



Figura 75 – Desenho da criança VR8, “Venho feliz para a escola”



Figura 76 – Desenho da criança LD10, “Venho muito feliz para a escola”

Anexo M - Desenhos B, realizados pelas crianças de JI

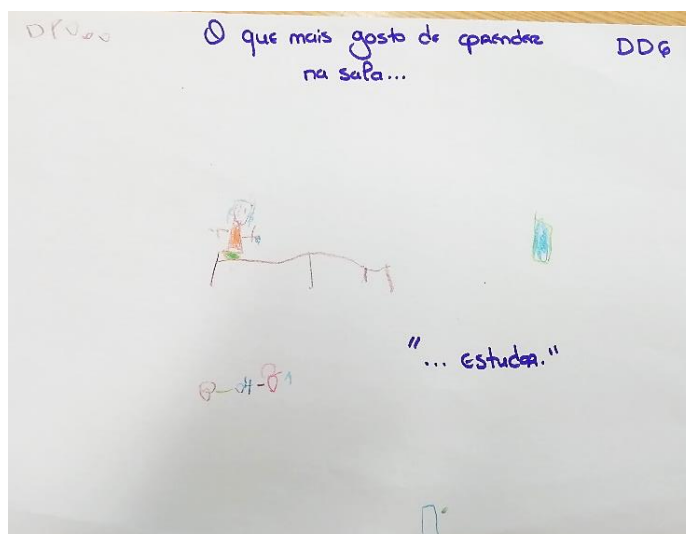


Figura 79 – Desenho da criança DD6, "O que mais gosto de aprender na sala é estudar"



Figura 80 – Desenho da criança DG5, "O que mais gosto de aprender na sala é desenhar"

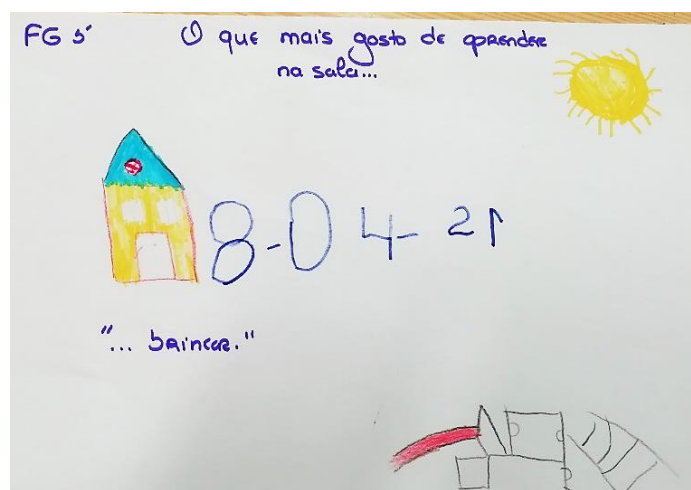


Figura 81 – Desenho da criança FG5, "O que mais gosto de aprender na sala é brincar"

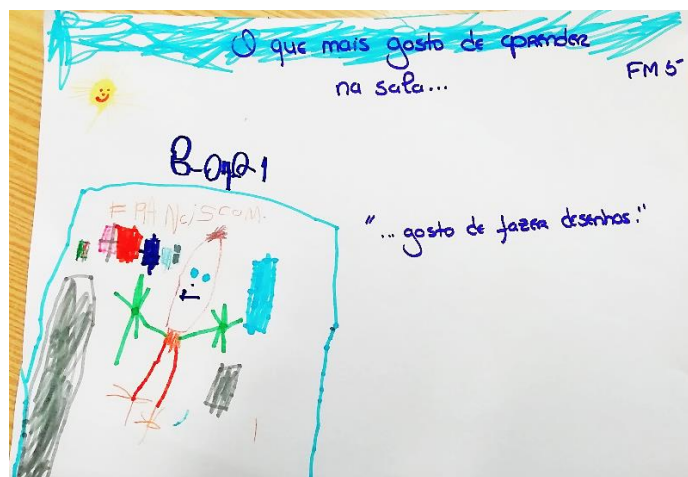


Figura 82 – Desenho da criança FM5, "O que mais gosto de aprender na sala é fazer desenhos"

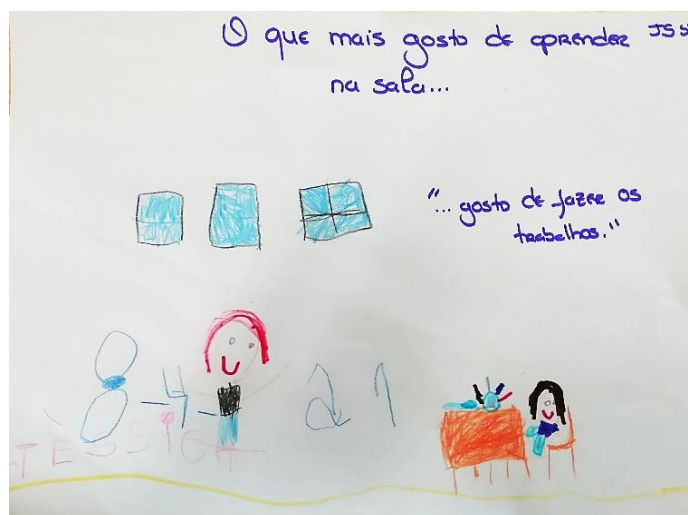


Figura 83 – Desenho da criança IS5, "O que mais gosto de aprender na sala é fazer os trabalhos"

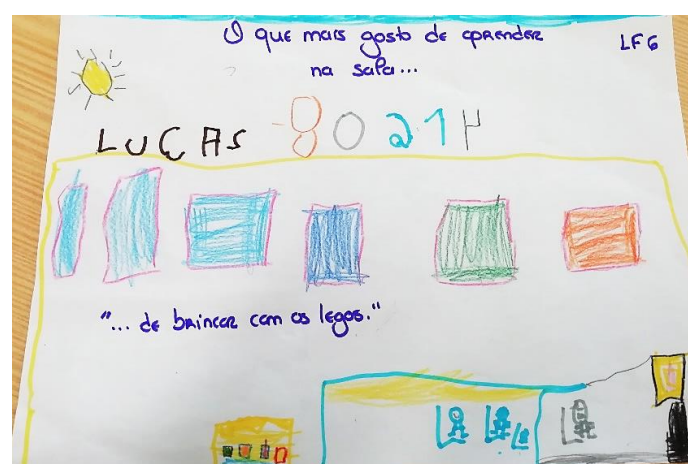


Figura 84 – Desenho da criança LF6, "O que mais gosto de aprender na sala é de brincar com os legos"

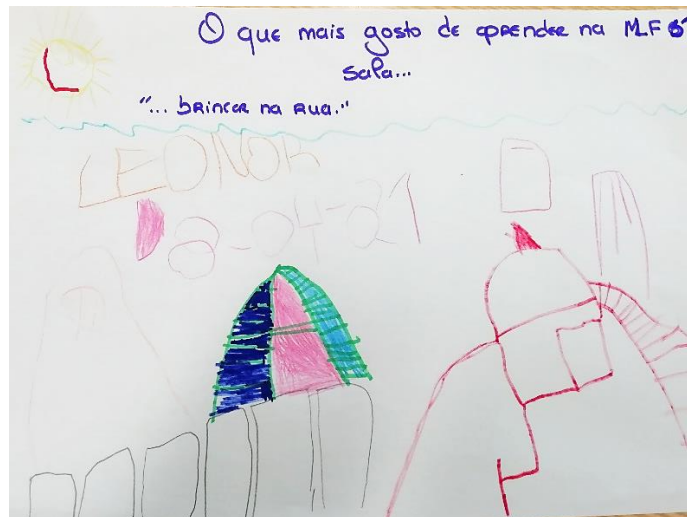


Figura 85 – Desenho da criança MF6, "O que mais gosto de aprender na sala é de brincar na rua"

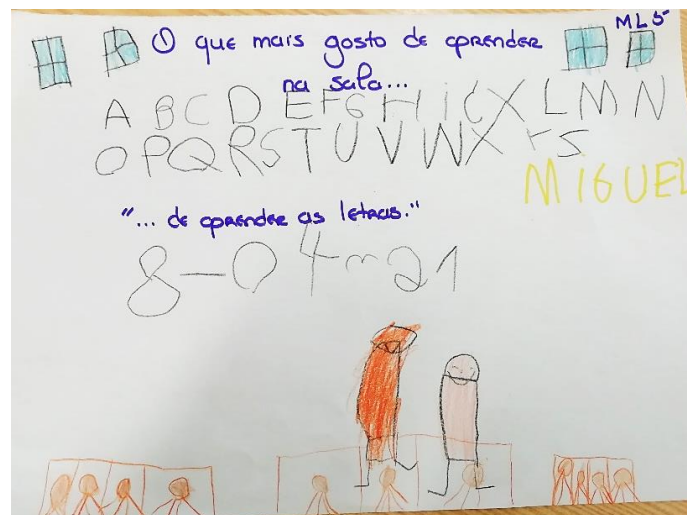


Figura 86 – Desenho da criança ML5, "O que mais gosto de aprender na sala é de aprender as letras"

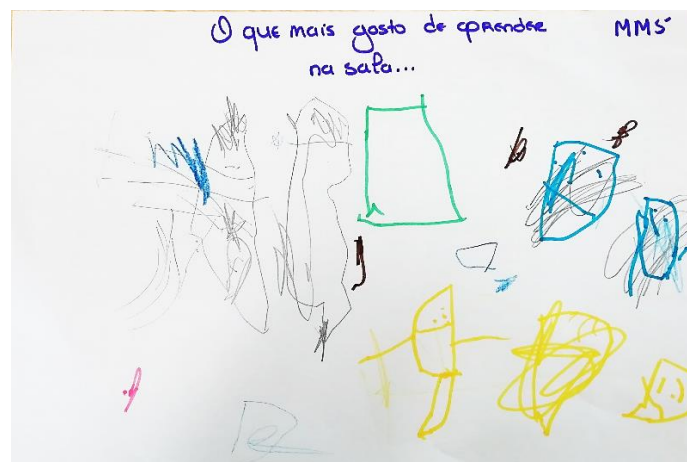


Figura 87 – Desenho da criança MM5, "O que mais gosto de aprender na sala é de brincar com os legos"

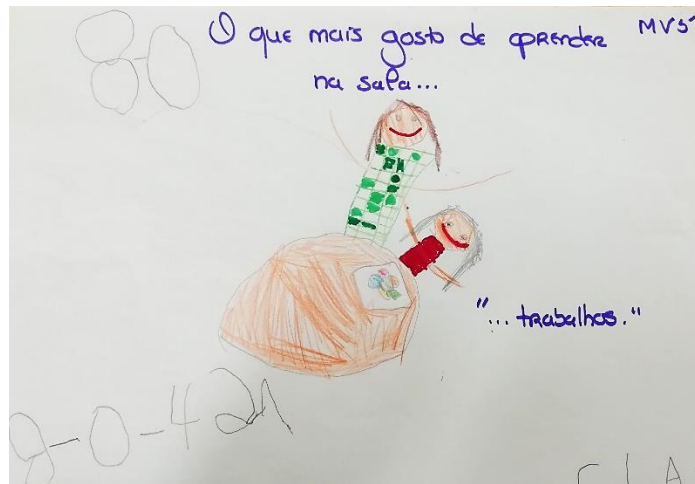


Figura 88 – Desenho da criança MV5, "O que mais gosto de aprender na sala é dos trabalhos"



Figura 89 – Desenho da criança PS5, "O que mais gosto de aprender na sala é de fazer trabalhos novos"

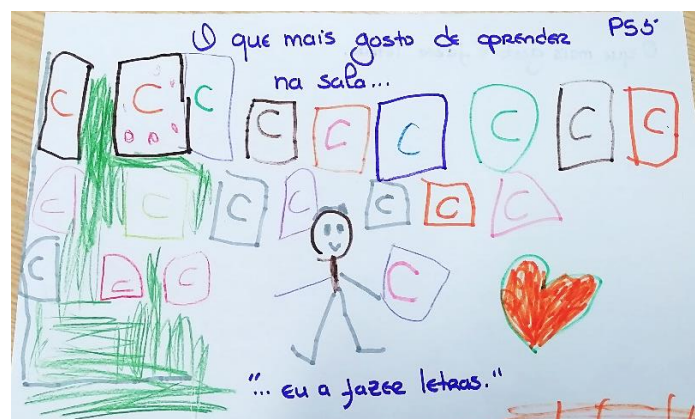


Figura 90 – Desenho da criança PS5, "O que mais gosto de aprender na sala é de fazer letras"



Figura 91 – Desenho da criança RN6, "O que mais gosto de aprender na sala é desenhar e as letras"



Figura 92 – Desenho da criança RV6, "O que mais gosto de aprender na sala é de aprender histórias dançadas"



Figura 93 – Desenho da criança SB5, "O que mais gosto de aprender na sala é de aprender a cortar papel"



Figura 94 – Desenho da criança SC5, "O que mais gosto de aprender na sala é de brincar na rua"

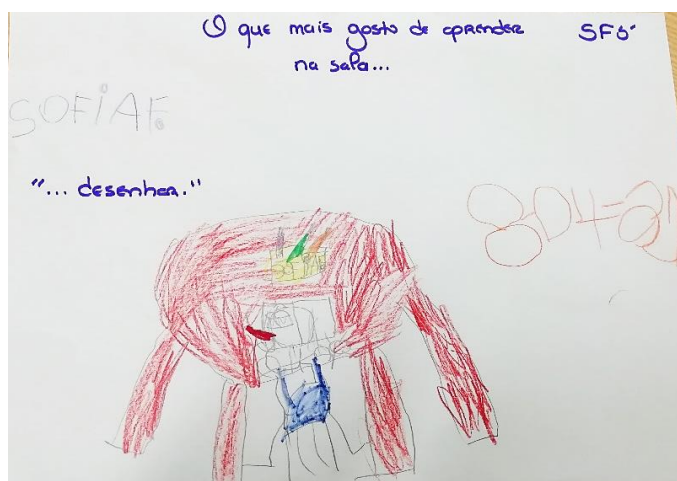


Figura 95 – Desenho da criança SF5, "O que mais gosto de aprender na sala é de desenhando"

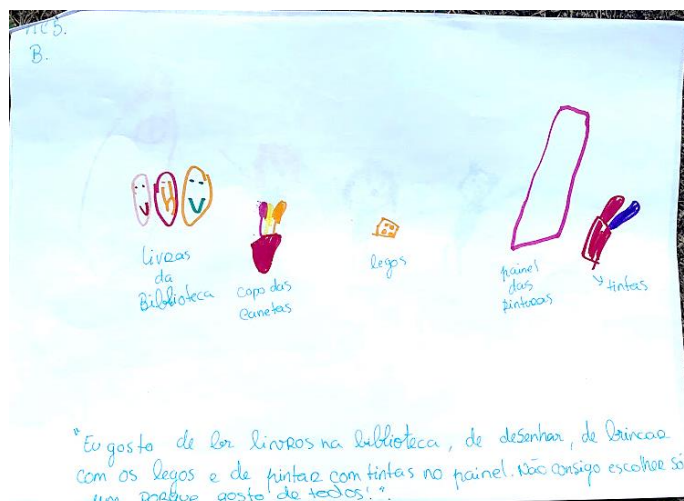


Figura 96 – Desenho da criança MC5, "Eu gosto de ler livros na biblioteca, de desenhar, de brincar com os legos e de pintar com tintas no painel. Não consigo escolher só um porque gosto de todos"

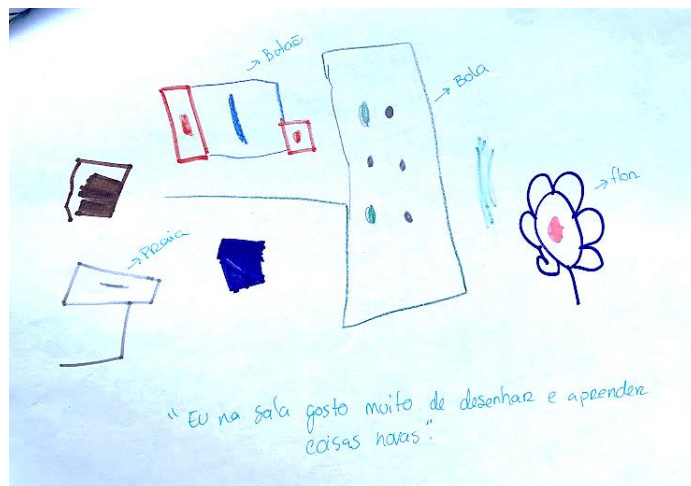


Figura 97 – Desenho da criança EV4, "Eu na sala gosto muito de desenhar e aprender coisas novas"



Figura 98 – Desenho da criança GB5, "Eu gosto muito de quando desenhamos lá fora no recreio"

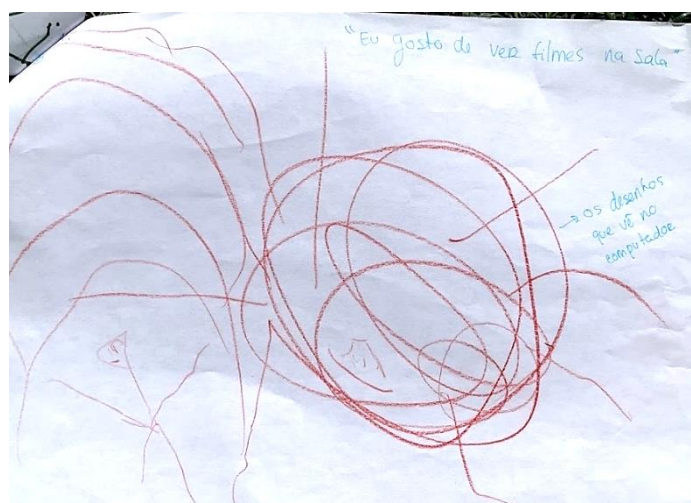


Figura 99 – Desenho da criança VG4, "Eu gosto de ver filmes na sala"



Figura 100 – Desenho da criança MC5, "Eu gosto de brincar nas áreas todas com as minhas amigas, mas às vezes não posso estar sempre na mesma área..."

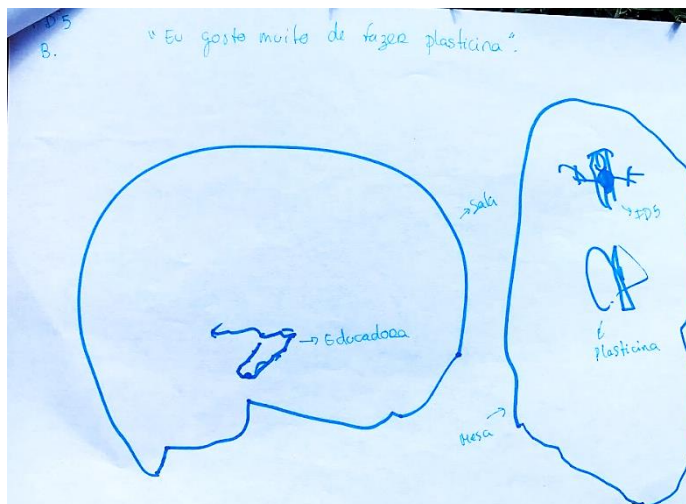


Figura 101 – Desenho da criança FD5, "Eu gosto muito de fazer plasticina"

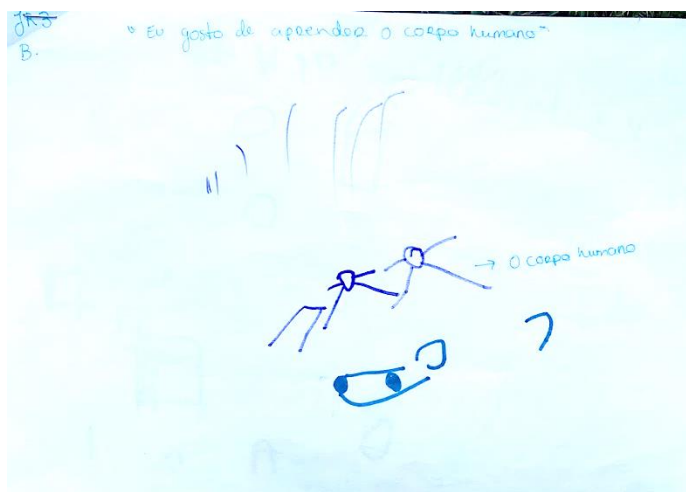


Figura 102 – Desenho da criança JR3, "Eu gosto de aprender o corpo humano"



Figura 103 – Desenho da criança MP5, "Eu gosto muito dos legos e de montar"

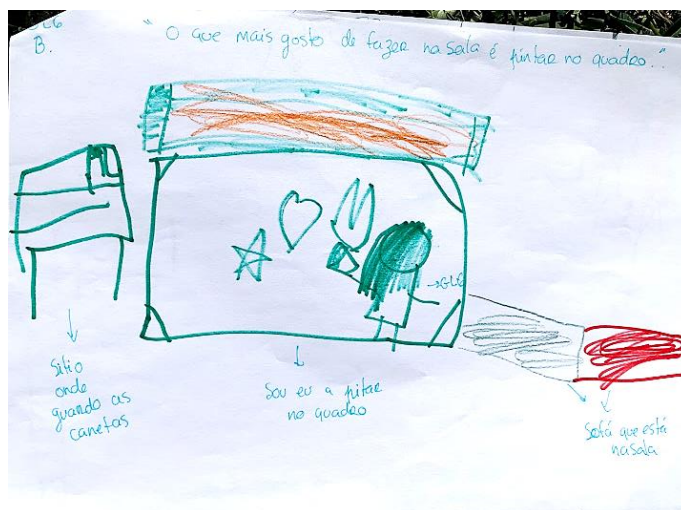


Figura 104 – Desenho da criança GL6, "O que mais gosto de fazer na sala é pintar no quadro"



Figura 105 – Desenho da criança MG5, "Eu gosto de brincar aos fantasmas com os meus amigos e gosto de aprender a pintar"

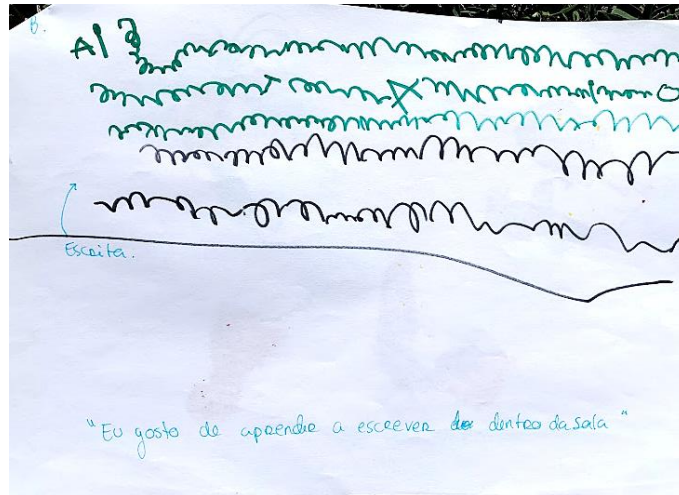


Figura 106 – Desenho da criança AN6, "Eu gosto de aprender a escrever dentro da sala"



Figura 107 – Desenho da criança DC5, "O que mais gosto de fazer na minha sala é quando vamos lá para fora para o jardim e para a casinha"



Figura 108 – Desenho da criança DD5, "Gosto de Brincar com o C. no cantinho da garagem e fazemos corridas com os carros"



Figura 109 – Desenho da criança AR4, "Gosto de brincar com plasticina com a L e a R porque fazemos animais e comidas"



Figura 110 – Desenho da criança SF4 , "eu gosto quando fazemos teatro na rua"



Figura 111 – Desenho da criança GB5, "eu gosto de brincar às famílias na casinha"



Figura 112 – Desenho da criança DP6 , "eu gosto de brincar na casinha"

Anexo N - Desenhos B, realizados pelas crianças de 1.ºCEB



Figura 113 – Desenho da criança LF10 , “eu gosto de brincar aprender nas aulas o estudo do meio”

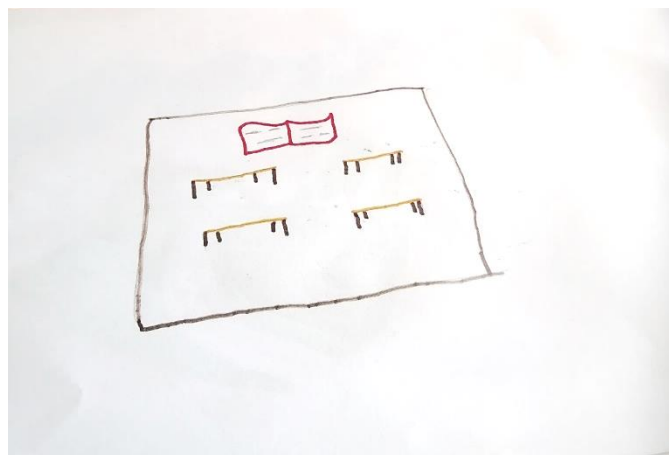


Figura 114 – Desenho da criança JC8 , “O que mais gosto de fazer na sala de aula é de ler”

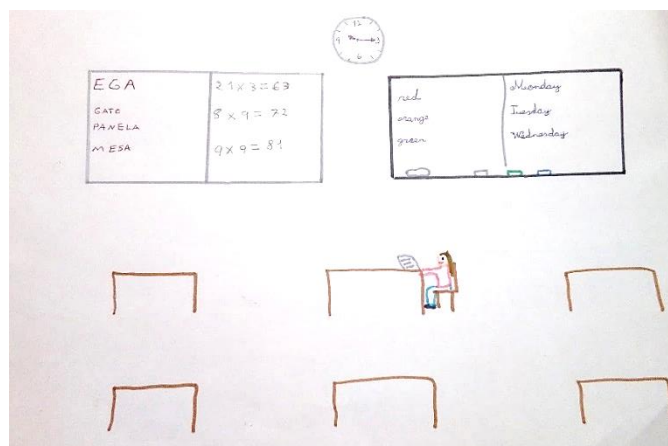


Figura 115 – Desenho da criança CC10 , “Gosto muito de aprender todas as disciplinas”

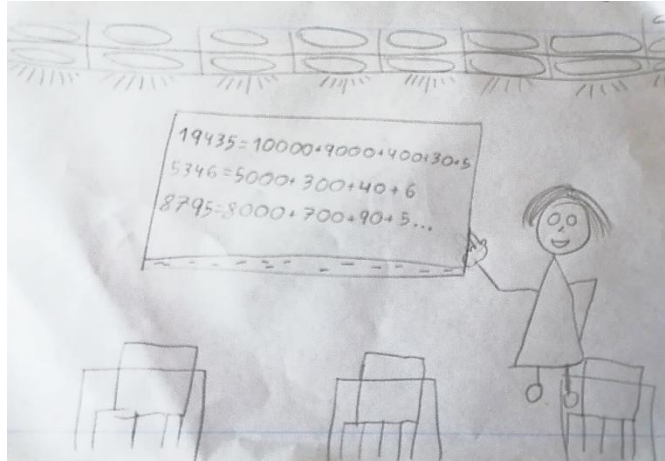


Figura 116 – Desenho da criança DH9, “O que eu mais gosto de aprender na sala é matemática porque tem muitos números”

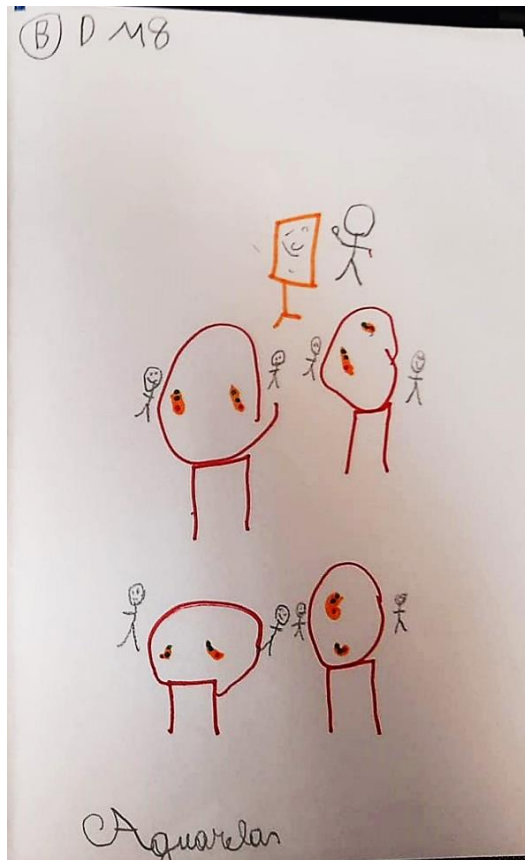


Figura 117 – Desenho da criança DM8, “O que eu mais gosto de aprender na sala é aquarelas”

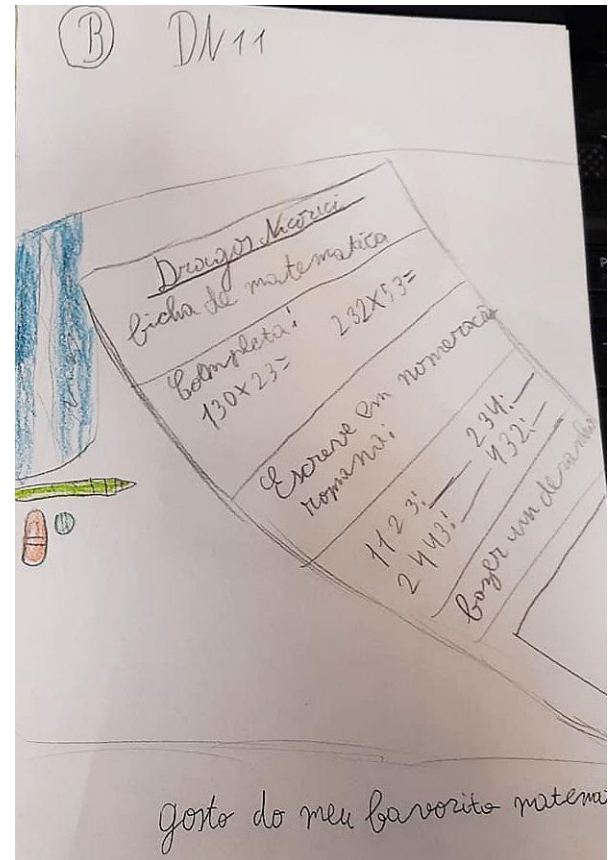


Figura 118 – Desenho da criança DN11, “O que eu mais gosto de aprender na sala é matemática”

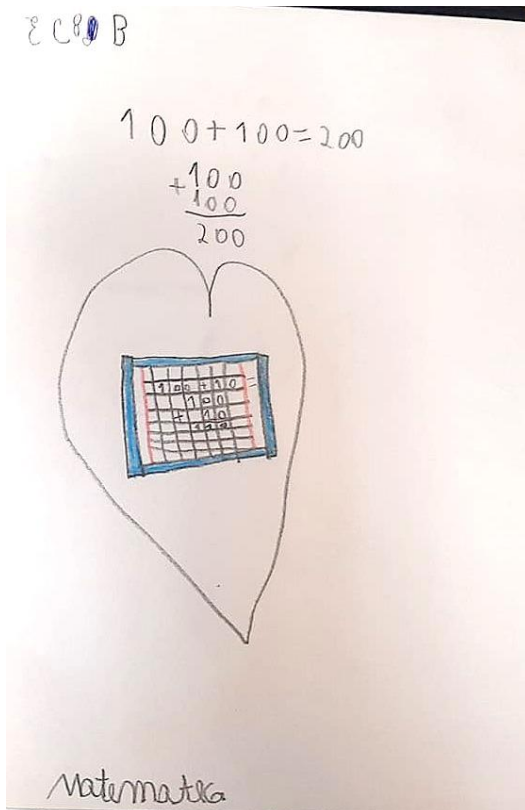


Figura 119 – Desenho da criança EC8, "O que eu mais gosto de aprender na sala é matemática"

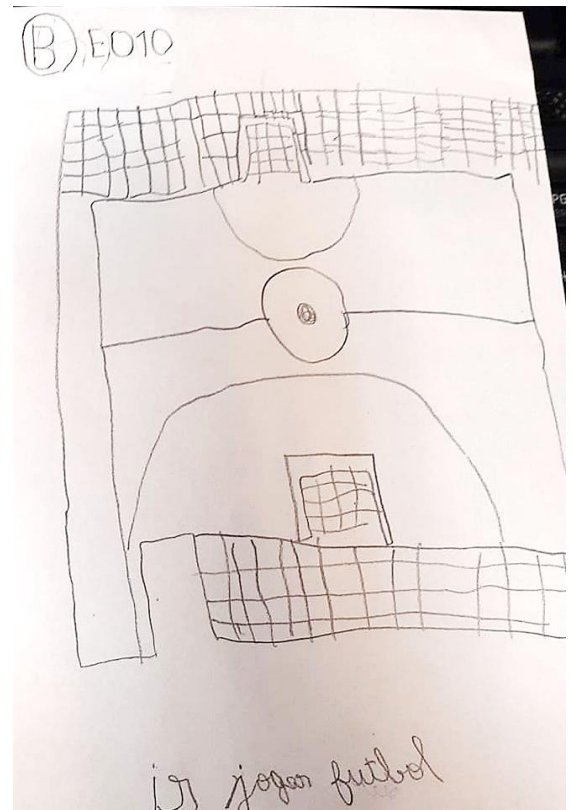


Figura 120 – Desenho da criança E010, "O que eu mais gosto é quando vamos lá para fora jogar futebol"



Figura 121 – Desenho da criança FA8, "O que eu mais gosto de aprender em sala é fazer aquarelas"

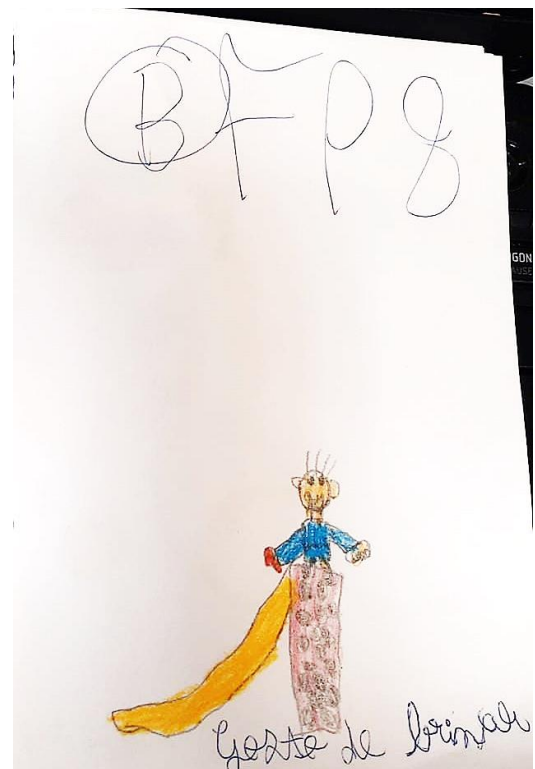


Figura 122 – Desenho da criança FP8, "O que eu mais gosto de aprender em sala é de brincar"

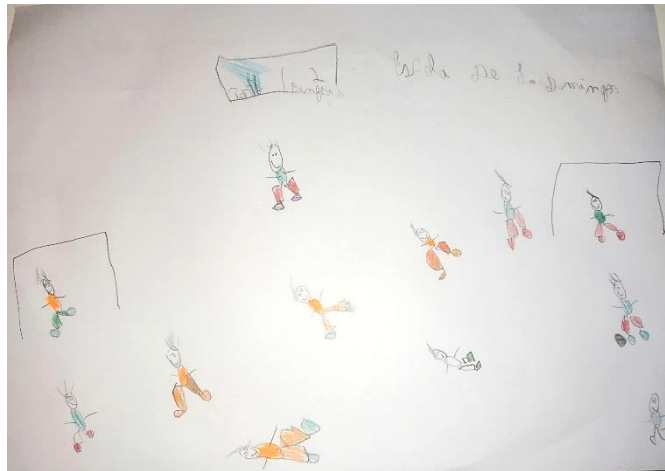


Figura 123 – Desenho da criança CC9 , “O que eu mais gosto de fazer é quando vamos jogar futebol lá para o recreio”

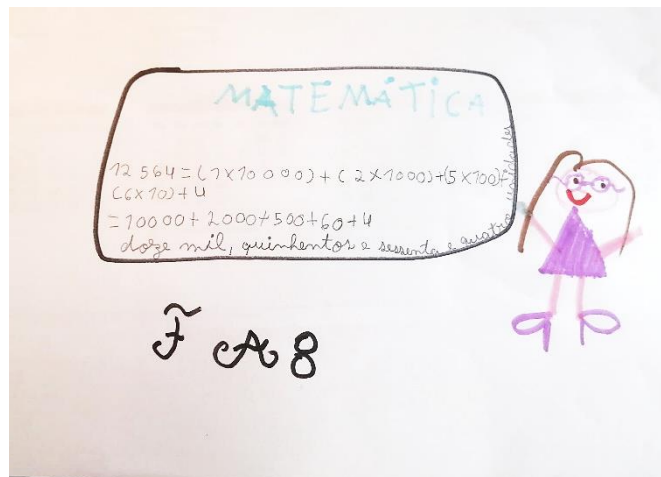


Figura 124 – Desenho da criança FA8 , “Eu gosto de aprender matemática. Matemática é a minha disciplina favorita”

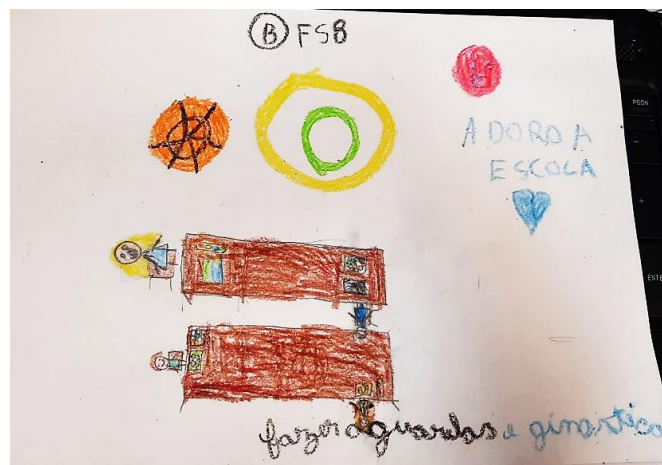


Figura 125 – Desenho da criança FS8 , “O que eu gosto de aprender em sala é de fazer aguarelas”

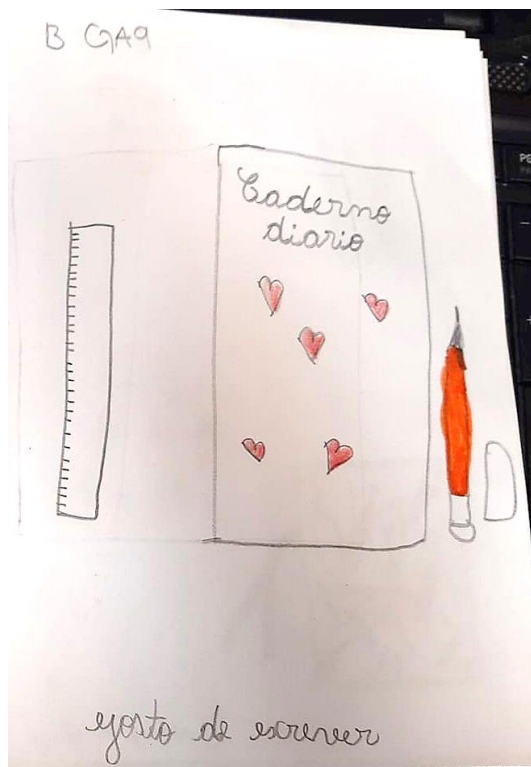


Figura 126 – Desenho da criança GA9, "O que eu mais gosto de aprender em sala de aula é de escrever"

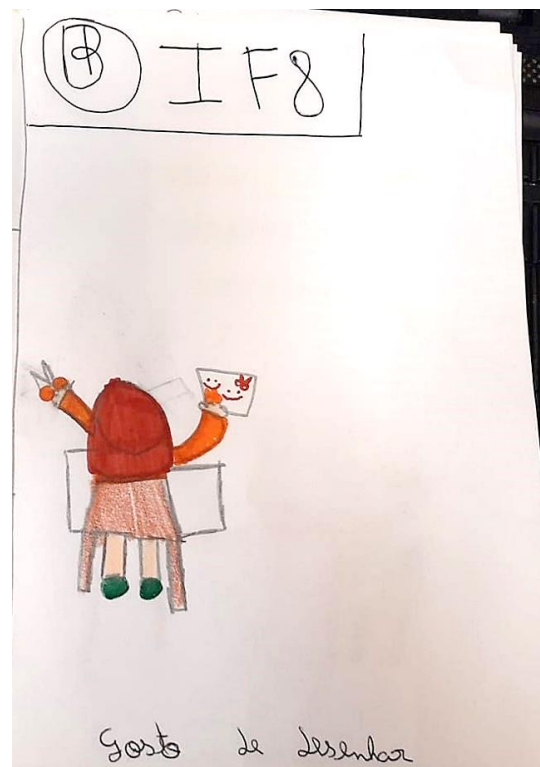


Figura 127 – Desenho da criança IF8, "O que eu mais gosto de aprender em sala de aula é de desenhar"

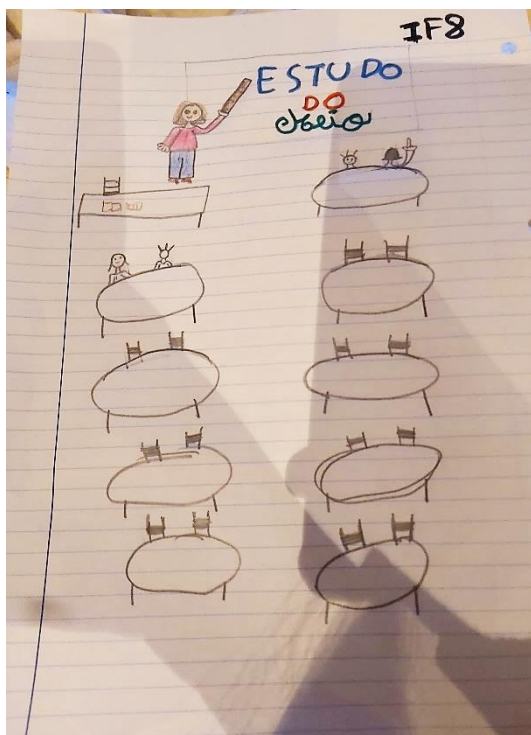


Figura 128 – Desenho da criança IF8, "O que mais gosto de aprender na sala de aula é estudo do meio"



Figura 129 – Desenho da criança RS8, "Eu gosto de aprender tudo"

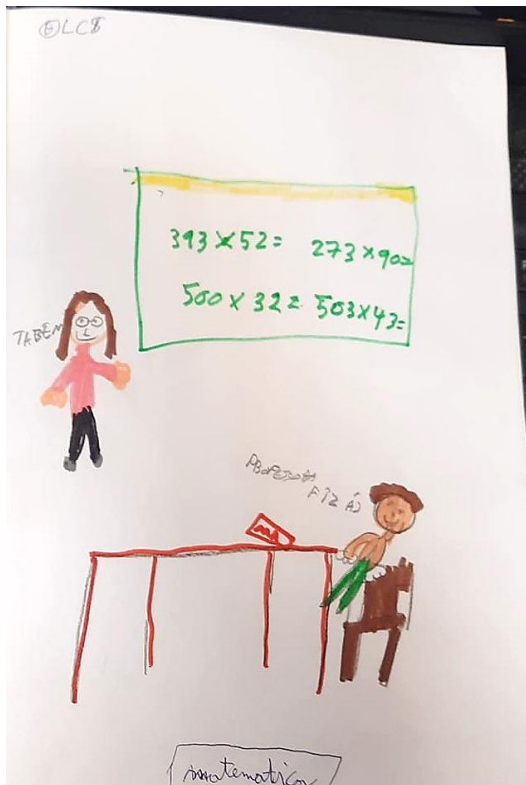


Figura 130 – Desenho da criança LC8, "O que mais gosto de aprender na sala de aula é matemática"



Figura 131 – Desenho da criança LC8, "O que mais gosto de aprender na sala de aula é pintar"



Figura 132 – Desenho da criança LF10, "O que mais gosto de aprender na sala de aula é pintar"

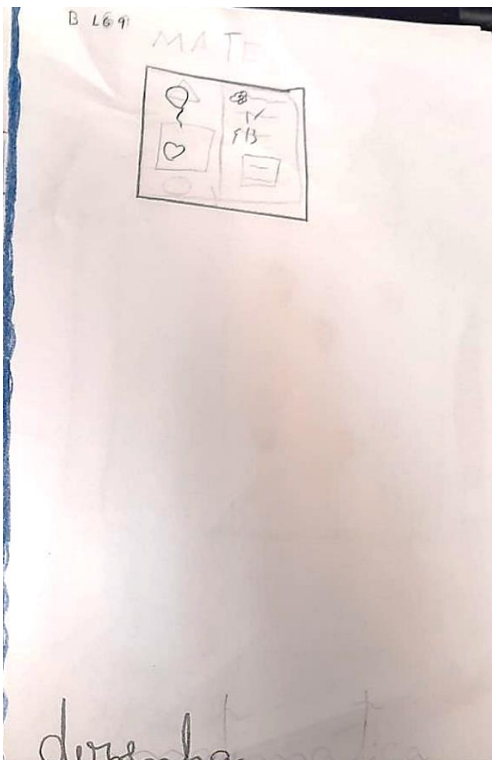


Figura 133 – Desenho da criança LG9, "O que mais gosto de aprender na sala de aula é desenhar"



Figura 134 – Desenho da criança PO8, "O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer pinturas e artes"

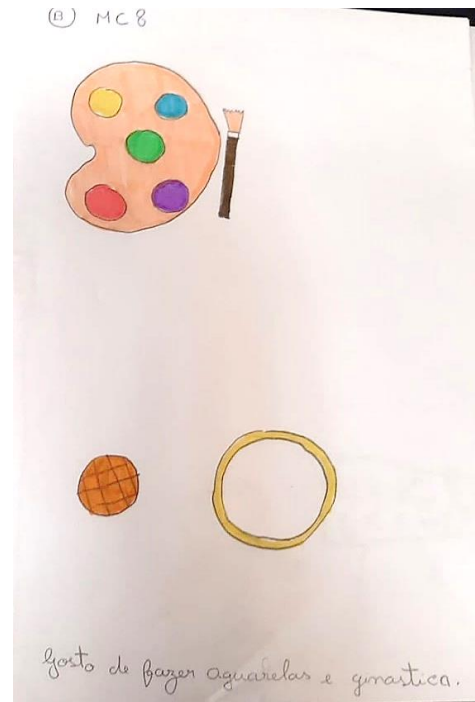


Figura 135 – Desenho da criança MC8, "O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer aguarelas e ginástica"



Figura 136 – Desenho da criança ME8, "O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer plasticina"

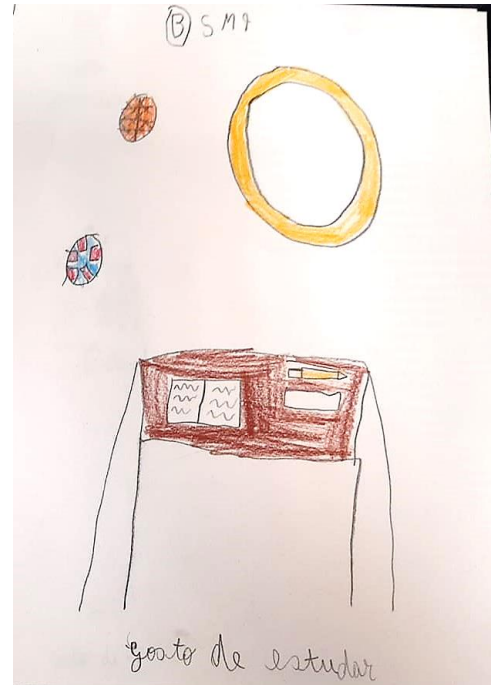


Figura 137 – Desenho da criança SM9, "O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer é de estudar"

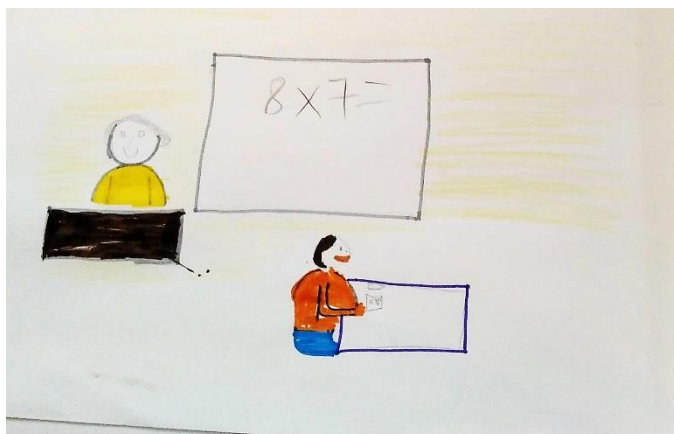


Figura 138 – Desenho da criança BG8, "O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer contas de multiplicação em matemática"



Figura 139 – Desenho da criança AS9, "O que mais gosto de aprender em sala de aula é a disciplina de matemática"

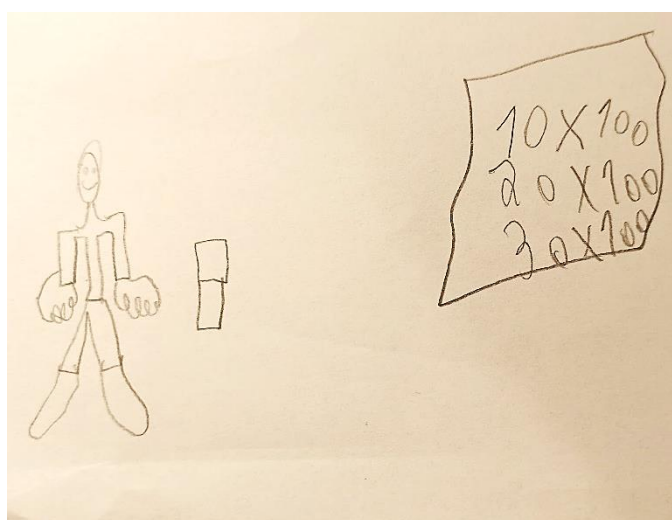


Figura 140 – Desenho da criança FR9, "O que mais gosto de aprender em sala de aula é fazer contas no quadro com a ajuda da professora"



Figura 141 – Desenho da criança SP9, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é de fazer slime”

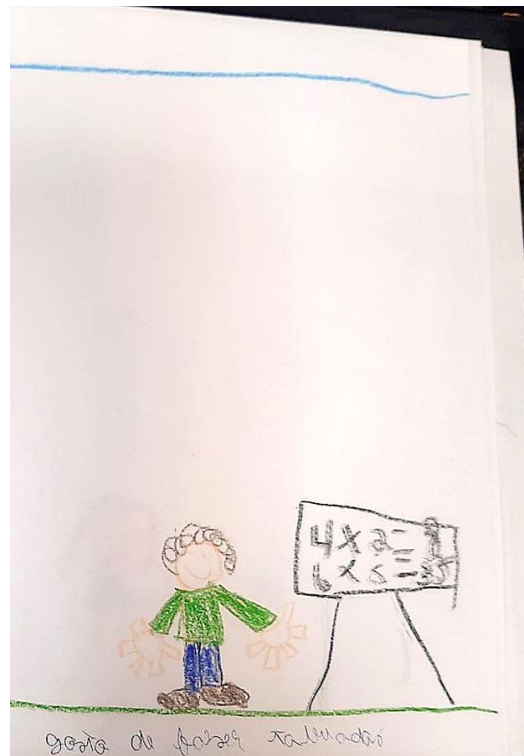


Figura 142 – Desenho da criança VA9, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é de fazer a tabuada”

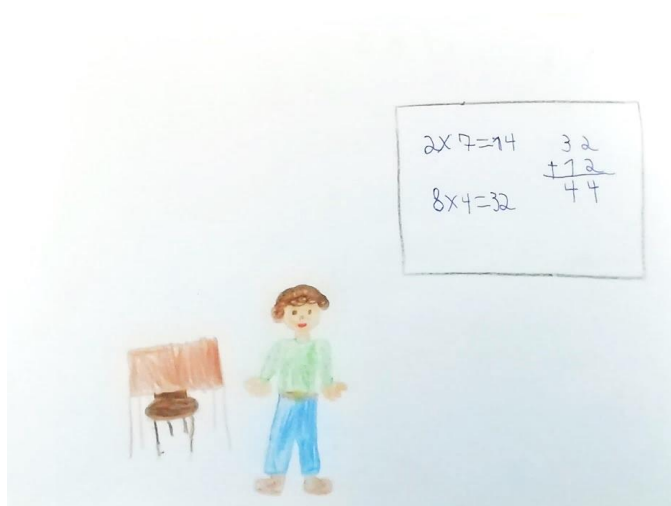


Figura 143 – Desenho da criança MF9, “O que mais gosto de aprender em sala de aula é as contas de matemática porque eu sei muito bem”